

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROP  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA – PPGSC

**AURIELE PEREIRA DOS REIS**



**NAS PATAS DO BOI, RUDEZA DO GALOPE E SENSIBILIDADE DO ABOIO:**  
Vivências e experiências nos arreios e fios da memória de vaqueiros no sertão caxiense no  
Maranhão (1955-2012)



TERESINA-PI  
2024

**AURIELE PEREIRA DOS REIS**

**NAS PATAS DO BOI, RUDEZA DO GALOPE E SENSIBILIDADE DO ABOIO:**  
Vivências e experiências nos arreios e fios da memória de vaqueiros no sertão caxiense no  
Maranhão (1955-2012)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Sociedade e Cultura da Universidade Estadual do Piauí como um dos requisitos para a obtenção do título de mestra.

Orientadora: Prof. Dra. Salânia Maria Barbosa Melo.

TERESINA-PI  
2024

**AURIELE PEREIRA DOS REIS**

**NAS PATAS DO BOI, RUDEZA DO GALOPE E SENSIBILIDADE DO ABOIO:**  
Vivências e experiências nos arreios e fios da memória de vaqueiros no sertão caxiense no  
Maranhão (1955-2012)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Sociedade e Cultura da Universidade Estadual do Piauí como um dos requisitos para a obtenção do título de mestra.

Data da Aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca Examinadora:

---

**Prof. Dra. Salânia Maria Barbosa Melo (Presidente)**  
Universidade Estadual do Piauí – UESPI

---

**Examinador**  
Prof. Dr Eloy Barbosa de Abreu (Membro externo)  
Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

---

**Examinador**  
Prof. Dr Alcebíades Costa Filho (Membro interno)  
Universidade Estadual do Maranhão  
Universidade Estadual do Piauí – UESPI

R347n Reis, Auriele Pereira dos.

Nas patas do boi, rudeza do galope e sensibilidade do aboio: vivências e experiências nos arreios e fios da memória de vaqueiros no sertão caxiense no Maranhão (1955-2012) / Auriele Pereira dos Reis. - 2024.

288 f. : il.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Sociedade e Cultura – PPGSC, *campus* Poeta Torquato Neto, Teresina - PI, 2024.

“Orientadora: Profa. Dra. Salânia Maria Barbosa Melo.”

Dedico essa produção acadêmica a Deus e a Nossa Senhora e São Francisco de Assis pela sua interseção.

Aos vaqueiros Josés, Franciscos e Pedros, que aqui representados por Seu Luís Pezão, Seu Edilson, Seu Benedito e tantos outros habitantes do sertão de Caxias-MA tão vasto e grandioso que por generosidade, humildade e elegância deram-me a possibilidade de ouvi-los, imaginar suas histórias, mensurar suas alegrias e tristezas, as artimanhas de correr os sertões, mas também nortear suas conquistas e coragem de homem do campo. Todas essas artimanhas e “labutas” do existir vaqueiral que atribuíram sentidos nos afazeres diários fixaram também raízes de forma fluida palpitante nas veias desta bisneta, neta e filha de vaqueiros maranhenses.

## AGRADECIMENTOS

Foram dois anos e cinco meses de percurso trilhado até chegar à etapa final deste trabalho, e não tem como não rememorar vários momentos e pessoas (anjos) enviadas por Deus com a missão de tornar\mostrar que esse caminho poderia ser mais leve através de gestos muitas vezes simples, mas que tocou meu coração de forma abundantemente profunda.

Nesse ínterim, devo grande agradecimento, à minha Mãe que me pariu, Dona Aurideia, uma das pessoas que mais acreditou em minha pesquisa, que mais me motivou e que falou sem precisar falar, tão somente através do seu olhar que daria tudo certo. Grata pelo seu amor incondicional, garra, dedicação e seu esforço diário em não deixar faltar nada, não só para mim, mas para toda nossa família. A senhora é 1000 cofos de inspiração.

Ao meu pai, Edilson, vaqueiro e desbravador de parte deste sertão de Caxias - MA, por toda sua força, garra, amor, e por ter permitido, apesar de muito preocupado, eu, juntamente com meus três irmãos, termos migrado da área rural para a zona urbana de Caxias em busca de novas oportunidades profissionais e educacionais. Amo-te!

Não poderia neste momento especial deixar de agradecer aos meus irmãos: Emilson e Edielson vaqueiro (Edielson que percorreu alguns povoados junto comigo para que eu pudesse realizar entrevistas com os vaqueiros). Agradeço a ele também pelos momentos de descontração, apoio e incentivo durante a pesquisa. Vocês são essenciais na minha vida e a certeza de que “Não importa de onde viemos, e sim aonde queremos chegar”.

De maneira especial agradeço a minha irmã Adriele que acompanhou cada passo doloroso desse processo, desde a aula inaugural do mestrado, estando ao meu lado, acompanhando minha rotina de produção em casa, até a realização de entrevistas, percorrendo de “motoca” as veredas desta área Sertânica de Caxias. A ti minha gratidão pelo ombro amigo, acalento, amor, bondade, risos e por segurar minha mão em dias tão difíceis.

Agradeço ao meu tio em forma de pai, Antônio por todo gesto de carinho, cuidado, atenção, zelo, ajuda financeira no primeiro ano de mestrado, nas minhas idas e vindas á Teresina. Só peço a Deus que continue o abençoando grandemente, pois, nunca conseguirei descrever em palavras o tamanho da minha gratidão.

Externo minha gratidão igualmente a minha avó materna, Maria de Jesus que é para mim uma segunda mãe, umas das pessoas mais fortes e guerreiras que conheço e a quem devo muita admiração, respeito e consideração. Sua fé me salva todos os dias. Ao meu avô materno Ricardo, meu “avexadim”, pelas prosas engraçadas no balanço da rede (risos) e pelas

incontáveis vezes que fez suas netas e netos se sentirem especiais, quando colheu os frutos do quintal de sua casa para com todo amor e carinho presenteá-los.

Quero agradecer a minha avó paterna, Terezinha, mulher de fé inabalável, pelo apoio e incentivo na realização desta pesquisa e que através de seus relatos orais, contando o que passou ao lado meu avô, que é vaqueiro, floresceu ainda mais o desejo de trazer à tona as memórias de vida dos vaqueiros da nossa região.

Devo ainda grandes agradecimentos aos vaqueiros do sertão de Caxias no Maranhão, em especial aos do Segundo Distrito por terem aberto as portas de suas casas, pela confiança depositada em mim, e por terem compartilhado suas memórias, vivências e experiências no que diz respeito ao ofício laboral campeiro, tendo contribuído grandemente para a concretude deste trabalho. Dentre os quais estes podem ser citados: o meu avó José Luiz (Zé Pezão); meu Pai Antônio Edilson; os senhores Antonio Macêdo (Fiscal); Antonio José (Zizi); Benedito Alves (Véi Dito); José Marques (Piloca); Francisco Bacelar (Chico Bacelar); José Oliveira (Zezito); José Pereira (Zé Filho) e Domingos de Sousa (Domingo Doca). Testemuno que, a simplicidade impressa no olhar de cada um, a maneira afetuosa como fui recebida em seus lares, a disponibilidade de tempo, a paciência e o compartilhar de histórias, sem sombras de dúvidas, contribuíram para o êxito desta pesquisa e só reforçaram a ideia de que precisamos, urgentemente, debruçar olhar historiográfico sobre o mundo rural e os sujeitos que fazem parte desse espaço.

Agradeço imensamente à minha professora e orientadora Dra. Salânia Maria Barbosa por ter aceitado compartilhar junto comigo essa experiência, pela amizade, compreensão em vários momentos durante o processo de escrita (seu jeito único de se colocar no lugar do outro) pela seriedade, gentileza, solicitude, prestatividade e pela leveza em compartilhar o que sabe.

Minha gratidão ao professor Benilton Torres pela amizade, conselhos, doações e empréstimo de livros que foram essenciais. Ao professor Alcebiades Costa por ter me despertado o olhar para o mundo rural desde a minha graduação e pelas observações do trabalho na qualificação. Ao professor Eloy Abreu pelas críticas e sugestões na banca de qualificação que foram de grande valia para aperfeiçoar a esta produção acadêmica que ora se insere.

Gratidão ainda ao meu amigo Jorge Amorim da turma do mestrado, por compartilhar de vários momentos tanto bons como ruins, por ter sido escuta, riso, prestatividade e por me mostrar que esse caminho poderia ser menos doloroso. À Nathalia, Marcos, Keciane, Luciana, Maria Clara, João Marcel e Lucas pela gentileza e solicitude.

Quero agradecer ao meu ex-chefe, Wilberth Raiol, da biblioteca Vespasiano Ramos, da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA (Campus – Caxias), por não ter medido esforços

para me ajudar no primeiro ano de mestrado, no que diz respeito à liberação para que eu me deslocasse até Teresina para assistir aula. Agradeço ainda ao auxiliar da biblioteca, Oswaldino, pela compreensão de sempre e ser humano incrível que é.

Cabe agradecimento ao Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Sociedade e cultura da Universidade Estadual do Piauí – UESPI (Campus Torquato Neto, Teresina - PI). À professora e coordenadora deste programa, Dra Cristiana Costa Rocha pela excelente profissional que é e por sempre se fazer disponível para ajudar.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí - FAPEPI pela concessão de bolsa no último ano de mestrado que foi de extrema relevância para a conclusão do curso.

À Alessandra Venuto pelos momentos de lazer e prestatividade. À Sabrina Silva pelas prosas divertidas e momentos de descontração. Ao Marcelo pela generosidade. À Patrícia Gomes pelo incentivo. À Paula Caroline pela gentileza. À Rafaela e Randy pelo compartilhar de risos. Ao Antoniel Gomes pelas conversas aleatórias e gentileza. Ao Francisco pela solicitude. Enfim, agradeço a todos vocês por tudo.

Minha mais sincera gratidão a todos que de alguma forma contribuíram para a minha formação pessoal e profissional, mas que aqui, em razão da exiguidade do espaço dedicado aos agradecimentos, não foram citados nominalmente. Saibam que mesmo não citados no papel, estão inscritos no mais profundo do sentimento. Muito Obrigada ao Deus pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo pelo Dom da vida: “Porque pela Graça sois salvos, por meio da fé, e isto não vem de vós; é dom de Deus” Efésios 2:8.



*[...] me agarrava sempre numa alma amiga, e de forças minha alma era munida, pois do céu a voz de Deus dizia assim: - Suba os queixos, meta os pés, confie em mim, vá pra luta que eu cuido das feridas.*

Bráulio Bessa

## RESUMO

O presente estudo é fruto de uma ampla pesquisa no campo da historiografia e traz como temática central: Nas patas do boi, rudeza do galope e sensibilidade do aboio: Vivências e experiências nos arreios e fios da memória de vaqueiros no sertão caxiense no Maranhão (1955-2012) que visa compreender como essas vivências e experiências forjaram os vaqueiros dessa região. Para tanto, o trabalho traz como problemática: como as memórias e vivências dos vaqueiros que campearam no Sertão Caxiense (MA), entre 1955 e 2012 podem se configurar enquanto elementos da construção do sujeito e de seu espaço simbólico no qual as características identitárias reconfiguram-se em resistência cultural frente às inovações massificadoras de um mundo globalizante e pós-moderno? Objetivo geral: Analisar mediante as memórias dos sujeitos e de suas experiências vivenciadas, a construção da imagem e significado social do vaqueiro no Sertão Caxiense, no Maranhão durante os anos de 1955 a 2012 considerando a formação de espaço simbólico e a emergência das identidades culturais. Objetivos específicos delineados foram: Compreender como as identidades culturais do vaqueiro foram sendo construídas ao longo do tempo, bem como, as razões que as tornam ainda resistentes aos ditames do processo globalizante pelo qual passa o mundo desde os anos cinquenta; Identificar as transformações cotidianas, econômicas sociais e culturais ocorridas na vida dos vaqueiros durante o período de 1955 a 1980 e de como elas contribuíram para a formação de espaço simbólico vivencial dos mesmos e discutir sobre a representatividade social e cultural do vaqueiro considerando a sua prática cotidiana de trabalho dentro do contexto do Sertão de Caxias-MA. A metodologia ancora-se nos pressupostos teóricos da História Oral, com uso de entrevista semiestruturada e uso de fontes imagéticas, configurando-se como qualitativa e exploratória. O estudo justifica-se devido à ausência de trabalhos que abordem o vaqueiro da região sertânica de Caxias, principalmente, levando em conta uma visão que o coloque numa perspectiva não estereotipada tão comum nos trabalhos que tem o vaqueiro como figura central. É justificável ainda como uma forma de romper com o silenciamento desse importante grupo social. Por meio dos teóricos, fala dos vaqueiros e observações *in loco*, foi possível compreender, a partir de uma perspectiva interdisciplinar, na qual se aliaram os saberes da Antropologia, Geografia e Sociologia, que essa cultura do vaqueiro tem sofrido grandes impactos por parte das investidas representadas pela concentração fundiária e mecanização do campo, afetando assim, as atividades campeiras na região em estudo, como também, os próprios modos de vida das comunidades residentes. Um ponto significativo descoberto por meio da pesquisa é que a vida campeira do vaqueiro na região, em termos tradicionais, foi bastante afetada, mas emerge uma cultura simbólica e moderna da vida vaqueiral que é representada pelo que os vaqueiros mais velhos chamam de vaqueiros de festas, ou seja, aqueles jovens que gostam da estética do ser vaqueiro e com isso, preservam, parte dos modos de vida vaqueirais. Nesse sentido, buscaram-se conciliar o moderno com a tradição e com isso surgem os conflitos de gerações de vaqueiros, ficando claro esse fenômeno nas falas dos vaqueiros entrevistados.

**Palavras-chave:** Vaqueiro. História. Memória. Identidades Culturais. Globalização. Modernização no campo.

## ABSTRACT

The present study is the result of extensive research in the field of historiography, and it brings as its central theme: On the ox's feet, rodeo of the gallop and sensibility of the aboio: Experiences in the harnesses threads of memory cowboys of the Caxias Maranhão hinterland (1955-2012) which aims to understand how these experiences were forged the cowboys of this region. To this end, the work it brings as a question: Like the memories of the cowboys who camped in the hinterland of Caxias (MA), between 1955 and 2012 can be configured as elements of the construction of the subject and its symbolic space in which identity characteristics are reconfigured cultural resistance in the face of the mass innovations of a globalizing and postmodern? General objective: to analyze through the subjects' memories and their experiences, the construction of the image and social meaning of the cowboys in the Caxias hinterland in the Maranhão during the years 1955 to 2012 considering the formation of symbolic space of cultural identities. Specific objectives outlined were: to understand how the cultural identities of the cowboys were being constructed over time as well as the reasons that make it even resistant to the types of the overall process what happens in the world since the 50's, identify the daily economic social and cultural transformations occurred in the lives of cowherds during the period from 1955 to 1980 and how they contributed to the formation of the experiential symbolic space and discuss the social and cultural representativeness of the cowboys considering his daily work practice within the context of Caxias Maranhão hinterland. The methodology was anchored from the theoretical assumptions of oral history. With the use of semi-structured interviews and the use of image sources configuring itself as qualitative and exploratory. The study is justified due to the absence of studies that analyse the cowherd of inland region of Caxias especially considering a vision that presents no stereotypes, a common fault in works that have the cowherd as the central figure. It is also justifiable to break the silence from this important social group. By means of the theoretical wing of the cowherds and observation *in loco* it was possible to understand from an interdisciplinary perspective, combining the knowledge of anthropology, geography and sociology that this cowboy culture has suffered great impacts on the part of the attacks represented by land concentration and mechanization of the field, thus affecting the mapus activities in the region and study and the very ways of life of the resident communities. A significant point discovered through research the entire life of the cowboy in the region it was greatly affected but refers to a symbolic and modern agriculture on the cowboy life it is represented by what the older cowboys call the *party cowboy* that is, those young people who like the aesthetic of being a cowboy and with preserve part of the cowboy ways of life. In this sense, they seek to reconcile the modern with tradition and with that it generates a conflict of generations of cowboy's information identified in the interviewees' speech.

**Keywords:** Cowboy. History. Memory. Cultural Identity. Globalization. Modernization in the field.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Curral no Distrito de Engenho D'água em Caxias-MA - 1957 .....	102
<b>Figura 2</b> - Curral Povoado Barro vermelho - 1978.....	103
<b>Figura 3</b> - Curral e residência, Povoado Barro Vermelho .....	104
<b>Figura 4</b> - Vaqueiros em momentos de sociabilidade .....	155
<b>Figura 5</b> - Vaqueiros e amigos roceiros em momentos de sociabilidade .....	157
<b>Figura 6</b> - Pega de boi no mato organizada pelo vaqueiro Francisco Bacelar .....	159
<b>Figura 7</b> - Registro de pega de boi no mato, Povoado Cumbuquinha.....	160
<b>Figura 8</b> - Registro de pega de boi, Povoado Cumbuquinha.....	161
<b>Figura 9</b> - Registro de pega de boi, Povoado Cumbuquinha.....	162
<b>Figura 10</b> - Vaqueiro e público em uma pega de boi no mato .....	163
<b>Figura 11</b> - Pega de boi, Povoado Barro Vermelho.....	163
<b>Figura 12</b> - Pega de boi, Povoado Barro Vermelho.....	164
<b>Figura 13</b> - Vaqueiros vestindo suas indumentárias campeiam o gado nos sertões caxienses.....	185
<b>Figura 14</b> - Vaqueiros e populares numa pega de boi no mato. ....	188
<b>Figura 15</b> - Vaqueiros na lida campeira cotidiana.....	189
<b>Figura 16</b> - Máquina agrícola em um campo de monocultura na região sertânica de Caxias. ....	194
<b>Figura 17</b> - Vaqueiro Edielson Lima da região sertânica de Caxias – MA na labuta da colheita do arroz .....	199
<b>Figura 18</b> - Vaqueiro da região sertânica caxiense no interior de sua casa .....	205
<b>Figura 19</b> - Vaqueiro idoso em sua residência em um momento de descanso. ....	206
<b>Figura 20</b> - Maquinário trabalhando nos campos de monocultura .....	209
<b>Figura 21</b> - Vaqueiro da região sertânica caxiense após a lida com gado.....	213
<b>Figura 22</b> - Vaqueiro idoso da região sertânica de Caixas-MA junto ao seu gado .....	227
<b>Figura 23</b> - Campo agrícola na região sertânica de Caxias-MA .....	231
<b>Figura 24</b> - Cerrado depois do distrito de Engenho D'água em Caxias (MA) - 1957.....	248
<b>Figura 25</b> - Cerrado depois do distrito de Engenho D'água em Caxias (MA) - 1957 .....	249
<b>Figura 26</b> - Espaço árido do ambiente campeiro caxiense .....	251

## LISTA DE MAPAS

<b>Mapa 1</b> - Tipos de solos existentes em Caxias-MA .....	49
<b>Mapa 2</b> - Localização geográfica dos povoados percorridos no Segundo Distrito de Caxias-MA.....	60
<b>Mapa 3</b> - Expansão da frente pastoril baiana até o Maranhão .....	144

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO 1 - TROTEANDO EM VEREDAS: O VAQUEIRO NO PROCESSO DE OCUPAÇÃO TERRITORIAL RABISCANDO TRILHAS NA FORMAÇÃO DO ESPAÇO SERTANEJO BRASILEIRO .....</b>	<b>23</b>
<b>1.1 O aboio e o berro: tracejando caminhos na criação extensiva do gado.....</b>	<b>25</b>
<b>1.2 A participação dos vaqueiros na construção das paisagens sertânicas no Brasil .....</b>	<b>35</b>
<b>1.3 Áreas de criação de gado no maranhão e o estabelecimento de fazendas de Criação no Maranhão .....</b>	<b>40</b>
<b>1.4 Campos e matagais: Vaqueiro e gado em Caxias das Aldeias Altas-MA.....</b>	<b>45</b>
<b>CAPÍTULO 2 - MEMÓRIAS VIVENCIADAS E EXPERIÊNCIAS DE VAQUEIROS NA ÁREA SERTÂNICA DE CAXIAS (1955-2012).....</b>	<b>59</b>
<b>2.1 Práticas laborais de vaqueiros ao campear espaços .....</b>	<b>67</b>
<b>2.2 Nos arreios e patas do boi: a doma do patrão e o salário do peão .....</b>	<b>119</b>
<b>2.3 O tilintar das esporas e som das máquinas agrícolas: vaqueiro, gado e o sertão no processo modernizante no campo .....</b>	<b>137</b>
<b>2.4 Práticas de sociabilidades: A pega de boi no mato e a “pinga nossa de todo dia” ...</b>	<b>151</b>
<b>CAPÍTULO 3 - A REPRESENTATIVIDADE SOCIAL E CULTURAL DO VAQUEIRO .....</b>	<b>178</b>
<b>3.1 Relações sociais no trabalho: diálogos e conflitos.....</b>	<b>180</b>
<b>3.2 A casa, o lar, o sustento e o convívio familiar: “rapadura é doce, mas não é mole”</b>	<b>196</b>
<b>3.3 A buzina e o aboio.....</b>	<b>207</b>
<b>3.4 Modernização do/no campo: a percepção dos vaqueiros e os impactos socioambientais nas atividades laborais .....</b>	<b>228</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>255</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>259</b>
<b>ANEXO A.....</b>	<b>279</b>

*Prepare o seu coração  
Pras coisas que eu vou contar  
Eu venho lá do sertão  
Eu venho lá do sertão  
Eu venho lá do sertão  
E posso não lhe agradar*

*Aprendi a dizer não  
Ver a morte sem chorar  
E a morte, o destino, tudo  
E a morte, o destino, tudo  
Estava fora do lugar  
E eu vivo pra consertar*

*Na boiada já fui boi, mas um dia me montei  
Não por um motivo meu  
Ou de quem comigo houvesse  
Que qualquer querer tivesse  
Porém por necessidade  
Do dono de uma boiada  
Cujo vaqueiro morreu*

*Boiadeiro muito tempo  
Laço firme, braço forte  
Muito gado e muita gente  
Pela vida segurei  
Seguia como num sonho  
Que boiadeiro, era um rei*

*Mas o mundo foi rodando  
Nas patas do meu cavalo  
E nos sonhos que fui sonhando  
As visões se clareando  
As visões se clareando  
Até que um dia acordei*

*Então não pude seguir  
Valente lugar-tenente  
De dono de gado e gente  
Porque gado a gente marca  
Tange, ferra, engorda e mata  
Mas com gente é diferente*

*Se você não concordar  
Não posso me desculpar  
Não canto pra enganar  
Vou pegar minha viola  
Vou deixar você de lado  
Vou cantar noutro lugar [..]*

***Disparada*** (Jair Rodrigues)

## 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo é fruto de uma ampla pesquisa no campo da História. Os dados teóricos – metodológicos, aqui apresentados, foram construídos a partir dos levantamentos realizados em campo e por meio da literatura pertinente utilizada e versam sobre a vida do vaqueiro no contexto da realidade campeira das regiões sertânicas de Caxias-MA.

Nesse sentido, vale considerar de início que por meio das narrativas dos vaqueiros, como também, dos diferentes autores utilizados e com base nos pressupostos metodológicos adotados os quais se assentou no uso da História Oral, este estudo busca compreender aspectos relevantes relacionados às vivências e experiências ligadas com a dinâmica da vida dos vaqueiros que campearam nas regiões sertânicas de Caxias-MA no período que vai de 1955 a 2012. A pesquisa que deu origem a este trabalho teve como recorte espacial os povoados: Almeida; Barro Vermelho; Bebedouro; Cumbuquinha; Redenção; Santo Antonio e Ininga que ficam no Segundo distrito de Caxias - MA, onde foram entrevistados vaqueiros a partir de 51 anos de idade, sendo eles: Antonio Edilson (vaqueiro Edilson), Antonio Macêdo (Fiscal), Benedito Alves (Véi Dito), Domingo Doca, Francisco Bacelar (Chico Bacelar), Antonio José (Zizi), José Luis (Zé pezão) e José Oliveira (Zezito).

Do ponto de vista vegetacional, as regiões sertânicas de Caxias-MA, onde o estudo está espacialmente localizado, é composta por Cerrado, Mata dos Cocaís e Mata de Carrasco configurando assim, uma área de transição vegetacional entre a sub-região do Sertão nordestino e a Floresta Amazônica, compondo desta maneira, parte da Sub-região nordestina do Meio – Norte (A'BSABER, 2012).

Já no que tange aos aspectos relacionados com o relevo, trata-se, de uma região formada por pequenos planaltos que são uma continuação do Planalto Maranhense, sendo a área formada pelo que se convencionou a chamar de Planalto Oriental do Maranhão da à sua posição geográfica e características altimétricas (Feitosa; Trovão, 2006).

A este respeito é importante considerar que além de ser uma região de planalto, existem outras formas de relevo presentes na área como demonstra a citação abaixo:

O leste maranhense é formado, em quase sua totalidade, por planaltos entremeados de chapadas, colinas e morros. A drenagem, utilizando-se de zonas de fraqueza nas rochas sedimentares de direção sul-norte, esculpiu relevos de áreas planas, rampeadas em relação à drenagem e/ou relevos residuais de topo plano. Dissecados em lombas, colinas e morros, esses relevos têm altitudes variando de 140 a 400 metros. O Planalto Dissecado do Itapecuru, com altitude entre 140 a 200 metros, apresenta um relevo de colinas e morros com vales pedimentados. Ocorrem, ainda, relevos residuais de topo plano e colinas, e, no trecho cortado pelo rio Itapecuru, tem-se um relevo plano que



corresponde a um antigo nível de terraço desse rio. A região correspondente ao Patamar de Caxias caracteriza-se por apresentar um relevo com áreas planas, rampeadas em relação à drenagem. Destacam-se também, relevos residuais em colinas, cristas, pontões e morros. Essa unidade apresenta altitudes que variam de 120 a 155 metros. Na área dos Tabuleiros do Médio Itapecuru, o relevo exibe um predomínio dos topos dissecados em lombas e colinas, com altitudes entre 180 a 240 metros (Correia Filho, 2011, p.16).

O clima predominante na região é o do tipo Tropical Quente. Entre as mesorregiões do estado do Maranhão, a Leste é onde predominam os menores índices pluviométricos, porém, não chega a ser uma região árida como o é a região do Polígono das Secas ou mesmo o Sertão nordestino onde predomina a vegetação xerófila conhecida como Caatinga (Rios, 2005).

Nessa região possui ainda presença de solos variados com predominância e com fertilidade natural capaz de serem grandemente utilizados para diferentes culturas agrícolas, tais como, a do arroz, feijão, soja, milho, cana-de-açúcar, entre muitas outras que ao longo dos séculos foram sendo implantadas na região.

A hidrografia da região é composta por três importantes bacias hidrográficas, a saber, as bacias genuinamente maranhenses dos rios Itapecuru, que corta o município; do Rio Munim que nasce no município e segue direção norte até desaguar na baía do arraial e pela bacia limítrofe do Rio Parnaíba, bem como, pelos diversos afluentes, riachos e lagoas que formam as sub-bacias hidrográficas presentes no território caxiense (Correia Filho, 2011).

Vale destacar que os povoados, foco deste estudo, ficam numa área composta por essas duas bacias hidrográficas: a bacia limítrofe, a Leste, ou seja, a do Paranaíba, que faz divisa do Maranhão com o Piauí; e a Bacia do Itapecuru, a oeste dos povoados, que é um rio genuinamente maranhense, sendo considerado o mais extenso do estado, importante para o abastecimento de 52 cidades maranhenses, incluindo a capital, São Luís (Rios, 2005).

Esse rio historicamente foi fundamental para o processo de ocupação do território maranhense, pois, por meio das chamadas correntes migratórias que vinham do litoral norte do estado, parte do que atualmente se conhece por Caxias, foi colonizado (Feitosa; Trovão, 2006).

As paisagens sertânicas que se formaram ao longo dos anos são, portanto, resultado dessa interação entre os elementos da natureza e as ações antrópicas, entre as quais as dos vaqueiros e se inserem como de grande relevância para as feições paisagísticas existentes. Estas paisagens, nas últimas duas décadas começaram a passar por intensas transformações que foram provocadas, em grande medida, pelos projetos agropecuaristas ligados ao agronegócio, que é a modalidade de agricultura comercial relacionada à dinâmica do Neoliberalismo. Essa produção agrícola em larga escala se ampliou depois do estabelecimento da chamada região do Matopiba a qual inclui além do Maranhão, os estados do Piauí, Tocantins e a Bahia.

Esse processo modernizante tem causado grandes problemas de ordem ambiental, tais como: erosão do solo, desmatamento, queimadas, destruição dos mananciais e recursos hídricos em geral, disputas territoriais, afetações na fauna, pois, em razão do desmatamento e das queimadas, muitos animais nativos estão sendo duramente ameaçados em seus *habitats* naturais e também na flora, devido às queimadas e desmatamento para transformar os espaços em campos agrícolas voltados à produção da monocultura, principalmente, da soja.

O espaço em estudo, formado pelos povoados já supracitados, foram escolhidos por representarem um ambiente de ocupação mais antiga e que também passou a ser alvo nos últimos anos de um intenso processo de ocupação por produtores rurais ligados ao agronegócio brasileiro o qual obedece a uma lógica mercadológica sob os auspícios postulados do capitalismo neoliberal.

É preciso, antes de qualquer coisa, considerar que o processo de ocupação de qualquer área costuma ocorrer motivado por uma série de interesses, que muitas vezes, entram em choque com outros interesses igualmente diversos, colocando em lados opostos, atores sociais variados que buscam sempre o protagonismo de suas lutas, seja elas entendidas como moralmente justas ou não.

Quando se busca compreender a história a partir de uma perspectiva daqueles que sempre foram grupos marginalizados e que são silenciados pelas classes dominantes, entre os quais destacamos neste trabalho, o grupo dos vaqueiros, torna-se fundamental analisar as formas de ocupação, levando-se em conta, as suas peculiaridades, pois, mesmo a ocupação ocorrendo num mesmo estado, no caso deste estudo, o estado do Maranhão, ela pode ter diferentes gradações se levar em conta as motivações e as ações específicas de ocupação do território (Mota; Rocha, 2012).

Nessa linha de pensamento, de acordo com o que Cunha (2015) destaca, no processo de ocupação do Maranhão, ou seja, desde a colonização ocorrida com a intencionalidade de ocupar o território, para impedir que outros grupos estrangeiros o fizessem e que foi responsável pela formação territorial e composição populacional do estado, o Maranhão se viu ocupado por duas frentes principais, uma vinda do litoral, partindo de São Luís e outra pelo Sertão Maranhense (Rios, 2005). Essas duas frentes gerais tiveram características diferentes, como também impactos variados no processo de ocupação trazendo consigo as peculiaridades que se refletem nos modos de vida das populações:

No processo de ocupação e colonização do Maranhão, houve duas entradas gerais, uma pelo litoral, a partir de São Luís, e outra pelo sertão Maranhense, que geraram duas formações socioespaciais diferentes devida à influência de fatores naturais,

culturais e econômicos. No decorrer do desenvolvimento histórico essas duas formações alternaram entre si momentos de atraso e dinamismo econômicos (Cunha, 2015, p.1).

Para efeitos deste trabalho que ora se insere o foco principal será na corrente de ocupação que se deu a partir do Sertão Maranhense, pois, esta corrente foi fundamental para a introdução do gado e do trabalho dos vaqueiros na região leste maranhense. Por meio dela vários povoamentos, vilas e, posteriormente, inúmeros municípios surgiram no decorrer das décadas, transformando áreas antes absolutamente selvagens e ocupadas por tribos indígenas, em áreas com densidades populacionais significativas:

A segunda entrada, na parte sul, fugindo da seca, vindo principalmente da Bahia, sertanejos e vaqueiros vieram tocando gado em busca de pasto. Ultrapassaram o Rio Parnaíba e chegaram no cerrado. Região ideal para pecuária do gado crioulo. De fazenda em fazenda, foram ocupando todo sul do estado. A partir disso surgiu a uma estrutura socioespacial formada por forças produtivas apoiadas em atividades pecuárias e com relações sociais de esboço feudal (Cunha, 2015, p.2).

Esse tipo de ocupação, a partir da utilização do gado, foi muito importante para territorializar o estado do Maranhão, como também diversas outras partes do Brasil. Essa corrente ao se encontrar com aquela vinda do litoral toma contornos muito próprios e demonstra como as áreas sertânicas de Caxias-MA receberam influência de ambas, daí as peculiaridades culturais e populacionais da região em apreço (Cunha, 2015).

Tendo traçado esse pequeno recorte histórico a respeito da ocupação do estado do Maranhão, torna-se possível avançar na questão fundamental deste estudo: entender as vivências e experiências dos vaqueiros que campearam o gado na região sertânica de Caxias e a partir do uso da oralidade, a qual se baseia no uso da memória, compreender o processo de construção de identidades culturais dos vaqueiros no sertão caxiense, tendo como recorte temporal o período que vai de 1955 a 2012.

Nesse sentido, para que se alcancem os objetivos delineados, é fundamental também compreender os impactos do latifúndio tradicional e do moderno agronegócio na vida dos vaqueiros das áreas sertânicas de Caxias-MA, pois, esse entendimento é de suma importância para se abarcar a realidade de vida e da cultura dos vaqueiros que campeiam essa região há muitas décadas.

Para tanto, de acordo com a literatura disponível os impactos que o latifúndio tradicional trouxe para a vida dos vaqueiros das áreas sertânicas de Caxias-MA, foram diversos, desde a ocupação de terras, desmatamento para pastagens e relações de trabalho inconformes às leis

trabalhistas modernas e até impactos na cultura das populações tradicionais da região. Esses impactos, obviamente, variaram ao longo do tempo, em razão da lógica econômica existente em cada período, como também, em função dos ditames da política que vigorou no país ao longo das décadas.

É importante frisar que esses impactos são de diferentes escalas e intensidades variadas e, a depender do período em que se analisa, também podem ter características bem específicas, mas de uma forma geral, nota-se, que eles foram mais intensos em décadas passadas, posto que, o latifúndio tradicional perdeu força frente ao moderno agronegócio que é a nova cara do capitalismo globalizado. O modo de produção atual é o que mais impactou a vida dos vaqueiros das regiões sertânicas dado à desordem territorial imposta por sua lógica produtiva e predatória (Mota; Rocha, 2012).

A região Sertânica de Caxias-MA, por ser uma região de ocupação também antiga, passou por diversos ciclos, nos quais se observam sempre o poder das classes dominantes se impondo contra aquelas classes menos favorecidas em termos econômicos e com a vinda do moderno agronegócio. A concentração fundiária e os impactos na cultura tradicional dos vaqueiros se tornaram ainda mais forte do que no latifúndio tradicional, visto que, este ainda precisava da mão de obra do vaqueiro, posto que, suas atividades principais fossem justamente a criação de gado, ao passo que o agronegócio, tem como atividade principal o cultivo de produtos agrícolas, em geral, focados na monocultura de soja e milho algo distante da criação do gado que foi o motor principal da ocupação da região no passado (Calvanti, 2022).

Decerto, um dos principais impactos provenientes do latifúndio tradicional bem como com a chegada do moderno agronegócio na região sertânica de Caxias-MA, foi o fortalecimento das questões ideológicas ligadas às noções de propriedade privada da terra, ou seja, muito embora todos tivessem noção de que as pessoas tinham suas propriedades particulares. Dado ao isolamento da região e de regulações mais frouxas, a terra era tratada quase como uma propriedade coletiva, uma vez que, nas grandes extensões de terras os vaqueiros não apenas campeavam em bandos, como também, retiravam recursos naturais para o seu uso pessoal, tais como: a palha do babaçu para cobrir suas casas, a carnaúba para fazer currais, a colheita de inúmeros frutos nativos para o consumo pessoal entre muitos outros pontos que dado o escopo do trabalho não é possível elencar (Carvalho, 2012).

Esse impacto de ter que enfrentar cercas onde antes era tudo solto, sem dúvida alguma, afetou a vida no meio rural, pois, os vaqueiros se viram em um contexto totalmente diferente daquele anterior, já que para colher determinados frutos, como por exemplo, o pequi ou coco

babaçu, útil à produção de azeite, precisam agora ter a permissão dos donos das terras (Souza, 2017).

Essa questão da posse da terra é sempre um problema recorrente, pois, mesmo os vaqueiros das regiões sertânicas de Caxias-MA estando ocupando-as há décadas, nem sempre os direitos oriundos dessa ocupação são garantidos na prática. Em face do grande poder econômico e de influência que os grandes proprietários possuem, tanto do latifúndio tradicional, ou seja, os proprietários donos das fazendas do moderno agronegócio que compraram terras dos antigos latifundiários e dos que pressionaram os pequenos proprietários, como também por meio da grilagem, fato é que ambos exercem seu poder econômico e de influência nos meios políticos e jurídicos para garantir suas hegemonias e isto gera grande perseguição aos vaqueiros e demais camponeses não apenas das regiões sertânicas de Caxias-MA, mas em diversas outras áreas onde se repetem situações similares (Carvalho, 2012).

O trabalho, dada as suas características intrínsecas, constitui-se um trabalho de caráter interdisciplinar, visto que, embora seja no campo da historiografia, abastece-se dos saberes da Geografia, Antropologia, Sociologia e até mesmo da Economia para que se possa realizar uma análise acurada dos tópicos debatidos. Em verdade, não apenas faz uso de saberes típicos dessas áreas do conhecimento, mas de fato interage com os pressupostos teóricos delas, gerando uma interpretação mais ampla e sólida a respeito da temática em apreço.

Para que o trabalho fosse de fato desenvolvido, considerou-se como problemática a seguinte questão: como as memórias e vivências dos vaqueiros que campearam no Sertão Caxiense (MA), entre 1955 e 2012 podem se configurar enquanto elementos da construção do sujeito e de seu espaço simbólico no qual as características identitárias reconfiguram-se em resistência cultural frente às inovações massificadoras de um mundo globalizante e pós-moderno?

Buscando responder a tal problema proposto, erigiu-se como objetivo geral: Analisar mediante as memórias dos sujeitos e de suas experiências vivenciadas, a construção da imagem e significado social do vaqueiro no Sertão Caxiense, no Maranhão durante os anos de 1955 a 2012 considerando a formação de espaço simbólico e a emergência das identidades culturais.

Por sua vez, os objetivos específicos delineados foram: Compreender como as identidades culturais do vaqueiro foram sendo construídas ao longo do tempo, bem como as razões que as tornam ainda resistentes aos ditames do processo globalizante pelo qual passa o mundo desde os anos cinquenta; Identificar as transformações cotidianas, econômicas sociais e culturais ocorridas na vida dos vaqueiros durante o período de 1955 a 1980 considerando como tais mudanças contribuíram para a formação do espaço simbólico de vivência dos mesmos e

discutir sobre a representatividade social e cultural do vaqueiro, considerando a sua prática cotidiana de trabalho, dentro do contexto do Sertão de Caxias-MA.

O trabalho se justifica em função de que existe uma carência de trabalhos que tematizem a relação dos vaqueiros e a manutenção/resistência de suas tradições e costumes no contexto da realidade sertânica caxiense. Ademais, é justificado também por conta do fato de que, mesmo sendo uma figura de grande relevo para o processo de ocupação territorial do Brasil, especialmente, do interior nordestino, nem sempre o vaqueiro é representado na historiografia de uma maneira mais ativa, pois, costuma-se representá-lo de uma maneira bastante estereotipada, o que denota, em certa medida, a invisibilidade de sua representação enquanto ator social.

Ressalte-se ainda que a escolha e construção do tema em questão justificam-se também em razão de questões pessoais, posto que, a convivência em tal ambiente desde a infância, fez aguçar o interesse em abordar este assunto. Sendo bisneta, neta e filha de vaqueiro, germinou, cresceu e despertou a vontade de trazer à tona, mediante a pesquisa em História, a vida de luta destes personagens, os quais, de modo singular, constituíram elementos para a construção de espaços simbólicos, fazendo brotar identidades culturais repletas de singularidades no Sertão Caxiense. Além disso, o interesse de desenvolver o estudo a respeito destes sujeitos históricos se deve ainda ao fato de que na graduação e, posteriormente, na pós-graduação (Especialização), tal assunto ter sido objeto dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), de modo que, por meio destas produções acadêmicas foi possível verificar as lacunas existentes referentes a tal temática no contexto da historiografia maranhense.

Desta maneira, compreende-se que por meio deste trabalho, poderá se contribuir com o conhecimento da realidade do mundo vaqueiral da região sertânica de Caxias-MA e com isto, dá voz a uma classe que durante muito tempo foi silenciada.

Cabe lembrar, que do ponto de vista metodológico, este trabalho além de ser de caráter interdisciplinar como já aludido anteriormente, trata-se de uma pesquisa de base qualitativa e exploratória a qual faz uso dos pressupostos da História Oral e Cultural, bem como se utiliza de entrevistas semiestruturadas e possui recursos imagéticos, como também, materiais cartográficos. Todos esses recursos conjuntamente fornecem os elementos epistemológicos fundamentais para a reconstituição da historiografia da região em estudo.

É também uma pesquisa de base bibliográfica, uma vez que, faz uso de uma vasta literatura para corroborar, analisar e discutir as questões, os conceitos e visões de mundo expostas. Enfatize-se ainda, que o trabalho ao fazer uso da oralidade, mantém a fala dos vaqueiros dentro da sua linguagem típica, ou seja, não se altera os termos utilizados por eles,

mesmo que, do ponto de vista da norma padrão da língua portuguesa, tal linguagem esteja em desconformidade ou considerada errada.

Essa decisão se deve ao fato de que, entende-se, ser necessário, para maior fidelidade e confiabilidade metodológica, manter a identidade linguística dos sujeitos entrevistados, pois, a alteração de suas linguagens, implicaria, a nosso ver, uma falsificação em algum grau dos seus discursos e até mesmo uma visão de superioridade cultural, algo que jamais deve ser cultivado, seja por um historiador (a) ou por qualquer outra pessoa.

No que tange a divisão interna do trabalho, o mesmo está organizado da seguinte maneira: no capítulo 1, intitulado “Troteando em veredas: o vaqueiro no processo de ocupação territorial rabiscando trilhas na formação do espaço sertanejo brasileiro”, busca-se mostrar os caminhos percorridos para a criação do gado no Brasil, que teve neste processo a presença fincada do vaqueiro que ao tocarem o gado, abriram trilhas e veredas país a dentro, como também, trazer à tona como se deu a construção dos conceitos de sertão ou sertões, colocando em questão a figura do vaqueiro como sendo um elemento crucial para entender tal conceito e suas múltiplas dimensões.

Ademais, nesse capítulo alude-se ainda a respeito da introdução do gado no Maranhão através das frentes de ocupação bem como, a criação de fazendas que teve como sujeito ativo os vaqueiros na sua manutenção e a formação do espaço caxiense levando em conta que este está ligado à expansão da pecuária ainda no período colonial e que por isso ele assume também nesta região um papel importante assim como nas outras regiões nordestinas.

Já no capítulo 2, que traz como temática: “Memórias vivenciadas e experienciadas de vaqueiros na área sertânica de Caxias (1955-2012)” foca-se em entender o que é ser vaqueiro no espaço sertanejo de Caxias-MA e suas práticas laborais / culturais, bem como estes foram construindo e constituindo suas identidades culturais, além de também, apresentar de que maneira se dão relações de trabalho entre fazendeiro e vaqueiro no recorte temporal estudado. Visa mostrar ainda um retrato através da oralidade dos sujeitos vaqueiros de como eram os espaços e lugares percorridos por eles durante o tempo que foram ativos na labuta campeira e ainda pretende mostrar os momentos de lazer, entretenimento e diálogos dos vaqueiros após a lida do ato campeiro.

E por fim no capítulo 3 que tem como tema central: “a representatividade social e cultural do vaqueiro” tem-se o objetivo de mostrar a pega do boi no mato, de modo a demonstrar como os vaqueiros veem essa prática da cultura dos vaqueiros no contexto das áreas sertânicas caxienses e ainda materializar, através de histórias narradas, contratos e acertos para fixar o

vaqueiro como cuidador do rebanho e identificar as discordâncias geradoras de ações e embates conflituosos.

Nesse mesmo capítulo, aborda-se ainda, os vaqueiros e seus modos de resistência em meio ao processo de modernização e globalização, que paralelamente coloca o animal de montaria e veículo automotor de duas rodas (motocicletas) no mesmo espaço e lugar, fomentando formas novas de conduzir o gado e alterando as relações de convivência e trabalho, opondo-se o novo e o velho no campo. Pontuam-se aqui os jovens vaqueiros que aderiram à massificação cultural do processo globalizante, por entenderem que as inovações tecnológicas não podem ser repelidas e sim assimiladas.

Portanto, o trabalho que se segue tem como finalidade, ancorado em vários estudiosos que lidam com a temática, compreender como essas vivências dos vaqueiros – dentro do marco temporal e espacial estudado – impactam as suas atividades e vudas, de maneira que, fornecem os meios para a construção de identidades culturais e modos de vidas próprios, os quais em razão das mudanças impostas pela globalização ao meio rural se enxergam agora ameaçada, tendo que criar meios de resistir, para que suas identidades culturais sejam preservadas.



## **CAPÍTULO 1 - TROTEANDO EM VEREDAS: O VAQUEIRO NO PROCESSO DE OCUPAÇÃO TERRITORIAL RABISCANDO TRILHAS NA FORMAÇÃO DO ESPAÇO SERTANEJO BRASILEIRO**

No presente capítulo, que ora se inicia, realizar-se-á uma contextualização relacionada ao processo de povoamento do território brasileiro, elencando a figura do vaqueiro como fator *sui generis* para efetivação desse povoamento. Esta abordagem é relevante, tendo em vista que, os processos históricos não se dão no *vácuo* e nem ocorrem sem a participação dos diferentes atores sociais e agentes da história, de modo que, a construção física e social, do território nacional, precisa ser vista a partir da atuação dos seus fundamentais agentes.

Nesta perspectiva, é imperioso elencar que o capítulo traz uma relevante discussão no tocante à inserção do gado como atividade econômica no país e, igualmente, como um meio eficaz de colonização, uma vez que, por meio da criação extensiva do gado, no contexto do território brasileiro, foi possível avançar no espaço e consolidar o processo de colonização ocupando, desta maneira, terras cada vez mais distantes das áreas litorâneas.

É sabido que nessas regiões próximas ao litoral predominavam as grandes lavouras de monoculturas, tendo a cana-de-açúcar como principal produto e ao se afastar dessas áreas, novos ambientes de lavoura e de pecuária foram sendo criados ao mesmo tempo em que, nestes espaços, as territorialidades expressadas por meio da construção e consolidação de relações sociais no contexto das atividades campeiras diárias, se materializaram no decorrer histórico. Cabe lembrar, porém, que esse avanço se deu à custa de uma série de práticas nocivas aos povos originários dos sertões os quais tiveram que enfrentar os colonizadores que os viam como selvagens (Carvalho, 2011).

É preciso destacar ainda, que neste capítulo será abordado também o importante papel do vaqueiro enquanto agente de transformação do espaço e construtor de paisagens sertânicas, pois, os processos de ocupação e transformação geográfica, tendo o vaqueiro como elemento transformante, não pode ser desconsiderado, dado que as *rugosidades* na paisagem são incontestáveis (Santos, 2008).

Por *rugosidades* entendem-se aquelas *feições* materializadas seja nas paisagens urbanas ou rurais e que servem como elementos capazes de traduzir tempos passados que insistem em coexistir no tempo presente e que são, portanto, reveladores dos fatos ocorridos em momentos mais distantes da história. Esse é um conceito importante que o professor e geógrafo brasileiro Milton Santos implantou no campo das ciências humanas e que é de grande utilidade para as análises do espaço o qual mesmo em transformação, mantém algumas formas inalteradas ou parcialmente inalteradas (Santos, 2008).

Essas marcas presentes nas paisagens sertânicas não se referem apenas aos aspectos puramente físicos, pois, tratam-se também de *exterioridades culturais* que se fazem presentes nos espaços rurais do imenso território do país, onde diferentes lugares, de variadas regiões e que possuem fisionomias físicas, por vezes, distintas, compartilham de padrões culturais semelhantes, crenças e costumes comuns, cultura gastronômica parecida, danças, cantigas, religiosidade e linguagem similares que denotam que mesmo em espaços distantes geograficamente, podem existir semelhanças culturais quando os processos de formação dos lugares são análogos (Albuquerque Júnior, 2011).

Do ponto de vista das *escalas espaciais* adotadas no trabalho e mais especificamente, no presente capítulo, é preciso deixar claro que esta produção acadêmica, embora tenha como foco as vivências dos vaqueiros que campearam nos espaços sertânicos que compõe o município de Caxias – MA, traz uma visão que considera o território nacional, regional e estadual, para que após isso, se chegue de fato ao ambiente que se constitui como recorte espacial (Coutinho, 1980).

É preciso acrescentar ainda que neste estudo, como em qualquer trabalho do campo da historiografia, deixa-se explicitado o recorte temporal, pois, embora ao expor a literatura pertinente à temática tenha-se o cuidado de apresentar realidades anteriores ao recorte temporal adotado, isto não significa que o estudo abarque estes períodos e sim que os dados, as informações, entre outros pontos correlatos, funcionam como base para entender o período específico estudado.

Aborda-se, portanto, de que maneira os caminhos do gado foram importantes para a formação do espaço maranhense, ou seja, destaca-se o estabelecimento das fazendas no Maranhão e de como elas foram fundamentais para a consolidação da ocupação, fazendo surgir desta maneira, uma das áreas mais destacadas do Nordeste no passado e que se constituiu, ao longo do tempo, como um relevante espaço pioneiro dentro do país, no tocante ao avanço da consolidação territorial promovida a partir da atividade de criação de gado, sobretudo, de forma extensiva (Franklin; Carvalho 2007).

Na discussão, colocam-se, em destaque as características do espaço sertânico de Caxias-MA, para que com isto, se consiga entender, não apenas as paisagens em termos físicos, mas também, os aspectos culturais que estão impregnados nelas, os quais as fazem ter as feições que possuem e que são resultantes de tempos pretéritos onde o trabalho dos vaqueiros foi fundamental para sua formulação.

Essa perspectiva é necessária, uma vez que, não existe uma formação identitária sem a existência de um espaço concreto, de paisagens reais, ou seja, o espaço do simbólico reside no

fato de que existe um espaço concreto no qual ocorre uma série de manifestações que se dão no terreno das artes, da religiosidade, das práticas sociais diversas (atividades pastoris, agrícolas, comerciais etc.) e que tornam determinado ambiente um local único (Vieira, 2015).

Entender então esses aspectos com foco na realidade de Caxias-MA é uma condição necessária para que se aprofundem as questões fundamentais e relativas aos vaqueiros que aqui são discutidas. Pontue-se ainda que o estudo destaque as características das paisagens das regiões sertânicas de Caxias-MA, levando em conta as informações levantadas através das pesquisas de campo, como também por meio da literatura consultada, a qual serviu de base para o processo de construção teórica deste trabalho que se insere.

Ressalte-se que muito além de fortalecer o arcabouço teórico, a bibliografia foi útil para o aprofundamento e entendimento geral das questões relativas ao contexto da pesquisa tendo como finalidade compreender as ações e as vivências dos vaqueiros como sendo importantes nos processos históricos que se deram nas regiões sertânicas de Caxias-MA, marcando essa região, tanto na sua religiosidade, linguagem, cultura popular entre outras instâncias da vida que são essenciais para a formação de identidades culturais.

Partindo de tais pressupostos, afirma-se que no tópico que se segue serão abordados aspectos relevantes concernentes aos caminhos percorridos pelo gado e isto considerando a análise a partir da perspectiva da criação extensiva do rebanho e como essa prática foi fundamental no processo de ocupação do estado, tendo o vaqueiro como um dos seus principais agentes, sem, no entanto, colocá-lo a partir de uma visão estereotipada, como costuma ser a tônica dada em muitos trabalhos historiográficos, os quais colocam por vezes o vaqueiro como uma figura messiânica e heróica, despiando-o do seu lugar social e de sua complexidade enquanto pertencente a uma classe social explorada.

Assim nesse tópico demonstrar-se-á como tal atividade foi relevante para a economia, bem como, para as práticas sociais diversas, fazendo com que não apenas se ocupasse o território, mas que igualmente, se desenvolvessem feições culturais e sociais específicas.

### **1.1 O aboio e o berro: tracejando caminhos na criação extensiva do gado**

Os “caminhos do gado”, como são conhecidos o conjunto de rotas por onde o gado passou no decorrer do processo de construção dos diversos pontos do território nacional desde a época do denominado Brasil Colônia são de fundamental importância para se entender de que maneira o gado e os vaqueiros foram elementos essenciais na formação do território brasileiro.

Ao se reconstituir essas áreas a partir de dados teóricos historiográficos, consegue-se, entender melhor as dinâmicas espaciais, econômicas, culturais e históricas envolvidas na produção do espaço geográfico nacional, e com isto, tem-se a possibilidade de entender a realidade atual, pois, os fatos atuais, bem como as feições das paisagens entre outros aspectos, são resultantes dos processos históricos (Cabral, 1992).

É preciso, portanto, elencar que o papel desempenhado pelos vaqueiros, para além da dinâmica natural de povoamentos obedecia, mesmo que de forma incerta, uma lógica alicerçada nos interesses da Coroa Portuguesa, pois, era preciso colonizar de forma plena o território nacional, para que por meio do povoamento do interior, não se permitisse que invasores tomassem de conta da terra, pois, de acordo com eminentes historiadores, riscos de invasões, eram constantes, haja vista que, não era apenas Portugal que estava envolvido em atividades coloniais, pois, outros importantes países também estavam entre os quais podem ser destacados: espanhóis, franceses, holandeses e ingleses, assim, ocupar e proteger o território era uma necessidade inegável:

O Brasil estivera entregue a degredados, a desertores, a traficantes da madeira que lhe deram o nome. Seu povoamento fora descurado inteiramente, embora Diogo de Gouvêa e Cristóvão Jaques apontassem, como meio único de impedir as incessantes incursões francesas, a fundação de povoações e fortalezas, que não deixassem carga para as naus de contrabandistas. Com o ano de 1535 se iniciou um movimento capital, que ainda hoje continua (Abreu, 2010, p.175).

Pelo que se abstrai da citação acima, fica bem evidente que desde os primórdios o Brasil esteve entregue a pessoas de interesses difusos e alheios aos padrões de moralidade apregoados pela religião Católica, pois, muitos dos que vieram à colônia inicialmente, eram criminosos como fica evidente pela referência destacada.

Portanto, este modelo de migração adotado, no processo de colonização se deve ao fato de que o pragmatismo da Coroa Portuguesa não permitia que certas visões moralistas se opusessem aos interesses mercantilistas e de domínio de território. Para a Coroa Portuguesa o que mais importava era assegurar o controle do território, como também era importante ampliar a área conquistada e descobrir se nela tinham recursos minerais relevantes, algo que era fundamental na visão mercantilista de então e que era a própria razão de se lançar ao mar as grandes potências coloniais daquela época, notadamente Portugal e Espanha.

É notória, nesse processo de formação territorial e ocupação do espaço brasileiro, a participação dos vaqueiros, que ao tocarem o gado, abriam os caminhos do interior do país. Vale ressaltar que de início o gado introduzido não tinha por finalidade ser uma fonte ou matriz

econômica ou ainda, instrumento intencional, para ajudar no povoamento do território, posto que, sua inserção se aplicara, prioritariamente, como força motriz dos engenhos da cana-de-açúcar (que se localizavam próximo ao litoral) e para o consumo da carne e derivados, pelas famílias que habitavam essas propriedades, bem como, a utilização de transporte de tração animal:

A devassa e o povoamento dos antigos sertões do Brasil Colonial foram motivados, dentre outras razões, pela expansão açucareira, a qual foi responsável pela implantação e desenvolvimento da pecuária que, por seu turno, teve papel importante no fornecimento de alimentos, força motriz e meio de transporte para sobrevivência dos engenhos (Tapety, 2007, p.18-19).

Isto significa que sua utilidade para o processo de povoamento se deu de maneira não intencional, ou seja, o gado ao ser colocado no espaço nacional, além de cumprir as funções esperadas, foi importante diretamente pela ocupação do território, devido o aumento do rebanho e a necessidade de mais terras para criação extensiva. Os vaqueiros nesse contexto foram então elementos fundamentais em tal processo:

A expansão açucareira foi um dos fatores responsáveis pela implantação da pecuária que tinha múltipla finalidade nos engenhos de açúcar. Servia o boi como meio de transporte, força motriz e fonte alimentícia, enquanto o couro era ainda utilizado na fabricação de objetos domésticos (Cabral, 1992, p.101).

O gado e os vaqueiros foram fundamentais para desbravar as áreas do país que eram antes inóspitas e que estavam distantes do alcance da colonização. Com a criação extensiva do gado, os espaços foram sendo cada vez mais ocupados no interior do que atualmente se conhece como Brasil, de modo que, se afastavam mais das regiões litorâneas e, dirigiam-se, para o interior, constituindo ao longo do tempo fazendas, povoações, arraiais, vilas e, posteriormente, cidades, sendo muitas delas, atualmente, espaços urbanos de grande pujança econômica e extensas manchas urbanas, em alguns casos, até sendo regiões metropolitanas (Abreu, 1998).

Nota-se que a jornada dos vaqueiros era árdua, pois havia nessas paragens, onde campeavam com o gado, perigos de variados tipos, desde aqueles relacionados com a própria selva, como por exemplo, os ataques de tribos indígenas e de animais selvagens, doenças tropicais, até os relativos à segurança alimentar deles e de seus familiares. Toda essa contribuição mediante a tantas dificuldades, foi muito significativa para o processo de ocupação territorial, mas vale pontuar, que suas ações não necessariamente eram motivadas por interesses de ocupação do território, mas um produto do movimento natural da lida com o

gado.

Ademais, é preciso destacar como eram as dinâmicas cotidianas dos habitantes das áreas do gado, ou seja, dos espaços onde o gado se expandia, pois, esses locais, posteriormente, tornar-se-iam povoações e até mesmo cidades. Os lugares eram ambientes de contatos com as áreas mais desenvolvidas em termos de colonização e se ampliavam através das trocas entre essas áreas de contatos, que em geral, estavam mais próximas ao litoral:

Em cada curral viviam as famílias do vaqueiro e dos seus ajudantes, geralmente, aprendizes, à espera de um dia receberem também uma ponta do gado para criar e zelar. Periodicamente, passavam os boiadeiros que arrebanhavam o gado para conduzi-lo, sertão a fora, até a costa onde seria vendido. Traziam o sal e poucas coisas mais do que necessitavam os vaqueiros, afeitos à vida no ermo, moldados pela atividade pastoril, tirando do gado quase tudo que careciam (Ribeiro, 1997, p.342).

Notável é observar que havia relações muito marcantes entre os vaqueiros, seus ajudantes e os fazendeiros, ou seja, os detentores dos rebanhos e que essas relações se baseavam em práticas de exercício de poder, que muitas vezes, colocavam os senhores do gado em posição de comando não apenas sobre o rebanho, mas também, sobre as próprias vidas dos trabalhadores e suas famílias:

O criador e seus vaqueiros se relacionavam como um amo e seus servidores. Enquanto dono e senhor, o proprietário tinha autoridade indiscutida sobre os bens e, às vezes, pretendia tê-la também sobre as vidas e, frequentemente, sobre as mulheres que lhe apetecessem. Assim, o convívio mais intenso e até a apreciação das qualidades de seus serviçais não aproximavam socialmente as duas classes, prevalecendo um distanciamento hierárquico e permitindo arbitrariedades, embora estas estivessem longe de assemelhar-se à brutalidade das relações prevalecentes nas áreas da cultura crioula (Ribeiro, 1997, p.343).

Nesta direção é relevante considerar que os vaqueiros, ao conduzirem os rebanhos, na busca de boas pastagens, onde poderiam praticar sua atividade de pecuária, acabaram por abrir caminhos, e os espaços antes desconhecidos foram sendo desbravados por suas ações muitas vezes marcadas por enfrentamentos de povos nativos. O trabalho cotidiano fez com que os bois e vacas aumentassem e com isto eram necessárias cada vez mais novas pastagens, visto que se tratava de uma criação extensiva e assim os caminhos e os povoamentos iam surgindo e formando uma extensa rede útil à consolidação do projeto de colonização no país incentivado pela Coroa Portuguesa, colonização esta que trouxe uma série de agressões aos diferentes povos originários que habitavam as terras que posteriormente, se tornariam parte integrante do país (Cabral, 1992).

Segundo Abreu (1998, p.140) informa: “a criação de gado teve um efeito, que repercutiu longamente. Graças a ela foi possível descobrir minas”. Isso reforça a ideia defendida e referendada por uma ampla gama de autores do campo da historiografia brasileira, os quais atestam que o gado foi fundamental para o povoamento e constituição territorial do Brasil, sobretudo, no que tange às áreas mais interioranas do continente, contribuindo também nas questões econômicas, posto que, os ciclos econômicos, especialmente aqueles ligados à mineração e da cana-de-açúcar, por exemplo, foram beneficiados pela introdução e expansão da criação do gado no Brasil:

O crescimento da pecuária impulsionou, portanto, a expansão dos currais sertão adentro. Esta empreitada esteve condicionada aos anseios da iniciativa privada. As incursões partiam da Bahia e alcançaram o Rio São Francisco, seguindo em dois sentidos: o primeiro subiu o Rio São Francisco, tendo posteriormente contribuído com o fornecimento de alimentos para a região das minas. O outro dirigiu-se para o Norte, atingindo o interior do Piauí e Ceará, alcançando os maiores núcleos de criação, compra e venda do gado, quais sejam: Recife e Salvador (Tapety, 2007, p.26).

É desta forma inegável que os processos relativos à ocupação e consolidação do domínio territorial em terras que compuseram as bases do espaço brasileiro, foram favorecidos pela criação extensiva do gado. O avanço no território, por conseguinte, permitiu que se contribuísse com a descoberta de ouro nas Minas Gerais, estando, desta maneira, o gado e o trabalho dos vaqueiros, relacionado a dois momentos históricos e econômicos importantes do Brasil, a saber, os ciclos da cana-de-açúcar e da mineração que foram fundamentais para a colonização e crescimento econômico do país.

A dinâmica de criação do gado pode ser historicamente e geograficamente mapeada, pois, de acordo com Darcy Ribeiro ela se deu a partir da introdução destes animais no Brasil, saindo dos estados com proximidades nas áreas litorâneas e avançou pelo território.

Afastando-se de regiões onde se encontram atualmente, o estado da Bahia e o estado Pernambuco, a criação se espalhou pelo território de outros estados e ajudou na consolidação deles, o que contribuiu não apenas com o crescimento dos rebanhos de gado e o fortalecimento da economia, mas com que a própria população aumentasse, visto que, a expansão da pecuária fez com que se necessitasse igualmente do recrutamento de mão de obra especializada, que só foi possível pelo aumento da população residente:

O gado trazido pelos europeus das ilhas de Cabo Verde vinha já, provavelmente, aclimatado para a criação extensiva, sem estabulação, em que os próprios animais procuram suas aguadas e seu alimento. Os primeiros lotes instalaram-se no agreste pernambucano e na orla do recôncavo baiano, suficientemente distanciados dos

engenhos para não estragar os canaviais. Daí se multiplicaram e se dispersaram em currais, ao longo dos rios permanentes, formando as ribeiras pastoris. Ao fim do século XVI, os criadores baianos e pernambucanos se encontravam já nos sertões do rio São Francisco, prosseguindo ao longo dele, rumo ao sul e para além, rumo às terras do Piauí e Maranhão. Seus rebanhos somariam então cerca de 700 mil cabeças que dobrariam no século seguinte (Ribeiro, 1997, p.341).

A partir do pensamento exposto, o autor deixa bem claro que os bovinos que foram introduzidos no país não teriam tido dificuldades em relação às características de criação, ou seja, já estaria aclimatado à criação extensiva o que, obviamente, sem a menor sombra de dúvidas, facilitou os processos ligados à criação destes animais, favorecendo assim igualmente, o aumento do rebanho ao longo do tempo e consolidando, desta maneira, essas atividades econômicas corroborando com o processo de domínio do território nacional que se conhece na contemporaneidade.

É preciso elencar também, que as paisagens que os vaqueiros encontraram a despeito das mudanças que possam ter ocorrido ao longo do tempo, modificadas inclusive pela atuação de forças voltadas e ligadas à criação de gado, demonstram quão difíceis eram as suas atividades de campear, pois, no caso da área onde hoje se encontra o Nordeste, região inicialmente povoada daquilo que seria o país, os vaqueiros enfrentaram condições adversas na Caatinga, mas, mesmo assim, desbravaram-na e nessas áreas surgiram importantes povoações que, hodiernamente, concentram importantes centros urbanos:

Mas o Nordeste tradicional pode ser tradicional pode ser também o do sertão, da “paisagem nua, povoada de árvores magras sem folhas para o vento brincar; paisagem crivada de espinhos como a fronte de Jesus; crivada de pedras disformes que lembram monstros que não couberam na arca de Noé. Sertão dos “Vaqueiros”, dos bodes patriarcais, das igrejas velhas, dos comboios de tangerinos, de cangaceiros e profetas, do sol vermelho como um tição” (Albuquerque, 2011, p.133).

Pelo que se abstrai da citação fica bem evidente que o autor enxerga e descreve, de uma forma um tanto poética, as paisagens percorridas pelos vaqueiros no interior do Nordeste, para demonstrar com isso características do espaço em que sujeitos da pesquisa atuaram e como as modificaram ao longo do seu processo de ocupação o qual se deu nas atividades campeiras.

É importante enfatizar também que os vaqueiros não apenas desenvolveram atividades que contribuíram com o povoamento, mas também desenvolveram uma linguagem e cultura própria que ao longo das gerações ainda permanece, dada a forte influência na mente e nas práticas cotidianas das pessoas.

É importante considerar ainda, que o espaço do Nordeste, como se conhece hoje, é fruto de um processo longo relativo à organização do espaço geográfico. Tal processo teve diferentes



frentes, sendo a do gado uma delas. Essa frente ajudou de maneira inegável na ocupação da região, desbravando as áreas sertanejas do Nordeste, afastando-se do litoral e caminhando para o interior do país:

No agreste, depois nas caatingas e, por fim, nos cerrados, desenvolveu-se uma economia pastoril associada originalmente à produção açucareira como fornecedora de carne, de couros e de bois de serviço. Foi sempre uma economia pobre dependente. Contando, porém, com a segurança dum crescente mercado interno para sua produção, além de exportação de couro, pôde expandir-se continuamente através de séculos. Acabou incorporando ao pastoreio uma parcela ponderável da população nacional, cobrindo e ocupando áreas territoriais mais extensas que qualquer outra atividade. Coformou, também, um tipo particular de população com uma subcultura própria, a sertaneja, marcada por sua especialização ao pastoreio, por sua dispersão espacial e por traços característicos identificáveis no modo de vida, na organização da família, na estruturação do poder, na vestimenta típica, nos folguedos estacionais, na dieta, na culinária, na visão de mundo e numa religiosidade propensa ao messianismo (Ribeiro, 1997, p.340).

A nomenclatura “sertão” precisa ser situada historicamente e, conhecer os aspectos conceituais deste termo, ajuda a entender como o espaço geográfico, construído por diversos agentes, como por exemplo, os vaqueiros, podem ser nomeados a partir das suas feições paisagísticas, estruturas físicas e de localização, entre outros pontos relevantes.

Assim, aquilo que é geograficamente visto como Sertão, ou seja, uma Sub-região nordestina, classificada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, não resume o significado total do termo, uma vez que, se assim o fosse, várias regiões do país, que são vistas também como “sertão” e que não estão dentro da delimitação geográfica do IBGE, não poderiam receber tal nomenclatura.

O termo Sertão, no entanto, não traduz apenas a ideia observada pela delimitação imposta pelo IBGE, pois relaciona também ao que se entende historicamente e popularmente por sertão. Assim o Sertão é de certa maneira, mais do que uma representação física, ele se refere também, para se usar a terminologia da Geografia Humanística de Yi-Fu Tuan, um espaço vivido (Tuan, 1980), ou seja, um ambiente cheio de sentidos, sobretudo, para os vaqueiros que campeiam pelo interior dessa região inicial de povoamento. Refere-se às áreas interioranas que possuem paisagens marcadas pelas dificuldades de sobrevivência, frente a inúmeras desigualdades sociais e espaciais. Pode-se afirmar, portanto, que ao longo da história foram muitas as acepções atribuídas ao conceito de sertão:

Diversas foram às formas de apropriação e os sentidos atribuídos ao termo sertão no pensamento social brasileiro. Às vezes, uma categoria espacial, outras, referencial ideológico, artístico-cultural ou ainda uma representação. Já significou o vasto e

desconhecido, mas também um recorte afetivo do espaço foi falado, mas também foi vivido, já foi vazio, mas também povoado, já foi pobre e farto, remete ao passado, mas se desenha no presente (Reis, 2012, p.18-19).

O espaço sertanejo do país abarca, portanto, tanto o físico quanto o simbólico; o restrito e o amplo; o distante do litoral e as áreas mais florestadas do continente como também se refere aos espaços áridos, ensolarados igualmente àqueles com melhores condições de umidade, os quais são verdadeiros *oásis* em meio às paisagens diversificadas que fazem destes espaços bastante múltiplos (Albuquerque, 2011).

Quando se pensa nas áreas percorridas pelos vaqueiros, ou seja, os espaços físicos onde eles andaram e estabeleceram suas atividades com o gado, nota-se, logo de início, que eles estiveram em diferentes ambientes físicos, os quais apresentavam até mesmo contrastes físicos entre si. Algumas áreas com maior presença de rios perenes, outras com maior escassez de água e com a presença mais significativa de rios intermitentes. Nesse sentido, é importante observar a descrição das características físicas feitas por Darcy Ribeiro das áreas percorridas e ocupadas pelos vaqueiros ao longo do processo de ocupação e consolidação do território que eles utilizavam para a expansão extensiva da criação de gado:

Para além da faixa nordestina das terras frescas e férteis do massapé, com rica cobertura florestal, onde se implantaram os engenhos de açúcar, desdobram-se as terras de uma outra área ecológica. Começam pela orla descontínua ainda úmida do agreste e prosseguem com as enormes extensões semi-áridas das caatingas. Mais além, penetrando já o Brasil Central, se elevam em planalto como campos cerrados que se estendem por milhares de léguas quadradas. Toda essa área conforma um vastíssimo mediterrâneo de vegetação rala, confinado, de um lado, pela floresta da costa atlântica, do outro pela floresta amazônica e fechado ao sul por zonas de matas e campinas naturais. Faixas de florestas em galeria cortam esse mediterrâneo, acompanhando o curso dos rios principais, adensando-se e capões de mata ou palmeiras de carnaúba, buriti ou babaçu, onde encontra terreno mais úmido. A vegetação comum, porém, é pobre formada de pastos naturais ralos e secos e de arbustos enfezados que exprimem em seus troncos e ramos tortuosos, em seu enfolhamento maciço e duro, a pobreza das terras e a irregularidade do regime das chuvas. Nos cerrados e, sobretudo, nas caatingas, a vegetação alcança já uma plena adaptação à secura do clima, predominando as cactáceas, os espinhos e as xerófilas, organizadas para condensar a umidade atmosférica das madrugadas frescas e para conservar nas folhas fibrosas e nos tubérculos as águas da estação chuvosa (Ribeiro, 1997, p.339-340).

Essa área descrita acima com riqueza de detalhes em termos geográficos foi exatamente o palco dos processos de expansão do gado que ajudou na formação de várias povoações que posteriormente virariam cidades. São áreas que foram fundamentais para a criação do gado, que ajudaram essa atividade prosperar e no bojo desse crescimento, contribuiu também com o aumento populacional e com a criação de núcleos de povoamento que depois virariam cidades.

Nota-se ainda, que pelos relatos no tocante às feições geográficas, ficam bem evidentes que algumas áreas eram mais bem servidas de água do que outras e isto em virtude da posição geográfica e características climáticas da região e que nesse sentido, os aspectos ligados ao acesso à água, obviamente, tiveram e ainda tem importância na dinâmica da lida com o gado, pois, além das pastagens, os animais necessitam de água, e os vaqueiros procuravam conduzir os rebanhos para locais que existissem a facilidade tanto do acesso à água como também de espaços onde fosse possível encontrar maiores pastagens úteis à alimentação dos bovinos.

É necessário considerar que os lugares possuem significados diversos e bem peculiares e nesse sentido, resgatando a visão de que se tem do termo sertão, é preciso considerar que “O sertão pode simbolizar o semiárido, mas também já foi úmido, foi improdutivo, mas garantiu as condições materiais de sobrevivência de muitas populações; foi o oposto do litoral, mas também já o completou” (Reis, 2012, p.18-19).

Fica evidente que a terminologia “sertão” não possui historicamente, como já elencada, uma única acepção, pois, pode ser vista sobre diferentes prismas e isto, obviamente, contribui para que se entenda a linguagem geográfica própria dos vaqueiros e de como eles enxergam o espaço percorrido em suas lidas cotidianas; as noções de distâncias; de escalas; a leitura das paisagens por onde percorrem e de como eles organizam o seu espaço em função dos seus modos de vida e das atividades vaqueirais desenvolvidas por eles (Carvalho, 2011).

Decerto que ao percorrerem as diferentes paisagens nordestinas, com foco na criação extensiva do gado, os vaqueiros deixaram as suas marcas, pois, os caminhos abertos pelo processo de condução e criação extensiva do gado foram essenciais para as configurações espaciais que se conhecem na contemporaneidade, não que estes sejam resultados exclusivos e direitos dessa atividade, mas que ela tenha em grande medida influenciado tais configurações, disso, não se tem dúvidas, pois, os embasamentos históricos dão grande vazão para tal certeza (Carvalho, 2011).

Por esta razão, é óbvio que não se podem resumir as configurações territoriais atuais apenas ao movimento desempenhado pelos vaqueiros, pois, existem muitas outras variáveis e agentes espaciais envolvidos, o que se coloca, é tão somente que esse agente social teve uma importância significativa que nem sempre é reconhecida pela historiografia tradicional, mas que por meio de um trabalho como este, torna-se possível fazer um resgate histórico de tal realidade e isto a partir do levantamento bibliográfico, como também das atividades de campo que ajudam a entender a importância desse ator histórico (Cabral, 1992).

Compreender de que forma a criação extensiva do gado foi importante para o processo de povoamento do país é condição vital para se aprofundar no entendimento do próprio papel

do vaqueiro nessa dinâmica, assim como entender por quais razões as configurações espaciais urbanas e, sobretudo, rurais são como são. O papel e atuação do vaqueiro no processo de povoamento do país foram importantes e, pelos dados históricos disponíveis e utilizados na construção desta produção acadêmica, significativamente verificáveis.

Nesse processo de consolidação da criação do gado e, por conseguinte, da concretização da colonização e domínio do território nacional, não se pode desconsiderar um elemento essencial para tal realização, a saber, a introdução do negro, pois, o negro foi fator fundamental para que o país prosperasse, uma vez que, era mão de obra nas fazendas, engenhos de cana-de-açúcar e em outros ambientes. Esse trabalho, obviamente, não tem como foco abordar esse viés, porém, ainda assim é digno de nota destacar o papel do elemento africano como agente indutor dos processos de consolidação da colonização europeia no país:

Concentrando-se em grandes massas nas áreas de atividade mercantil mais intensa, onde o índio escasseava cada vez mais, o negro exercia um papel decisivo na formação da sociedade local. Seria, por excelência, o agente de europeização que difundiria a língua do colonizador e que ensinaria aos escravos recém-chegados as técnicas de trabalho, as normas e valores próprios da subcultura<sup>1</sup> a que se via incorporado. Consegue, ainda assim, exercer influência, seja emprestando dengues ao falar lusitano, seja impregnando todo o seu contexto com o pouco que pôde preservar da herança cultural africana. Como esta não podia expressar-se nas formas de adaptação – por diferir, consideravelmente, no plano ecológico e tecnológico, dos modos de prover a subsistência na África –, nem tampouco nos modos de associação – por estarem rigidamente prescritos pela estrutura da colônia como sociedade estratificada, a que se incorporava na condição de escravo –, sobreviveria principalmente no plano ideológico, porque ele era mais recôndito e próprio. Quer dizer, nas crenças religiosas e nas práticas mágicas, a que o negro se apegava no esforço ingente por consolar-se do seu destino e para controlar as ameaças do mundo azaroso em que submergia (Ribeiro, 1997, p.113-114).

É possível observar que o autor deixa claro que pela sua condição de dominado, de escravizado, o negro acabou por consolidar a cultura europeia no país e isso não por uma convicção da relevância desta cultura, mas por ser este um agente que estava silenciado em sua própria cultura, restando a ele absorver e expandir a cultura dos seus senhores.

Desta maneira é notável destacar como este processo contribuiu, de maneira grandiosa, para que os colonizadores avançassem, não apenas sobre o território, mas sobre as mentes das pessoas, sejam elas indígenas ou negras, como também, seja ela a mistura desses grupos que formariam o que se conhece como povo brasileiro, assim a religiosidade e outros costumes que dão características muito peculiares à cultura nacional, procedem desta formação.

Isso significa que mesmo não sendo o objeto de estudo desta pesquisa, a abordagem

---

<sup>1</sup> Correspondem a subdivisões da cultura dominante que a ela se impõe.

específica da realidade do negro cativo como elemento colonizador do país, é necessário que não perca de vista sua importância, não apenas pela quantidade de negros que foram introduzidos no país, mas pelas suas práticas cotidianas, nas mais diferentes atividades, entre as quais se destaca a lida com o gado, faz o negro se destacar como também grande agente de formação do território e população nacionais.

Entender, então, a extensão dos processos formativos do Brasil, abordando assim, suas diferentes características, é condição essencial para se entender a sua real história, pois, muitas vezes, a historiografia, tende a privilegiar determinadas características dos processos de formação do território nacional, dando pouca atenção a aspectos que também detêm importância como elementos explicativos da realidade pátria, mas que por serem desacreditados, acabam por não serem avaliados das formas mais adequadas e com isto, perdem-se compreensões mais acuradas da história nacional.

Como exemplo do que se afirma está a figura do vaqueiro, objeto central desta pesquisa, pois, como já largamente aqui enfatizado, a História Tradicional, nem sempre deu a devida atenção a este elemento que foi fundamental para consolidação do país. O tratamento subalterno dado a ele, por diferentes concepções historiográficas, em nada contribuiu para que se avançasse no conhecimento da formação territorial do país, o que ajudou ainda se pensar uma história vista apenas de cima, ou seja, pelo viés das elites.

Para se aprofundar ainda mais na temática deste capítulo, no próximo tópico será tratado um tema muito relevante que é a participação dos vaqueiros na construção específica daquilo que se entende por paisagens sertânicas do Brasil, ou seja, aquilo que esse tópico começou a esboçar será corroborado no próximo que se segue.

## **1.2 A participação dos vaqueiros na construção das paisagens sertânicas no Brasil**

As paisagens que foram sendo construídas ao longo do tempo e se amoldando ao que se conhece como Sertão são oriundas de um processo histórico pelo qual pode se considerar, que o período, compreendido no estudo e tendo a figura do vaqueiro como personagem central, demonstra que os silenciamentos da escrita da história quanto à permanência e existência de um objeto de pesquisa a ser estudado, refere-se ao não interesse de muitos com o objetivo de estudar as atividades humanas na perspectiva da História vista de baixo.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> É usada para criticar, redefinir e consolidar a corrente principal da história. Aqueles que escrevem a história vista de baixo não apenas proporcionam um campo de trabalho que nos permite conhecer mais sobre o passado: também tornaram claro que existe muito mais que grande parte de seus segredos, que poderiam ser conhecidos, ainda estão encobertos por evidências inexploradas (Burke, 1992, p.62).

Durante muito tempo a História deu prioridade a estudar os feitos das elites dominantes, existindo uma postura dentro da academia de certo desprezo pela cultura popular e ações sociais das classes menos favorecidas, posto que, as visões teóricas tradicionais não davam a devida atenção a estas esferas sociais. Toda essa invisibilidade, inegavelmente, comprometia, no passado e no presente, a produção de uma historiografia de qualidade, pois, a obrigação de respeitar a realidade dos fatos, ao invés de se guiar por visões supremacistas da elite e suas ideologias dominantes, impõe que o discurso do campo da História reflita uma postura científica onde os acontecimentos ocorridos sejam interpretados à luz da lógica, ou seja, sem concepções meramente ideológicas.

Nesse sentido, é preciso pontuar que com o tempo e com a maior produção acadêmica, os silenciamentos têm sido rompidos e estas posturas, dantes citadas, tem mudado de maneira significativa e é nessa mudança que está em curso, que o trabalho se assenta, ou seja, busca-se seguir uma postura teórica e metodológica pelas quais se possa destacar a figura do vaqueiro como protagonista da História do Brasil e não apenas como um personagem secundário como muitas vezes tem sido observado por meio do viés de um academicismo tradicional:

É ainda no início do século XX que surgem as primeiras observações propriamente historiográficas sobre os vaqueiros. Nesse grupo podemos incluir de forma exemplar Urbino Vianna, Basílio de Magalhães e Capistrano de Abreu. Preocupados em explicar os processos de ocupação territorial do Brasil, não dedicaram esses autores em suas obras mais que algumas linhas ao vaqueiro (Reis, 2012, p. 26).

Retornando à questão específica das paisagens, é importante considerar que a construção do conceito de Sertão aqui estudado, tem na figura do vaqueiro uma relevância compreensiva grandiosa, de modo que, para se entender o Sertão, em suas múltiplas dimensões, faz-se necessário também entender a realidade de tal personagem, posto que, ele foi, historicamente, um agente construtor de tal espaço físico e simbólico-cultural, na medida em que suas ações não eram apenas de lidar com o gado, pois, a construção de suas moradias, e o próprio campear, que abria caminhos, trouxe modificações nas paisagens que são notáveis até nos dias atuais, visto que, em espaços onde os vaqueiros ainda atuam; essas paisagens típicas, embora alvos de mudanças oriundas da modernidade, ainda resistem.

Pelo que se abstrai em relação à representatividade da figura do vaqueiro e nos interlaces dos seus traços culturais, têm-se ainda as bases imprescindíveis para se compreender o que seja o Sertão, de modo que, torna-se fundamental que as diferentes concepções deste tipo de ambiente existentes sejam reconhecidas para que, com isto, não se tenham visões limitadoras dessa questão tão relevante:

Há vários tipos de sertão: geográfico o poético; distante, como o de Euclides da Cunha; ou tão próximo que chega a se difundir com a própria pessoa, onde quer que ela esteja, segundo a perspectiva de Guimarães Rosa. Há Sertão inferno, paraíso; há sertão que é Brasil e outro que não é. Simplesmente esse lugar pode ter muitas formas e sentidos, dependendo de quem observa (Santos, 2012, p.120).

É preciso pontuar que as paisagens são um conceito importante não apenas no campo da Geografia, mas também, servem elas, para se compreender o passar dos períodos da história, tendo desta maneira, relevância nos estudos da historiografia quando o objetivo é se compreender a totalidade dos fatos.

Desta maneira, ao se referir às paisagens dos sertões, faz-se, alusão às feições que se formaram a partir do momento em que os vaqueiros e demais grupos desbravadores, passaram a ocupar áreas do país, sobretudo, no Nordeste, naquelas partes mais distantes do litoral e que antes não eram ocupadas, mas, que em razão do processo de colonização passaram a ser: “Sem paisagem não haveria Sertão, visto que o elemento geográfico é ferramenta chave para se entender esse lugar como algo singular, especialmente do Sul do Maranhão, do qual não faltam exemplos em variados escritos” (Santos, 2012, p. 121).

Para que se compreenda a formação dessas paisagens sertânicas do Brasil, não se pode desconsiderar que os vaqueiros, desbravadores destas áreas, passaram por muitas penúrias em suas atividades e isso fez com que estes personagens adquirissem uma força existencial de vida muito diferenciada e notável no tempo e no espaço e que chegou aos dias atuais ainda com toda a sua pujança.

As dificuldades iam desde os perigos de ordem física em razão da possibilidade de ataques de animais até aos referentes à escassez de alimentação, pois, na lida com o gado nem sempre se tinha quantidade de alimentos compatíveis com as necessidades calóricas dos vaqueiros o que fazia com que muitos tivessem problemas de saúde ou menor expectativa de vida.

As relações de trabalho existentes não eram também adequadas, pois, além de exploração escravocrata, existiam outras formas de exploração de trabalhadores livres. Os rendimentos dos vaqueiros obedeciam a uma lógica que se demonstrava muito penosa, uma vez que, era preciso um trabalho duro para que se obtivesse algum ganho:

Depois de quatro ou cinco anos de serviço, começava o vaqueiro a ser pago; de quatro crias cabia-lhe uma; podia assim fundar fazenda por sua conta. Desde começos do século XVIII, as sesmarias tinham sido limitadas ao máximo de três léguas separadas por uma devoluta. A gente dos sertões da Bahia, Pernambuco, Ceará, informa o autor anônimo do admirável Roteiro do Maranhão a Goiás, tem pelo exercício nas fazendas de gado tal inclinação que procura com empenhos ser nela ocupada, consistindo toda

a sua maior felicidade em merecer algum dia o nome de vaqueiro. Vaqueiro, criador ou homem da fazenda, são títulos honoríficos entre eles (Abreu, 1998, p. 131).

Nota-se pela citação acima, que os ganhos não eram tão animadores, pois, os vaqueiros precisavam trabalhar muito duro para que só assim pudesse ter alguma margem de ganho, que como se vê, não eram significativas. Esses ganhos afetavam, obviamente, a qualidade de vida das pessoas e é preciso ressaltar, porém, que quando se fala da escassez de alimentos antes referida, se alude mais especificamente à variedade, pois, carne e leite, alimentos oriundos do gado, existia em abundância, mas como se sabe, mesmo os vaqueiros e suas famílias tendo acesso a estes alimentos, os referidos produtos alimentares não eram suficientes para a obtenção de uma dieta de qualidade:

Os primeiros ocupadores do sertão passaram vida bem apertada; não eram os donos das sesmarias, mas escravos ou prepostos. Carne e leite havia em abundância, mas isto apenas. A farinha, único alimento em que o povo tem confiança, faltou-lhes a princípio por julgarem imprópria a terra à plantação da mandioca, não por defeito do solo, pela falta de chuva durante a maior parte do ano (Abreu, 1998, p. 135).

É perceptível que a pecuária passou a ter uma importância muito grande no país, pois, ao se expandir Sertão adentro aumentou o rebanho e fortaleceu-se economicamente. Isso foi impulsionado, inicialmente, como já aludido, pela dificuldade de se compatibilizar as plantações de monocultura da cana-de-açúcar com o aumento do rebanho de gado, o que trazia problemas ao solo e sendo à época, a cana-de-açúcar, o principal produto econômico do país, foi preferível preservar o cultivo da cana, sem, no entanto, banir o gado, pois, buscou-se apenas deslocá-lo do espaço litorâneo em direção ao interior, ou seja, ao continente para que assim, os transtornos diminuíssem ou mesmo cessassem trazendo o equilíbrio necessário e ao mesmo tempo, mantendo o rebanho que, como se sabe, por meio dos diversos estudos historiográficos disponíveis, era fundamental como força motriz nos engenhos, transporte e base alimentar das famílias.

No tocante à vida diária dos vaqueiros é preciso que se deixe claro que os mesmos tinham muitas responsabilidades sobre si, pois, a lida com o gado além de ser um tipo de trabalho extenuante, era também um serviço que exigia bastante abnegação, pois, ao serem entregues a eles (os vaqueiros) os rebanhos, os mesmos tinham a missão não apenas de cuidá-los, mas também de fazê-los prosperarem, ou seja, aumentar o rebanho para que com isto a dinâmica econômica e de garantia alimentar fosse assegurada.

Foi o processo e a dinâmica da criação do gado extensivo pelo Brasil, com todas as suas



características peculiares, que influenciaram, de forma significativa, a formação do latifúndio atual no país, pois, em virtude dos processos de ocupação de terras e em bases altamente concentradas, que se originaram as grandes propriedades brasileiras que demonstram a alta concentração fundiária atual:

A expansão desse pastoreio se fazia pela multiplicação e dispersão dos currais, dependendo da posse do rebanho e do domínio das terras de criação. O gado devia ser comprado, mas as terras, pertencendo nominalmente à Coroa, eram concedidas gratuitamente em sesmarias aos que se fizessem merecedores do favor real. Nos primeiros tempos, os próprios senhores de engenho da costa faziam sesmeiros da orla do sertão, criando ali o gado que consumiam. Depois, esta se tornou uma atividade especializada de criadores, que formaram os maiores detentores de latifúndios do Brasil. O mais célebre deles foi um baiano tão rico que deixou em testemunho, a favor dos jesuítas, recursos para rezarem missas por sua alma até o fim do mundo (Ribeiro, 1997, p.341).

Os fazendeiros que adentraram os sertões conquistavam terras que antes eram inexploradas pelos colonizadores e por estarem distantes do litoral, dada às dificuldades inerentes à realidade vivida no período colonial, precisavam cada vez mais buscar pessoas para cuidarem de suas propriedades, as quais eram adquiridas, muitas vezes, pelo processo de conquista e não apenas por concessão de sesmarias:

Adquirida a terra para uma fazenda, o trabalho primeiro era acostumar o gado ao novo pasto, o que exigia algum tempo e bastante gente; depois ficava tudo entregue ao vaqueiro. A este cabia amansar e ferrar os bezerros, curá-los das bicheiras, queimar os campos alternadamente na estação apropriada, extinguir onças, cobras e morcegos, conhecer as malhadas escolhidas pelo gado para ruminar gregariamente, abrir cacimbas e bebedouros (Cabral, 1998, p.137).

Assim, é possível verificar que a construção da paisagem sertânica<sup>3</sup> do Brasil se deu em grande medida, pela figura do vaqueiro e em razão do seu intenso e importante trabalho, de modo que, ele influenciou não apenas no campo simbólico, mas também os próprios estratos físicos da espacialidade geográfica do país. Importante ressaltar que, além dos vaqueiros, as leis da época igualmente contribuíam para a construção do espaço que se conhece como Sertão.

Esse espaço vivido foi pouco a pouco sendo moldado e tomando feições diversas das que antes do período colonial existira, pois as matas passaram a sofrer uma maior devastação

---

<sup>3</sup> Utilizo o termo "paisagem sertânica" na perspectiva criativa do "dialeto sertanezo" ambientado na obra musical do cantador e criador de uma identidade musical sertaneja, Elomar Figueira de Melo que resgata uma linguagem específica de regiões longínquas usada por indivíduos que habitaram áreas do sertão nordestino. O cantador mescla criativamente na sua obra, a melodia trovadoresca e o regionalismo nordestino e tece uma imagem paisagística única do sertão e seu bioma nas áreas de poucas chuvas definidas anualmente em duas estações.

para darem lugar às pastagens, casas construídas para a habitação, lavouras cultivadas para alimentar os habitantes dos novos espaços que iam sendo desbravados, entre outros aspectos que se ligam ao processo de modificação e modelamento das paisagens do sertão: “Pela ordem Régia de 1695, o tamanho das fazendas foi delimitado em três léguas em média, separadas normalmente por um rio que fracionava a propriedade em três quilômetros para cada margem” (Santos, 2012, p. 127-128).

Ainda a respeito das feições adquiridas pelo espaço conhecido como Sertão é importante considerar o que:

O Sertão pelo olhar de Paula Ribeiro é, também, um sertão paradisíaco, de ampla variedade de vegetação, espécies animais, inúmeros rios e clima agradável que era mais bem aproveitado no aspecto econômico, sobretudo por meio do gado assevera (Santos, 2012, p.123).

Fica evidente que ao se pensar, portanto, as paisagens sertânicas, não se pode ter em mente aquela visão típica de senso comum, pela qual se imagina ser o Sertão, necessariamente, um local árido, pois o Sertão não se resume a um estereótipo de seca e aridez, muito embora, sabe-se que tal percepção fora construída, historicamente, e como tal fica difícil ser retirada do imaginário popular e que desta forma, por vezes, revelam, na própria escrita da história, quando não observadas às bases metodológicas da forma mais correta.

### **1.3 Áreas de criação de gado no maranhão e o estabelecimento de fazendas de Criação no Maranhão**

No tocante à introdução do gado no Maranhão, é possível afirmar, logo de início, que ela obedeceu aos mesmos padrões das demais áreas do Nordeste, muito embora, não se possam desconsiderar as especificidades e peculiaridades de cada realidade e neste caso, as diferenças existentes entre o processo ocorrido no Maranhão e nas demais áreas da região. É preciso lembrar que devem ser considerados tais pontos para que, assim, seja possível uma análise histórica acurada pela qual se possa enfocar a questão e se consiga chegar a entendimentos seguros e adequados a respeito da temática, entendimentos estes que possam trazer importantes contribuições ao presente trabalho.

Face aos interesses do estudo, com referência ao vaqueiro, entende-se que só é possível levar em consideração alguns aspectos essenciais no que concerne ao contexto socioeconômico do Maranhão, bem como, a constituição espacial na qual tais sujeitos foram inseridos em solo

maranhense. Isto, pois, no sentido de que estes foram os atores sociais protagonistas de seu espaço vivificador ao ocuparem os sertões maranhenses. Para tanto, é preciso que se entenda como se deu a ocupação dos sertões maranhenses. E como o vaqueiro ajudou a constituir a espacialidade do Maranhão, imprimindo nela suas marcas tanto nas paisagens, como também, no vocabulário e na cultura em geral: “Conquista, expansão territorial, devassamento, são expressões indicativas do resultado da ação colonizadora no Maranhão” (Cabral, 1992, p.62).

Os caminhos do gado fizeram surgir, em grande medida, as rotas maranhenses, permitindo o aparecimento de povoações no interior, pois, como se sabe pelos referenciais históricos, a colonização do Maranhão se deu, inicialmente, pelo litoral, por meio das chamadas frentes do litoral, todavia, estas não foram as únicas correntes migratórias, visto que outras também se manifestaram e dentre estas as dos caminhos do gado que, em geral, partiam dos estados de Pernambuco, Bahia e por vezes, até das áreas piauienses:

Abrindo caminhos, devassando campos, ocupando espaço, povoou o São Francisco, chamado rios dos currais, espalhou-se pelos sertões piauienses e atingiu os campos naturais do sul do Maranhão – os famosos Pastos Bons, forjando uma vida em sociedade bastante característica, a civilização do couro, como disse Capistrano (Cabral, 1992, p. 63-64).

Através do que é apontado na citação acima, entende-se, que o processo de ocupação do sertão brasileiro – compreendido esse termo tanto na sua acepção geográfica, como cultural e histórica – se deu de uma maneira sempre contínua, onde os caminhos do gado foram fundamentais para a consolidação das áreas de colonização mais importantes à época. Desta maneira, a criação do gado teve papel de grande relevância, pois, não apenas como atividade econômica de grande valia, mas também como atividade colonizadora e desbravadora de fato de regiões antes inóspitas, as quais anteriormente eram habitadas apenas por indígenas ou animais selvagens.

Compreender tal realidade é condição fundamental para que se avance na interpretação coerente da história do Brasil no tocante ao papel deste personagem, o vaqueiro, como um dos elementos mais fundamentais da ocupação e consolidação do território pátrio. Neste sentido, ao se referir às questões relacionadas às possíveis diferenças entre as duas frentes de expansão observadas no Maranhão – a saber: a litorânea e a pastoril ou do Interior, assim Cabral (apud Cândido Mendes, 1992, p.64) salienta:

Há uma notável diferença entre a população oriunda da colonização que entrou pelo litoral e a outra (que entrou pelo interior): a primeira é de costumes mais amenos, a segunda é menos civilizada, e ressent-se em extremos de sua origem. Daí provém a chamar-se no interior da província do Maranhão aos sertanejos ou habitantes do campo - Baianos (Cabral, 1992, p. 64).

Pelo que se abstrai do termo “baiano” tinha na época uma conotação negativa, pois era uma forma preconceituosa de se referir às pessoas mais simples em termos de maneiras ou convenções sociais. Isso se evidencia na figura do vaqueiro que além de toda a exploração que eram submetidos ainda sofriam com os preconceitos já existentes naquela época.

Os rios maranhenses foram fundamentais para que o processo de colonização se manifestasse e tivesse sucesso, já que as frentes vindas do litoral usaram estes rios para que chegassem aos diferentes locais do estado, pois naquela época os meios de transportes se davam, em grande medida, por meios marítimos ou fluviais. Assim, as áreas que se configuraram como os primeiros núcleos tiveram suas formações iniciadas em grande parte graças aos corpos de água nelas existentes:

Na marcha conquistadora, os rios Itapecuru, Mearim, Pindaré e Munim desempenharam papel relevante, como vias naturais de penetração. E que todas elas nascem nos distantes sertões, cortam grande parte do território da capitania e desembocam no Golfão Maranhense que, juntamente com São Luís, foram os pontos de partida da frente colonizadora litorânea (Cabral, 1992, p.65).

O Maranhão era visto, naquela época, numa divisão geográfica bem menos sofisticada do que as atualmente adotadas, a qual não levava em conta as bases tecnológicas investigativas para os processos de regionalizações e zoneamentos dos espaços, de modo que, a complexidade nos dias hodiernos é seguramente bem maior. Por conta disto, o estado era visto como possuindo duas áreas principais: aquela representada pelo litoral e a outra pelos sertões, que como destacado, na citação anterior, era onde nascia boa parte dos rios genuinamente maranhenses, os quais deságuam no litoral do estado.

Não se pode desconsiderar que a ocupação e o surgimento das fazendas no Maranhão tiveram ligação estrita com as correntes migratórias oriundas de outros lugares vizinhos, como por exemplo, a Bahia. Essa corrente pastoril vinda das terras Baianas foi muito importante para a configuração da migração que adentrou as terras maranhenses.

A expansão da corrente baiana está intimamente ligada à implantação dos domínios territoriais da casa da torre, um dos potentados baianos que mais se beneficiou com essas conquistas. Esta família desde suas origens, em meados do século XVIII já viviam em promoção dessa atividade. A conquista do médio São Francisco rendeu-

lhe a posse, recebida em sesmarias, de extensas áreas situadas ao longo deste rio e de seus afluentes, Salitre e Cabaças [...] E vaqueiros e rebanhos atravessaram-no e, a partir das primeiras décadas do século XVIII, adentraram por esses vastos naturais, atingindo, no limiar do século XIX, o rio Tocantins, limite natural do Maranhão com Goiás. Atravessando esse famoso rio, a frente pastoril, em sua grande mobilidade, ocupou também os sertões do norte goiano, hoje tocantino (Cabral, 1998, p.103-105).

Sobre as primeiras Fazendas de gado instaladas nos sertões do Maranhão, consta nos escritos de Francisco de Paula Ribeiro, conhecedor da vida sertaneja e da área que denominou de Pastos Bons, descrições deste território, tendo como base os mais de vinte anos de vivências e experiências na região. Essas fazendas, informa Ribeiro (2007, p. 22), foram criadas: “por meio de matrizes levadas de fazendas do Piauí”.

Ressalte-se que o Maranhão teve sua origem ligada a duas frentes migratórias, a primeira ligada ao Norte e a segunda ao Sul como antes salientado. Do Sul, têm-se os sertanejos e vaqueiros vindos da Bahia, fugindo da seca, tocando o gado; do Norte, os que penetravam pelos rios maranhenses. Essas duas frentes, como se sabe, por meio dos documentos históricos, foram fundamentais para a formação do estado do Maranhão e no caso de Caxias, recorte espacial deste trabalho, foram essenciais:

No início do século XVIII, chegaram aos sertões do Maranhão, os primeiros vaqueiros Baianos irradiados do vale do Rio São Francisco que conseguiram romper a barreira natural do rio Parnaíba. Logo vendo a imensidão dos verdes postos Maranhenses, pois nunca avistados na caatinga nordestina, batizaram a região com o nome Pastos Bons, e logo fundaram uma vila o mesmo nome, na chapada da Serra do Itapecuru (Cardoso, 1947, p. 138).

Os caminhos que conduziram os criadores de gados e vaqueiros até as terras maranhenses, de acordo com o que se abstrai da citação, demonstra que eles percorreram um percurso muito longo. Esse trajeto além de extenso guardava muitos desafios desde aqueles ligados ao clima, ao relevo, as paisagens sempre muito difíceis, como também riscos de lidar com animais peçonhentos entre outros perigos que eram comuns a ambientes não urbanos como eram os daquelas épocas iniciais.

Para melhor compreender essa questão da ocupação do Maranhão, abaixo se destaca um documento histórico pelo qual é possível vislumbrar a realidade da época. Esse registro histórico intitulado: “**Aviso em sua majestade manda criar duas, até três fazendas de gado nesta capitania**”, aponta aspectos importantes no que concerne ao tema abordado neste tópico, como segue:

Pelo Ofício de V. Sa. Nº 4 em data de seis de outubro do ano próximo passado viu El-Rei nosso senhor, que com muita facilidade, e pouca despesa se pode realizar em breve tempo o projeto do estabelecimento de fazendas de gado nessa capitania: E tomando o mesmo Senhor em consideração, por uma parte dos inconvenientes, que V. Sa. pondera acerca do local lembrado pelo desembargador do Paço Antônio Roiz [Rodrigues] Velloso, por não serem toda a sua extensão próprio para criação de gado, e ser um sertão despovoado, coberto em alguns lugares de grandes matos que servindo de coito, e habitação de selvagens, ficariam estas fazendas expostas irremediavelmente às respectivas depredações destes, e ainda dos mesmos gentios, além da insuperável dificuldade de serem bem vigiadas, e de se abrir uma extensíssima estrada para a comunicação delas, para o que não há braços, e seria inútil este dispendiosíssimo trabalho, porque se fecharia logo a comunicação, levantado – se outra vez o mato pela falta de frequência; e por outra parte as proporções que oferece a porção de terreno desocupado, e devoluto entre a ribeira denominada Grajaú, e rio Itapecuru em toda a sua extensão principiando da confluência da ribeira de Alpercatas com o dito rio até a ribeira das Neves; porque sendo própria para criação de Gado, tem a vantagem de ficar contígua a povoações, que com o exemplo, e auxílio das Reais Fazendas; poderão tão bem formar outras semelhantes fazendas, e fazerem por esta maneira mais contígua a população dessa capitania mais fáceis as comunicações das fazendas entre si, e mais exata a sua inspeção: Houve por bem aprovar o lugar indicado por V. Sa. para este estabelecimento: E é servido que V. Sa. lhe dê princípio por duas até três fazendas formando – se depois gradualmente as mais com os meios que as primeiras forem fornecendo, não só indicando sítio, mas tão bem na proximidade do rio Mearim, e Grajaú até São Pedro de Alcântara em terrenos que parecerem mais acomodados como V. Sa. lembra. Tão bem mereceu a Real aprovação a eleição que V. Sa. fez do major graduado Francisco de Paula Ribeiro, comandante do distrito de Pastos Bons para o exame dos lugares mais próprias para as mencionadas fazendas na ribeira do Alpercatas encarregando – o juntamente de medir e demarcar competentemente o terreno: e na forma que V. Sa. propôs, há Sua Majestade por bem que ele tenha duas cavalgaduras para o seu transporte, enquanto durar esta diligência; reserva porém atendê-lo com a efetividade do poso para quando ele for encarregado do estabelecimento das fazendas (Ribeiro, 2007, p.52-53).

Pelo que se observa, do fragmento acima, retirado de um documento oficial do século XIX, é possível entender que o processo de ocupação do estado do Maranhão, levando em conta os caminhos do gado, não se deu única e exclusivamente por iniciativas individuais ou de grupos privados, se deu com a anuência e direcionamento de pessoas que possuíam cargos oficiais públicos importantes.

Percebe-se, portanto, pelo documento referido que havia um planejamento no sentido de que as fazendas reais eram construídas levando-se em conta as vantagens geográficas no que tange aos recursos hídricos e espaços disponíveis ao crescimento dos rebanhos. Ademais, o pedido para se estabelecer essas fazendas demonstra que a Coroa tinha ciência e interferia na medida do possível, por meio dos seus representantes, na dinâmica de ocupação do espaço orientada pela criação de gado, pois, nessa altura já se sabia a importância econômica desta atividade, como também o seu potencial indutor de processos de territorialização do interior do país.

Os vaqueiros e os criadores de gado em geral eram responsáveis por desbravar e até mesmo por enfrentar as condições adversas existentes nos lugares onde campeavam e com isto,

faziam o trabalho mais duro necessário para a povoação. Os registros históricos não deixam dúvidas das condições de penúria às quais essas pessoas estavam, diariamente, expostas. Elas enfrentavam diversos perigos, como por exemplo, riscos de doenças típicas de um país tropical, bem como, disputas entre criadores e vaqueiros. Não era, portanto, nada fácil a vida cotidiana dos vaqueiros.

Após a compreensão destes aspectos teóricos, é necessário que se avance ainda mais e com maior especificidade, naquilo que se constitui como recorte espacial desta pesquisa, a saber, o espaço relacionado à cidade de Caxias-MA.

Nesse sentido, no próximo tópico serão abordadas questões relativas à vivência do vaqueiro dentro do contexto do município de Caxias, pois, como o que se busca compreender é a figura do vaqueiro, no seu lugar de campeão, considerou-se, que ao abarcar a realidade do vaqueiro na consolidação do território caxiense fosse de grande relevância, de modo que, no próximo tópico, diversas questões a respeito desse ator social serão levantadas e discutidas a partir da introdução e consolidação de suas práticas no espaço de Caxias-MA.

#### **1.4 Campos e matagais: Vaqueiro e gado em Caxias das Aldeias Altas-MA**

Com a necessidade de se entender, mais profundamente, a temática em apreço, neste presente tópico foca-se em assuntos relacionados com a figura dos vaqueiros considerando a realidade de Caxias-MA, e isso levando em conta a sua lida com o gado e de como tal atividade se deu ao longo do tempo, pois, sendo o recorte espacial, a região sertânica de Caxias, torna-se imprescindível, enfatizar as particularidades da região as quais se ligam ao assunto aqui debatido.

Nesse sentido, é preciso pontuar logo de início as características geográficas e históricas gerais de Caxias-MA, para que só assim consiga-se entender a dimensão mais adequada do tema aqui em questão.

Isso é necessário, pois, muitas vezes, estabelecem-se nas narrativas históricas, explicações sem explicitar as especificidades geográficas do lugar, limitando assim, em grande medida, a visualização do quadro geral da realidade geográfica dando espaço a interpretações históricas tendenciosas, visto que, elas não estão alicerçadas com base em todos os elementos disponíveis. Para que não se cometesse tais erros primários, a pesquisa que deu origem a este estudo buscou a compreensão e descrição dos aspectos geográficos da cidade de Caxias-MA, recorte espacial do trabalho e assim traz um quadro do ambiente geográfico com o qual se pode visualizar e compreender o referido ambiente.

Nessa direção, é preciso elencar, portanto, que do ponto de vista da história, cabe considerar que a cidade de Caxias, localizada no Maranhão, é um dos mais antigos centros urbanos do território maranhense, pois, a área é uma das pioneiras no que tange ao processo de ocupação territorial. Nesta dinâmica, deve-se elencar que por volta do século XVII, a região de Caxias já estava começando a ser ocupada – e no decorrer dos séculos seguintes – foi sendo colonizada, transformando-se em uma área dinâmica tanto do ponto de vista econômico, cultural, como também em termos de política, influenciando assim, os destinos do próprio estado do Maranhão e tendo na época destaque para a consolidação da colonização do território nacional (Coutinho, 1980).

No que se refere à sua geografia, a cidade de Caxias-MA, localiza-se, de acordo com a atual classificação do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística na Região Intermediária de Caxias a qual é composta por 14 municípios. A cidade também faz parte da Região Geográfica Imediata de Caxias na qual estão incluídos os seguintes municípios (Afonso Cunha, Aldeias Altas, Caxias, Coelho Neto, Duque Bacelar e São João do Sóter), fazendo da mesma um polo regional com importância no comércio, saúde, educação, agropecuária e em outras atividades econômicas relevantes. A cidade localiza-se a cerca de 370 quilômetros de São Luís, capital do estado do Maranhão e a pouco menos de 100 quilômetros da cidade de Teresina, capital do Piauí, de quem recebe grande influência (Brasil, IBGE, 2017).

A cidade é cortada pelas rodovias federais: BR 316 e BR 226, além da Ferrovia Teresina – São Luís. O município de Caxias é banhado pelo Rio Itapecuru, tanto na zona rural quanto na zona urbana, sendo sua vegetação predominantemente, formada pelo Cerrado, Matas dos Cocais, mas tendo ainda outras formações de vegetacionais, como por exemplo, o Carrasco (vegetação semelhante à Caatinga). O Rio Itapecurua que banha o município é considerado o maior em extensão do estado do Maranhão teve e ainda tem significativa importância para a cidade, pois, no passado foi de grande proveito para a conexão de Caxias com outras áreas do estado, visto que, por meio dele se transportavam pessoas, mercadorias e mesmo informações. Foi através dele que grande parte da atividade migratória ligada à chamada corrente do litoral, ocorreu (Feitosa; Trovão, 2006).

A importância do Rio Itapecuru não reside apenas nesses aspectos ligados tanto à migração que deu base para o processo de colonização na região, ou seja, das correntes migratórias que partiram do litoral, ou mesmo, no tocante às atividades de transporte de mercadorias, ele também foi e é importante para o abastecimento doméstico da cidade de Caxias – MA, bem como, várias outras cidades do estado, incluindo entre elas, a própria capital São Luís.



A relevância do Rio Itapecuru também se dá nos aspectos culturais, pois, ele sempre foi inspiração para a cultura popular maranhense. Teve ainda relevância para a atividade da cotonicultura, posto que, no seu vale foram consolidadas as grandes plantações de algodão que fizeram do estado, no passado, grande exportador desse produto o que, inclusive, fez empobrecer o solo em determinadas áreas em razão do manejo inadequado, ajudando em longo prazo, aliada às condições de conjuntura econômica nacional e internacional, levar à decadência desta atividade no estado:

Quanto ao aspecto agrônômico, o solo maranhense apresentava queda da fertilidade natural com rapidez, devido ao manejo não apropriado às condições ecológicas dos trópicos úmidos, o que obrigava a busca de novas fronteiras agrícolas. As plantações de algodão eram transferidas a cada três anos para novas áreas de mata (Barbosa, 2005, p.7).

Por conta da atividade algodoeira, a cidade de Caxias também se destacou no passado como uma das mais relevantes no tocante à indústria. A cidade possuía fábricas têxteis e era até mesmo chamada de a *Manchester* brasileira, por tamanha relevância industrial para o estado do Maranhão à época. Esse destaque só foi possível devido às condições históricas e materiais existentes na região, ou seja, havia mão de obra, matéria-prima, capital, meios de transportes entre outros elementos que se constituem como fundamentais para qualquer atividade produtiva, seja ela ligada ao comércio, indústria ou mesmo à agropecuária.

No tocante aos solos da região, em geral, são considerados férteis, pois, mesmo tendo muitas áreas, sofrido com as atividades ligadas à produção de algodão, que como referido anteriormente, acabavam por degradar os solos em razão do manejo inadequado, por meio das tecnologias agrícolas posteriores a este período citado, bem como, ao próprio tempo decorrido, fez com que, em grande medida, os solos se recuperassem, sendo novamente úteis para diversas atividades ligadas às culturas agrícolas.

A região tem, em anos recentes, atraído muitos produtores ligados à agricultura de caráter comercial, ou seja, ligada ao que se convencionou chamar de *agronegócio*. Essa vinda de grandes produtores para a região sertânica de Caxias, inclusive, vem colaborando para gerar variados transtornos para as comunidades locais, pois, segundo o que se observa, pelas idas ao campo, como também por meio da leitura de trabalhos acadêmicos, os quais focalizam a atual realidade da área, essas grandes fazendas têm afetado, de maneira significativa, as áreas onde antes eram utilizadas pelos vaqueiros no processo de campear.

Os grandes produtores rurais do Sul e Centro-Oeste do país começaram a migrar para a região ainda no início da década dos anos 2000, mas foi intensificada tal migração, após o

estabelecimento do chamado MATOPIBA. Essa que é considerada a última fronteira agrícola tomou ainda mais força a partir da assinatura do Decreto nº 8.447, de 6 de maio de 2015, pelo qual se estabeleceram as normativas do Plano de Desenvolvimento Agropecuário do Matopiba que é um acrônimo para o Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia, regiões da chamada última fronteira agrícola, fazendo que passasse a existir uma verdadeira corrida para ocupar essas terras (Brasil, 2015).

É necessário, no entanto, esclarecer que antes mesmo da assinatura desse decreto, já havia uma presença de produtores sulistas na região do que se conhece atualmente como o MATOPIBA, porém, com o aparato regulatório referido, isto se tornou mais forte ainda, o que ajudou no processo de desmatamento da região para ocupação de plantios de soja, milho entre outros produtos agrícolas e, obviamente, prejudicou ainda mais, as atividades ligadas à lida com o gado, uma vez que, médias e pequenas propriedades ligadas à criação de gado ou foram compradas pelos grandes produtores sulistas, ou tiveram, seu trânsito afetado por conta da atividade de sojicultora que não admite os modos de criação comuns à região.

É interessante destacar a respeito das transformações da área rural de Caxias-MA, nos aspectos de desmatamento, para ceder lugar às grandes plantações de monocultura de soja e milho, que elas obedecem a uma lógica de mercado e tal lógica, em conformidade com o que aponta Gomes (2019) evidencia que, a exemplo de outras áreas do país, o desmatamento da área segue uma lógica semelhante no discurso – a pregação de um suposto progresso – e na prática – agressões tanto em nível de fauna, flora como também das comunidades que vivem na área, concentrando as riquezas produzidas com essa atividade nas mãos de poucos e gerando ainda mais pobreza para as comunidades tradicionais, entre as quais, aquela que lida com o gado.

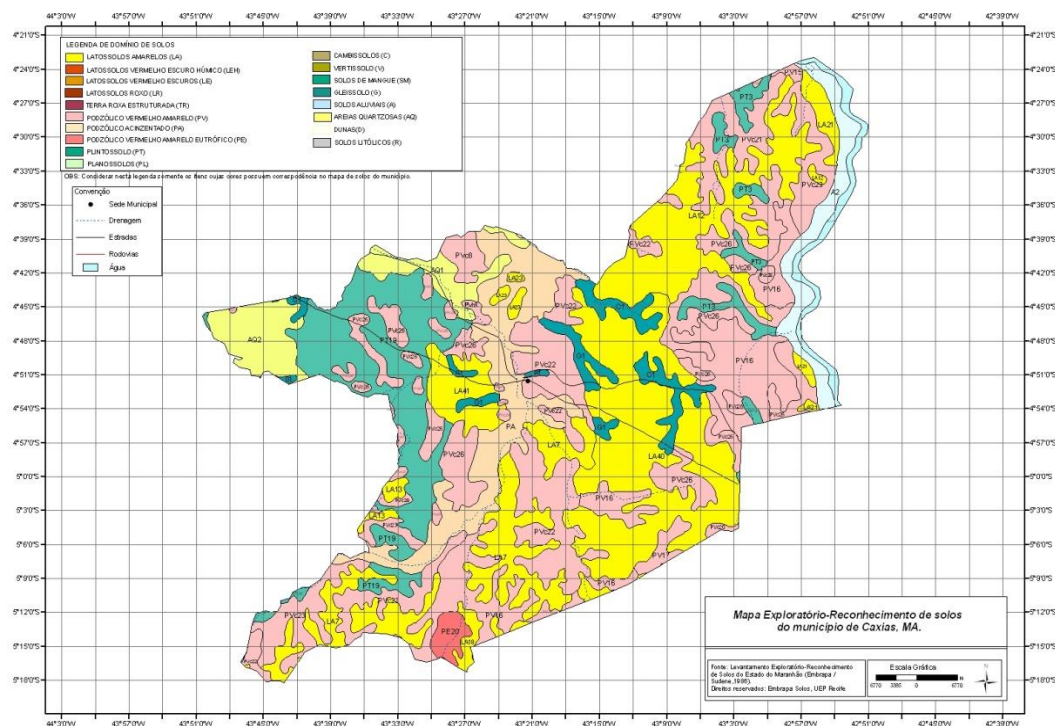
Ressalte-se que essa migração dos grupos sulistas para a região Leste Maranhense, área do MATOPIBA obedece à lógica do *capitalismo monopolista* ligado ao agronegócio. Isso significa que não existe de fato uma ligação destes produtores com a terra maranhense, não se sentem parte dela, apenas a utilizam para o acúmulo do *capital*. Com tal lógica, a cultura, as paisagens e o sentimento de pertencimento, pouco ou nada importam, visto que, como elementos pertencentes a outras realidades históricas, geográficas e de formações culturais bem diversas, essas comunidades sulistas que passam a habitar a região, não dão a mesma importância que as comunidades locais, ao que se pode chamar de *espaço vivido caxiense*, ou seja, as áreas sertânicas de Caxias-MA e isso, obviamente, contribui, negativamente, para os processos predatórios de destruição ambiental.

O fato de na região sertânica de Caxias existirem terras baratas, quando comparadas àquelas das regiões Sul e Centro-Oeste, bem como, a existência de variados solos, os quais possuem qualidades naturais adequadas ao plantio de soja, milho entre outros produtos agrícolas, também atraiu bastante os produtores rurais ligados ao agronegócio que tem se instalado nos últimos anos na região. Esses também são fatores importantes que explicam a vinda deles para a região. O mapa 1 abaixo destaca os principais tipos de solos catalogados na região do município de Caxias e isso tanto na zona urbana quanto zona rural.

O referido mapa foi produzido pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA, servindo como subsídio para o desenvolvimento de atividades agrícolas na região. Através dele é possível notar as especificidades dos solos que são encontrados no município, traçando assim, referenciais importantes para o conhecimento da realidade física das paisagens sertânicas de Caxias, ou seja, os solos por onde os rebanhos se estabeleceram e nos quais as pastagens foram produzidas, haja vista que, a riqueza de um solo, sua fertilidade natural, por exemplo, vai determinar em grande medida os tipos de vegetação e de pastagens que podem surgir.

É só observar que em solos degradados ou mesmo em solos pobres em fertilidade, não existe a possibilidade do crescimento de pastos que possam ser úteis ao alimento dos rebanhos.

**Mapa 1 - tipos de solos existentes em Caxias-MA**



Fonte: EMBRAPA (1986).

Essas características físicas de Caxias, mostradas no mapa, fazem com que esta região seja cobiçada por diferentes grupos do agronegócio, pois, além de vastas terras agricultáveis, com diferentes tipos de solos, as regiões sertânicas estudadas, oferecem abundância em cursos d'água, sendo o maior deles, o Rio Itapecuru, que com seus afluentes e subafluentes, banha o município, o que inclui as áreas rurais. Na região também se encontram as nascentes de outro importante rio maranhense, o Rio Munim. Ademais o espaço em questão ainda é banhado pela Bacia do Rio Parnaíba, tornando uma região muito rica em recursos hídricos, uma vez que, também possui águas subterrâneas em quantidades significativas, permitindo que se cavem poços tubulares para o uso na agricultura irrigada (Feitosa; Trovão, 2006).

Com essas características geográficas e considerando que no passado tais aspectos eram ainda mais preservados, a cidade, justifica a presença desde muito tempo, dos vaqueiros que foram verdadeiros desbravadores da área. Assim a ocupação territorial por estes tão relevantes personagens é, portanto, explicada igualmente em razão da capacidade de recursos existentes, tanto para os vaqueiros, fazendeiros e suas famílias, como também para os animais, pois, havia água para o gado e para o povo, terras a perder de vista, entre outros recursos úteis no processo de colonização da área. Sobre o espaço caxiense, pelo que se abstrai da leitura de grandes autores que lidam com o processo de colonização e ocupação da área no passado, antes da chegada dos europeus e africanos cativos, depreende-se que era habitada por tribos indígenas diversas (Coutinho, 1980).

Com o tempo, porém, essas terras entram em processo de colonização e, paulatinamente, as comunidades indígenas foram desaparecendo da região. É preciso pontuar, porém, que o processo de ocupação se deu por meio de frentes que vieram tanto do litoral, como também, do sertão maranhense, sobretudo, da região de Pastos Bons. Essas correntes ficaram conhecidas, respectivamente, como correntes do Litoral e corrente dos criadores de gado:

Até o início do século XVIII, o povoamento do Maranhão limitava-se ao litoral e as margens do Rio Itapecuru pouco abaixo de Caxias. Começava nesse período, no médio Parnaíba, um movimento colonizador oriundo da Bahia e Pernambuco, patrocinado pela casa da torre, que atravessou o sertão nordestino, instalou-se no Piauí e entrou no Maranhão nos denominados “Pastos Bons” (Ribeiro, apud Franklin; Carvalho, 2007, p. 57).

Nota-se que a ocupação das diferentes regiões maranhenses teve focos migratórios tanto dentro do próprio estado, saindo das áreas litorâneas, como também oriundas de outras regiões nordestinas. Nesta perspectiva teórica, é necessário considerar que as correntes do litoral representam o processo de ocupação que, partindo da parte Norte do Maranhão, desceu

pelos rios, Itapecuru e Munim, e chegou até onde atualmente se encontra a cidade de Caxias. Já a dos criadores de gado refere-se aos criadores que vieram dos sertões de Pernambuco, Bahia e outros estados, instalando-se onde hoje se encontra a cidade de Pastos Bons, os quais, posteriormente, avançaram até chegar ao território caxiense, ocupando assim, as áreas sertânicas do município onde passaram a desenvolver suas atividades de pecuária (Feitosa; Trovão, 2006).

Essa influência sofrida das frentes migratórias sejam aquelas oriundas do litoral, que penetravam pelos rios genuinamente maranhenses, como o Itapecuru e o Munim, como ainda devido às frentes vindas dos sertões maranhenses, ou seja, os migrantes advindos da frente pastoril, fez com que essa região se desenvolvesse grandiosamente, tornando-se logo uma povoação significativa até que fosse emancipada para uma cidade de importância tanto para o estado do Maranhão como até mesmo para o Brasil, visto que, em razão de sua prosperidade, entre outros fatores, floresceu na cidade uma rica cultura que influenciou de maneira expressiva a cultura literária do Brasil, sendo o município o berço de alguns renomados escritores do país, tais como: Gonçalves Dias, Vespasiano Ramos e Coelho Neto.

Nessa toada, para se entender o processo de ocupação das regiões sertânicas de Caxias - MA, além de todos os aspectos já elencados, é preciso igualmente que se ressalte que o processo do caminho do gado, que foi fundamental para a colonização, incluiu, também, a passagem pelos sertões piauienses, deixando nessas áreas também povoações que, posteriormente, se tornariam importantes núcleos urbanos daquele estado, pois:

Ora, é sabido que os sertanistas que partiram do sul e leste do Brasil penetraram fundo nos sertões do Piauí, atravessaram o Parnaíba e atingiram, nas mediações de Caxias, o curso do Médio Itapecuru, como já haviam feito na Região de Pastos Bons, na parte Alta do rio. Em Pastos Bons (diz o nome) a criação de gado foi origem da povoação que, mais tarde seria elevada a Villa, o mesmo ocorrendo em relação a Caxias, que jamais fora fundada, num dia e horas certas, senão que, originada, dos pousos e Paios e do aglomerado de lavradores e criadores da região, veio a se transformar, a partir de 30 primeiros anos do século XVIII (1730) ou XVIII (1730), no arraial que foi o núcleo atual da cidade de Caxias [...] (Coutinho, 1980, p.13).

Reforçando essa questão é preciso levar em conta que os diferentes autores que lidam com o assunto, concordam com a origem das frentes migratórias, reforçando as teses defendidas de que a ocupação do Maranhão se deu por mais de uma frente migratória, pois: “Vaqueiros da Bahia começavam a tomar conta das ribeiras do Alto Parnaíba, abrindo caminhos na direção Oeste, região dos rios Manoel Alves Grande e Tocantins, dominado pelos índios *Timbira*” (Ribeiro apud Franklin; Carvalho, 2007, p. 57).

É necessário entender também que essa ocupação, embora feita por vaqueiros, obedecia a uma lógica orientada pelas autoridades coloniais, ou seja, ela não era feita de uma maneira anárquica, como se não houvesse um sentido ou uma lógica, apenas observa-se, certa autonomia, mas nunca uma total soberania sobre o território, posto que, a Coroa e seus agentes, ainda dispunham do controle pleno do território. Assim é que se considera o relato abaixo, onde a indução da ocupação/consolidação territorial maranhense se dá por meio e através também da força do Estado:

Em 1819, sendo governador do Maranhão o marechal-de-campo Bernardo da Silveira Pinto da Fonseca, Francisco de Paula Ribeiro, então major graduado, adido do Estado Maior e comandante do distrito de Pastos Bons, é encarregado de “escolher os lugares mais acomodados” para a implantação de fazendas reais de gado com o intuito de povoar os sertões (Ribeiro apud Franklin; Carvalho, 2007, p. 64).

Observa-se aí uma intencionalidade muito clara de dominar o território, e isto, desde o processo de colonização, de modo que, é bem evidente o uso do gado como elemento colonizador de áreas antes desocupadas de povoação. Essa lógica existia em razão da necessidade das autoridades coloniais terem o controle dos espaços considerados pertencentes à Coroa Portuguesa, os quais depois, com o fim do domínio português e igualante do período imperial, se tornariam o território oficial da República Federativa do Brasil.

Dentro desta lógica pode se afirmar que a formação do espaço caxiense se deu em função da expansão da pecuária extensiva e tem, portanto, na figura do vaqueiro, uma grande referência na ocupação e construção do que se conhece como Sertão. Sem a presença dos bovinos e do vaqueiro, essa região, sem sombra de dúvidas, teria sido ocupada de forma bem mais lenta, pois, foi a lida com os rebanhos, bem como, a necessidade de mais espaços para a criação extensiva, que fez os vaqueiros e os fazendeiros buscarem novas terras, pois, na medida em que aumentavam os bois e vacas, eles também necessitavam de mais espaço, dado que, o modelo de criação adotado, precisava de pastagens e espaços extensos.

As atividades ligadas à agropecuária foram tão importantes, que apesar de no século XX e XXI, mesmo com o avanço da soja e outras culturas agrícolas, ela ainda se mantém relevante não apenas para a balança comercial do estado do Maranhão, mas para a cultura popular. É notável que até poucas décadas atrás essa atividade se constituía como fundamental fonte de renda e dinamizadora da economia presente no espaço caxiense:

A pecuária - Origem da povoação- continua em lugar de destaque na atividade econômica de Caxias, sendo de realçar a criação de gado vacum, que segundo

estimativas de 1956, contava o rebanho cerca de 55. 000 cabeças. Essa cifra, na atualidade, acha-se multiplicada, com as modernas fazendas encravadas na Zona Rural do município, financiados pelos incentivos fiscais da SUDAM/SUDENE. A criação de gado bovino até os anos 60 mereceu cuidados especiais das classes pecuaristas, encontrando-se, não obstante, como entrave, vastas áreas de terras áridas, como os chapadões peculiares a grande área do município caxiense, com suas vegetações rarefeitas, centenários piquizeiros e bacurizeiros a infestarem aqueles solo duro, seco e carente de tratamento adequado para se tornar produtivo (Coutinho, 1980, p. 200).

Nesta perspectiva, é preciso levar em conta o que diz Carvalho (2011, p. 3) o qual destaca que a jornada dos vaqueiros nesse processo de ocupação: “Foi o ambiente físico e humano da conquista dos sertões pelos vaqueiros começada pela Villa de Caxias até chegarem ao lugar Pastos Bons e daí atingiram rapidamente Riachão e Carolina”. Isso significa que este ofício sempre teve grande impacto na vida das pessoas da época, nesse momento, era um dos centros irradiadores da produção no estado, pois além dos bens agrícolas, da pecuária, havia também uma nascente atividade comercial na área, sobretudo, quando se torna Vila:

É a vila de Caxias uma continuada feira, onde de muito distante os povos dos sertões confinantes trazem à venda os seus efeitos, que constam de algodoes, solas couros de veado e cabra, tabacos de fumo, gados, escravaturas da Bahia, cavalarias e tropas de machos, a que chamam burradas, levando em troco toda a qualidade de gêneros da Europa (Ribeiro, 2007, p, 104-105).

Compreende-se que o processo de formação territorial, portanto, deve-se também a introdução da pecuária, assim, o povoamento que se seguiu está intimamente ligado a esta relevante atividade que até os dias atuais, tem grande peso na economia do país. Assim, deve-se destacar que toda a economia inicial da região teve direta ou indiretamente alguma ligação com essas práticas e, por conta disto, é muito importante para se conhecer a realidade aqui estudada, a qual considera o recorte temporal do século XX, saber que estas práticas já existiam, desde os primeiros séculos de ocupação, e que foi de fato um dos vetores do povoamento na região.

Nessa direção, é preciso levar em conta que as características do espaço urbano e rural, não apenas do território estudado no Maranhão, mas em qualquer parte do país e do mundo, são construídas a partir das ações humanas que se dão na história, ou seja, o processo de transformação geográfica não ocorre no vácuo, ele é fruto das *práticas sociais* que ocorrem no decorrer do tempo, de modo que, os processos históricos são fundamentais para que se entendam as mudanças nas paisagens, à formação dos diferentes territórios, lugares e o estabelecimento de regiões, como por exemplo, a definição do que se entende como Sertão em

termos estritamente do IBGE e aquilo que, historicamente, se constituiu, como regiões sertânicas.

Quando se observa a formação deste espaço maranhense com a influência dos caminhos do gado, é preciso levar em conta, que essa atividade influenciou uma série de questões importantes, pois, como se observa: “A frente de vaqueiros, por meio de afugentamento, aprisionamento, inoculação de varíola e trucidamento limpou das campinas Sul-maranhenses o habitante nativo, para ceder lugar ao gado e fazer surgir a civilização do couro” (Cabral, 1992, p. 132).

É preciso entender que as condições de vida relacionadas ao ambiente dos vaqueiros se repetiam em várias partes, o que não era diferente dentro da realidade da municipalidade. A respeito das condições de vida típicas do ambiente onde os vaqueiros viviam, é preciso considerar, como já foi elencado anteriormente, que se tratava de condições bem precárias, pois, a lida com o gado era muito grande, com inúmeras dificuldades já amplamente citadas nesse trabalho (Ribeiro, 1997).

É preciso entender que os donos do poder econômico e político do Brasil atual não surgiram do nada, eles são fruto de todo o *estamento burocrático* que se formou ao longo dos séculos, indo desde a colonização do país, passando pelo Império e República, chegando até os dias atuais. Esse estamento tem nos primeiros proprietários de terras sua base e se consolida ao longo do tempo, de modo que, o autoritarismo e outras práticas nocivas à uma sociedade saudável, são notáveis ao longo da história do Brasil, país no qual o poder sempre foi bastante concentrado nas mãos de poucos (Faoro, 1997).

As atividades ligadas ao campo foram a base da formação colonial e territorial do Brasil, pois, só muito depois é que de fato se descobriu recursos minerais, levando ao chamado *ciclo da mineração*, atividade que sem dúvida alguma, trouxe também grandes divisas econômicas para o país e que, igualmente, contribuiu para os processos de ocupação e consolidação do território nacional, uma vez que, buscou a ocupar áreas mais adentro do continente.

Assim as atividades ligadas à mineração e a criação de gado foram muito importantes para a consolidação da ocupação no território brasileiro e fizeram surgir inúmeras povoações, que, posteriormente, se tornariam aglomerados urbanos país afora.

Nesse sentido, pode-se mesmo dizer, no tocante às atividades ligadas à lida com o gado, que essas práticas de agropecuária acompanharam o desenvolvimento do Brasil desde os seus primórdios e que ainda, na atualidade, possuem uma importância fundamental, nem tanto mais pelo seu papel de ocupação e consolidação territorial, mas, sobretudo, pela força econômica que ainda possui, pois, hoje existem outras frentes de ocupação de territórios pouco habitados



no Brasil, que não necessariamente, precisariam da força do gado, muito embora, ele ainda seja utilizado também para esse fim, porém, dada as transformações históricas e econômicas, o gado na contemporaneidade, tem mais força pelo seu caráter econômico do que de elemento territorializante:

A produção pastoril acompanha praticamente toda a história do Brasil. Desde que, a partir da ocupação territorial, nos anos de 1530, bovinos, equinos e muars foram introduzidos na América portuguesa para a produção de animais de corte, de transporte de tração animal, até os dias de hoje, a criação pastoril constitui atividade de essencial importância, sobretudo para a vida econômica e social do Brasil (Maestri, 2009, p.7).

É patente, portanto, a importância das atividades pastoris na formação territorial e cultural do Brasil. Pensar o Brasil é imaginar igualmente as condições históricas que o forjaram enquanto território e nação e nesse sentido, os diversos elementos construtores, jamais podem ser desconsiderados.

Deve ser salientado que havia por parte dos vaqueiros uma ligação sentimental com a terra, ou seja, não se tratava apenas de um apego pela atividade de vaqueiro, mas também com o próprio espaço vivido. As paisagens costumeiras por onde campeavam também exerciam sobre ele certo poder que o fazia sempre voltar ao lugar de origem nas raras vezes que se afastava destas áreas:

Paternostro, descrevendo a ligação do vaqueiro com a terra e a vida pastoril, assinalou que este jamais deixava os campos, ou a vida nas fazendas. Se um ou outro aventurava-se a sair, por qualquer motivo, destinando-se aos garimpos do Araguaia ou do Tocantins, retornavam, em breve tempo, á campeiragem. Aquele que partia, acrescentava ainda o autor, costumava deixar sempre pelos caminhos, nos troncos das arvores, palavras e desenhos inscritos a canivete, que eram gemidos de saudade da terra e da vida pastoril, mas que traduzem, sobretudo, a tradição da pecuária na região (Cabral, 1992, p. 198).

Essa conexão identitária com o lugar de origem onde praticavam suas atividades campeiras, decerto, é uma das importantes marcas da vida do vaqueiro. Este indivíduo não apenas lida com o gado, mas pelo que se abstrai dos registros históricos, vivencia as paisagens percorridas no cotidiano, sendo estas áreas objeto até mesmo de uma poesia popular.

As ligações com os animais, com os lugares, com o espaço e com as feições físicas dos lugares onde se dão suas lidas diárias, fazem com que ele estabeleça a sua identidade enquanto ser pertencente e localizado historicamente e igualmente dentro de um espaço geográfico determinado desenvolve sua própria cultura típica que o torna diferente de outros habitantes da

zona rural.

Quando se estuda a história, percebe-se que a vida laboral dos vaqueiros, como já salientado, não era fácil, pois, existia uma série de tarefas que eram realizadas por eles e que eram fundamentais para a dinâmica das suas labutas cotidianas, ou seja, para que os rebanhos crescessem, de maneira saudável, expandindo-se tanto no aspecto quantitativo (aumentando o número dos animais) como também nos aspectos de ocupação extensiva (ocupação de mais terras).

Não se pode desconsiderar que o domínio do território nacional passava, obrigatoriamente, na visão dos colonizadores, pela criação extensiva, pois, além de ser uma atividade econômica que se tornou, ao longo do tempo, muito importante, foi também um meio eficiente de se abrir caminhos pelas matas, criando povoações como as que deram origem às áreas sertânicas foco deste trabalho.

No que se refere especificamente ao trabalho do vaqueiro, é preciso destacar as formas de como adquiriam seus ganhos, pois, em muitos casos, o modelo de pagamento se repetia nas diferentes realidades, visto que, mesmo nos locais mais diversos, em razão de uma cultura econômica similar, as formas utilizadas e as relações de trabalho em geral, se reproduziam semelhantemente:

O trabalho do vaqueiro era pago em espécie, recebendo um quarto da produção de cinco em cinco anos. Atualmente essa forma de pagamento ainda persiste na maioria das fazendas da região, mudando-se apenas o prazo que hoje é anual. Suas tarefas eram árduas e numerosas, consistindo em acompanhar o rebanho nos pastos, amansar os bezerros, cuidar individualmente das vacas paridas, matar animais nocivos e cuidar das doenças que cometiam a gadaria. Tinha ainda que queimar, parte por parte, dos campos, em tempo próprio, a fim de que pudessem brotar viçosas e ricos dos pastos secos, como ainda hoje acontece. Tais obrigações eram tão exaustivas que, como observou o major de Paula, nada motivaria o vaqueiro a realizá-los, se não contasse com forma de pagamento tão atraente, permitindo sua ascensão de fazendeiro (Cabral, 1992, p. 152).

Essa forma de pagamento era baseada na cultura da época, mas que em razão da força de certas práticas sociais atravessaram o tempo. Como observou a autora, esse modelo ainda se reproduz na atualidade, ou seja, ainda permanecem em vigor. Ademais, fica evidente que o fato de tal prática ainda ser reconhecido como legítima em muitas realidades, torna clara que ela teve grande importância para as relações de trabalho da época.

Ainda em relação ao ambiente de convivência dos vaqueiros, existem diferentes visões dos autores que lidam com a questão. Para alguns, a coexistência era em certo grau harmoniosa, ao passo que para outros, existia sempre o exercício autoritário de poder e da inflexibilidade

hierárquica tão presente em uma sociedade escravocrata, onde os papéis sociais, dentro de uma visão estratificada, eram bem definidos, mesmo que ainda não tão complexos como surgiu depois quando a sociedade brasileira foi ficando mais urbana e industrializada.

Assim, pensando nesta perspectiva, é que se considera a forma como tal sociedade era organizada, tendo como pano de fundo a produção da pecuária extensiva. Desta maneira compreende-se que:

Alguns relatos sugerem que havia um certo abrandamento no relacionamento entre vaqueiro e fazendeiro, apesar da grande distinção social predominante entre as duas categorias. Observou um viajante que, na Zona do Tocantins, por ele percorrido, no início do século XIX, as relações entre criador e empregado eram mais cordiais que as presentes nos cafezais de São Paulo, entre patrões e colonos e que as desavenças entre eles eram bastante raras. Acrescentou ainda que as diferenças físicas, quanto à aparência física, entre as referidas categorias, em determinadas ocasiões, eram quase imperceptíveis (Cabral, 1992, p. 153).

Esse tipo de realidade não se manifestava apenas nas áreas descritas na citação acima, eram comuns, guardadas as especificidades de cada região, em todas as demais áreas, o que nesse caso inclui o espaço estudado:

Nas fazendas, os horários de trabalhos não eram fixos nem controlados. Os vaqueiros eram, até certo ponto, senhores de seu tempo: quer no campo, seguindo o passo lerdo do boi, quer nas águas, acompanhando o deslizar moroso e monótono dos barcos e batelões, o ritmo era sempre o mesmo, marcado pela absoluta falta de pressa. As inquietações da produtividade e do lucro, ligados ao controle rígido e previsível do tempo, não existiam nessas paragens, onde a noção de tempo era simples e natural. Não havia horas, minutos, havia hora. Ao pôr do sol, estava na hora de parar a boiada (Cabral, 1992, p. 199).

Algo que fica claro nessa citação é que o tempo passa de forma distinta para diferentes realidades. Não que o tempo em si seja diferente, posto que seja igual quando se considera as questões estritamente ligadas aos movimentos da terra, mas sim em relação relativo à sua percepção, ou seja, como a passagem dos segundos, minutos, horas, dias, meses, anos e até mesmo décadas repercute em cada um. A percepção do tempo é algo fundamental, pois, por meio dela é que se têm as noções mais claras dos afazeres, das atividades que precisam ser realizadas entre outros pontos.

As regiões sertânicas, a exemplo de outras daquela época, que se encontravam ainda pouco exploradas, mantinham suas características bucólicas bastante intactas – bem diferente dos dias atuais com os altos índices de desmatamento – e por isso mesmo, a percepção dos vaqueiros sobre a passagem do tempo, também obedecia a essa lógica, ou seja, estando no

campo as horas passavam mais lentamente.

Essa ideia de percepção do tempo diferente é, inclusive, uma das grandes características que diferenciam os espaços rurais e urbanos, pois, os meios rurais tendem a ter atividades que se tornam mais propensas a se perceber o tempo sobre outra ótica e pensando em tempos tão distantes da realidade contemporânea, isto era muito mais verdadeiro.

Esses pontos abordados, no presente capítulo, denotam fundamentos da ocupação das regiões sertânicas de Caxias – MA, a partir de uma visão pela qual coloca essa área dentro do contexto maior da colonização brasileira e maranhense, pois, tendo essa noção de que todos os processos de ocupação da zona rural caxiense, a exemplo, de outros espaços do território brasileiro, obedeceram a lógicas semelhantes, torna-se possível compreender os diferentes elementos envolvidos na construção e ocupação dos lugares que são objetos espaciais deste estudo.

A partir da compreensão, portanto, do quadro geral da colonização a qual teve no gado e nos vaqueiros dois grandes elementos indutores, torna-se possível avançar na discussão aqui proposta e é isto que se fará no próximo capítulo o qual tratará das memórias e experiências de vaqueiros que campearam o gado nas áreas sertânicas de Caxias no período que vai de 1955 a 2012.

## **CAPÍTULO 2 - MEMÓRIAS VIVENCIADAS E EXPERIÊNCIAS DE VAQUEIROS NA ÁREA SERTÂNICA DE CAXIAS (1955-2012)**

*“A chapada era toda enfeitada, cê chegava numa maiada de gado, debaixo dum pé de sombrão daquele de fava, tava guaiado de gado: A fulô do pequi, a fulô do bacuri, a fulô do Pau d’arco, fava danta.”<sup>4</sup>*

Quando se busca compreender determinada realidade histórica, é preciso que se faça uso das fontes históricas que sejam teórica e metodologicamente úteis, como também, se tenha a consciência da necessidade do estabelecimento de marcos temporal e espacial. No tocante ao marco temporal, a pesquisa que deu origem a este estudo, estabeleceu que se estudasse a partir do ano de 1955 até o ano de 2012, entendendo que este foi um período no qual o país passou por muitas mudanças políticas, sociais, culturais e mesmo de caráter econômico, sendo relevante tentar entender de que maneira tudo isso afetou à realidade dos vaqueiros da região sertânica de Caxias-MA, foco deste trabalho.

Delimitar, temporalmente, uma análise histórica é condição fundamental para que se obtenha sucesso em qualquer empreitada dentro da historiografia, pois, o objetivo, é apreender e traduzir as informações que sejam úteis para se reconstituir a história, posto que, seria impossível estudar, de forma racional, uma dada realidade histórica, sem delimitá-la. Obedecer ao rigor metódico, teórico e conceitual do campo da história, é condição primária para o sucesso de um historiador (Barros, 2017).

Dito isto, é preciso levar em conta também a questão da delimitação espacial, nesse sentido, é preciso afirmar que a delimitação dos povoados, como sendo aqueles da região sertânica caxiense a serem estudados, decorreu de levantamentos preliminares, nos quais se observou a existência de relatos que levavam a crer que nessas áreas poderiam se extrair informações importantes que pudessem trazer narrativas explicativas capazes de contemplar os objetivos, problemática e justificativa, que guiam a pesquisa que deu o sustnetáculo desta dissertação.

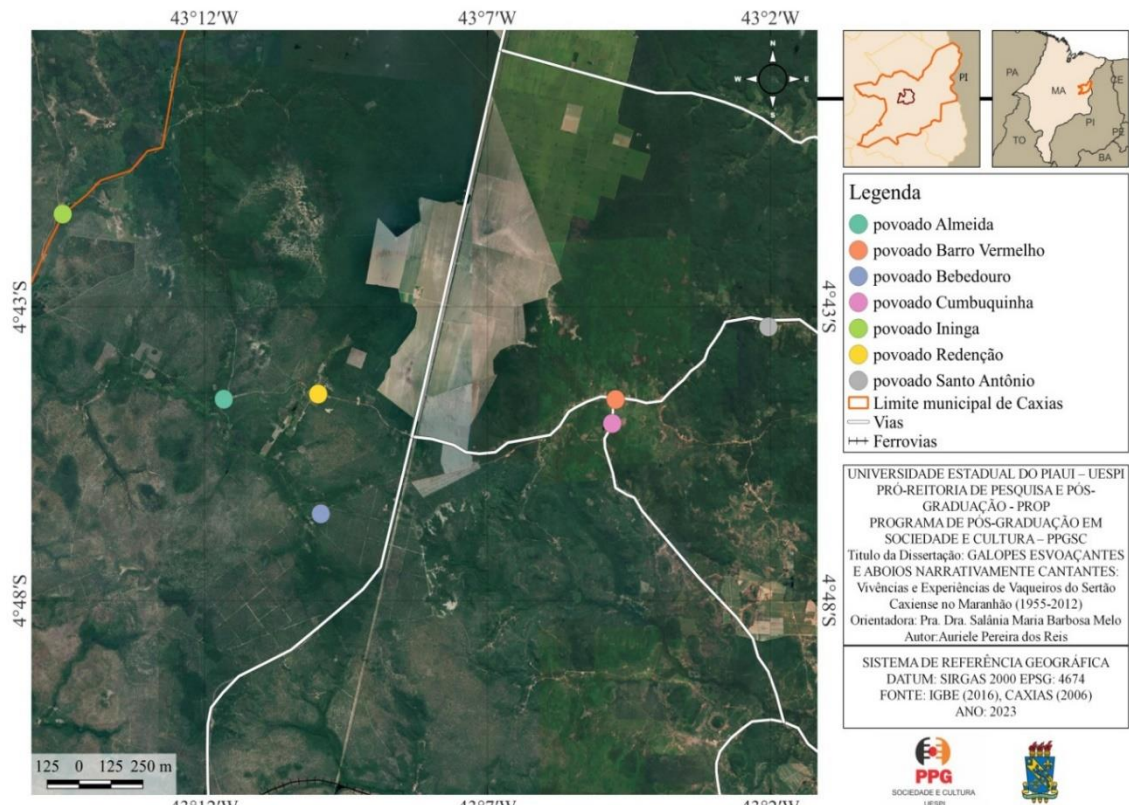
Para tanto, foi construído um mapa da região estudada para que por meio dele se visualize a região onde se deu o foco da pesquisa. Os mapas são representações visuais de realidades concretas e podem traduzir informações importantes a partir de uma linguagem clara e objetiva, a linguagem cartográfica. Os mapas podem ser utilizados para diferentes fins e em variados campos do conhecimento (Geografia, história, engenharia, antropologia, sociologia,

---

<sup>4</sup> Entrevista do Senhor Francisco dos Reis Bacelar (Chico Bacelar), 62 anos, Povoado Cumbuquinha, em 20 de Julho de 2018, 1<sup>a</sup> momento.

economia etc.). Por meio deles consegue-se levantar informações pertinentes aos mais variados temas. O mapa 2 abaixo, portanto, delimita a área espacial de estudo:

**Mapa 2** - Localização geográfica dos povoados percorridos no Segundo Distrito de Caxias-MA



Fonte: IBGE (2016), Caxias (2006), Ano: 2023.

Por meio do mapa 2, acima, fica claro que os povoados focos do estudo, mantém certa proximidade, sendo apenas o Povoado Ininga e Santo Antônio os mais distantes. Pela imagem é possível notar também como a região já foi bastante desmatada, pois, as áreas verdes são bem reduzidas, incluindo nas áreas desmatadas, não apenas aquelas pertencentes às casas dos povoados, mas, sobretudo, aos espaços ligados ao agronegócio.

Os vaqueiros, imbuídos por suas memórias durante o tempo em que foram ativos no labor campeiro, vão ao longo dos anos compondo diariamente suas histórias de vida, e partindo dessa premissa, entende-se que, traçar estudos a respeito do vaqueiro no seu ambiente natural de vida construído sobre a cultura sertaneja no meio acadêmico pode ser considerado como uma reação ao silenciamento historiográfico. Percebendo ser inevitável e imprescindível para que se entenda o fenômeno, principalmente, por ser o vaqueiro o grande representante das áreas que se conhece como Sertão Nordeste, mas, nem sempre são reconhecidos nos seus espaços de vida e de fala.

Os aspectos que negligenciam estudos envolvendo o vaqueiro e seus arredores dão preponderância ao fato de não compreender tais sujeitos sociais e seu mundo, deixando de valorizar os estereótipos notórios já conhecidos por todos. Conquanto, a academia insiste em manter o silenciamento, todavia, esta abordagem vai de encontro e, por isso, se torna oportuna. Nesse sentido, Tapety (2007. p. 72) relata que “O universo sociocultural do vaqueiro revela uma forma de estar no mundo marcada por certas práticas e representações que constituem o universo masculino aliado às ideias (sic) de bravura e resistência física”.

Defende-se então a ideia de que os estudos historiográficos devam considerar não apenas os feitos da dita “alta sociedade”, mas como ciência comprometida com a realidade dos fatos, considerar também a importância das camadas e grupos populares para construção da história, pois estas/estes, igualmente, são relevantes ao processo histórico e, assim, pode se considerar que seja: “preciso romper com a tradição historicamente construída da supremacia da cultura litorânea e adentrar as terras brasileiras em busca de suas marcas mais originais [...] Só é bom e bonito o que vem da cidade, da capital. Isto deve ser modificado (Simoes et al., 2006, p.14).

Com tal perspectiva, pode-se corroborar aspectos importantes para uma nova maneira de pensar o ser vaqueiro. Por conseguinte, dentro deste emaranhado de questões que envolvem como se pensar o vaqueiro, no espaço de pesquisa, recorrem-se, aos estudos já realizados sobre tal sujeito em outros estados da federação, pois, entende-se que eles são de grande valia. Desta forma, consideram-se, de grande contribuição os trabalhos de Alécio Gomes dos Reis que, ao pesquisar as histórias dos Vaqueiros no sertão de Irecê, no estado da Bahia, demonstra razões que favorecem o esquecimento da historiografia, no que se refere ao mundo vivenciado pelos vaqueiros, afirmando:

Acreditamos aqui que os motivos que fundamentam o silêncio, a manutenção das representações generalizantes e anacrônicas dos vaqueiros por parte dos historiadores podem ser sintetizados em quatro pontos: 1) pequeno número de pesquisadores que se voltam para os sertões e às dinâmicas de trabalho e sociabilidade em torno da pecuária. Como se tentou demonstrar, essa realidade só começou a se alterar nas últimas décadas; 2) insuficiência de centros acadêmicos, linhas de pesquisa voltadas ao mundo rural e resistência por parte de alguns historiadores quanto ao trato com o domínio que ficou conhecido como História Recente; 3) ausência de bibliografia e fontes específicas sobre o tema; 4) permanência entre os historiadores da tese da subalternidade pecuária defendida por Caio Prado e seus seguidores, ou mesmo, da incorporação por parte dos pesquisadores de leituras modernizantes e categorias “oficializadas” (Reis, 2012, p. 42).

A materialização da memória se constrói no sentido de que os bens materiais são e vão além daquilo que o próprio homem produz ou tem a capacidade de produzir. Pierre Nora

conceitua que a memória é o ato de perceber, ou ter oscilações sobre alguma coisa perdida no passado, e completa “arrancar do que ainda sobrou de vivido no calor da tradição, no impulso de um sentimento histórico profundo” (Nora, 1981, p. 7).

Essas memórias ajudam interpretar a realidade vivida e podem contribuir na construção de uma análise histórica coerente, a qual toma por base as significações, como também, os elementos constituintes da cultura de um dado grupo social que, no estudo em apreço, trata-se do grupo representado pelos vaqueiros e isso é, sem sombra de dúvidas, uma abordagem metodológica bastante atraente para quem deseja aplicar e aprofundar os estudos a respeito das vivências, experiências e realidades da vida dos vaqueiros. Portanto, esse modo de fazer história, segundo Tapety (2007, p. 48) busca uma interpretação que abarca a compreensão do modo de pensar de um povo:

Trata-se de interpretar uma cultura de acordo com o modo de pensar as significações de mundo, no qual o sujeito está inserido. Os elementos de uma cultura formatam a história de um povo que através de uma análise dos acontecimentos e das vivências coletivas criam símbolos, dando sentido à identidade, suscitando sentimento de pertencimento a uma comunicação em oposição a outros.

É importante, considerar que, ao percorrerem as trilhas e veredas, diuturnamente, dos povoados nos quais residem e, igualmente, trilhar pelos espaços de outros pertencentes a toda região que compõe o 2º Distrito e até mesmo todo o “Sertão de Caxias”, os vaqueiros, não apenas exercem suas atividades laborais cotidianas, como também, demonstram os processos práticos de territorialização, uma vez que, os rebanhos ocupam áreas específicas, percorrendo lugares já conhecidos o que pode ser visto como uma apropriação territorial repleta de variadas e desiguais relações de poder.

Nesse seguimento é relevante considerar que é através da cultura que o homem constrói sua própria identidade, molda sua maneira de perceber e projetar o mundo, seu lugar, sua forma de agir e pensar, frente ao que o cerca. O homem pode, inicialmente, construir significados interpretativos e simbólicos ao seu lugar em sociedade, seu espaço de vivência e, posterior a isso, é capaz de ressignificar sua realidade, a saber, a maneira como evolui o seu olhar sobre o mundo no qual está inserido e do qual também é parte da produção.

Por meio do arcabouço cultural de um povo, aplicando-se à análise adequada, é possível compreender aspectos variados da história, da realidade estudada e isto em razão de ser viável considerar, inclusive, aquilo que está incluso no seu espaço de morada, pois pensando nas transformações culturais que possam surgir ao passar dos tempos, até mesmo estes aspectos



mais específicos, podem sofrer a ação dos tempos e das transformações dos modos de vivências não sendo, portanto, a história como alguma coisa inerte.

A história está em constante movimento e no que toca ao entendimento dos aspectos culturais, esses se dão também, a partir de uma compreensão pela qual seja possível decifrar o passado através de representações: “Em termos gerais, pode-se dizer que a proposta da história cultural seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio das representações, tentando chegar aquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo” (Pesavento, 2008, p.42).

O que fora mencionado, anteriormente, evidencia-se que pensar a identidade cultural do vaqueiro é considerar que ela não é estanque, mas, ao contrário, está dentro de um todo maior, o qual sofre influências dos agentes externos a esta realidade, isso, no entanto, não significa a destruição das identidades culturais deste grupo, já que o próprio conceito de identidade pressupõe uma individualização de categorias e práticas, dos modos de ser e pensar de um grupo ou povo: “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento” (Hall, 2001, p. 38).

Porquanto, pensar o vaqueiro no viés da identidade cultural, é passar a enxergar como a cultura consegue delinear o indivíduo em sua identidade, dando ênfase ou sentido às suas experiências, tornando viável a construção de várias identidades e de como ele se descobre culturalmente ao ofício de ser vaqueiro em face às transformações cotidianas, econômicas, sociais e culturais ocorridas em seu espaço de vivência.

Ainda nesta perspectiva, é salutar colocar em pauta que ao se analisar os aspectos relacionados as formas, o modo de viver e de ser de um povo, estabelece-se as identidades típicas a eles inerentes, de modo que, a identidade cultural é de fato apreendida por todo o seu modo diferenciado de agir e de pensar a realidade, seus costumes, sua linguagem, por fim, suas práticas sociais e vale considerar que, Hall (2001, p.39) vê a identidade como algo processual:

Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida”, a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a “identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasioso da plenitude.

Os elementos constitutivos, que envolvem as identidades, corroboram no entendimento

do que se defende no presente estudo, a saber, que a construção de uma identidade cultural é algo processual e, por isso, dinâmica, leva-se em consideração as diferenças que tornam um grupo distinto, mas que compreende as múltiplas relações de interações ocorridas no tempo e espaço.

Diante disso, a diferença é um dos pontos cruciais, para construção de uma identidade, mas ao mesmo tempo, não é fixa, posto que, está em constantes modificações, por ser construída historicamente, passando por mudanças devido aos inúmeros determinantes impostos pela realidade histórica:

[...] A Cultura é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentimentos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada, portanto já em significado e uma Apreciação valorativa (Pesavento, 2008, p. 14).

E assim, a identidade do vaqueiro é construída, culturalmente, perpassando as suas diversas simbologias, significâncias constatadas em suas vivências e experiências, durante os anos que campearam as matas, chapadas e caatinga que é conhecida na região maranhense, como Mata de Carrasco<sup>5</sup> do sertão caxiense palco onde os vaqueiros fizeram e muitos ainda fazem, suas atividades laborativas (Feitosa; Trovao, 2016).

Ressalta-se que os saberes e fazeres dos vaqueiros denotam características peculiares que os isolam como um grupo diferente do todo, muito embora, obviamente, não se desvincule dos demais grupos pertencentes à sociedade, dado ser um mundo complexo de redes relacionais que se dão em níveis de intensidades e abrangências diferenciadas e isso em razão de que: “[...] os significados culturais não são compreendidos através da contemplação passiva do objeto significante, mas com referência ao universo de significados próprios de cada grupo social [...]” (Arantes, 1998, p. 30).

Os significados abstraídos da realidade vivida pelos vaqueiros estão fixados nos seios das memórias individuais e coletivas, porque a memória se constrói no processo histórico mediante os diversos momentos vividos pelos indivíduos, que em suas complexas relações, edificam, como já referido, suas identidades culturais, de modo que, a memória em sentido histórico, é de uma riqueza muito grande para se compreender as pessoas e a realidade. As fontes mais tradicionais não conseguem abarcar a historicidade dos grupos, que muitas vezes, são vistos como subalternos ou, até mesmo, marginalizados pelos estudiosos do campo da história:

---

<sup>5</sup> Uma vegetação do tipo xerófila em uma área de transição entre a Caatinga e a mata dos Cocais.

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações [...] (Nora, 1981, p.9).

Pode-se afirmar, categoricamente, que a memória é formada não somente por lembranças, mas, igualmente, por esquecimentos. O ato de lembrar, de rememorar é algo que está incluso, quando se pretende apoiar-se tanto nas memórias individuais quanto nas coletivas dos indivíduos, haja vista que, ao empregar suas memórias a fim de formar suas vivências e experiências em completude são estas que passam a ser exteriorizadas e das quais o historiador toma como base material para construir suas narrativas historiográficas:

Se essas duas memórias se penetram frequentemente; em particular se a memória individual pode, para confirmar algumas de suas lacunas, apoiar-se sobre a memória coletiva, deslocar-se nela, confundir-se momentaneamente com ela; nem por isso deixa de seguir seu próprio caminho, e todo esse aporte exterior é assimilado e incorporado progressivamente a sua substância. A memória coletiva por outro lado, envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Esta evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal (Halbwachs, 2004, p. 58).

Concomitantemente, intui-se o quão apoiada está a memória individual à memória coletiva por proporcionar a quebra do silenciamento e do esquecimento sobre uma experiência vivenciada, pois quando se remontam as memórias dos vaqueiros, através de suas narrativas, veem-se um cabedal de experiências atreladas aos seus companheiros do “labor” campeiro.

Tal memória demonstra ser essencial, posto que seja constituída de um sentimento de identidade: “como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças as quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas ao que ele representa como passado” (Le Goff, 2003, p. 415).

Com base nisso, percebe-se que a memória perpassa as mais variadas linhas interpretativas, para que assim, se possa dialogar e inferir com as vivências e experiências dos vaqueiros, as quais se almejam, neste capítulo, compreender por meio da memória, da memorização e da rememoração que a memória coletiva instala a social, e as histórias narradas pelos indivíduos são de suma relevância, porque constroem o sentimento de pertencimento e a identidade do grupo.

Deste modo, as narrativas colhidas servirão de mola propulsora para a concretude das vivências e experiências dos vaqueiros, e isso no sentido de que, por meio da memória, podem-se capturar as experiências e vivências passadas durante o tempo em que os vaqueiros viveram

a campear o sertão de Caxias. Isto se deve ao fato de que: “A história oral permite o registro de testemunhos e o acesso a “histórias dentro da história” e dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado” (Albert, 2011, p.155).

Assim, percebe-se o quão é indispensável o uso da história oral para a edificação do sujeito em suas práticas sociais. Portanto, ao optar por lidar diretamente com a fonte oral, evidencia-se que assim como o documento escrito, lidar com a fonte oral não é algo inerte: “os registros orais têm tanto valor quanto os documentos escritos” (Thompson, 1992, p. 100).

O pano de fundo que torna a história oral fascinante é o fato de que o pesquisador tem o contato mais direto com a fonte histórica, diferentemente do documento escrito, o qual é analisado. Tal perspectiva é descrita por Portelli (2016, p.10):

Ao contrário da maioria dos documentos históricos, as fontes orais não são encontradas, mas cocriadas pelo historiador. Elas não existiriam sob a forma em que existem sem a presença, o estímulo e o papel ativo do historiador na entrevista feita em campo. Fontes orais são geradas em uma troca dialógica, a entrevista: literalmente, uma troca de olhares.

A fonte oral contribui fortemente para a construção das memórias dos vaqueiros; logo, esta proporciona um contato direto com as histórias de cada um, permitindo arriar-se, majoritariamente, na valorização da história do homem, pois, a partir do contato direto, é possível tecer interpretações e perceber os registros do seu passado.

Embora, seja plausível evidenciar que: “História Oral não é tomada como fonte a ser analisada pelo pesquisador, mas como parte de um processo de “conscientização” e de construção de Identidade” (Alberti, 2002, p. 168). Ajudará, ao longo do trabalho, compreender como o vaqueiro construiu sua identidade cultural, neste sertão, através de seus relatos memoriais, salvo o que, verdadeiramente, por meio do uso desta fonte permitiu deduzir, com relato, que a memória de cada vaqueiro é de suma relevância para o entendimento de sua realidade e a construção da identidade:

A forma dialógica e narrativa das fontes orais culmina na densidade e na complexidade da própria linguagem. A oralidade e as ênfases do discurso oral carregam a história e a identidade dos falantes, e transmitem significados que vão bem além da intenção consciente destes (Portelli, 2016, p. 21).

Ainda no processo de construção deste estudo serão usadas, ao longo do capítulo além da Fonte Oral, imagens (fotografias) que retratam visualmente, as memórias dos vaqueiros, possibilitando viajar por suas práticas, bem como, os momentos de sociabilidade, o que compõe

tal sujeito, as transformações ocorridas na região que dificultaram a manutenção de suas práticas. Isto porque lidar com a fotografia é tê-la: “como gesto e do engajamento como autoria” (Mauad, 2009, p. 78).

É perceptível, nas fotografias cedidas por alguns dos vaqueiros e até mesmo naquelas registradas durante as “pegas de boi no mato” ocorridas na região, que os vaqueiros relembram práticas, antes costumeiras, compreendendo a realidade histórica em que estão inseridos:

Assim a fotografia torna-se tanto uma fonte histórica, quanto o objeto da história, demandando por parte do historiador um novo tipo crítico. O testemunho é válido, não importando se o regime fotográfico foi feito para documentar um fato ou representar um estilo de vida [...] considera-se a fotografia como índice, como marca de uma materialidade passada, na qual objetos, pessoas, lugares nos informam sobre determinados aspectos desse passado, lugares e condições de vida [...] (Mauad, 2009, p. 275).

Com base no exposto, com o uso da imagem pode-se ter acesso às particularidades existentes. Podendo através das fotografias, como fonte documental, entender como os vaqueiros, ao longo de suas vidas, nas lidas com o gado, forjaram seu ofício de ser vaqueiro, a fim de que seja possível, no decorrer de cada narrativa, com o auxílio das imagens em algumas partes, compreender a fundo suas histórias de vivências e experiências durante o recorte temporal adotado na pesquisa e na região em que viveram, construíram sua identidade cultural e presenciaram os diferentes tipos de transformações ocorridas, dificultando, segundo eles, a profissão de ser vaqueiro.

## **2.1 Práticas laborais de vaqueiros ao campear espaços**

As atividades laborais desempenhadas pelos vaqueiros são uma temática de suma relevância para que se possa conhecer a suas realidades e influências no contexto social a qual estão inseridos. Nesse sentido, ao abordar, neste trabalho, os aspectos fundamentais das funções desenvolvidas por este ator social, busca-se, não apenas descrevê-las, mas, sobretudo, entender a essência das mesmas e os impactos econômicos, sociais e até mesmo culturais para a vivência dos vaqueiros em suas respectivas comunidades. Para que se corrobore o entendimento a respeito do assunto, evoca-se, o relato de vaqueiros que foram entrevistados os quais, entre outras coisas, por meio de suas falas, fruto de suas memórias, destacam como ocorrem as atividades cotidianas do vaqueiro ao campear.

Nessa direção, os relatos do vaqueiro Domingos de Sousa Lima, conhecido

popularmente, como Domingo Doca, de 92 anos, residente no Povoado Barro Vermelho (Caxias-MA), torna-se de grande valor, para o aprofundamento das questões aqui elencadas. O referido vaqueiro ao ser questionado a respeito de qual época teria começado a pegar boi no mato, respondeu, de forma objetiva: *“Eu tinha uns 16 anos. Desde criança eu já pelejava cum gado, pegava boi pela perna. Onde dava pra empariar e puxar pela perna pra ele cair. Qualquer tamanho de marruar eu pegava. Eu amarrava muito boi. Eu pegava boi nessa região aqui todinha”* (Entrevista do senhor Domingos de Sousa Lima (Domingo Doca), 92 anos, povoado Cumbuquinha, em 20 de Dezembro de 2023).

Nota-se, pelo relato de Domingo Doca, que ele começou ainda na adolescência a lidar com o gado, algo muito comum, tendo em vista que, o ofício de vaqueiro, era passado de pai para filho. Desta maneira, seguindo a mesma trilha, buscou-se, saber se o vaqueiro havia trabalhado para dono de fazenda na época em que campeava o gado. Para tal questionamento realizado, o aludido vaqueiro assim se expressou: *“Eu trabalhei pro João Angélica e mais uns 07 fazendêro. Nas décadas de 70 pra 80 e eu trabalhava de 3/1. Trabalhei como vaqueiro uns 40 anos. Tinha bicho marruá valente e eu dominava ele. Se ele viesse pra mim mermo, ele entrava no eito”* (Entrevista do senhor Domingos de Sousa Lima (Domingo Doca), 92 anos, povoado Cumbuquinha, em 20 de Dezembro de 2023).

Por meio da fala do vaqueiro é possível observar que ele destaca não apenas os padrões para os quais trabalhou, mas também o tempo que lidou com o gado e ainda as características do rebanho. Sobressai ainda em sua fala, a perícia do vaqueiro ao lidar com o gado, pois, ele demonstra que mesmo sendo, determinados bois, valentes, acabavam por ser domados. Essa capacidade de dominar o gado bravo é considerada uma das qualidades de um bom vaqueiro ao campear, ou seja, todos os vaqueiros que são considerados eficientes na sua atividade, têm entre outras distinções, esta habilidade elencada:

É a singularidade do vaqueiro que lida com o gado brabo (que imediatamente remete ao seu desbravamento e à sua liberdade de ação pelos campos indivisos) o elemento que o conecta diretamente ao passado, à tradição e, portanto, à verdade histórica. Nesse contexto, o vaqueiro é sempre o sujeito que tem coragem e agilidade para capturar uma rês bravia no campo. Atitude que, hoje, é uma das que mais diferencia os vaqueiros de toda a sorte de pessoas que se dizem vaqueiros mas nunca cumpriram as funções um dia necessárias. Todavia, para além dessas funções, o gosto pelo passado formula o que é o vaqueiro hoje e o que exatamente ele não é mais. E a ideia de um vaqueiro simbólico (que busquei construir com a ajuda da literatura) serve, no mínimo, de medida avaliativa e de matriz purificadora que, a partir de um gradiente qualificativo e conceitual, faz os florestanos botarem em níveis distintos de importância outros tipos de vaqueiros que não propriamente o verdadeiro que a tradição os ajuda a definir (Pereira, 2017, p.99).

O vaqueiro, em razão das dificuldades e riscos de seu trabalho, utiliza vestuários que ofereçam proteção no campo. Neste sentido, para compreensão mais profunda do assunto, foi perguntado também a respeito da indumentária de couro, ou seja, se o vaqueiro, Domingos Doca, costumava fazer uso deste tipo de vestimenta. Para tal questão ele relatou que: *“De vaquêro eu usava tudo: a perneira, Gibão, o guarda peito, chapéu. E eu ainda guardo algumas coisas. Tenho espora, cabecote e um monte de coisa. Eu mesmo fazia meus couros”* (Entrevista do senhor Domingos de Sousa Lima (Domingo Doca), 92 anos, povoado Cumbuquinha, em 20 de Dezembro de 2023).

Na mesma entrevista perguntou-se ainda a respeito de como ele campeava se atuava sozinho ou se ao invés disso, trabalhava em grupo junto com outros vaqueiros. Tal questionamento se deve por entender que essa é uma questão muito importante, uma vez que, o trabalho do vaqueiro pode ocorrer individualmente como também coletivamente e a depender da forma, os perigos e as realizações diárias podem ser diferenciados. Para tal pergunta, Domingos Doca, afirmou de forma direta que: *“Tinha vez que era sozinho e as vez em grupo”* (Entrevista do senhor Domingos de Sousa Lima (Domingo Doca), 92 anos, povoado Cumbuquinha, em 20 de Dezembro de 2023).

Ao vaqueiro José Pereira Filho, conhecido em sua comunidade, como Zé Filho, com idade de 55 anos, residente no Povoado Bebedouro (Caxias-MA) também se questionou a respeito de quando ele teria iniciado a ser vaqueiro e ele, por meio de sua memória, afirmou: *“Comecei com meu pai, eu tinha 20 anos, ajudando meu pai e quem tinha gado”* (Entrevista do senhor José Pereira Filho (Zé Filho), 55 anos, povoado Bebedouro, em 15 de Janeiro de 2024).

Nessa mesma toada, no processo de construção do trabalho, no qual, por meio das entrevistas procuraram-se informações relevantes, para se entender a realidade das práticas laborais dos vaqueiros, que campearam na região Sertânica de Caxias, foi levantada questão relativa a respeito do que era, na visão dele, o ser vaqueiro. Ele respondeu:

*A luta num é fácil, a gente sai 04h da manhã, é 03h e chega 10 hora da manhã, depende do aperrei, né? Tinha vez que eu num levava nada prá cume. A fome era quando eu deitava em cima das paia, dos côro e num podia vim pra casa, que era longe ai cê deitava, num almoçava e chegava aqui 10h da nôte, só com a barriguinha estrondando (José Pereira Filho, 2024).*

O relato do vaqueiro expressa as condições de trabalho às quais era submetido. Fica evidente quão dificultoso era o cotidiano deste trabalhador, pois, tinha que acordar muito cedo

para poder ir campear o gado e, a despeito do trabalho ser árduo e tomar longas horas do dia, sequer tinha comida para comer, visto que, pela sua fala, ele não levava nada para comer durante a lida, chegando tarde da noite com fome. Essa situação revela, inegavelmente, as condições precárias de trabalho que atualmente, ante a legislação vigente, caracterizam-se, como análogas à escravidão, mas que naquela época, dada a realidade histórica e social, não eram assim enxergadas devido à identidade que se construiu, ao longo do tempo, sobre a ideia do que é ser vaqueiro (Tapety, 2007).

Para se entender essa situação da falta de alimento ao lidar com o gado no cotidiano, foi questionado ao vaqueiro se ele se alimentava de algum tipo de fruto que ele encontra na chapada<sup>6</sup>. O seu relato, a respeito desta questão levantada, reforça a percepção das condições insalubres do seu labor, pois afirmou que: *“Tinha vez que sim, do bacuri, pequi. Bebia água dos riachos, das grotas e com microbi e tudo”* (Entrevista do senhor José Pereira Filho (Zé Filho), 55 anos, povoado Bebedouro, em 15 de janeiro de 2024, 2º momento).

É curioso observar que o relato do vaqueiro ao mesmo tempo em que demonstra as condições de insalubridade e de vulnerabilidade social, deixa evidente ainda contradições, pois, ao ser pedido que ele fizesse um comparativo entre os vaqueiros de quando ele começou a campear e os vaqueiros da atualidade ele respondeu que: *“Naquele tempo a vida de vaquêro era mais fácil”* (José Pereira Filho, 2024).

Isso revela certo saudosismo dos tempos passados de quando campeava o gado e demonstra ainda, o grau de adaptabilidade do vaqueiro àquelas condições de trabalho extremamente difíceis, pois, mesmo ficando claro, pelos seus próprios relatos, que o cotidiano da lida com o gado era complicada, posto que, além das muitas horas de trabalho, não levava comida de casa, tendo que depender de alimentos nativos que encontrasse na mata e desta forma, muitos vaqueiros mais antigos se enxergam como vaqueiros superiores em valentia do que os da atualidade (Pereira, 2017).

Ao mesmo vaqueiro foi perguntado também se já havia trabalhado para algum dono de fazenda, ao que respondeu: *“Trabaiei pro Maciel e o Garimpêro”* (José Pereira Filho, 2024). Ao ser questionado também sobre a indumentária de couro muito utilizada por vaqueiros Zé Filho respondeu: *“Eu nunca ia pro campo sem ser encourado, tinha vaquêro que num usava não”* (José Pereira Filho, 2024).

Essa questão relativa às vestimentas usadas pelos vaqueiros em seu campear, não estão

---

<sup>6</sup>Área de terra elevada, de dimensões consideráveis, com topo relativamente plano; altiplano, planalto. Mas quando os vaqueiros se referem a esse termo, tratam das áreas do Cerrado onde é possível encontrar frutos como Pequi, Bacuri entre outros úteis à sua alimentação nas atividades campeiras.



vinculadas apenas à proteção física, mas também, aos aspectos simbólicos, pois, ao utilizar toda a indumentária típica de um vaqueiro, ele se revestia de todo o sentimento que era pertencer a esta classe de trabalhadores.

Por meio deste relato, mais uma vez, reforçam-se as condições de pobreza nas quais viviam os vaqueiros, pois, mesmo eles desempenhando importante papel econômico, tendo em vista que, a pecuária era uma das grandes fontes de renda da economia do país e, por conseguinte, das regiões sertânicas de Caxias-MA, recorte espacial deste estudo, os ganhos não eram suficientes para ter fartura na mesa destes trabalhadores, pois, desde as primeiras ocupações realizadas nas regiões sertânicas maranhenses, o que inclui a área de estudo, a vida dos vaqueiros sempre foi muito penosa diante de diversas formas de exploração e exclusão sociais (Vieira, 2015).

Outro ponto importante que se destaca é que essas atividades laborais desempenhadas por ele ocorriam em determinado espaço geográfico o qual era percorrido e ao mesmo tempo modificado pelos agentes geográficos (vaqueiros; patrões e demais indivíduos que habitavam a região), de maneira que, foi perguntado também como eram as feições deste espaço onde se desenvolviam as práticas laborais. O vaqueiro respondeu: *“De primêro era tudo mais fácil, num tinha arame, pra todo lugar a gente passava, agora é tudo imprensado. Antigamente nós ia pro Almeida, Tiririca, Tigre, para a Ininga, a gente andava por ali tudo ajudando os colega vaquêro. Eu conheço era região todinha aqui”* (José Pereira Filho, 2024).

Ao relatar as características dos lugares por onde campeava, verifica-se, quanto o vaqueiro consegue rememorar com precisão os detalhes dos espaços sertânicos de Caxias-MA onde laborava. Isso se deve ao fato de que a memória é um instrumento de grande valor para armazenar informações que são úteis não apenas como lembranças íntimas, mas de fato, fundamental para a própria constituição do que é ser um humano e isto tanto a nível pessoal como também no que tange ao contexto social, posto que, as memórias individuais e coletivas estão diretamente ligadas à construção da identidade: *“A memória é a capacidade de armazenar informações e de ter acesso a essas. Sem a memória, seríamos incapazes de ver, de escutar ou de pensar; não teríamos uma linguagem e, de fato, nem mesmo um sentido de nossa identidade de pessoas”* (Tedesco, 2014, p.37).

O vaqueiro Zé Filho segue em seus relatos e ao ser questionado se, na percepção dele, a vida do vaqueiro teria mudado, e ele respondeu da seguinte maneira: *“Mudou sim, porque acabou a criação, hoje tudo é preso, num tem mais nada. Antes tinha mais gado. Eu tinha meus 60 gado, hoje só tenho 11 gado e é passando fome”* (José Pereira Filho, 2024). Este relato

demonstra a insatisfação do vaqueiro com a nova realidade vivida, ao mesmo tempo em que demonstra uma decadência do seu rebanho.

Reforçando o que relatou ao ser questionado sobre suas atividades atuais, o vaqueiro Zé Filho afirmou que: *“Só em casa, cuido de umas 11 rêses que tenho aqui no quintal de casa e lutando, boto as vacas pra comer ali nuns baixos que tem, fico vigiando para elas num ir pros campo”* (José Pereira Filho, 2024).

As falas do vaqueiro não deixam dúvidas de que, além de lamentar a realidade atual, quando compara com o tempo passado, notam-se, as mudanças inseridas no espaço sertânico caxiense, ambiente no qual ele viveu durante a sua juventude, época em que começara a campear o gado. Esse espaço vivido pelo vaqueiro sempre foi, de acordo com os levantamentos realizados, por meio das entrevistas e demais incursões em campo, recheados de múltiplas relações sociais, com grande tendência à exclusão social e exploração do trabalho (Romcy, 2019).

Outro relato importante é o de Francisco Dos Reis Bacelar, de 58 anos, residente no Povoado Cumbuquinha. Este vaqueiro, embora resida no referido povoado, nasceu no Povoado Barro Vermelho. Ao senhor Francisco dos Reis Bacelar foi perguntado quando foi que ele havia iniciado a vida de vaqueiro. Ele então começou um longo relato descrito abaixo:

*Eu comecei trabalhar com... dezessete ano aí quando eu comecei a mim ativar mais, quando o tio José começou a trabaia aqui! Aí foi quando eu tive mais atividade pra campo. Andar mais ele, trabaia no campo, alguma coisa que eu não tiá experiência, ele me ensinando como trabaia com gado, encaretar, botar como botar no rolador a rês, piá pra no outro dia ir buscar lá no mato e às vezes a gente deixava no rolador e passava a nôte vigiano ela lá, no rolador e vigiar, ela lá no rolador. A partir daí eu fui teno atividade e conhecer uma rês quando tá doente pelo pêlo da rês ou sintoma de brocada. Não tinha idea, hoje eu tenho, o Tio José, foi ele quem me deu as dica. A rês quando o pelo dela tá muito arrupiado, ela tá cum sintoma de um qualquer sintoma de duença: febre que é a febre aftosa que a gente chama, as vezes tá muito maga tem que dá vitamina pra dá appetite pra comer. Porque muitas das vezes ela tá... Às vezes tá estressada também no curral, ela não quer comer, ela tem que ter mais calma no curralo. O povo se afastar do curralo pra ela poder se acalmar para comer e aí por diante, a rês quando tá pra Parir também ele me ensinou muito, tio José (Francisco Bacelar, 2018).*

Pelo que se notou dos relatos dos vaqueiros, era muito comum que a atividade vaqueiral fosse passada de pai para filho ou mesmo por meio de outros parentes próximos (avós, tios e irmãos mais velhos). Essa vida comunitária em que os mais experientes passavam os conhecimentos do trabalho do vaqueiro demonstra como essa atividade se reproduziu ao longo do tempo. Os mais jovens, pelo que se abstrai dos relatos e das leituras, almejavam ser

vaqueiros, ou seja, dar continuidade ao trabalho desempenhado pelos mais velhos, posto que, a despeito da labuta ser muito árdua; no contexto social no qual viviam; ser vaqueiro tinha algum valor social o que, obviamente, não dissipava as muitas contradições sociais e econômicas já aqui citadas:

Ser “vaqueiro, criador ou homem de fazenda são títulos honoríficos entre eles, e sinônimos, com que se distinguem aqueles a cujo cargo está à administração e a economia das fazendas”. A vida nas fazendas consistia na lida do dia a dia, no trabalho com a terra, com a casa, com os utensílios. A família do vaqueiro cuidava do trato com a terra e com o gado, enquanto o potentado fazendeiro cuidava da administração e do comércio pecuarista. O fator importante nesse processo era a quantidade de “cabeças” de gado, elemento que fazia do fazendeiro coronel e chefe patriarcal (Vieira, 2015, p.28).

O que se observa pela citação é que cada uma dessas pessoas tinha um papel social muito bem definido, pois, ao vaqueiro e a sua família, eram destinadas determinadas atividades, que eram mais de caráter manual e que demandava mais força física e tempo para realizá-las, enquanto que para o dono da fazenda, destinavam-se, as atividades concernentes aos aspectos administrativos e ao comércio dos ganhos da atividade pecuária.

Essa função do dono da fazenda fazia dele alguém poderoso não apenas economicamente, como também lhe concedia forte influência política, que ultrapassava os domínios de sua fazenda, pois, é preciso observar que em função, da concentração fundiária existente desde os primórdios do Brasil, estas práticas, em grande medida, continuaram a se reproduzir ao longo do tempo em diferentes escalas espaciais e temporais (Faria, 1993).

Prosseguindo no relato do vaqueiro Francisco Dos Reis Bacelar foi perguntado ao mesmo quem é tio José (o tio que ele citou), bem como, teria sido a relação pessoal dele com o tio que o havia inserido no mundo vaqueiral, pois, o seu parente é muito citado em suas falas como alguém relevante para sua inserção na vida de vaqueiro. O vaqueiro, como se nota abaixo, descreveu com detalhes quem foi o seu mentor na vida campeira:

*O Tio José foi nascido e criado Trabaiano cum gado. Donde ele andô, nas fazendas que ele trabaiô. Todo tempo ele continua trabaiano cum gado, hoje dá idade que ele tá, continua ainda mexeno cum gado, trabaiano, inda vai o campo ainda, num é aquele de antigamente. Mas, inda hoje, ele continua no curralo, ele vai no curralo ajeitar uma rés. Dando uma água pro bezerro, botando uma vaca no cercado pra outro, cuidado do cavalo, quando ele chega, ele e aí por diante e eu só a merma forma dele de trabaiá e prestar atenção. O cuidado do vaquero num é so descarrerar boi no mato. O cuidado do vaqueiro é ter muito cuidado no campo, de correger o gado no campo, e num é so no dia que é pra pegar não. A folia do campo todo mundo gosta... Como tem essa pega de boi no mato, pega de boi no mato é o que mais tá teno,*

*você vai pra uma brincadeira dessa, o que mais cê vê é vaquero e classificar os vaqueiro pra tomar de conta do rebanho do gado alei é pouco. Ele vai pela folia. Mas se pegar a rés lá no mato e mandar ele tomar de conta pra levar a ré la pra 'quele evento, ele num sabe nem donde começa. Pra ele é pegar, pra ele pegô, pegar aquele comprovante, mas para tomar o encaio daquilo dali é poço (Francisco Bacelar, 2018).*

Pelo relato fica evidente que o vaqueiro faz uma observação importante, a saber, que existe uma grande diferença do labor diário do vaqueiro e das festas em torno daquilo que se conhece como uma cultura vaqueiral (vaquejada, pega de boi no mato, etc.) que funcionam mais como esporte e entretenimento do que de fato atividade campeira real, que é o foco efetivo deste estudo.

Na perspectiva do entrevistado, os vaqueiros para lidar no campo, na atualidade, são bem poucos, ao passo que, aqueles que gostam de ir para as festas como as citadas, são muitos. Fica transparente que isso mudou com o tempo, pois, no passado existiam muitos vaqueiros que viviam a campear com as práticas diárias da lida com o gado:

Quando alguém fala em vaqueiro, vem logo a imagem de um homem vestido em gibão, perneira, chapéu confeccionado em couro, montado a cavalo, “tocando” a boiada, entoando um belo som: o aboio. Porém, hoje essas imagens e costumes, que identificavam o vaqueiro e através das quais criaram e reforçaram um sentimento de uma comunidade, não condizem com as imagens tradicionais (Tapety, 2007, p.18).

É preciso considerar que a imagem construída do vaqueiro, repleta de estereótipos e de um apego por parte dos próprios vaqueiros (os mais antigos) ainda é muito forte no senso comum, de maneira que, fica claro que o relato do vaqueiro remete também a uma importante discussão que se dá no campo das ciências humanas no tocante ao tema vaqueiro, a saber, aquilo que é visto, na percepção dos vaqueiros mais antigos, como sendo os vaqueiros de verdade. Essa é, inclusive, uma discussão importante para que se compreenda a razão de muitas visões tradicionais a respeito dos vaqueiros ainda serem muito presentes na mentalidade geral da população e também da academia:

Os vaqueiros mais velhos sempre avaliarão a posição dos vaqueiros mais novos (geralmente vaqueiros de festa), e dificilmente os posicionarão como melhores ou mais experientes. Primeiro, aos mais novos não existe a mesma situação ecológica e moral que antes houvera aos mais velhos, condições que lhes possibilitava um engajamento prático específico. Segundo, para ser vaqueiro de verdade importa o tipo de animal com o qual se relaciona, válido tanto para o cavalo quanto para o boi. E, como vimos, além de propriamente vaqueiro, este é um cavaleiro, e os domínios que se têm com o cavalo ajudam-no a conquistar a posição de bom vaqueiro (Pereira, 2017, p.107).

Nessa mesma toada foi questionado quando ele começou a trabalhar como vaqueiro ao que respondeu: “*de 77 pra cá eu comecei a trabaia*” (Francisco Bacelar, 2018).

Nessa época, em que campeava o gado, o vaqueiro, pelos relatos, deixa evidente que costumava acordar bem cedo para poder lidar com o rebanho. O ato de acordar cedo para os vaqueiros não apenas uma necessidade, mas também uma demonstração de sua condição de trabalhador, pois, nessas áreas rurais, acordar cedo também significa ser homem que não teme enfrentar a lida diária. A este respeito, de como era o processo de levantar-se para ir ao campo ele assim se expressou:

*Pra quem trabaia com gado é uma História de 24 hora, cê tem um campo marcado pra ir um campo, a distância longe, como daqui na redenção ou mais longe, cê tem que levantar cedo, durmi com o animal já na Estibaria se tiver, se num tiver lá dentro do curral. quando der 02:00, 3:30, 04:00 cê já tá no ponto e roda o dia todim correndo atrás pra pegar, atrás da vaca parida e aí por por diante (Francisco Bacelar, 2018).*

A lida com o gado é algo que requer, por parte dos vaqueiros, grandes esforços e, constitui-se, um trabalho que não toma apenas o tempo, mas também, exige grande gasto de energia dado o grau de dificuldades diárias que eles enfrentam em suas lidas. Nessa mesma linha o vaqueiro entrevistado continua seu relato ao afirmar que:

*A gente tem que andar cedo, quê as vezes levam um fritozim para cume no mato, as vezes nem isso num leva. Passa uma fome doida. Às vezes vai beber na cabeceira de brejo onde tem gado que bebe, aí a gente passa o dia, chega em casa já di noite, Baqueado. Ajeitando animal, no outro dia 03:00h da manhã tem que ir de novo, as vezes não acha a rés, por isso tem que ir no dia seguinte. Quando a gente acha um, dois ou três cumpanhero para ir tudo bem e quando num acha vai sozin. As vez acha num pega, cair levar uma pancada, é o que mais acontece com o vaquero. levar uma pancada no mato, se acidental e.. agora eu, trabaiei 8 ano e uns meses lá na fazenda campo grande trabaiano cum gado e de lá pra cá quando eu voltei, comecei a tomar de conta umas rés aqui (Francisco Bacelar, 2018).*

Através desse relato, observa-se, a similaridade com os outros, pois, as dificuldades são sempre as mesmas: acordar ainda pela madrugada, levar ao campo de trabalho pouca ou nenhuma comida, beber água nas fontes naturais que encontrava no mato e acima de tudo: horas longas de trabalho tendo pouco tempo de descanso entre um dia de trabalho e o outro dia no qual o ciclo de trabalho se inicia. É relevante frisar ainda, que ele relata os riscos de acidentes durante a lida e que por isso, muitas vezes, andavam em grupos para que um pudesse ajudar o outro caso houvesse essa necessidade.

Ao se adentrar especificamente no lidar com o gado, levantou-se, a questão de como era para o entrevistado pegar uma vaca brava no campo. O vaqueiro assim respondeu:

*Pra pegar no campo uma caca braba é mei difícil. As vezes o cabra bota, as vezes sai um, dois, três. Às vezes sai uma vaquero mais espero, melhorar e pega mais legêr. Agora, quando sai pra quele lado é o vaquero é mais ruim, as rés vai embora. O cachorro num tá na hora, às vezes gosta de chamar o cachorro pra acompanhar a rés, cê sai acompanhando, as vezes nem... o cachorro nem quer ir, porque as vezes não é bom. Ai cê num pega tem que vir no outro dia com cachorro mió, pra poder pegar (Francisco Bacelar, 2018).*

O relato evidencia as dificuldades que é lidar com uma vaca que não está domada, precisando do auxílio tanto de outros vaqueiros como também até mesmo do uso de cachorros, algo muito comum entre os vaqueiros, pois, além dos cavalos para campear, é costume igualmente fazer uso dos cachorros. Nesse sentido, foi questionado se ele prefere ir para o campo sozinho ou com um cachorro e vários vaqueiros juntos. Para tal questionamento ele deixou claro suas preferências ao batalhar com o gado no processo cotidiano. Sua resposta revela como ele percebe as dificuldades da lida no campo e de como elas podem ser amenizadas com o auxílio adequado:

*A gente tendo um cachorro bom, como aqui eu já possui um cachorro bom, se é que você ir com três companheiro que não tem cachorro bom pra lhe ajudar, é mió ir só com o seu cachorro, o cavalo sendo bom e você também. Cê tem mais rumo de correr do que ir com um montão de gente que não tem cachorro pra ajudar, nada feito. Se você tivesse um cachorro de imediato você sabia pegar uma réizinha, se num tivesse cê tava perdido. Ai você ir no sol com seu cachorro é mió doque ir cum bucado, sem cachorro, quê o cachorro ajuda muito, o sol pode tá quente, pode tá frio, mas o latido que ele tá vai te ajudando a seguir a rés (Francisco Bacelar, 2018).*

O trabalho do vaqueiro faz uso de práticas tradicionais que são repassadas dos vaqueiros mais experientes aos mais jovens. Os conhecimentos das matas, dos animais, dos cuidados ao campear são importantes, pois, eles garantem não apenas que os vaqueiros consigam desenvolver, de forma correta suas atividades, mas ao mesmo tempo ajudam no tocante à própria proteção do vaqueiro e dos animais (cavalos, cachorros e gado) que estão sobre os seus cuidados (Ramos, 2020).

Algo relevante e que não deve ser desconsiderado é que as práticas campeiras, como já destacadas, ocorrem dentro de um espaço geográfico que é constantemente modificado pelas ações humanas. Esse espaço percebido enquanto paisagens, que não são estáticas ao passar por

mudanças profundas, provocam nos vaqueiros sentimentos diversos, os quais vão desde os do saudosismo dos tempos em que as matas eram menos devastadas, até àqueles que veem, nas mudanças, a morte de um determinado modo de vida:

As relações que as sociedades humanas estabelecem com o ambiente são expressas através da atribuição de valores e de significados a certos elementos que estão presentes neste ambiente, e pelo uso de categorias culturais para classificar estes elementos. Categorias sociais como as de lugar e de espaço, por exemplo, embora sejam categorias universais do pensamento humano têm conteúdos e significados contextuais, pois resultam dos diferentes tipos de experiências que cada sociedade em particular mantém com o ambiente (Alencar, 2007, p.3).

É notório observar que a prática cotidiana do vaqueiro não se resume apenas ao lado objetivo do trabalho, integram-se igualmente à prática os aspectos subjetivos inerentes à profissão e, nesse sentido, buscou-se saber, por parte do vaqueiro, o que é ser vaqueiro na visão dele, ou seja, como ele enxerga esse personagem tão relevante para o processo da construção da identidade cultural das regiões sertânicas do Brasil. Diante dessa indagação, o vaqueiro em questão assim se expressou:

*Primeiro você tem que ter amor ao serviço a coragem de descarrerar um boi pra poder pegar. Porque a convicção do boi não é só dizer que é vaquero e num correr atrás pra pegar, porque aquele que é manço cê traz pro curral e aquele que largou o gado que tá no mato descarregado, o vaquero tem que se dispor pra pegar, eu num pego não, mas acho bonito o outros ir pra pegar (Francisco Bacelar, 2018).*

Fica patente, pela resposta do vaqueiro, a demonstração de suas limitações em determinadas práticas, como também, a observância do que ele entende sobre o “ser vaqueiro”, pois, em sua fala, existem claras demonstrações de como um verdadeiro vaqueiro deva se comportar no seu cotidiano de trabalho. Demonstra-se ainda, pela fala do entrevistado, quão forte é ainda esta ideia/imagem de que o vaqueiro seja um personagem valente, destemido e forte como um verdadeiro herói dos sertões:

Ser vaqueiro sempre foi fator que estimulou a auto-estima dos moradores do sertão. Isso decorre de uma imagem do sertanejo construída através dos discursos historiográficos e literários que classificam o sertanejo como homem valente e honrado, haja vista que no espaço onde a economia naturista prevaleceu custava pouco para juntar valentões e homens de espírito destemidos que desafiassem as autoridades e as leis, instigando um sentimento de orgulho inspirado pela riqueza, e pelo afastamento de autoridades eficazes, e, sobretudo, pela impunidade (Tapety, 2007, p.29).

Fica evidente, portanto, que essa construção da figura do vaqueiro sempre como alguém valente, forte, destemido e com capacidade de fazer grandes proezas, esteve, sobretudo, no passado, também entrelaçada com práticas impróprias de demonstração de valentia como se demonstrou pela citação. Ademais, verifica-se que o bom vaqueiro, na visão de muitos, não é apenas aquele que se torna capaz de desempenhar o seu papel profissional, mas também aquele que consegue ir além dele, demonstrando, portanto, grande perícia no que faz (Pereira, 2017).

Buscando aprofundar mais esse entendimento do que seja de fato, na visão do entrevistado, o “ser vaqueiro”, indagou-se se, em sua opinião, todo bom vaqueiro teria que saber aplicar uma injeção no animal sob os seus cuidados. O aludido vaqueiro assim se posicionou: *“Tem, todo vaqueiro tem que saber manusear o gado, tem deles que num sabe manusear nada não, só diz que é vaqueiro pra dar folia. Na hora que diz assim: vamos medicar o gado trabalhar no curral, laçar, derrubar, amarrar os pés dum bezerro pra ferrar, sabe não”* (Francisco Bacelar, 2018).

Na mesma direção, no sentido de apresentar mais características do que seria um vaqueiro de grande preparo, foi perguntado se tal trabalhador deveria conhecer o barulho do chocalho do gado que ele lidava. A este questionamento o vaqueiro assim respondeu:

*Sim, a pancada do Chocalho, as vezes o vaquero tá deitava e vai passando um animal na estrada, eu conheço, gado meu que eu boto chucal eu conheço, eu num me perdo em zuada de chucal não. Na hora eu sunto, já sei que é meu ou é de fulano. Até o berro de uma rés agente estando acostumado conhece! Oiá, aquele dali é do gado de fulano, agente conhece. Agora tem muitos que diz que é vaqueiro só pra passar o tempo na folia. Quando tem vaquero que trabaia mesmo no pesado faz é se adoecer, porque pegar boi mo pesado só vai se for ligeiro e boi quando vai correr no mato ele num vai caçar estrada prav correr e nem lugar limpo. Ele só corre no lugar ruim, ele nun quem que pegue ele e o vaquero quer botar para pegar. As vezes acaba adoecendo, adoece o cavalo. O cavalo se estrepa, as vezes cai, mete a mão num buraco cai. As vezes a pessoa quebra um braço uma perna, esbarra num pau. Como o Edilson que quebrou a perna naquele tempo lá na Ininga* (Francisco Bacelar, 2018).

Por meio desta fala do vaqueiro, demonstram-se, com muita clareza, os riscos aos quais os vaqueiros e seus animais estão submetidos diariamente. Podem sofrer uma série de problemas relacionados aos acidentes de trabalho, ferindo, inclusive, os animais utilizados no campear. O vaqueiro alerta ainda ao fato de que, embora, muitas pessoas se denominem vaqueiras, para ele, as que são de fato, são aquelas que estão na lida diária, ou seja, o ser vaqueiro aqui não tem relação com uma estética de *glamour* e sim com uma vida difícil de trabalho, rotinas causticantes e que demonstram quão difícil é a lida cotidiana deste ator social



dos sertões (Vieira, 2015).

Uma questão importante e que deve ser pontuada aqui nesta análise, que trata das práticas laborais cotidianas dos vaqueiros, é a relação dos vaqueiros com o álcool. Nesse sentido, buscou-se saber o que o entrevistado achava dos vaqueiros que tomam cachaça antes de irem ao mato campear. Pela fala do vaqueiro, nota-se, a visão que ele possui sobre a temática. Eis o que afirmou:

*Ah! Eu bebiz diz que pra botar coragem pra correr e na hora fazia era se embriagar, da coragem já passava para se acidentar, passava dos limites. Tomando só uam não tinha nada não, mas eu não tomava só uma. Logo levava umas meotas no bolso no gibão. Aquilo dalin era de vez em quando; se separava dos outros, tan, uma... eu só trabaiaava turbinado na pinga. As vezes tá tão bebo que deixava a rés no lugar. Uma vez eu fui pro campo mais o cumpade Fransquin, o cavalo caiu por cima de mim eu gritava: mei ti... passeia noite bebendo aí eu caí. Eu disse: chega meu ti, o cavalo me mata. O tio Jóse chegou. Meu ti, oiá o cavalo véi, o cavalo véi me mata, meu ti. As vezes o caba desce numa rés sozim, amarra as vezes é valente. Dobra pra brigar aí o caba fica naquela. Aí fica aquela coisa: rapaz o caba foi pro campo sozim! Pegou aquela rés sozim! O caba é duro. Agora quando ele vai que num pega, dizem: rapaz aquilo é ruim num pega nada não, vai só na folia. Eu sei que eu gostava e ainda hoje gosto num faço é desarrarar boi, mas de ir na folia mais os meninos eu gosto de ir (Francisco Bacelar, 2018).*

Pela posição demonstrada, o vaqueiro, acredita que o excesso de bebida alcoólica, prejudica a prática laboral do vaqueiro e pode gerar até acidentes de trabalho, colocando em risco sua vida, bem como, a dos animais e ainda tornando o seu trabalho ineficiente, visto que, as tarefas sob as quais é responsável, podem ser diretamente atingidas em razão da embriaguez. Essa é uma questão importante, pois, no ambiente vaqueiral, a bebida sempre é muito presente, tanto que muitos vaqueiros tem o uso dela como parte da rotina de trabalho.

Ao apontar alguns fatos ocorridos em suas atividades campeiras, ele mesmo reforça essa ideia de risco e ineficiência no trabalho gerado em função do abuso do álcool. Pondera, porém, que o uso moderado, não seria prejudicial. Mas, é preciso considerar que o costume do uso da bebida alcoólica tem relação também com a cultura do ambiente em que os vaqueiros se inserem e que tende a fazê-los utilizar a bebida alcoólica, tanto como meio de prazer nas diversões que participam; como também como uma espécie de anestésico, para a lida complexa e dura do cotidiano vaqueiral (Alencar, 2007).

Ao vaqueiro foi ainda perguntado se, na sua perspectiva, ser vaqueiro seria um dom ou se longe disto, qualquer um poderia ser vaqueiro desde que se interessasse. O entrevistado assim respondeu: “*Tem uns que já nasce com aquele dom de trabaia e tem outro que depois de grande*

*que vê o movimento das folia, aí ele quer se entrosar também. Que vai pro campo por amor, que num vai todo dia porque não gosta de ir dia de segunda feira” (Francisco Bacelar, 2018).*

Observa-se que nessa questão se sobressai também o aspecto místico-religioso do vaqueiro, pois, ao ser inquirido sobre o que falou ao final da frase contida na citação acima, foi questionado a respeito dos motivos de muitos vaqueiros não gostarem de ir ao campo lidar com o gado às segundas feiras. Ele respondeu que:

*Porque tem aquela coisa, realmente é muito difícil você ir trabaia na segunda feira no campo, pra semana todia não ser cheia de problema. Eu mermo nunca gostei não, sou mais o domingo. Só se foi pra oiá um részinha, mas trabaia no pesado num é bom não. Eu nunca gostei. Aí tem os protetor dos vaquero, tem em são Raimundo Nonato no Piauí (Francisco Bacelar, 2018).*

Não restam dúvidas de que o vaqueiro carrega consigo também todo um componente cultural, místico e religioso, que o torna uma figura diferenciada no contexto social de determinada comunidade, daí toda a mística em torno da figura do vaqueiro, que o desenha sempre como este personagem quase que espiritual, que embora, do ponto de vista poético, pode até ser belo tende, na prática, a escamotear a realidade, uma vez que, deixam-se de lado as muitas contradições inerentes à realidade vivida pelos vaqueiros, ou seja, suas lutas sociais, suas resistências de manter sua cultura e seus modos de existências, a exclusão econômica, política e social; o desrespeito por parte dos poderosos com a sua pessoa e seus familiares entre muitas outras questões que poderiam ser enumeradas aqui (Brito; Viana, 2016).

Algo importante e que deve ser considerado, além da própria percepção que o vaqueiro tem de si, é como ele imagina que as outras pessoas os enxergam e nesse sentido foi indagado como ele achava que as pessoas viam o vaqueiro no Segundo Distrito de Caxias-MA. A tal questão assim se posicionou o vaqueiro:

*Muita gente de longe diz assim: eita, aculá vem um monte de vaquero, aí uns diz assim: alí vem três vaquêro e um homi, mas por quê? Porque os três vem de cavalo é o outro vem de bicicleta, é vaquero aquele que vem muntado com terno de coró (risos) ou quem vem um chapéu já chama atenção, mas aquele que vem só com a camisa, num chama atenção não. Fulano pergunta assim: quem foi os vaquero que passou aí?: o fulano responde, passou três, o outro num sei quem é não (risos). Só porque num passou encourado. O certo é trabaia encourado no campo, trabaia só de camisa é um perigo. O boi só atende no aboio. O boi ele sendo domesticado no curral qualquer nome que chamar ele atende. Se você chamar a rés no meio do gado, ela bem e vem bater onde cê tá. Pra tocar o gado, você arrudea, sai chamando pelo nome e vai embora aí tem aquele que na hora que ver num aboia chama logo é o cachorro, aí o gado fica brabo, tem que saber acarinhar. Assim você traz*

*muito gado pro curral sem dar pontapé nele. O certo é você aboiar, chamar ele pro curral (Francisco Bacelar, 2018).*

Nesta fala é possível observar, com certo regozijo, por parte do entrevistado, a demonstração de que o vaqueiro não apenas tem as habilidades de lidar com o gado, mas também, possui uma imagem que o caracteriza, distinguindo-o dos demais. Fica bem claro que o vaqueiro é reconhecido pelos seus pares e pelo povo em geral ainda pela imagem que revela de si no dia a dia.

Essa imagem resiste ao tempo e os vaqueiros mais antigos desejam preservá-la, pois, ante as suas falas, é perceptível o nível de saudosismo no tocante aos tempos, as práticas e a estética da vida de outrora: “O vaqueiro, tal qual se analisa nas perspectivas mais tradicionais, constitui-se como um personagem que é parte de uma história e cultura regional, pertencendo, unicamente, a esse contexto, e resistindo a transformar-se em algo para além dele” (Brito; Viana, 2016, p.5).

Para reforçar ainda mais o entendimento de como se davam e ainda se dão as labutas com o gado, no campear cotidiano, entrevistou-se também outro vaqueiro que teve papel importante no processo de lida com o gado na área (recorte espacial) e período estudado (recorte temporal) em que este estudo ocorre.

Nesse sentido, o personagem entrevistado foi o vaqueiro Benedito Alves da Silva (Véi Dito) que é morador da comunidade rural: Povoado Almeida, local onde, inclusive, nasceu. Véi Dito, como é mais conhecido, tem 72 anos de idade e a ele, inicialmente, foi perguntado a respeito de quando teria começado a criar gado. O vaqueiro assim respondeu:

*Eu num tô bem certo. Óia, eu comecei a lutar com gado minino com idade de 10 eu comecei a labutar cum gado de pé, que nesse tempo eu num tinha animal, fui criado ali cum meu avô, ele tinha umas vaquinhas, né! Eu fui cumeçano! Fui cumeçano! Andano! Aí tinha essas óta vaquerama aí, quando ele ia pegar gado por aqui, eu não tinha animal, mas eu ia de pé. Cê acredita que eu cansei de passar o dia todin acumpanhano a vaquerama aqui de pé. Eu de pé e eles muntado né! Pegando gado e eu de pé que nem um... aquele bixim do rabo grande, quem nem cachorro, mas andava, o dia todim e a resultava! Tinha vez que eu ainda pegava primêro que eles que tava muntado, pegava. E aí foi dano pra frente, aí quando eu já tava quase na idade de 18 ano, aí eu cumprei o primero animal pra mim. Fui cumeçano (Benedito Alves da Silva, 2018).*

No relato do vaqueiro, primeiramente, nota-se que a percepção do tempo para ele não é, necessariamente, pontuada no calendário, e sim no terreno da emoção, pois, embora ele pontue que teria começado aos dez anos de idade, a lidar com o gado, na sua fala, o mesmo não

conseguiu precisar o ano, porém, é fácil notar qual o ano se observar a sua idade na época da entrevista. Mas esta não é nem a questão que se sobressai da fala dele, visto que, o que está evidente em seu discurso é a noção de que a memória tem uma relação direta com a afetividade e por isso é preciso considerar que: “A memória se coloca como elemento constituinte do sentimento de identidade, pela sua importância no sentimento de continuidade e coerência, de uma pessoa ou de um grupo na construção de si” (Tapety, 2007, p. 13).

Nesta direção é possível deixar claro que as recordações podem causar nos vaqueiros diferentes sentimentos (saudades, tristeza por fatos ruins ocorridos etc.), o que leva a crer, que as memórias são construídas, não necessariamente, em termos temporais fixos, mas de como elas se inserem no inconsciente, de como elas impactam intimamente as pessoas individualmente e coletivamente. O tempo fixo, nesse sentido, não importa tanto, importa mais os fatos do que as datas:

O campo da memória envolve noções de temporalidades, lembrança, oralidades, subjetividades, factuaisidades, espacialidades, instrumentalidade objetiva etc. Suas técnicas e seus instrumentos analíticos e metodológicos é que não foram problematizados como estão sendo contemporaneamente (Tedesco, 2014, p.28).

A memória individual do vaqueiro está entrelaçada com as suas experiências de vida e, por conseguinte, com a memória coletiva, a qual é fruto de uma construção histórica e social. Essa memória coletiva reflete na individualidade do vaqueiro, de como ele se enxerga e como observa o ambiente no qual está inserido. É de fato, por assim dizer, uma espécie de relação simbiótica, visto que, o meio social em que se encontra é influenciado por ações e práticas sociais que partindo do individual, avança para o coletivo gerando um mosaico cultural singular (Tedesco, 2014).

Compreendendo a relevância de tal ponto foi questionado ainda se o entrevistado em questão já havia trabalhado para algum dono de fazenda. Para este questionamento o vaqueiro respondeu que:

*Não. Num fou fazendero, olhei uns gado do finado Juca, era uns 4 gado, mas num era fazenda não, porque uma fazenda é de 100 gado pra lá, né. Mas eu nunca oiei uma fazenda. Ai quando eu vim embora de lá, eu vim morar bem ali do óto lado, aí fui oiá as vaquia do meus avó de novo, aí o Bananeira botou umas vaquina pra cá eu fui ser vaquêro também, mas nunca foi uma fazenda, sempre foi gadin poco de 10, 20, 30 gado pra baxo, pra cima não. E aí vim levano de lá prá cá (Benedito Alves da Silva, 2018).*

Os vaqueiros, pelo que se abstrai da fala de seu Benedito (Véi Dito), nem sempre estão a cargo de grandes fazendas, existem também aqueles que lidam com gado de criação em regime de pecuária familiar. Estes também possuem suas histórias, sua cultura e suas práticas que se assemelham àqueles vaqueiros que lidam com maior quantidade de gado, mudando mais a extensão da sua atuação do que as práticas em si.

A lida com o gado, quando o rebanho é maior, em tese também será maior, porém, em muitos casos, sendo o rebanho com mais cabeças de gado, existem igualmente, mais vaqueiros, fazendo com que o trabalho seja dividido coletivamente.

No caso de menor quantidade de gado, às vezes, as dificuldades podem ser maiores no sentido de que, mesmo sendo um vaqueiro suficiente para lidar com o pequeno rebanho, as dificuldades de recursos fazem com que cuidar das poucas vacas e bois se torne algo mais difícil e que demandaria uma atividade diária até significativamente cansativa.

Outro ponto importante que foi levantada é no que diz respeito à rotina diária que o vaqueiro possuía a respeito do campear com o gado, assim procurou saber se o entrevistado costumava acordar cedo para ir campear o gado no campo. Para tal questão assim ele se expressou:

*Eu acordava de madrugada. Eu cansei de sair daqui 2h da madrugada, às vezes eu ia pro Barro Vermelho, quando num era, era pro Bacabal, pra acolá, pra boiada. Eu saía 2h da madrugada. Tinha vez que eu amanhecia o dia nos Morros, cansei de fazer esse serviço com o cumpade zé dos Mares, chegava ali na Redenção e chamava o Cumpade zé que nosso gadim era junto, né. E aí nós tirava no mundo. Às vezes a gente chegava em casa de madrugada, a boquinha da noite. Aqui pro Bacabalo, desse lado aqui não, do lado de lá (Benedito Alves da Silva, 2018).*

Os relatos do Véi Dito demonstram como ele, por meio da memória, reconstrói as suas vivências. Em suas falas é quase possível sentir os odores, perceber as paisagens sertânicas e sentir os sons das matas – dos pássaros e do balançar das folhas – por onde ele passou. Prosseguindo em seu relato é possível extrair que nessa época o referido vaqueiro:

*Eu saía de madrugada, eu cansei de dormir um sonin lá no teso Duro sozin, porque quando agente saía assim, quando o dia ia amanheceno, a gente suntava o chucai do gado, né. O gado batendo o chucai, agente conhecia o chucai dos da gente e quando amanhecia que a gente levantava ia bater lá onde eles tava e se a gente fosse já alto dia o gado já tinha levantado, espatejado e aí era difícil agente achar tudo no bolo só, né (Benedito Alves da Silva, 2018).*

O testemunho do entrevistado demonstra quão dura era à vida do vaqueiro. As muitas horas de trabalho e nos horários que poderiam estar repousando em casa, andavam pelos campos na difícil lida com o gado. Fica claro também que os vaqueiros costumam ter algum companheiro ou mais de um para trabalharem junto sempre que acharem necessário.

Observam-se, nos seus relatos, a riqueza de detalhes, ou seja, como a sua fala permite que se desenhem as paisagens por ele percorrida e de como os lugares, pessoas e situações, presentes em suas memórias, parecem ser bem reais e não apenas fruto de lembranças distantes, pois, as descrições do vaqueiro fazem com que os relatos sejam tão vívidos que é impossível não perceber o grau de emoção que essa experiência, vivenciada por ele, os impactou.

É preciso destacar que esta instância, a da memória, tem se tornado relevante para a análise das ciências sociais, pois, o papel da memória, em seu sentido individual e coletivo, insere-se, como recurso metodológico de grande valor dado que ela consegue transmitir informações com grande grau de riqueza e que são fundamentais quando se trabalha os tópicos da História Oral:

O interesse das ciências sociais pela memória deve-se ao reconhecimento da importância da dimensão temporal nos fenômenos humanos, na reflexão de que tanto a continuidade quanto a descontinuidade da vida em sociedade está implicada em mecanismos de lembrança e de esquecimentos, de seleção e de elaboração daquilo que o passado deixa para trás de si mesmo. No fundo, diríamos que a memória está presente mais ou menos em todas as manifestações da vida. Essa tendência não esteve, até, então, ausente de profundas polêmicas, embates, refutações, ingenuidades e aceitações, tanto no que se refere à análise propriamente dita quanto ao campo historiográfico e metodológico na apreensão dos seus conteúdos (Tedesco, 2014, p.29-30).

A memória é presente, como ficou claro, nos diferentes contextos da vida, porém, existem situações em que elas se manifestam de maneira mais efusiva em virtude dos sentimentos evocados, pois, não se trata de meras lembranças e sim, de percepções efetivas que possuem significados profundos para as pessoas, como é o caso da realidade vivida pelos vaqueiros que são objeto deste estudo.

Essa questão relacionada à memória é tão significativa, que é perceptível como os vaqueiros também repassam as suas memórias individuais que em conjunto com outras da mesma comunidade, criam uma verdadeira memória coletiva capaz de impactar as realidades existentes, gerando assim, postura de identidades culturais que caracterizam os grupos sociais nos quais o vaqueiro se insere ou com os quais ele mantém algum nível de contato:

A memória coletiva, por meio da narração, reafirma sua força de transmissão, pois, para continuar a recordar, é necessário que cada geração transmita o fato passado para que possa se inserir nova vida em uma tradição comum. Desse modo, o acolhimento do conteúdo narrativo e a necessidade de recordá-lo tornam-se um dever. O ato narrativo, na medida em que é possível sua elaboração e apropriação, constrói um sentimento de identidade coletiva do grupo e um sentido de pertencimento dos indivíduos, ajuda a conhecer o grupo e a organizar as próprias relações internas (Tedesco, 2014, p.38).

Percebe-se, desta maneira, quão relevante é a memória individual e coletiva enquanto elemento de reconstrução do passado histórico, de modo que, não se pode, de forma alguma, desconsiderar tal perspectiva analítica, pelo contrário, é preciso saber explorá-la da maneira correta para que assim se possa fazer uso adequado, de modo que, ela possa contribuir para a interpretação dos fenômenos estudados (Mauad, 2010).

No processo de descoberta das vivências do vaqueiro, foi perguntado quem teria sido o seu mentor, ou seja, aquele que inseriu o entrevistado na vida vaqueiral. Para tal pergunta ele respondeu:

*Pelo véi, meu avó, aí eu comecei, né. Trabaiano! Trabaiano com gado aí fui começano, começano. Fui trabaia com o paizin, vaquêro do Vicente Pinto e tinha uns gadin do véi que ele oiava. Aí seu dito tú me ajuda que quando chegar a ferra, eu te dou uma cria e aí eu fui né, fui trabaiano mais ele (Benedito Alves da Silva, 2018).*

Uma das coisas que se nota deste relato é que, assim como outros vaqueiros, entrevistados para a composição deste estudo, ele também teve na figura familiar o seu iniciador na vida vaqueiral. Outra questão importante é a persistência do vaqueiro, pois, mesmo sendo um serviço com uma série de dificuldades, mantinha a perseverança, isto se deve a características pessoais, mas também a própria realidade social que impunha que, mesmo em condições extremas de exploração, e com grande grau de pobreza e necessidade, não se afastasse do ofício a que se propôs.

A opção pelo abandono da lida poderia levar o trabalhador a uma situação ainda mais complexa, visto que, possivelmente, ao abandonar poderia entrar em situação pior de vulnerabilidade social, tendo em vista que, não existiam muitas opções de subsistência na região haja vista que as condições socioeconômicas, no geral, eram muito precárias. Ademais ainda enfrentavam dificuldades em relação à ida ao campo:

*Passava fome. Tinha dia que eu saia daqui em jejum e só comia de noite quando chegava em casa. O que nós cumia às vezes por onde andava era um*

*gole d`agua que nós bebia nas lagoa, às vezes nas casa, às vezes, cumo bem! Ali nos morro tinha aquelas grotas, quando dava no meio dia agente encostava os animal nas sombra perto das grotas e nos bibia aquela água daquelas grotas e tinha vez, como cansou de acontecer, eu chegava 08h da noite e não comia nada, porque eu tinha uma tal de enxaqueca e às vezes quando eu andava no campo, ela me pegava e com ela eu num cumia, eu num bibia, o que eu fazia era vomitar e tinha vez que eu já chegava com dor de cabeça não comia nada, ia comer nos ôto dia (Benedito Alves da Silva, 2018).*

A situação de penúria e dificuldades até mesmo para se conseguir o básico se repetem nos relatos dos vaqueiros entrevistados, de modo que, a condição de exclusão socioeconômica é algo evidente e negá-la seria um contrassenso. O vaqueiro, no entanto, em face da falta de alimentos substituí-a por comida que ele encontrava nas matas, ou seja, os frutos nativos que poderiam alimentá-lo:

*Bacurí, piquí, cajuí, buriti, às vezes cê encostava nas beras do brejo e às vezes tinha aqueles buriti dentro d`agua, alí agente caminhava no Buriti rsrs bebia agua, era igual ter almoçado, tinha muito. Mas aí depois que começou essas derrubadas foi acabando, as vezes eu cumia um piquí também (Benedito Alves da Silva, 2018).*

A falta de alimentos fez com que se forjassem, entre os vaqueiros, homens conhecedores dos frutos nativos que poderiam ser utilizados como alimentos e isto os ajudavam a sobreviver diante dos cenários de escassez. Homens que ao longo das suas vidas lidavam com dificuldades diversas, mas que pelos seus relatos, buscavam contornar, já que a vida era dura para a maior parte da população que vivia naqueles tempos em que o estado brasileiro não dava tanta atenção para às políticas públicas sociais inclusivas.

Apesar dessa vida difícil, de muito trabalho e de grande escassez de alimentos, tão presentes na vida dos vaqueiros, nos seus relatos não se veem tantos lamentos, apenas, em alguns momentos deixam transparecer mais algum nível de sofrimento, mas mesmo em tais situações, ainda demonstram sentir saudades da vida que levavam, pois, a seu modo e diante da sua realidade, se achavam felizes naquele mundo no qual estavam inseridos.

Essa é uma questão importante, pois, em um mundo moderno como o atual e pautado no consumo voraz que tem sua fundamentação numa globalização excludente, imaginar que pessoas que possuíam tão pouco se sentissem existencialmente felizes, faz com que se questione, em muitos aspectos, a propaganda neoliberal de que para serem felizes os grupos humanos precisam consumir cada vez mais.

Esta questão a respeito de como se sentiam na luta com o gado é tão real que ao ser



perguntado o que seria para o vaqueiro entrevistado pegar uma vaca brava no campo, ou seja, qual o sentimento existia para com tal situação assim ele se referiu:

*Eu sentia, pra mim era o maior prazer...Tinha vez que quando vinha assim uma rês correndo a gente reunia aquela tripulação de vaquêro, mas eu nunca gostei de correr com aquele bucado, eu gostava de pegar um pra correr mais eu, né. Aqui aculá tinha um canhorro, que o vaquero é bom andar com cachorro, que às vezes acontece do cavalo cair, se engancha no cipó, aí o cachorro passa (Benedito Alves da Silva, 2018).*

A respeito de como os vaqueiros agem na contemporaneidade, no quesito lida com o gado, ele deixa claro que ao longo do tempo ocorreram mudanças significativas como demonstrado no relato abaixo:

*É. mudô. Naquele tempo tinha homi que pegava boi, tinha homi mais corajoso, hoje você vê por aqui assim, o homi que a gente tem de confiança pra pegar uma rês é o Edilsosn, ele pega uma rês e não foba, diferente de ôtros, eles pega mais foba muito, foba mais do que o que faz... óia agente só foba depois que a gente faz o serviço, né! Eu nunca fiz isso, bixinha! Se ocaba corresse atrás de rês bem aculá e ele num pegasse, eu diziz assim: não, se eu ir lá eu pego. Não, eu nunca disse isso. Agora, se eu fosse lá e eu pegasse aí eu dizia: aí sim é. eu peguei se era esse daqui tá pegado. Mas, porque ele correu lá e eu dizer que pego, eu não. Eu também já dei carrêra pesada, num sou nem o primêro nem o segundo. Porque hoje eu posso pegar um, amanhã posso dar uma carrêra e num pegar, e assim que acontece comigo acontece com qualquer um. Até se você levar uma queda o cavalo cai com você, aí a rês vai imbora e o motivo é esse! (Benedito Alves da Silva, 2018).*

A resposta do vaqueiro, ao questionamento que lhe foi dirigido, demonstra que parece haver uma espécie de competição entre eles a fim de que se possam demonstrar aqueles que são mais valentes na lida com o gado. Isso é verificável, na medida em que, transparece na fala dele, que alguns costumam usar de profunda jactância para destacar até mesmo aquilo que não fazem daí ele, em sua fala, buscar distanciar-se deste tipo de postura que se vangloria de coisas que não fez:

Ser vaqueiro é uma posição disputada, em que muitos podem sê-lo ou não, alguém pode se dizer vaqueiro e não o ser de verdade, pode dizer que uns são e também o contrário, reformulando constantemente as posições que uns colocam para si e aos outros. Nesse caminho, encontrei diversas perspectivas lançando mão da categoria ser vaqueiro para multiplicá-la sob e de diversas formas, conectando-a com outros elementos, pessoas, posições, lugares, temporalidades, e se apropriando dela, ou sendo por ela apropriado, para dar às coisas novos sentidos, novos significados (Pereira, 2017, p.18).

O que se abstrai de tal pensamento é que o ser vaqueiro vai além de lidar com o gado, tem toda uma cultura que se constrói em torno de sua figura, que considera os discursos reinantes entre os próprios vaqueiros, ou seja, como eles se enxergam individualmente e coletivamente. Como percebem as suas próprias realidades circundantes seja no que tange às questões de ordem econômica, social, religiosa ou mesmo política.

A profundidade da questão do ser vaqueiro é muito significativa. Neste sentido, é preciso considerar aspectos que se referem à estética e segurança das práticas laborais da atividade vaqueiral e para tanto foi questionado ao entrevistado se ele, enquanto vaqueiro experiente, deveria usar também vestimentas típicas do vaqueiro ao lidar com o gado. A opinião do entrevistado a este respeito destaca-se por meio da fala abaixo:

*Não. Eu fui vaquêro! Eu pegava uma rês no lugar que um homi pegava uma rês encourado, eu pegava um desencorado, cançemo de pro campo quando nos achava uma rês, eles ia tomar as manga do Gibão e eu fazia era tirar minha camisa. Que eu num tinha Gibão nesse tempo. Eu tirava a camisa e colocava no cós da calça aqui e podia ser na chapada, no capão, na unha de gato. **Aonde um entrasse encourado eu entrava encourado e onde um encourado pegava uma rês eu pegava também.** Isso daqui num é só porque eu tô dizeno, pode procurar que o pessoal diz, quem viu eu fazendo diz que eu fazia, não faz mais. Mas, já fez (Benedito Alves da Silva, 2018).*

Pelo relato do vaqueiro, percebe-se que ele busca demonstrar que era alguém preparado com a lida do gado e corajoso. Na sua fala ele transmite segurança a ponto de pedir que, caso duvidassem dele, era só confirmar seus relatos com outras pessoas que conheciam sua atuação enquanto vaqueiro. Essas narrativas demonstram ainda que os vaqueiros estabelecem significados próprios às suas narrativas, tais significados também se originam das bases culturais nas quais estão inseridos e desta maneira, os discursos de valentia, coragem, eficiência na lida com o gado, tendem a escamotear outros problemas graves enfrentados por eles, como por exemplo, a exploração social e econômica, que sofriam por parte dos agentes sociais mais abastados dentro da realidade social em que viviam (Alencar, 2007).

Os relatos deste vaqueiro apontam para uma vida bastante envolvida com a lida com o gado e deixam claro, como a experiência do vaqueiro, no campear os rebanhos, permitem estabelecer conhecimentos de ordem prática que se manifestam no dia a dia com seus patrões, companheiros de lida, família e comunidade na qual está inserido social e geograficamente.

Para que se avance ainda mais nessa questão que trata das práticas laborais dos vaqueiros que atuaram nas regiões sertânicas de Caxias durante o período estudado, considerou-se também importante os relatos do senhor José da Silva Oliveira (Zezito), nascido em 1965, no

povoado São João, mas residente no povoado Santo Antônio.

A primeira questão levantada para seu Zezito versou sobre quando teria se iniciado a sua vida vaqueiral. Por meio de um extenso relato que está destacado abaixo, o vaqueiro em questão assim respondeu:

*Eu, quando eu era criança de sete ou oito, meu irmão era vaqueiro, meu pai não foi vaqueiro, criou algum gadozin, mas meus dois irmão, um mais véi e um mais novo, por parte do meu pai, era vaqueiro e sempre lutou com gado, nascido dento já da luta, foi crescendo naquela atividade. Aí eu morava que nem xxx de lá eu vim embora pra cá menino, aí eles vinha campear aqui nessa região, que aqui era tudo gado solto, aí quando eles vinha campear, eu ficava naquela ansiedade de acompanhar eles, num tinha como, num tinha cavalo, num tinha estrutura, ainda, pra nada. Aí ele acampava lá em casa pra almoçar, tomar merenda, aí eu vestia o gibão, achava tão bonita aquela vestuária... com aquele uniforme de couro alí, aí eu saía correndo, mesmo a pés, né!?... aí eu ia me adaptando aquela ansiedade de alcançar aquela atividade de ser vaqueiro, achava bonito, né.... Também fui muito encantado por montaria, por cavalo (...) E aí a gente foi seguindo á frente, e aí quando foi mais pra minha idade, casei com a filha de um vaqueiro, aí ele ficou pra lá e disse: “Não, Zé, então cê fica olhando, prestando tenção nesse gado aqui, que eu to lá, qualquer coisa cê resolve aí” tudo bem, aí eu fiquei, aí arranjei um cavalo.. aí fui trabalhar, trabalhava aqui, ...ajudava lá, acompanhava otos amigo. Eu podia tá numa mesa almoçando, mas se eu visse um vaqueiro “ei, loco, pega, bota aqui, faz o cachorro latir, largava aquele prato, corria pra lá” (José da Silva Oliveira, 2018).*

Pelo relato do vaqueiro, reforça-se, aquela ideia de que a vida vaqueiral, em geral, é respaldada a partir de uma visão de ser uma atividade repassada de pai para filho, ou então, por intermédio de outros membros da família. O entrevistado deixou claro que sua iniciação no campear o gado teve grande influência dos irmãos e por isso, é importante deixar claro o caráter familiar deste tipo de atividade. O vaqueiro então prossegue no relato e afirma que a vida de campear não é apenas um trabalho, existem sentimentos fortes envolvidos na prática, daí que muitos demonstram sentir saudades da lida com o gado:

*Né... É... a cegueira da vaquerista é igualmente a cegueira de quem joga bola, nos interior, na cidade, não, porque na cidade aquilo é o trabalho dele mesmo, o jogador profissional tem o trabalho dele, mas o jogador aqui do interior, ele é um jogador desprezado, desconhecido, que ele faz parte mas só pela ansiedade e cegueira dele, ele num tem ganho naquilo alí, é que nem nós também. Nós trabaia de vaqueiro, é como eu trabaio muito, mas sempre o ganho da gente é só agrado, gratificação, num tem pagamento fixo de dizer assim: “Rapaz, eu tô ganhando tanto aqui, por esse trabalho aqui”, mas é só a força de vontade de ajudar alguém, acompanhar alguém naquela luta, né, porque a gente acha bonito, a gente gosta, né. Eu adoro animais, sempre tinha um sonho de criar algum arreia, porque eu não cheguei a alcançar herança*

*de meu pai, que ele nunca me deu. A herança de meu pai, que eu arranjei, foi uma cangaia e uma espingarda que ele deixou pra mim. Aí ele não tinha mais nada quase de futuro (José da Silva Oliveira, 2018).*

O relato do vaqueiro, além de demonstrar seu sentimento sobre o trabalho desenvolvido no campear com o gado, aponta ainda o estado de escassez em que os vaqueiros costumam se encontrar, pois, na fala dele, demonstra-se que ele herdou poucas coisas do pai que sendo também um homem simples e de poucas posses, deve ter vivido também em condições econômicas de exclusão. Mas cabe considerar que, como vem sendo demonstrado pelos relatos dos vaqueiros, mesmo eles possuindo a noção do estado de escassez a que estavam submetidos, não demonstraram, necessariamente, uma revolta. Isso pode ser resultado do processo de alienação imposto pelo poder das classes dominantes sobre as classes mais populares, estando à classe vaqueiral, entre elas. Tal imposição é tão significativa que às vezes os discursos dos próprios vaqueiros parecem legitimar essa realidade.

É preciso, no entanto, considerar que os vaqueiros vivem o seu tempo histórico e refletem as ideias dominantes também de uma determinada época, mesmo que esta realidade nem sempre esteja intelectualmente tão explícita para eles. Assim, uma observação que se faz é que a imagem que se construiu do vaqueiro dentro da historiografia tradicional está repleta de estereótipos:

A imagem do vaqueiro ora rude, ora ingênua e crédula faz parte de uma identidade que foi forjada através dos discursos históricos e literários e que ficaram internalizadas em suas mentes, todas colocadas ali como modelos identitários. Entretanto, o que ele realmente gostaria de ser? A visão dos outros corresponde a esta imagem tradicional? Será que os discursos literário e historiográfico enunciam “verdades” sobre o vaqueiro que ele próprio desconhece? Neste sentido, vale ressaltar a máxima do discurso antropológico, segundo o qual as pessoas são! Os pesquisadores é que criam identidades. Em outras palavras, as pessoas vivem as questões microssociais do dia a dia sem preocupar-se com o que são. As identidades são atribuídas através da fala e do olhar do outro (Tapety, 2007, p.47).

Muitas vezes, pelo que se observa da citação, alguns estudiosos, em razão de suas posturas ideológicas, podem interpretar determinadas realidades de forma distorcida, daí que uma historiografia construída a partir de uma metodologia que leva em consideração os pressupostos da realidade do vaqueiro, a partir da visão de como o próprio vaqueiro se enxerga, ser um meio relevante para se buscar fundamentos em prol da desconstrução de visões equivocadas que ainda estão muito presentes no debate historiográfico quando o assunto é o vaqueiro.

É preciso extrair da realidade os fatos e interpretá-los à luz de uma teoria e metodologia

sólidas, pois, só assim, conseguir-se-á, construir uma análise histórica ancorada nos pressupostos adequados à ciência histórica, a saber, a compreensão de que as fontes históricas precisam ser utilizadas com o máximo de criticidade para que sirvam de embasamentos para interpretações corretas de dadas realidades históricas estudadas.

Com a intencionalidade de compreender, de maneira mais profunda, a realidade dos vaqueiros, conduziu-se a entrevista na direção de buscar saber quando o entrevistado teria começado a atividade de vaqueiro. Para tal pergunta ele respondeu:

*Entrei com 10 ano de idade. Rapaz, a gente adora a profissão, e quando a gente adora, você gosta, você quer tá encaixada ali, mesmo que você não esteja lutando, observando, você tá dando um plano, dando uma atividade pra quem não conhece, porque muita gente novo, hoje em dia, não sabe puxar um bezerro, não sabe ajudar uma vaca em perigo de pasto, ele num tem, ele num sabe, né. Eu como sou mais velho, já sei, já vi fazendo, já aprendi uma atividade dessa aí, se eu ver uma vaca em perigo...se o bezerro vinher de bunda, as palmazinha do pezinho dele tão pra cima, se ele vinher de frente entortar o pescoço, as mãozinha dele tão emborcada. Então eu aprendi esse jeito de ser, você vai ter que empurrar ele pra trás, se ele tá de frente, empurra ele pra trás, caçar onde tá a enganchada a cabecinha dele, pra resgatar ele pra fora, né, eu já salvei alguns (José da Silva Oliveira, 2018).*

Pelo relato, além de todas as questões já destacadas, nesse estudo, nota-se que é algo muito comum o fato de que os vaqueiros entrevistados tinham um ponto que os ligavam, o fato de que, em geral, começaram a lida com o gado muito novos. Isso se deve ao fato de que em décadas passadas não era comum essa visão de que a criança deveria ir à escola, antes as famílias colocavam os filhos para trabalharem desde a infância e isto em virtude das condições econômicas nas quais viviam, mas também devido à cultura familiar que determinava a relevância do trabalho na vida das pessoas, daí que ao chegar a uma idade que já conseguiam andar a cavalo, já começavam a marchar no campo lidando com o gado junto com os pais, irmãos entre outros membros da família ou conhecidos (Silva, 2009).

Na discussão que se trava neste estudo, o qual tem o vaqueiro como foco central e que, a partir dos relatos, resultantes de entrevistas realizadas, com os vaqueiros da região sertânica de Caxias-MA, trabalha-se a história assentando-se numa metodologia que tem no uso da memória, da História Oral e também da utilização de recursos imagéticos (fotos, mapas, etc.), suas bases analíticas, visando com isto, estabelecer uma interpretação coerente concernente à vida campeira dos vaqueiros que lidavam com gado no período histórico estudado.

Desta forma, entende-se, que as entrevistas, possuem um potencial de grande relevância para os embasamentos metódicos da História Oral em virtude de que, essa vertente da

historiografia, é um meio também de colocar em evidência as classes mais excluídas, como é a classe dos vaqueiros:

A História oral lida com histórias, e as histórias não podem ser reduzidas a um significado único. Para mim, parte da lição é resumida em um verso do cantor e compositor americano Charlie King: “Nosso trabalho é mais que nosso emprego/E nossas vidas são mais do que nosso trabalho”. História oral não é uma coisa se faz como profissão; no meu caso, literalmente nunca foi meu emprego. A boa história oral tem um propósito, até mesmo uma missão. Ela ambiciona deixar uma marca no mundo. Ela não termina quando o gravador é desligado, quando o documento é depositado, quando o livro é escrito – citando Emily Dickinson (1955), “ela começa/a viver/naquele dia” (Portelli, 2016, p.43).

A História Oral é capaz de trazer explicações importantes e coerentes sobre dadas realidades que dificilmente interessariam para a historiografia tradicional, a qual costuma ocupar-se, de temas vistos como mais nobres. Essa metodologia de pensar e fazer historiografia são, portanto, composta de elementos que se caracterizam por serem muito sólidos em termos de análise, ao mesmo tempo em que, pode contribuir para o enfrentamento do silenciamento onde se encontram muitos grupos sociais no que tange à sua própria história.

Outro vaqueiro entrevistado é Antônio Macedo Pereira (Fiscal), nascido em 02 de julho de 1951 no Povoado Redenção onde ainda reside. Para este vaqueiro foi perguntado inicialmente quando ele teria começado a sua vida de vaqueiro ao que respondeu: *“O ano eu num me lembro muito bem não, mas eu tinha uns 10 ano de idade. Meu pai tinha gado e eu comecei a cuidar desse tempo até hoje. Nunca fui vaquêro mermo afamado de 10 ano não, agora de mexer cum gado de 10 ano até hoje eu tenho mixido”* (Antonio Macêdo Pereira, 2018).

Mais uma vez, nota-se, o papel da família na iniciação da vida de vaqueiro, e fica bem claro, como existe uma espécie de hierarquia entre vaqueiros, no sentido de que alguns, se notabilizam frente aos outros, sendo nos dizeres do entrevistado “vaqueiro mais afamado”.

É preciso entender, de acordo com os relatos dos vaqueiros e da literatura especializada, que existem diferentes qualidades e tipos de vaqueiros, e em razão disso, pensar o vaqueiro de uma maneira unilateral ou sempre igual, revela muito mais uma postura equivocada de pesquisadores que se guiam por visões teóricas limitantes ou mesmo estereotipadas, do que uma análise alicerçada em fundamentos sólidos.

Nessa direção, procurando aprofundar a questão a partir de um prisma mais amplo, buscou-se saber também como era na visão dele a pega de boi bravo e o que seria o campo onde ele lidava com o gado. Sua resposta revela além das questões levantadas na pergunta,

igualmente, a ideia exposta anteriormente a respeito dos tipos de vaqueiros existentes:

*Depende da coragem e o cavalo bom, num é todo mundo que pega não e num é todo cavalo que alcança. É que tem diversos vaquêros assim: tem os vaquêro que gosta de campear e os que gosta de cuidar, que tem os vaquêro só por folia. Ah! amanhã nos vamo pro campo na Tiririca, no Barro vermei, mas num lembra que tem que cuidar do de casa aqui! quê tem os vaquêro que cuida dos bicho e tem os vaquêro de fulia. Aquele de fulia num se consta como vaquêro. O vaquêro que gosta de fulia que sabe cuidar dos animais que tá cuidano! (Antonio Macêdo Pereira, 2018).*

Pelo que fica destacado na fala do vaqueiro, ele faz uma diferença entre os que seriam os vaqueiros de verdade, e aqueles que apenas se revestem da estética cultural do ser vaqueiro – algo comum nas músicas nordestinas contemporâneas – em que a figura do vaqueiro é explorada de forma simbólica trazendo a ideia de alguém forte, heróico e viril. Os “vaqueiros de verdade” seriam aqueles, que efetivamente, tem a lida do gado não apenas como uma diversão, mas como uma prática cotidiana:

Encontrar os vaqueiros ditos de verdade e, mais ainda, na sua lida diária com o gado, ou no contexto de suas aventuras corridas pelo campo, claramente voltados ao trabalho e ao manejo do rebanho de gado, era uma realidade empírica que, como indicada por muitos, estava de certa forma se acabando (ou se transformando noutra coisa) como uma atividade sagrada, ao mesmo tempo em que, por outro lado, se reinventava (mesmo que de forma desvirtuada) a todo instante por meio de atividades profanas. Divisão entre sagrado e profano que proponho objetivar para ressaltar uma polarização articulada por uma interlocutora que encontrara para si mesma uma forma de conceber o que para ela são duas coisas diferentes, porém interconectadas. Diferenciação que para muitos outros florestanos se tornava igualmente complexa quando a categoria ser vaqueiro era articulada em debates, avaliações e julgamentos, sobretudo quando era objeto de veracidade (Pereira, 2017, p.47).

Essa é uma discussão interessante que tem se travado por meio das falas dos entrevistados e que demonstra que a ideia do vaqueiro, como sendo, muitas vezes, encarado enquanto uma figura heróica está tão enraizada na cultura nordestina, que muitos indivíduos, mesmo não lidando regularmente ou em nenhum momento de suas vidas, com o campear o gado, buscam ter essa estética de vaqueiro, apenas para participarem de eventos culturais, como por exemplo, as pegas de boi e vaquejadas.

No processo de entrevista foi perguntado ainda quando ele havia começado a lidar com o gado ao que respondeu:

*Óia? eu comecei mermo pá dizer! Eu era minino, o finado Raimundo era vaquêro aqui, ele ia pro campo no Almeida e eu ia de pé, como cachorro atrás*

*num sabe? Ainda hoje me lembro como onti, aí depois que eu cresci! Cresci não, que ainda hoje sou pequeno. Fiquei mais véi, foi que eu comecei a andar muntado. A questão que os menino de hoje em dia são medroso... Mas naquele tempo, os minino no interior num tinha medo de nada não. Naquele tempo os vaquêro daqui era o finado Raimundo, O João Pereira, seu dito, o paizín que tá quase morto. São tudo daquele tempo (Antônio Macedo Pereira, 2018).*

O relato dele demonstra os detalhes de como começou a lidar com o gado, além de trazer uma visão pessoal de como ele enxerga as crianças da atualidade, segundo interpretação, sem a mesma coragem de outrora. Essa visão está muito ligada ao entendimento de como a infância era vista na época em que ele iniciara a campear o gado, pois, como já elencado, a realidade social era bem diferente da atual, sendo muitas crianças inseridas em maior quantidade no trabalho e não na escola. Visando maior esclarecimento sobre essas questões expostas por ele, foi indagado se ele acreditava que todo bom vaqueiro tinha a necessidade de andar com a indumentária, ou seja, encouraçado durante o campeio com o gado, a esta indagação ele respondeu que:

*Não, o bom vaquêro deve cuidar dos animal, agora aquilo dali é quando cê vai correr no mato pra pegar uma rês, pra cuidar não precisa daquilo ali não. Eu mermo nunca comprei terno de coró pra mim, naquele tempo era barato. Eu cheguei a possuir até 17 rêses, hoje só possui quem tem dinheiro. Hoje, do jeito que o dinheiro tá fácil se tivesse onde botar todo mundo tinha uma rês, tinha até 10 hoje, porque naqueles tempos comprar uma rês era difícil todo mundo queria. Hoje, comprar uma rês basta você querer, mas num tem onde bote. Naquele tempo num tinha ninguém aposentado, hoje tem, com 950 dá pra ocê comprar, mas vai botar aonde?. Se num fosse esse desmatamento ainda hoje tava muito bom! Otá coisa, não tinha essa pista aí. Essa pista acabou com muita coisa. Essa estrada que liga Caxias a Colho Neto, tem muito ladrão e carro. Nesse tempo tinha só mata. Num tinha camim, ia de animal pra Coelho Neto e tinha que ir pela Ininga. Essa estrada aqui num tinha não. Essa estrada aqui foi novata. Ali onde é a casa do bala hoje, era um ponto de onça pegar gado ali. Era três capão ali. Por ali tudin o vaquêro andava. Naquele tempo nem era Coelho Neto, era Currálim, Coelho Neto nunca passou de \*\*. Aqui todo mundo tinha uma vaquinha, num é querendo dizer que naquele tempo, quem tinha 50 gado era fazendero, mas todo mundo tinha uma, duas, três. Todo mundo tinha, ninguém comprava leite pra criar minino, era só leite de vaca. Num tinha essa sequeidão não, nem em tempo de verão secava assim. Tamo tudo rudeado desmatação (Antonio Macêdo Pereira, 2018).*

A fala do vaqueiro demonstra, além do saudosismo típico dos entrevistados, algumas questões importantes, a saber, a percepção do que é ser para ele, um bom vaqueiro, bem como, como era a vida quando não havia tanto desmatamento e vias pavimentadas com asfalto ligando as cidades de Caxias e Coelho Neto.



Assim, no tocante a ser um bom vaqueiro, mas do que a estética do vaqueiro, ou seja, o modo como se veste, importa a sua capacidade de lidar com os animais que estão sobre suas responsabilidades. Acrescente-se ainda que em sua fala, ele também deixe transparecer que, a despeito das carências existentes e já elencadas nesse estudo, algumas coisas eram mais abundantes como é o caso do leite de gado que era utilizado para alimentação até mesmo das crianças:

Vaqueiro - Sujeito histórico e social era uma espécie de administrador da fazenda, que se responsabilizava pelo trabalho do cuidar do gado e das roças existentes na propriedade, além de, diretamente zelar pela manutenção da ordem e paz dentro da área territorial integrante da propriedade sob a sua responsabilidade (Silva, 2009, p. 120).

Essa responsabilidade imposta a eles, os vaqueiros, sobre os animais e demais funções que desempenhavam nas propriedades em que trabalhavam, obrigava com que, mesmo quando ainda jovens estes homens, fossem vistos já como adultos. Os relatos do vaqueiro são pautados na interpretação que possui da sua realidade, de como percebe o seu espaço vivido e consegue transferir, em palavras, as suas interpretações dos dados da realidade e isto baseado nas suas lembranças que são rememoradas:

A esfera da memória e dos depoimentos orais, genealógicos e biográficos está contribuindo, em muito, para o campo de análise histórica, ligando temporalidades, fazendo-as se entrecruzar, bem como resgatando atores sociais silenciados, dimensões do real muito pouco visíveis. É nesse sentido que a proliferação de estudos em torno do campo de análise da memória revela um olhar das ciências humanas, sociais, históricas e pedagógicas sobre si mesmas; um olhar crítico, inovador, problematizador e projetivo do passado e do futuro (Tedesco, 2014, p.32).

A memória é sem dúvidas, um instrumento de grande eficácia quando se busca reconstruir realidades históricas. Por meio da memória é possível analisar diferentes realidades, como por exemplo, a dos vaqueiros que durante muito tempo ou foi retratada de formas enviesadas ou sem a devida complexidade que se exige. Desta maneira ao fazer uso dos pressupostos teóricos e metodológicos da História Oral e da memória enquanto instrumento de construção historiográfica, permite-se, que os vaqueiros que antes estavam silenciados possam ser representados como sujeitos históricos relevantes para construção de realidades sociais como as existentes nas regiões sertânicas de Caxias-MA.

Na tentativa de ampliar a análise a respeito da temática deste estudo, realizou-se também entrevista com o senhor José Vieira dos Reis (Zé peção), que nasceu em 03 de dezembro de

1945 (72 anos), no Povoado Vertente, mas que reside no Povoado Barro Vermelho. Ao aludido vaqueiro foi questionado inicialmente de quando ele havia começado a lidar com o gado, na vida de vaqueiro. Ele deixou claro que sua iniciação na vida campeira se deu ainda quando criança:

*Quando eu comecei a andar no campo, eu tinha 5 ano. ainda hoje eu me lembro, [...] eu tinha cinco ano, me lembro demais, eu andava cum papai! ele muntado e eu na garupa, quando nós fumos imbora daqui pra onça, que chamava onça do bilaque, eu me lembro! parece que eu tô enxergano! cinco ano eu já andava muntado sozim! cinco ano! (José Luis Vieira dos Reis, 2018).*

Percebe-se, como o seu relato evoca sentimentos, a ponto de ele exclamar que parecia estar revendo o passado, que distante no tempo, se personifica por meio das lembranças. Fica evidente ainda, que dada às características de sua fala, depreende-se, que as suas memórias não são simples atos de lembrar acontecimentos vividos em seu passado, pois, a intensidade com o que fala, aponta para vivências que o marcaram de tal forma, que os sentimentos dos espaços, das paisagens e das práticas empreendidas ao campear os rebanhos de gado, se manifestam de maneira muito real: “A memória não é um simples lembrar ou recordar, mas revela uma das formas fundamentais de nossas existências, que é a relação com o tempo e, no tempo, com aquilo que está invisível, ausente e distante. Isto é, com o passado” (Tapety, 2007, p.56).

No sentido de entender mais a realidade relacionada às vivências campeiras do vaqueiro em questão, foram indagados pontos importantes, a saber, como era a vida dele enquanto vaqueiro como também o que era, na visão dele, ser vaqueiro e ainda quais eram as dificuldades enfrentadas no cotidiano de trabalho, lidando com o gado. Para tais questionamentos o referido vaqueiro assim expressou-se:

*Andava no mato direto. (...) muntado. Todo dia não! quê todo dia num ia, mas todo dia ia pra lá, nem que seja no curralo. Era sair cedo! 1 hora, 2 hora, 3 hora da madrugada. Era esse o rojão de todo dia e bem num tem quantia e sai bem cedo e sai de noite. Cê sai... e as vezes chega 7 hora, 8 hora, 9 hora da noite... e a peleja e desse jeito, mia fia. Era pegar boi brabo e brigar cum boi valente, passano fome. As vez num cumia, nem agua num bibia. E a confusão era essa e a ééé (José Luis Vieira dos Reis, 2018).*

Nessa mesma toada, buscando avançar ainda mais na questão referente às lutas e dificuldades enfrentadas pelo vaqueiro, ele descreveu que:

*Era, porque tinha que tirar o leite tômbem, 3 h, 4 h. às vezes... dia de Domingo era só 05:30hrs ,06:h... tirava o leite e ganhava o mundo... minha vida toda foi uma vida sofrida. Era pegar gado valente, gado teimoso, que num queria caminha, cê ficava o dia todo com ele amarrado, brigano cum ele. Óia que era sofrimento. Óia que eu fui prum lugar chamado Lagoa do Arroz e foi até cum Nonato, fii do Dosa que tem o oi (olho) perdido. E foi sem cumer, sem beber e sem durmir a noite todinha no mato, longe de gente. A nuvia adueceu 5h da atarde, anoiteceu, amanheceu e passamo a noite lá, oiano pra ela. Num cumimo, num bebimo e nem drumimo a noite todinha. A noite todinha no chão ou em pé, assentado ou andano, a noite todinha a e ainda era no truvo, porque num tinha lanterna. Rapaz! Eu sufrí pra disgrota quando andava no campo. Hoje eu num ando, já tô vêi, num pego mais gado, hoje eu tô... num forço muito., num faço mais nada, né! Óie o vaquêro de antigamente era dificultoso... o gado era solto... e aí começou a mudar por causa dos desmatamento... (José Luis Vieira dos Reis, 2018).*

A riqueza com que descreve as suas vivências é algo notável. É como se ao rememorar, suas lembranças o colocassem no mesmo lugar que antes campeava. Ele descreve os espaços e as pessoas com as quais conviveu, durante o campeio do gado, de forma tão vívida que parece transportar-se para o passado:

O que separa a narração da descrição, entretanto, é uma diferença de conteúdo, pois a narração se relaciona com as ações e os acontecimentos considerados como processos puros e, por isso, acentua os aspectos temporal e dramático da narrativa; já a descrição, ao contrário [...] desempenha um papel operador de legibilidade e coerência, agindo na unidade estrutural do relato, assegurando a lógica das ações, a configuração das personagens e os condicionamentos do meio (Menegazzo, 2011, p.2).

Essas são questões importantes quando se busca compreender realidades históricas a partir do uso da História Oral e de como essa vertente metodológica pode ser de grande valor para as narrativas que tem por base não apenas a busca da descrição e interpretação das ações dos agentes históricos, mas da própria realidade espacial existente, *lôcus* das práticas sociais destes vaqueiros. Assim, as narrativas históricas, baseadas na História Oral, procuram enriquecer de detalhes que possam mesmo trazer uma verdadeira rememoração das paisagens do passado:

Nas narrativas, a paisagem do passado, uma paisagem da memória, que é conservada principalmente pelas gerações mais velhas, é repassada às gerações mais novas através de um processo de presentificação do espaço no tempo. Com este jogo de sobreposição de imagens os narradores conseguem informar os ouvintes sobre as transformações que ocorreram na paisagem, procurando estabelecer uma continuidade da paisagem do passado na paisagem do presente. Nesse sentido, a mudança somente é compreensível através de recortes que se tornam aparentes apenas no momento da narrativa, no contraste estabelecido entre a paisagem do presente e a paisagem do passado (Alencar, 2007, p.11).

Quando foi perguntado se preferia ir sozinho ou acompanhado com muitos ou outros vaqueiros campear o gado assim se expressou o entrevistado: *“Era bom quando ia o monte, quando era muita gente! Sozim só quando era uma vaquinha assim parida. Uma pega de boi mesmo, assim mei grande, era bom de 10, 12, 15 homi”* (José Luis Vieira dos Reis, 2018).

Questionou-se ainda a respeito da união entre os vaqueiros e a respeito da chegada à região de vaqueiros vindos do Ceará, se ele havia presenciado tal ocorrência na época em que campeava ao que destacou as seguintes observações: *“Sim. Nós era uma classe unida...Ainda vei o Raimundo de mato só, passou aqui uns seis mês e só, passou lá no Alecrim. Ele morava no Ceará, era meu vizim em 1958 em julho ou foi agosto...”* (José Luis Vieira dos Reis, 2018).

A forma como eles, os vaqueiros; se referem aos acontecimentos do passado, ora dando as datas exatas, ora sem destacar a exatidão de datas, demonstra que os acontecimentos marcantes de suas vidas é que acabam por fazer com que sejam lembrados de forma mais vívidas. Desta maneira, esse mecanismo da memória é também seletivo em dá maior visibilidade aquilo que julgam, mesmo que inconscientemente, ser mais importante recordar.

Todo povo tem a sua história, aquela que consta nos registros oficiais, em documentos escritos nas memórias das pessoas. Em todos os casos, urge a necessidade de salvaguardá-las, para que a identidade coletiva seja mantida e as futuras gerações a conheçam e possam, também, mantê-la (Santos, 2018, p.19).

Os relatos do vaqueiro José Marques Lobo (Piloca) nascido a 27 set. 1954 (64 anos) no Povoado Ininga, local onde ainda reside, foram também de grande valia para o entendimento da temática desta pesquisa. Nesse sentido, a exemplo do que foi feito com outros vaqueiros entrevistados, perguntou-se, inicialmente, quando ele teria tomado à decisão de ser vaqueiro, ao que respondeu:

*Quando eu era piqueno já tinha convicção já. Num acumpanhava vaquêro pra todo lado, porque nesse tempo ninguém trabaiaava, nós trabaiaava. Aí sempre quando tinha umas folguinha, papai sempre gostou de ter cavalo, aqui e aculá eu largava xxx aí o papai não tinha convicção para essas coisas, mas eu sempre tinha. Quando eu era piqueno, eu pegava um cavalo de paia botava um chucal ne 'le e aí botava na cabeça inrrolava assim e ainda fazia as zurea. Aí quando eu comecei foi com os menino aí do zé pequeno, o Ivaldo, nesin, ajeitando os cavalo véio que num prestava mais pra andar muntado e ate que a mamãe comprou uma vaquinha véa. Aí comecemo daqui pra lá. Fui comprano cavalo por minha conta aí comecei trabaiano, comprano uma vaquinha aqui e açula* (José Marques Lobo, 2018).

Este relato além de se coadunar com os demais, no sentido de que ambos os vaqueiros

começaram bem jovens, traz um elemento novo, a saber, a questão do aspecto lúdico envolvido, pois, ao relatar sua iniciação no mundo vaqueiral, cita-se em sua fala o fato de que já em suas brincadeiras na mais tenra infância, como a ideia de ser vaqueiro já estava bem presente, pois, ele já simulava como era a atividade do vaqueiro ao lidar com o gado. Esta é uma questão importante, pois, trata do simbolismo que as profissões exercem sobre a vida das pessoas, é como se fosse um verdadeiro processo de educação prática com o qual se busca preparar novas gerações que tendem a substituir os mais velhos.

No decorrer da entrevista algumas questões foram levantadas, tais como: o que seria para ele o ir ao campo lidar com o gado e o que ele entendia do ofício de ser vaqueiro. As respostas dadas por ele estão descritas abaixo:

*O vaquêro quando ele vai prum campo assim, ele dorme pouco, ele num quer perder a hora! Dorme pouco! Toda hora ele pensa que já chegou a hora e as vezes ainda num chegou e aí levanta, se o cavalo tá pegado, naqueles tempo num tem a facilidade que tem hoje, tinha que ter um cercado pra botar, botava numa capuera longe e ia buscar de madrugada, se num tinha era solto cum chucai no pescoço e você tinha que caçar... era desse jeito. Eu já tô da idade que tô, já num sinto muita falta, mas pelo que a gente via [...], quando a gente oiá pra ´queles lugar, como ainda hoje eu tava lá, a gente senti assim um vácuo por dento, como que seja assim... dá um balanço numa rês que vai em cima e volta, como que seja ... aquela emoção. Sabe! Como quem nunca viajou numa coisa, que dá aquele nervoso. Quando você vai viajar de avião que dá aquele nervoso, quando você vai muntar num animal, quando a gente vê aquele lá, que vê hoje, que tú óia, dá uma emoção na gente, dá vontade de chorar (José Marques Lobo, 2018).*

O relato acima aponta para uma visão de que a vida vaqueiral é bastante forte entre os seus praticantes, remontando a uma ideia já bastante perdida na sociedade capitalista atual, a de que o trabalho não pode ser encarado apenas como um mero meio de sobrevivência, mas como uma das atividades que trazem sentido à vida das pessoas. Os relatos dos vaqueiros deixam claro como as suas práticas laborais, para além da busca de sustento pessoal e familiar, significavam também que lhes dava propósito de viverem naquelas comunidades rurais.

Os relatos do senhor Antônio José Ozório, nascido a 04 de novembro de 1955 (63 anos), no povoado Barro Vermelho, local onde ainda reside, são bastante esclarecedores sobre vários aspectos concernentes ao que se objetivou nesse estudo. Desta maneira, as questões colocadas ao entrevistado foram as que versavam sobre quando teria iniciado sua vida de vaqueiro, qual a representatividade desse ofício para ele e qual a importância das idumentárias na vida vaqueiral. Suas observações foram as seguintes:

*Naquele tempo quando eu era jovem, minino, eu comecei com meu pai andando em campo, com meus 13, 12, 14, 15, 16, 17, 18 ano. Com 18 ano eu saí e depois voltei pra cá. Eu campeava junto com meu pai, mamãe nesse tempo brigava, eu saía num cavalo, ele num e eu noto, nós ia atrás de vaca parida, pegar vaca pra matar, gado ... nesse tempo...Era a maior alegria que eu tinha no mundo era ir pro campo com meu pai, pegar uma rês no campo, aí depois comentar, porque depois cê comenta, cê fala, diz: rapaz! Dava pra nós pegar mais cedo, se não fosse aquele daí, aquela coisa toda. O gostoso é o comentaró depois. Eu achava bom, era eu correr atrás de boi com meu pai, caçar vaca parida, passar aqui uma hora da manhã pra ir pro campo nos poró, esse era o rojão, que teve quem foi vaqueiro. Com certeza, botar perneira, gibão, guarda peito, chapéu, ir preparado pra uma necessidade de uma carrera, você se proteger de muita coisa, né. Num se protege de uma pancada, mas de uma varada, uma pancada de cipó, de um espin, é uma proteção. Agora se você se tacar numa palmeira, num pau, só Deus, mas pra uma lapada de um cipó, um espin. Ave Maria! Ajuda demais (José Marques Lobo, 2018).*

O vaqueiro, por meio de sua descrição, aponta para a importância do uso da indumentária como sendo útil à segurança do vaqueiro e ainda destaca algo importante, que é o fato de que muitos deles, possivelmente, costumam falar com nostalgia do passado (de quando campeavam o gado) em virtude de que, nesses tempos, além da juventude e do vigor que ela traz, existiam também as amizades, a relação com o pai – que na maioria das vezes – não está mais presente. Depreende-se que são as relações cotidianas com as pessoas que impacta fortemente a atividade vaqueiral.

Desta forma, a lembrança das práticas está associada com a lembrança das pessoas e dos lugares em que campeavam, daí que muitos vaqueiros revelam saudades desses tempos. Essas nostalgias não se referem, de modo algum, apenas ao ato de campear o gado, pois, tal é apenas parte das vivências dos vaqueiros, o que os toca, pelo que se percebe no decorrer dos seus relatos, é o todo, ou seja, as práticas relacionadas com a vida diária que incluem as vivências com os companheiros de trabalho, os espaços percorridos, os animais (cavalos, etc.), pois tudo isto faz parte do que são como pessoas.

Para se entender toda essa realidade, um ponto muito relevante, e que foi perguntado ao vaqueiro em questão, refere-se, a importância e o significado, na visão dele, do campo. A esse questionamento ele respondeu:

*É você... Quem tem amor a gado, quem tem amor a carralo, quem tem amor a profissão, fazer aquilo que gosta, num tem coisa no mundo... se você num fazer o que gosta, num dá certo, tem que fazer o que dá amor. Você se levantar, 01h da manhã, 02h da manhã pra ir um campo lá na linha, lá no bêbedo, lá no engenho d'água, então, assim o campo tem que ser cedo e você chegar 08h da noite, 09h e tem dia que você achava um fii de Deus que*

*ajudava a maioria num tinha não, cê podia ir, beber agua num igarapé, num córrego, num negócio (José Marques Lobo, 2018).*

O vaqueiro dá uma série de significados para o que entende como sendo o campo onde lidava com o gado. Refere-se aos animais (gado, cavalo, etc.) com palavras que expressam sentimentos, como também, deixa claro que quando se faz aquilo que gosta, o trabalhador consegue se sentir mais realizado.

Todos estes relatos revelam como a vida dos vaqueiros é marcada por uma série de circunstâncias que transformaram suas vidas ao longo do tempo. As transformações dos espaços por eles percorridos, na lida cotidiana com o gado, passaram por muitas alterações e essas transformações externas afetavam diretamente suas vidas pela estreita relação que possuem com o campo. Por meio dos depoimentos, é possível visualizar como eram os espaços dos povoados, foco deste estudo, naqueles tempos e com base em imagens da época estudada, corroboram-se, as entrevistas dos vaqueiros no que tange às paisagens sertânicas relacionadas com a realidade sertânica do espaço estudado nesse trabalho de modo que, viabiliza abarcar maiores informações que ajudam a reconstruir teoricamente aquelas paisagens (Leão; Rodrigues, 2013).

Cabe considerar, no entanto, que as imagens, embora úteis, nos processos de produção historiográfica, precisam ser analisadas com critérios sólidos para que não sejam meras ilustrações, mas que de fato reflitam posturas que as insiram como documentos/fontes históricas importantes na construção de uma historiografia de qualidade, pois, é preciso ter em mente que ao se utilizar fotografias, como também, outros documentos para a construção da História, nunca se pode perder de mente, que deve o historiador agir criticamente sobre essas fontes, pois, do contrário, seu trabalho, irremediavelmente, estará prejudicado. Assim, o historiador ao lidar com esse documento deve sempre levar em consideração que:

A fotografia, o retrato ou qualquer documento histórico, por mais objetivo que possa parecer, está sujeito às análises, vontades e ideologias do seu autor e às interpretações dos seus receptores. É interessante refletir sobre o uso e rearranjo das fontes imagéticas em livros e materiais que muitas vezes fazem uma leitura equivocada da iconografia para provar determinado argumento. Mais do que isso, fazem verdadeiro uso da iconografia como mera ilustração, sem problematizá-la. Isso ocorre em materiais didáticos, principalmente nos livros, nos quais em sua maioria a interpretação se resume a pequenas notas de rodapé. Ou seja, a imagem não é usada como fonte histórica (Leão; Rodrigues, 2013, p.11).

É preciso então compreender que as imagens são importantes e de grande valia, mas que ao serem utilizadas de maneira unilateral, com interpretações rasas, elas não poderão refletir a

realidade dos fatos e sim apenas posturas meramente opinativas ou ideologizadas em favor de determinada postura defendida. Assim, quando se buscou imagens a respeito da época estudada, teve-se grande dificuldade dada a escassez desses documentos, mas as que foram encontradas, em grande medida, estão em consonância com os relatos dos vaqueiros, os quais por meio dos seus depoimentos reconstituíram realidades vivenciadas em décadas passadas e que deixaram muito claro as características das paisagens, dos currais e da lida com o gado nos tempos passados, como por exemplo, a referente aos currais como se vê na figura 1 abaixo.

**Figura 1** - Curral no Distrito de Engenho D'água em Caxias-MA - 1957



Fonte: IBGE (2018)

A imagem aponta uma construção rústica que refletia a realidade da época em que os currais; construídos com a palmeira da carnaúba, eram utilizados para reunir o gado, pois, não se deve esquecer que os rebanhos naqueles idos eram criados soltos, numa típica criação extensiva, mas os currais serviam para reunir o gado tanto para contagem, como para outros cuidados necessários.

Na figura 2 abaixo, nota-se, um curral presente no Povoado Barro Vermelho em 1978. O que é interessante tanto nesta quanto na imagem anterior é que a tecnologia e a matéria-prima utilizada para a construção dos currais, bem como, os formatos, pelo que se observou ao longo do tempo, não mudou muito desde o processo de colonização até a época estudada. As características rústicas dos currais são muito parecidas.



**Figura 2** - Curral Povoado Barro vermelho - 1978



Fonte: Acervo pessoal particular, António José Ozório.

Pela imagem é possível notar que o local onde o curral se encontra construído tem características típicas da região sertânica de Caxias-MA no que tange aos aspectos climáticos, vegetacionais e mesmo de solos, pois, a partir de uma leitura geral da imagem, notam-se as palmeiras de babaçu, solo arenoso com algum nível de textura árida.

É perceptível também notar que, em função das características da vegetação (árvores verdes), ser possível compreender que a região é uma área de transição entre os climas mais áridos – típicos do grande sertão nordestino – que é marcado pela aridez e pouca precipitação e os climas mais úmidos do norte do país que são marcos, como se sabe em face da literatura especializada, com grande volume de chuvas durante o ano. Essa região é exatamente o que na Geografia se conhece como Meio-Norte, ou seja, uma área que envolve parte do Piauí e o estado do Maranhão, área que por ser de transição, separa os domínios amazônicos e da Caatinga, daí a grande riqueza paisagística da região que cria um mosaico visual que diferencia a região sertânica de Caxias-MA de outras áreas (A’Bsaber, 2012).

**Figura 3** - Curral e residência, povoado Barro Vermelho



Fonte: Acervo pessoal particular, António José Ozório.

Na figura 3 acima, demonstra-se que o gado, além de solto na maior parte do tempo, passeava pelo terreiro dos donos, pois, embora fosse feito uso do curral para situações de confinamento, muitas vezes, algumas práticas com o gado eram realizadas no próprio terreiro dos donos, em frente as suas residências. Para os vaqueiros, sentir o cheiro do gado e do esterco, o barulho do chocalho e o mugir dos animais eram algo comum em seu cotidiano vaqueiral.

Essas imagens que fazem parte do arquivo pessoal de alguns dos entrevistados trazem a eles, pelo que se abstraiu das falas presentes nas entrevistas, recordações importantes de momentos marcantes de suas vidas, os quais, a despeito de serem repletos de dificuldades, foram também, de grandes regozijos existenciais por realizarem aquilo que aprenderam a gostar. A imagem nesse sentido tem um poder significativo enquanto um documento histórico que remete a um passado que ainda se faz muito presente em suas recordações e memórias (Leão; Rodrigues, 2013).

A fotografia é, nesse sentido, um documento histórico de grande valia, pois, de acordo com o que assevera Kossoy (2001, p.28): “É a fotografia um intrigante documento visual cujo conteúdo é a um só tempo revelador de informações e detonador de emoções”. Esse é um ponto de extrema relevância, pois, por meio da fotografia, consegue-se, levantar informações importantes e ao mesmo tempo elas funcionam como catalisadores de emoções para aqueles vaqueiros, uma vez que, é uma identidade visual do que eles eram no passado com o que são no presente.

Leite (1993, p.26) afirma que: “As fotografias estão a exigir um estudo comparativo de sistemas de significados, das mediações entre a realidade que se quer compreender e a imagem dessa realidade”. Isso vem demonstrar quão relevantes tornaram-se as fotografias para as

análises históricas, especialmente, quando se trata de História Oral.

As imagens são, portanto, importantes, como meios para se compreender determinadas realidades, pois, captam momentos que ficam registrados e que servem como documentos históricos. Junto com as memórias dos vaqueiros, elas são muito úteis para o processo de construção historiográfica, que toma por base os pressupostos da História Oral. Nessa linha de pensamento, é fundamental considerar o que afirmou Antônio Macedo Pereira (Fiscal) quando lhe foi perguntado a respeito de qual a história vivenciada por ele que guarda de forma bem viva na memória até os dias atuais ao que ele assim descreveu:

*Só que a vaca pisou no meu pé que ainda hoje tem um buraco bem aqui, ó. Nesse tempo os curral era ruim, aí tinha uma garrota, aí eu num sei se era pá ferrar, num sei o qué que era, só sei que mandaru eu ficar inguaniceno lá, aí ela foi por lá e caiu em cima do meu pé, em cima de mim, o boi (Antônio Macedo Pereira, 2018).*

O acidente de trabalho descrito acima é algo que sempre fez parte da vida do vaqueiro. Esse tipo de trabalhador, historicamente, esteve submetido a condições de trabalho de grande risco, porém, em virtude de toda a simbologia que está vinculada à vida do vaqueiro, quase sempre, os riscos são vistos como desafios que visam demonstrar quais são os bons vaqueiros, aqueles que são afamados.

Dentro das fazendas e da prática vaqueiral de uma maneira geral, é comum que os vaqueiros também cuidem não apenas de tocar o gado, levando aos campos para pastar, mas também que busquem curar os animais sempre que isso se mostrar necessário. A este respeito o vaqueiro em questão assim destacou:

*O Imbigo do bezerro, nos fazia assim: primêro vei o bebe toque, antes desse medicamento, nós pegava o imbigo do bezerro exprimia e pegava a bosta seca do animal e infregava na mão e enchia o imbigo do bezerro. Aí vinha o bebe toque que passava a banha que matava, depois vei o unguento, aí depois vei o mata bichêra que é o expray (Antônio Macedo Pereira, 2018).*

Observa-se que existe todo um processo baseado no senso comum para cuidar do gado. Mas ao mesmo tempo também, é possível notar, que fazem uso também de produtos da indústria veterinária para poder estabilizar a saúde dos animais que estão sob a sua responsabilidade. Ressalte-se que dentro da cultura dos vaqueiros, além dos remédios e terapias utilizadas para lida com o gado, as doenças também são combatidas utilizando a fé e nesse sentido perguntou ao vaqueiro se ele acreditava que as rezas seriam capazes de curar o gado ao que respondeu:

“Não, diziam que tinha, mas eu nunca boitei fé não. aquilo dali é fraco” (Antonio Macedo Pereira, 2018).

Dentro da supertição dos vaqueiros, buscou também saber se a ideia de trabalho na segunda-feira era seguida por ele, ao que afirmou:

*Hoje não, mas de primero ocê ir pro campo na segunda feira precisava ser uma rês dentro duma mata numa roça duma pessoa, ou muito doente, porque diz que segunda-feira é dia das alma, diz que é mió cê ir domingo do que segunda. Tinha aquele recei dos dois dia, domingo e segunda, agora, fora esses dois, era qualquer dia (Antônio Macedo Pereira, 2018).*

O vaqueiro reforça que a crença existia, mas que atualmente caiu mais no esquecimento, embora algumas pessoas ainda guardem essa tradição. Mas isso é cada vez menos valorizado. Na mesma toada de buscar compreender essas questões ligadas à lida com o gado e os aspectos voltados à supertição, bem como, os processos de cura dos animais e momentos marcantes da vida dos vaqueiros foi perguntado ao senhor José Vieira dos Reis (Zé peção) se teve alguma coisa que lhe marcou demais durante o tempo que foi vaqueiro. Ele assim declarou: “Rapaz [...] a coisa que acontecia é que a gente faltava dar a agunia no mato, o que acontecia era isso. A gente afadigado, brigano cum bicho valente, o dia todim, cum fome, cum sede. A dificuldade era desse jeito” (José Luis Vieira dos Reis, 2023).

Quando inquirido se era possível conhecer o gado que se cuidava apenas pelo chocalho, ele afirmou que:

*Cunhece e o rasto agora. Por onde eu ando eu cunheço, digo logo, foi o gado de fulano que passou aqui. e eu adeferenço o boi macho pra vaca fêmea. Porque o rasco do macho é aberto e da fêmea e fechada! E eu cunheço do bezerro macho pra vaca fêmea. O da bizerra fêmea é bem finim e do bezerro macho é mei largo. Óia tinha umas vacas no campo dá cajulandia e eu fui pegar uns jumento e o Didi... Ai eu ví o rasto. Ai o Didi Disse: cê conhece? Eu disse: cunheço. Ele disse: o sinhô cunhece nada. Ai com três dia eu trusse aí eu disse pra ele: eu num te disse que era uma bizerra fêmea! (José Vieira dos Reis, 2023).*

O vaqueiro experiente, pelo que se abstrai da fala do vaqueiro, é capaz de conhecer os animais apenas pelo chocalho e pelo rastro. Isso faz parte da eficiência dos bons vaqueiros dominarem essa capacidade.

A respeito da cura dos animais, de como lidava com essas situações de doenças que acometia o gado ele assim referiu: “De primêro a gente curava cuma banha chamada bebe

*toque, um remédio, uma banha amarela. O Zé Maria ali reza, eu nunca aprendi. O Zé Maria Luzia da Cumbuquinha” (José Luis Vieira dos Reis, 2018).*

Em sua fala, percebe que ele admite fazer uso tanto de remédios convencionais como também da crença de que as rezas são importantes e que estas rezas são aprendidas e que ele não a domina, por isso quando precisou, chamou outro vaqueiro para poder fazer a oração pela cura do animal:

Alguns rezadores usam uma pedra para fazer a simpatia, emborcando-a sobre as pegadas da rês, ao mesmo tempo em que rezam. Outros pegam três embiras verdes para, em cada uma delas, fazer três nós e depois colocá-las sobre as pegadas, proferindo as palavras corretas entre uma ação e outra. Em seguida, enchem os punhos de areia três vezes, levantando os braços, jogam-na para trás. Há ainda rezadores que colocam um pau seco sobre o qual a rês tenha passado por cima, na posição contrária a que o encontrou, junto de uma cruz feita com folhas verdes. Os vaqueiros e rezadores não se importam muito em contar os gestos e é comum que esposas e filhos digam com o que eles fazem as rezas: folha, pedra, embira (fibra de casca de árvore ou talo de folha). Mas as palavras são mantidas em segredo (Pereira, 2021, p.95).

Outro vaqueiro que destacou pontos importantes a respeito de como curar o gado foi o senhor José Marques Lobo (Piloca). Ele assim afirmou: *“Óia! Quando eu era, nuvi vei se criava com crirulina e depois começou a aparecer aquele unguento branco, aí depois apareceu o mata bichera, aí agora tem adectomac pra assentar no vivente que tem alguma bichera...” (José Marques Lobo, 2018).*

Ao ser questionado a respeito de se acreditava nas rezas como meios eficazes para curar animais doentes, o vaqueiro disse que: *“Eu não, e nunca quis aprender. Muita gente já quis me ensinar, mas eu não quis não. Nunca quis aprender, de jeito nenhum” (José Marques Lobo, 2018).*

Em seguida questionou-se ao vaqueiro se ele sabia aplicar uma injeção como meio de ajudar na cura do gado, ao que disse: *“Sim, quando eu vou comprar remédio pra gado, eles querem me dar óto, eu compro mesmo os que eu sei, eu nunca aprendi foi aplicar na veia pra dar o soro” (José Marques Lobo, 2018).*

Foi questionado ainda a respeito da indumentária, ou seja, se o bom vaqueiro deveria usá-la ao que destacou:

*Não. Se você vai só oiar um gado pode ir só em perna mermo, chapeuzin na cabeça e se der certo ainda pega ... cansei de pegar só de manga de camisa, depois de tá com o caldo quente, num tinha mais esse negócio não. Quando é um boi falado, tem que ir apululado, aí convida um aqui óto aculá pra o negócio ser mió, uma coisa que se chama conquista. Eu peguei três boi deitado (José Marques Lobo, 2018).*

O entrevistado prossegue explicando o que foi essa pega dos três bois deitado ao destacar como se deram as etapas do ocorrido na época em que campeava o gado nas regiões sertânicas de Caxias-MA:

*Primêro escarrerei ele, e aí cachorro tava latindo lá pra dento do mato, quando chguei lá tava deitado, aí eu só fiz passar a corda na cabeça, amarrar num pau e aí os zoto chegaro e dissero que ter cavalo bom é coisa boa... mais eu num disse pra ele como foi que eu peguei o boi (José Marques Lobo, 2018).*

Em seus relatos ele reforça a ideia, já referendada por outros, de que o bom vaqueiro, conhece o seu rebanho até mesmo pelo som que emitem por meio dos seus chocalhos: “*Conhece, pode tá no meio de cem, mas se for um chocai que ele conhece, que foi ele que botô. Ele pensa logo: oiá o chucai da vaca de fulano, do boi de fulano*” (José Marques Lobo, 2018).

O vaqueiro também afirmou que começou a campear o gado ainda muito novo daí sua vasta experiência na lida com os rebanhos:

*Eu tinha uns 15 ano, desde mininozin vêi eu andava muntado. A pessoa já nasce com aquilo. Ele já nasce veno aquela profissão e acha bonito, aí deseja ser aquilo um dia. Eu perdi muita coisa na minha vida por causa de duas coisas: uma foia essa profissão, e a outra caçada e bola (José Marques Lobo, 2018).*

Em razão da dinâmica desta pesquisa, foi perguntado ainda ao vaqueiro a respeito de quais seriam os tipos de vaqueiros existentes. Ao que o entrevistado assim respondeu:

*Óia! O vaquêro, mais fri, que eu nunca na mia vida botei fé foi o vaquêro crente. O crente, o evangélico, sabe por quê? rrsrrs. O vaquero só vale lubrificado. Um dia eu dei uma carrera no boi do Lu eu e o Dival, a vaca se chamava, Merola, ali naquele banco de arêa, pra banda da Jirita, eu sei que nós damo duas carrera nessa vaca, que a vaca foi embora, aí quando foi... nós viemos pros pé de manga onde era os mangão...Num tem! Aí nos viemos pra alí, quando chegemo lá... Nam, quando esfriar nós vamos pra vaca de novo, aí eu disse: minino, vai ali na casa do Paulim diz pra ele mandar um lito de cachaça pra mim rrsrrs. Aí sim, eu tava frii rrsrrs aí ele chegou eu disse: mé dá aqui, tomei logo uma dose, fique por ali assim, só sei que quando chegou na hora eu já ia com três dose. Agora umbora pra vaca, aí os cachorro levantaro, Divaldo vêi de lá pra cá e eu, entramo nessa vaca, atravessamo aquele banco de arêa, pro lado do baxo, lá no baxo a vaca soltou o cambão de unha de gato em cima de mim, na minha boca rachou tudo em cima de mim, aí quando chegaro lá tava amarrada, ai, mas lá tinha sangue, rapaz a vaca soltou um pau voltou quebrou minha boca. Vi ali mandar fazer uma aguá de sal, aí enchí a boca de água de sal, aí botei só era sangue, engolí contudo... Duas carrera de gado aconteceu isso comigo (José Marques Lobo, 2018).*

No relato acima algumas questões devem ser observadas: a primeira sobre o fato de que ele diferencia os vaqueiros a partir da sua religiosidade, destacando não ter confiança naqueles que pertenciam ao segmento protestante (evangélicos). Pelo tom da sua fala, tal desconfiança não se dá pela fé em si, mas em razão de que, devido a doutrina evangélica – pelo menos aquela observada por ele – ser contrária ao uso de bebida alcoólica, isso tenderia a limitar os vaqueiros que pela abstenção do álcool não estariam “anestesiados” para situações de alto risco como a descrita por ele.

Outra questão é o valor que dá a valentia de, mesmo ferimentos e riscos eminentes, não deixar de cumprir o trabalho a que se propôs como também a importância que dá a bebida alcoólica como meio de ajudar na lida com o gado.

Na mesma direção ele prossegue relatando situações vividas de quando campeava o gado nas regiões sertânicas caxienses, pois, afirma que:

*Uma vez fumo pegar uma vaca era na Lagoa do Saco, era eu, Nego Chico, Gonzaga, Zé Lobo, Chico suma de pé e um litro de cachaça. Vaca desce no muquerão que tinha pra baixo, vaca descia pra cima e os minino espantaro a vaca de cabeça pra baxo, a vaca era braba aí eu entre nessa vaca, óia que prali era ruim, tinha umas muié na beira do camim quebrando côco, quando nós via de lá pra cá, nós trevessamo, lá na frente... oiei pra cima tinha uma muié trepada no oi de um pau. Oiei pra muié o fundo pretin, ela tava. Eu disse desce: desce aí ela disse: ô sió, como é que eu vou descer...? Aí eu saí e ela desceu... aí os minino chegaro com a cachaça e eu fui fazer o curativo com a cachaça (José Marques Lobo, 2018).*

Para esse vaqueiro, assim como para os demais, foi perguntado se ele fazia uso da sua fé para pegar os bois que estavam sob sua responsabilidade. O vaqueiro se mostrou bem solícito ao responder tal questionamento, pois, discorreu de maneira franca e disse que:

*Eu tenho muita fé. Agora, a pessoa que sabe de muita burunganda num é uma pessoa que ela seja boa no trabai dela porque as burundagas puxa ela pra trás. Eu conheci um nego vêi por nome Bahia, tinha até um oi cego, porque se tinha um boi brabo um todo descarrado, ninguém pegava se ele fosse... Eu em todo santo eu tenho fé, peço uma ajuda. Ô quando a gente vai pegar uma rês a gente diz: tomara que fulano me ajude. Aqui tinha um vaquêro que se chamava Chico Vaquêro. Mamãe chama pai Chico, uma cobra mordeu ele. Disse que ele era um homem de fé e a alma dele ficou milagrosa. Eu acho não, ficou... Às vezes a promessa que a gente faz com a alma dele dá certo (José Marques Lobo, 2018).*

Na fala dele enxerga-se um misto de fé, de crenças populares fruto do sincretismo religioso entre as crenças católicas e de matriz africana, mas ao mesmo tempo, enxerga-se uma

visão negativa para com as crenças de matriz africana. Preconceito fruto do contexto no qual viviam, pois o Brasil, sendo um país recém-saído do período escravista e ainda impregnado dos ideais racistas dos colonizadores, continuava permeado de ideias negativas quanto a cultura e crenças vinda de África, daí provém sua visão de que pessoas que praticavam essas vertentes religiosas poderiam ser pessoas ruins, visto que eram enxergadas como bruxos e bruxas.

Não se pode aplicar visões anacrônicas e condenar essas pessoas sem levar em conta o lugar social de onde se encontram, ou seja, são pessoas que viveram durante a vida toda sob o manto das classes dominantes e elitistas brancas, que propagavam e ainda propagam visões negativas contra os negros e sua cultura. Entender esse lugar social dos vaqueiros faz com que se possam criticar essas posturas, sem, contudo, deixar de situá-las historicamente, pois, só assim será possível entender as múltiplas complexidades de sua fala.

O vaqueiro prosseguiu em seu relato a respeito da fé que possuía e nesse sentido testemunhou das vezes que se apegou ao Chico Vaquêro (Pai Chico) se alcançara alguma graça. A esta pergunta ele respondeu:

*Óia! Muitas vezes deu certo! É uma rês que tá desaparecida, a gente acende umas velas e aí a bicha a aparece. Oiá! Eu quero que você bote esse bicho pra casa, cumpoca aparece... Acendo um masso de vela no curralo, no cemitero onde ele é interrado. Mãe tinha fé nele demais. Um dia nós fumos pegar uma vaca, nesse dia tava eu, o Raimundo, Edilson, Pinça, um bocado. Aí tinha uma vaca brava nas campina, quando a vaca saiu pra fora o mais que ela andou foi como daqui naquela bera de fogo ali. A vaca peitou num pati caiu, e aí ela peitou no Leonardo, eu só sei que a vaca num correu não. Aí quando eu cheguei em casa, a minha mãe disse que quem pegou a vaca num foi eu não, foi meu pai Chico (Chico Vaquêro), foi ele que derrubou ela, num foi você não. A vaca era ligêra. Passei quatro dia campeando esse boi e nada, o garrote era brabo (José Marques Lobo, 2018).*

Pela fala do vaqueiro, é notável não apenas sua fé, mas também o respeito que se tem aos antepassados, especialmente, ao que sua mãe acreditava. Verifica-se que ele passou acreditar no milagreiro em função de que essa já era uma crença compartilhada por sua mãe. A transmissão da religiosidade dos pais para filhos e netos é muito comum, sobretudo, em ambientes mais tradicionais como é o caso das sociedades rurais, como a dos vaqueiros.

A respeito da fé na cura dos animais, é preciso que se entenda que essas crenças surgiram em uma época que não existia acesso a médicos veterinários e por estarem enraizadas na cultura e imaginário popular, ainda permanecem fortes. Nesse sentido, é importante o que diz a literatura a este respeito, pois, como se verifica essas práticas de curas por meio de rezas não é presente apenas nas regiões sertânicas de Caxias-MA, mas sim uma prática comum:



As práticas de curar no rastro do boi, com embira de mororó, rituais para fazer com que bezerros se tornem bravos e velozes; crenças em bois encantados, fazem reconhecer uma identidade do vaqueiro piauiense, assegurando-lhe um modo específico de estar no mundo (Tapety, 2007, p.10).

Ele ao ser perguntado se achava que era necessário que todo vaqueiro andasse com um cachorro, bem como, a respeito do que fazia para chamar os bois respondeu que:

*Óia! O cumpanhero mais forte do vaquêro é o cachorro, eu fiz muita fita quando era novo, mas sempre com os cachorro bom que nós tinha, com nome de bananal, cachorin, veludo e o Barra limpa. Um boi num tinha pra onde ir não. Se ele ficasse aqui cachorro num passava e se passava lá na frente ele acompanhava... ficava ali bolando até dá certo. Quando o gado é domado, cê chega chama, vai no pasto aboia chama e ele já tá acostumado com a fala da pessoa, ele vai se juntano, vai se runindo e deixa até ali, rodando ali. Deixa um oiano,, vai ali buscar mais. Quando é um gado domado, que um gado custiado aí a gente faz isso. Quando é brabo é no borai, na escuta e indo ôôôôô (José Marques Lobo, 2018).*

Algo interessante nesse relato é a importância que tem os cães para os vaqueiros, pois, além dos cavalos que são fundamentais, fazem uso também dos cachorros que ajudam a pegar os gados, costumam ter cães de sua confiança e que são adestrados para a lida com o gado, sendo usado também nas caçadas de subsistência que muitos deles praticam. Estes relatos demonstram como as memórias forjadas a partir de experiências vividas são muito marcantes.

A memória assegura a nossa identidade, o que somos e fazemos. De acordo com alguns estudos, a memória seria um fato exclusivamente biológico. Em outras palavras, um modo de funcionamento das células do cérebro que registram e gravam percepções e idéias, gestos e palavras. Todavia, se memória fosse apenas um registro de fatos e coisas passadas, como explicar o fenômeno da lembrança e do esquecimento? A memória não é um simples lembrar ou recordar, mas revela uma das formas fundamentais de nossas existências, que é a relação com o tempo e, no tempo, com aquilo que está invisível, ausente e distante. Isto é, com o passado (Tapety, 2007, p.56).

A memória é muito importante para reconstituição de fatos passados. Muitos povos não perderam suas histórias e cultura em razão de que souberam repassar, por meio da oralidade, as informações relevantes para as gerações futuras.

Buscando aprofundar mais nas questões que envolvem a fé e a superstição dos vaqueiros em seu cotidiano laboral, foi perguntado ao senhor Antônio José Ozório, vaqueiro que campeou o gado, durante muito tempo nas regiões sertânicas de Caxias-MA, se ele acreditava na crença do boi encantado, bem como, o que ele achava daqueles vaqueiros que acreditavam nisso:

*Não, isso é lenda... porque minha memória já é aberta sobre isso. Cada um sabe, né. Deus deu livre-arbítrio pra cada um pensar e fazer o que quiser, né. Mas, ele disse, Deus deu livre-arbítrio pra fazer o que quer, tudo nós podemos fazer, mas nem tudo nos deveremos fazer, né (Antônio José Ozório, 2018).*

Em sua fala o senhor Antônio Ozório demonstra que as pessoas têm liberdade para exercer suas crenças, já que segundo ele, Deus teria dado livre-arbítrio para os seres humanos, porém, pondera que nem tudo que se pode fazer, se deve fazer. Essa forma de pensar é uma perspectiva que se relaciona ao cristianismo, especialmente o catolicismo.

Muitos vaqueiros se denominam católicos, muito embora, pelo que se apurou em campo, esse catolicismo é de uma natureza mais popular, ou seja, admite a convivência com certas crenças que não são oriundas exatamente da matriz católica, daí que se nota um grau de religiosidade sincrética.

Essa é uma das questões que tornam a análise cultural da vida do vaqueiro mais complexa, pois, trata-se de alguém que não pode ser visto sem levar em conta essa complexidade multifacetada da percepção religiosa, visto que, ao mesmo tempo em que eles admitem crenças de cunho católico, às vezes, praticam rezas e rituais que estão mais próximos das religiões de matrizes africanas ou animistas herdadas de povos originários da região.

Um dos aspectos marcantes da personalidade do nosso vaqueiro é a sua religiosidade. Primitivo, audacioso e forte ele é espiritualmente um crente e crê em Deus sobre todas as coisas. Guardando com profunda devoção o respeito e amor à sua Igreja, nunca se faz de prosélito de outras crenças, mantendo-se inalterável nos princípios do catolicismo que é a religião predominante nas áreas por onde a pecuária se desenvolveu. Nada o demove desse sentimento onde ele busca e encontra a resistência para vencer os flagelos da labuta diária. Não é sem motivo que a maioria de suas festas tem fundo religioso, estreitamente ligados ao culto de seus milagrosos e santos protetores. Guardam, com devoção, os dias-santos recomendados pela Igreja. O fato de guardarem esses dias não é, como geralmente se pensa de outros trabalhadores, por preguiça ou motivo de fuga ao trabalho; mas ele o faz absolutamente convencido de que outro não deve ser o procedimento de todo bom cristão (Rocha, 2010, p.119).

Quando questionado se os vaqueiros da contemporaneidade mudaram muito quando comparados com os de antigamente, ele emite sua opinião a respeito dessa questão e afirma que, no entendimento dele, mudou sim. Sua resposta é no sentido de afirmar que mudou bastante de como era no passado e de como é na atualidade:

*Mudô e não mudô. O próprio vaquêro se muda. Tem muitos vaquêro que é malvado, num cuida do cavalin dele, num cuida do cavalin dele pra num quebrar o rabo, eu nunca gostei de maltratar o animal, deitou, vamos levantar com jeito, se ele num quiser levantar, num bata. Sabe o que eu faço? Eu mordo o rabo dele, aí ele aranca, tem caba que quebra o rabo dele, quer dizer, cada gente tem jeito de conduzir... se ele tá ruim de careta, ajeita, abaixa a cabeça*

*dele , ele tá se sentido mal, mas é pouca gente que tem esses cuidado com o animal, né?! (Antônio José Ozório, 2018).*

Essa é uma fala bastante importante, pois, ao falar que os vaqueiros mudaram em relação aos do passado ele também faz uma denúncia de que muitos vaqueiros maltratam os animais. Ele afirma também como faz para que os seus animais não sofram com essas agressões. Sabe-se que no mundo atual, cada vez mais, os direitos dos animais são discutidos, pois as agressões e maus-tratos são recorrentes mesmo em sociedades com legislações ambientais avançadas.

A caça predatória aos animais domésticos, pesquisas científicas que usam animais sem os devidos cuidados entre muitas outras práticas que prejudicam suas integridades, ainda são muito recorrentes, por isso a legislação tem buscado avançar para reprimir esses problemas.

No caso do Brasil, o direito dos animais toma por base a legislação ambiental ancorada na Constituição Federal de 1988 e nos princípios ecológicos que buscam um equilíbrio entre os seres humanos, os animais e o meio no qual vivem. Isso vale tanto para os animais silvestres como para aqueles que já foram domesticados e que também são usados em atividades de trabalho como é o caso dos cavalos:

A Constituição de 1988 elevou a proibição das práticas que submetam os animais a crueldade à categoria de norma constitucional, o que lhe conferiu eficácia jurídica e aplicabilidade imediata, no mínimo para invalidar leis que lhe sejam contrárias. Seja como for, se considerarmos que o direito é um interesse protegido pela lei, ou uma faculdade do julgador de exigir determinada conduta de outrem, ou mesmo uma garantia conferida pelo Estado que pode ser invocada sempre que um dever for violado, nós temos que admitir que os animais possuem pelo menos o direito de não serem tratados com crueldade (Figueiredo; Gordilho, 2016, p.8).

Cabe considerar que o vaqueiro, como demais outros profissionais, são indivíduos do seu próprio tempo, ou seja, o direito dos animais nem sempre foi um tema tão presente como o é na atualidade, então é possível que muitos deles, que maltratam os animais, também o façam em virtude de terem crescido em um ambiente costumeiro a essas práticas nocivas e irregulares, mas o fato de que vaqueiros da atualidade o façam.

A respeito de questões ligadas a fé, foi levantada a questão se ele possuía alguma oração para curar o gado que estava sobre sua responsabilidade. Foi perguntado ainda qual sua opinião sobre a necessidade da ação por parte das autoridades para que a profissão do vaqueiro continuasse na região. Ele de forma muito direta afirmou:

*Eu confio muito na palavra do senhor. Tudo que é correto tá inscrito na Bíblia...Aqui não tem mais e nem vai ter porque a COMVAP tá ali do lado e*

*os gaúcho tão aqui em cima, num tem mais espaço pra criar gado, nós tamo aqui no fundo da bacia, o resto da bacia tá todo ocupado. Não tem mais espaço, pra todo lado fechô e num dá, nós tamo num beco sem saída, é com quem te joga pelo labirinto, nós tamo sem saída, preso. É pouco... De vez em quando ainda dou uma carrera, mas ser vaquero num é mais pra mim, porque tem que ter ligeireza no corpo, visão, cê tem que ter cauco, cê tem que conhecer o seu cavalo (Antônio José Ozório, 2018).*

É interessante que na fala dele faz uma referência a bíblia, demonstrando mais uma vez a presença e a influência do cristianismo na vida dos vaqueiros. Ao mesmo tempo em que de forma sucinta faz referência a sua fé, ele reclama da presença dos imigrantes gaúchos, que segundo ele, inviabiliza a vida do vaqueiro como nos tempos antigos, ou seja, o espaço ocupado por esses imigrantes tem afetado a lida com o gado, pois, os campos se tornaram menores, não sendo mais vantajoso e nem permitido a criação extensiva do gado, como era no passado. Essas mudanças mudaram a paisagem e dinâmica social das regiões sertânicas de Caxias-MA:

Quem nasceu no interior nordestino aprendeu a conviver com o canto dos pássaros e o aboio do vaqueiro. Certamente ouviu, nostalgicamente, nos finais de tarde, um canto melancólico se desvanecendo aos poucos no crepúsculo manchado de marmeleiros e silêncio vegetal. Com o Ciclo do Gado ou Ciclo dos Currais no nosso folclore, tão admirado, tão bonito e até invejado pelos brasileiros de outras regiões, foi projetado através de uma caatinga original, primitiva, eloquente e grandiosa na sua simplicidade. Caatinga de significação estética na criação vocal saída da garganta do vaqueiro nos finais de tarde tangendo o gado preguiçoso para o curral das fazendas, certamente se apercebeu de uma coisa: o homem e o animal estão profusamente integrados ao mesmo ambiente, pois na realidade, o boi e o vaqueiro seguem num mesmo destino e são irmãos de cavalgadas, com ambos construindo uma paisagem indefinida e abstrata de boi, de canto e de vaqueiro (Rocha, 2010, p.85).

São essas paisagens bucólicas de outrora, agora modificadas pelo agronegócio, que causam sentimentos de saudosismo nos vaqueiros e que o fazem pensar que a atividade dos vaqueiros aos poucos vai deixando de existir na região que aprenderam a viver.

Nessa dinamicidade, vale considerar ainda que os vaqueiros possuem muitos relatos de quando campeiam o gado. O entrevistado foi questionado a respeito de qual seria, na opinião dele, a história vivida no campo que mais lhe havia marcado e respondeu conforme se verifica abaixo:

*Aos 13 anos de idade. Foi quando eu correr atrás da primeira vaca pra pegar, eu corria muito em cavalo em camim, né. Aí meu pai disse: já que tu corre muito, vamo correr atrás da vaca, duas vaca, aí eu pensei que fosse brincadeira. Meu irmão mais véi morava ali em frente a Nazir, aí eu pensei que ele fosse chamar o Zé de madrugada pra pegar... aí no luduvido, muída era aonde a vaca pastava, né. Lugar muito ruim para se correr, era ruim. Aí*

*tirei a comida pros cavalo e disse papai: eu vou lá dizer pro Zé vim que hora de madrugada? Aí papai disse: nam, quem vai é você rapaz, eu num já disse. A mamãe disse: como é que tu vai levar esse minino? Mãe é mãe, né. Deixa ,Luiza, ele corre muito em camin. Bora deixar ele correr no mato, faz tempo que ele corre em camin. Umas 3h da manhã lavamos aqui no açude, tangi. Aí ele disse: rapaz veste logo os coró que lá é ruim, ele disse logo, e eu criança e os terno de coró dele criança. Botava aqui, o gibão faltava arrastar no chão. Mas, eu fui. Eu ia dizeno pra mim mermo: hoje ele me acha estrepado na ponta de um pau. Eu tenho certeza que ele vai me achar estrepado, já morto, pra ele nunca mais levar fii dele pra... foi isso que eu pensei. Encontramo a vaca em uma roça... larguei o carralo duma vez, ele derrubou ela, meti a corda nela, eu era criança, eu tinha 13 ano, aí eu meti o rei na perna dela, aí ela me deu um soco, me jogou bem aculá que minhas perna levanto, aí a corda ficou, aí juntei o rego muntei no cavalo de novo, aí lá vem ele chegando [...] isso ficou na mente como a primera namorada. Ficou na mente, eu nunca esqueci. A vida de vaquêro é essa é bom, é gostosa, é bom de contar, é bom de se fazer (Antônio José Ozório, 2018).*

Pelo relato acima algo se sobressai, a saber, que no passado os pais que eram vaqueiros, muitas vezes, colocavam seus filhos bem novos para seguir seus passos na mesma função praticada por eles e isso era feito para que o filho tivesse uma atividade laboral, mas também para que ajudasse no sustento familiar e ainda como prova de que seu descendente também era um homem valoroso, era como se fossem verdadeiros ritos de passagem, nos quais os mais jovens teriam que provar, pela ousadia e valentia, os seus valores. Ademais, é fundamental considerar que diante de tão surpreendente relato, foi questionado se para realizar tal feito precisava de muita coragem, ao que ele respondeu de maneira taxativa:

*Precisa. Mas, num é nem coragem, o pessoal diz precisa de muita coragem, mas é nada. Pra quem nunca correu, enche a boca e diz: eu não tenho coraje, coraje de correr num carralo desse no mato... vaquêro tá sujeito a se estrepar, levar pancada, levar uma queda, quebrar um braço, uma perna, a cavícula... é perigoso, agora o que eu num corcordo é o cara beber encher a cara de cana e ir pro mato beber, porque a visão de quem bebe é totalmente diferente, aí só Deus pra guiar ele. Só Deus, né (Antônio José Ozório, 2018).*

Sua fala explica as dificuldades e os riscos aos quais estão submetidos os vaqueiros na sua lida diária, ao mesmo tempo em que alerta para o erro que é, na visão dele, campear o gado sob efeito do álcool. Muitos vaqueiros se acidentam no mato, alguns, inclusive, podem até mesmo falecer ou ficar inválidos para o trabalho, daí que ele se preocupa no sentido de alertar para os riscos do trabalho em estado de embriaguez. O vaqueiro continua seu relato e afirma que:

*Ôta coisa que eu tenho que contar aqui... Eu nunsei, eu corri zangado, corri atrás duma vaca, o caba pegou uma vaca e quis fobar, eu disse pra ele que onde ele fosse agora, eu pegava uma agora junto com ele aí apareceu, peguemo, na hora que ele desceu eu tava aqui, eu disse, tira o reio e bota na cabeça da vaca rapaz, aí tinha ôta, a ôta que foi histora... Eu mais o mermo rapaz, se chama até parafuso, com o carralo do Chico Olimp... Aí é que nem a histora: Senhor, eu estou nas tuas mão! A novia sorriu pra mim... a nuvia saiu aqui e eu gritei: nuvia! Nuvia! Nuvia! Aí o carralo pisou nele e ele pisou numa grotta que eu pensei que lá nós fosse se acabar. Eu num conhecia o lugar. Eu inda me lembro de ter dito: te conserta, nuvia! A nuvia correu sapatou, o carralo foi buscar ele, aí o caba diz: rapaz tinha muito pau, tinha muita palmêra? Tinha muita num sei o quê. Rapaz, ninguém vê. Muita coisa que eu olhava era os pé dela pizano no chão e o carralo botano as mão. Eu sei que quem tava atrás num me acompanhô... aí o chapéu de encareta, o chapéu de coro, tampou minha cara que eu nunca tinha acontecido comigo na história, nunca! E nem ouvido falar que chapéu encaretava, mas me encaretou, me fechou. Num faltava gente no campo... Vida de vaquêro é excelente, eu nunca vou dexá de tê meu carralo, de muntar, de oiá uma pega de boi. Porque pra mim é um prazer (Antônio José Ozório, 2018).*

São patentes, em sua fala, como as experiências vividas nos sertões caxienses marcaram a vida desses vaqueiros, pois, a forma como contam essas vivências demonstram como elas forma importantes para eles no sentido existencial e que, a despeito das muitas dificuldades enfrentadas, no cotidiano campeiro, eles não deixam de sentir saudades dessa época, por isso querem manter vivas certas práticas e tradições.

A busca de preservar as práticas do passado se vale de uma necessidade de resistência cultural, pois, os grupos humanos constroem suas identidades culturais e as querem preservar, pois, ao preservá-las estão a guardar as suas próprias existências enquanto seres sociais (Hall, 2011).

Avançado no entendimento dessas questões foi questionado ao vaqueiro, Francisco Dos Reis Bacelar, qual eram as medidas tomadas por ele quando os gados que estavam sobre a sua responsabilidade adoeciam, ou seja, o que ele fazia para curar esses animais, o entrevistado respondeu:

*Eu mandava rezar, rezar, eu nunca rezei. Eu acredito que a reza para curar existe. Eu me valí uma vez com um santo, com a alma de Luis Preto, tudo isso já aconteceu comigo, deu me apegar. Quando a gente vai prum campo procurar uma rés que tá doente, a gente vem de lá pra cá se apegando coma alma dele. Ah! Meu senhor, eu tomara que Deus me ajude e a alma que é milagrosa. Amanhã cedo veá me mostrar essa rés, meu Deus do céu, que ela tá quase vencida de doente lá no mato. Aí agente vai, quando dá no outro dia cedim a gente... aí o povo diz que num é, porque ela tinha que sair naquele lugar, sim, mas de qualquer maneira a gente fez aquela promessa, pedido que a gente fez e valeu! Eu mesmo tenho acendido muito maço de vela pra alma*

*milagrosa. Essa daí do pé da ladeira, já tenho assendido é muito, o finado Luiz preto (Francisco Dos Reis Bacelar, 2018).*

O vaqueiro demonstra sua fé e religiosidade, mesmo diante da descrença de muitas pessoas de sua convivência, afirma acender vela para uma pessoa já falecida e que, segundo ele, as preces são atendidas. Essa fala levou a querer aprofundar mais no sentido de saber quem seria esse Luiz Preto ao que o vaqueiro respondeu tratar-se de um vaqueiro que campeou na região:

*Isso daí já vem dos antigos, do Luiz Preto prá cá... ele era um vaquêro muito dedicado pra trabalhar com gado e tudo ele botava fé. Às vezes ele dizia assim: lugar fulano tem uma rés doente, com bicheira, num vai lá não, que lá... daqui eu mando umas palavras, e pronto lá tava curada e aí ficou naquela fé de se apegar com a alma dele para curar. Tem outro aqui também, só basta ir na casa dele, rapaz, tem uma rés lugar fulano que tá com bicheira (Francisco Dos Reis Bacelar, 2018).*

As crenças populares citadas acima são muito comuns em comunidades rurais e presentes na vida dos sertanejos. A existência de pessoas vistas como curandeiros, santas ou que detém algum tipo de dom espiritual sempre fez parte do imaginário do povo do sertão, em especial dos que lidam com o gado, não sendo diferente nas regiões campeiras dos sertões caxienses:

Os vaqueiros mais antigos, ao campearem o gado, levavam consigo algumas orações de santos do catolicismo. Muitas delas, orações de corpo fechado para protegê-los dos perigos da caatinga, quando em corrida, no mato fechado, atrás de bois bravos. Comuns, também, eram as orações de São Gabriel, São Paulo e São Pedro, mas outros santos também faziam parte desta religiosidade e devoção, tais como São Jorge, Santa Luzia e São Tiago, porque estes eram santos de todas as horas e de todos os perigos que o vaqueiro pudesse enfrentar a qualquer hora (Rocha, 2010, p.120).

Isso é tão real que na fala do entrevistado, ele faz referência ao passado, mas também ao presente, pois, em sua concepção outro vaqueiro da atualidade que acredita ser capaz de realizar orações poderosas para curar os animais seria: “O Zé Maria ali dos Zoi D’água na Cumbuquinha, ele só basta dizer ta curada. Se ele disser curei, pode ir ver que tá curada. Quando você vê tá só a cicatriz” (Francisco dos Reis Bacelar, 2018).

Em seu relato de fé e demonstrando suas crenças religiosas cheias de experiências ele afirma já ter feito promessas para receber as graças que almejava:

*Eu já fiz. Quem vai trabaiaá no mato com gado tem que se apegar com muito santo. O vaquêro corre risco, o cavalo e o boi também. O boi corre muito risco porque ele quer escapar de quem quer pegar ele, o cavalo quer acompanhar o boi pra num dá mais outra carrera, e o vaquero quer pegar pra sair do sufoco (Francisco Dos Reis Bacela, 2018).*

A religiosidade, portanto, é bastante presente na vida dos vaqueiros em virtude de que eles, mesmo com toda a valentia demonstrada, acreditam que em razão dos muitos riscos aos quais estão submetidos, precisam de maiores proteções. Essa religiosidade é passada de geração a geração, muito embora as gerações atuais aparentam ser mais resistentes a certas tradições religiosas:

Quando o vaqueiro saia para campear o gado era sempre preciso de uma benção para o caminho. Andava constantemente fora de casa. A chapada era o seu mundo e a caatinga azinhaga o seu local de trabalho. Por isso carregavam consigo suas supertições, sua fé e suas orações (Rocha, 2010, p.120).

Compreender o papel da religiosidade, sobretudo, em suas manifestações sincréticas, é algo fundamental, para que se abarque a grandiosidade e complexidade que é cultura do vaqueiro, pois, essa esfera religiosa é uma parte importante do que é o vaqueiro enquanto ator social das regiões sertânicas caxienses.

Diante de tudo que foi exposto no presente tópico, o qual se debruçou a respeito das questões relacionadas com a lida no campo, ou seja, as atividades laborais no universo vaqueiral, levando-se em conta suas capacidades voltadas para curar o gado e a religiosidade presente no cotidiano de suas atividades campeiras, compreende-se que seja também importante perceber como eram as relações de trabalho entre os vaqueiros e seus patrões, pois, só a partir dessa percepção, é que se poderá estabelecer uma visão macro sobre a realidade efetiva desses sujeitos que campearam o gado nas regiões sertânicas de Caxias-MA, lócus deste presente estudo.

Desta maneira, por meio do tópico que se segue, serão analisados – com base nas falas dos vaqueiros e na literatura pertinente – como eram as relações de trabalhos cotidianas e como estas refletiam a realidade econômica, social e cultural dos atores envolvidos, de que modo às relações de poder, de dominância eram exercidas, e que ao conhecê-las, ter-se-á o material adequado para uma adequada interpretação das condições de vida às quais estavam submetidos os vaqueiros e suas famílias.



## 2.2 Nos arreios e patas do boi: a doma do patrão e o salário do peão

Por meio deste presente estudo, têm-se abordado relevantes aspectos relacionados ao contexto da vida do vaqueiro, suas práticas e vivências dentro da totalidade relacionada à realidade sertânica de Caxias-MA. Nesse sentido, no intuito de aprofundar ainda mais a compreensão da temática central, objeto dessa produção acadêmica, é que se defende ser necessário considerar, na análise, uma questão de suma importância, informações a respeito dos proventos adquiridos por parte dos vaqueiros em suas atividades laborais, ou seja, de que forma eles recebiam suas devidas remunerações.

Compreender como se deu, ao longo do tempo, as relações de trabalho, tendo como foco o salário do peão (vaqueiro), no marco temporal estudado, é matéria importante para se entender as questões gerais aqui abordadas, uma vez que, os ganhos das suas atividades campeiras diárias, podem ajudar a explicar, em grande medida, as condições materiais nas quais esses trabalhadores vivam e também as perspectivas de melhora na qualidade de vida que eles desejavam, pois, os recursos adquiridos, com suas labutas, são o capital formal de seu trabalho cotidiano. Antes, porém, de entrar em questões pormenorizadas a respeito dos ganhos dos vaqueiros e de suas relações de trabalho, com os seus patrões, é fundamental entender que qualquer atividade dentro da seara econômica, ou mesmo política, é guiada pela cultura da sociedade em que se está inserido.

Com as atividades vaqueiras isso não seria diferente. Desta maneira, é relevante considerar os aspectos socioculturais nos quais os vaqueiros, enquanto indivíduos históricos, estavam submetidos, para que só a partir de tal entendimento, se consiga abarcar todas as questões mais relevantes de que se precisa para analisar, cuidadosamente, os pontos aqui debatidos.

Para tanto, primeiramente, deve-se levar em conta as concepções existentes a respeito do que se entende, de uma maneira geral, do termo *cultura*. Tal possibilidade só é possível quando se analisa a literatura que trata do estudo do referido tema, pois, a partir da literatura especializada, a qual trata da *cultura*, não apenas nas suas formulações *etimológicas*, mas a partir de seus aspectos históricos é que se alcançam os sentidos que a palavra *cultura* traz consigo e, consegue-se, igualmente, mediante tal operação teórica, abarcar que a cultura também é compreendida em suas dimensões populares e eruditas.

De acordo com o que assevera o professor José Luiz dos Santos, existem postulações dentro do *senso comum* que, muitas vezes, reduzem o que se entende por cultura a meras manifestações artísticas ou práticas sociais específicas. Tais postulações não conseguem

abranger o sentido de *totalidade* e por isso mesmo, podem ser reducionistas em suas acepções do que se entende de fato por cultura.

É claro que o eminente professor não julga ser uma tarefa fácil a definição teórico-conceitual e prática do que seja a cultura, no entanto, ele aponta algumas concepções que parecem ser as mais adequadas se o que se deseja é a compreensão em sentido mais amplo do termo cultura, algo buscado nesse trabalho, pois, antes de se aprofundar no termo em sentido mais popular e regionalizado, ou seja, localizado dentro do âmbito da realidade sertânica de Caxias-MA, é preciso notar que a cultura é uma coisa um tanto complexa para ser simplesmente dicionarizada como se a mera dicionarização fosse capaz de defini-la.

Para o referido professor citado, é preciso compreender, que do ponto de vista teórico, a cultura pode ser observada por duas acepções básicas. Eis o que afirma:

As várias maneiras de entender o que é cultura derivam de um conjunto comum de preocupações que podemos localizar em duas concepções básicas. A primeira dessas concepções preocupa-se com todos os aspectos de uma realidade social. Assim, cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação ou então de grupos no interior de uma sociedade. Podemos assim falar na cultura francesa ou na cultura xavante. Do mesmo modo falamos na cultura camponesa ou então na cultura dos antigos astecas. Nesses casos, cultura refere-se a realidades sociais bem distintas. No entanto, o sentido em que se fala de cultura é o mesmo: em cada caso dar conta das características dos agrupamentos a que se refere, preocupando-se com a totalidade dessas características, digam elas respeito às maneiras de conceber e organizar a vida social ou a seus aspectos materiais (Santos, 1996, p.24).

Nota-se, de acordo com a citação acima, que a cultura se refere a um sentido de *totalidade* relacionada à vida social, ou seja, não se circunscreveria apenas às expressões específicas do ponto de vista artístico ou de práticas laborais localizadas no interior de um grupo de trabalhadores, como, por exemplo, as atividades ligadas ao labutar dos vaqueiros, mas sim, busca romper essa limitação procurando uma abstração capaz de abarcar questões mais amplas.

O autor segue em sua análise e considera a segunda concepção apresentada como sendo uma referência ao entendimento do que seria cultura a partir de uma visão teórica e histórica defendida:

Quando falamos em cultura estamos nos referindo mais especificamente ao conhecimento, às ideias e crenças, assim como às maneiras como eles existem na vida social. Observem que mesmo aqui a referência à totalidade de características de uma realidade social está presente, já que não se pode falar em conhecimento, ideias, crenças sem pensar na sociedade à qual se referem. O que ocorre é que há uma ênfase especial no conhecimento e dimensões associadas. Entendemos neste caso que a cultura diz respeito a uma esfera, a um domínio, da vida social. De acordo com esta segunda concepção, quando falarmos em cultura francesa poderemos estar fazendo

referência à língua francesa, à sua literatura, ao conhecimento filosófico, científico e artístico produzidos na França e às instituições mais de perto associadas a eles. Outro exemplo comum desta segunda concepção de cultura é a referência à cultura alternativa, compreendendo tendências de pensar a vida e a sociedade na qual a natureza e a realização individual são enfatizadas, e que tem por temas principais a ecologia, a alimentação, o corpo, as relações pessoais e a espiritualidade. Ao se falar em cultura alternativa inclui-se também as instituições associadas, como lojas de produtos naturais e clínicas de medicina alternativa, e da mesma forma seus meios de divulgação (Santos, 1996, p.25).

A estas duas concepções apresentadas podem se juntar a outras tantas, posto que, essa é uma matéria de complexa definição. Apesar disso, em razão do escopo deste trabalho as concepções apresentadas tornam-se úteis para se trabalhar as questões mais relevantes aqui travadas.

Assim, ao observar o universo da vivência dos vaqueiros é preciso notar que a cultura da qual eles são partícipes e artífices, em suas especificidades de práticas sociais (religiosidade, cantigas, artesanato, danças, etc.), não podem reduzir o seu viver no mundo em sentido mais amplo, ou seja, mesmo sendo o vaqueiro produtor de práticas sociais que, por vezes, determina o surgimento de uma espécie de cultura à parte, em verdade, o mesmo está dentro de uma cultura mais ampla que o envolve e que serve de teia onde ele tece sua existência (Hall, 2011).

Desta forma, mesmo desenvolvendo práticas culturais que o diferenciam em termos de *identidade cultural*, o vaqueiro, nunca deixou de ser também um sujeito do seu próprio tempo histórico, ou seja, ele esteve dentro de um ambiente onde os modos de produção, as práticas do exercício do poder econômico, político, religioso e ideológico sempre se fizeram presentes. Tais poderes moldaram, em grande medida, os salários e ganhos em geral recebidos por suas atividades, pois, é preciso lembrar que as sociedades, em especial a do Brasil, sempre foram marcadas pelas desigualdades nas relações de poder.

O trabalho do vaqueiro surge e cresce no contexto dessas desigualdades e assim, passando desde atividades de homens escravizados até homens livres, um fato que sempre se fez notar, a exploração do trabalho e poderio dos senhores (fazendeiros) sobre os funcionários/trabalhadores (vaqueiros) (Rocha, 2010).

Sabendo que o vaqueiro foi e é também um homem do seu próprio tempo, as análises aqui aplicadas conseguem ser mais objetivas, evitando anacronismos ou visões distorcidas em geral que possam levar a uma falsa compreensão dos fatos vividos em épocas distantes.

Com isto, não se quer dizer, que não se enxergue as contradições inerentes aos modos de vida e sim que a abordagem tem que se valer de dados objetivos da realidade a partir de uma postura pela qual não se projete maniqueísmos como elementos explicativos de realidades pretéritas, gerando um discurso com fundamentos historiográficos distorcidos e desprovidos de

substâncias conceituais sólidas (Certeau, 2011).

A partir de tal enquadramento teórico é possível prosseguir na análise no sentido de procurar entender de que maneira se dava as relações ligadas ao ofício do vaqueiro, ou seja, a relação patrão-peão no que tange ao cotidiano e, sobretudo, ao salário pago pelos serviços prestados.

Para tanto, cabe destacar levantamentos feitos em campo junto a vaqueiros que campearam nos espaços sertânicos de Caxias-MA, no período relacionado ao recorte temporal deste estudo. Esses levantamentos de informações, que foram realizados por meio de entrevistas, trazem relatos fundamentais, para se entender as relações entre os patrões e os vaqueiros, como se dava os pagamentos pelos serviços vaqueirais realizados e se estes ganhos eram suficientes para a manutenção digna dos trabalhadores, bem como, dos seus familiares.

O primeiro vaqueiro que se destaca nesse trabalho, para se compreender o tema relativo aos ganhos pelas atividades realizadas nas fazendas, é o senhor Francisco Dos Reis Bacelar. O referido vaqueiro a falar de um patrão seu, assim o descreveu: *“Ele era um bom patrão, me ajudava bastante. Eu era assalariado”* (Francisco dos Reis Bacelar, 2018).

Por meio deste presente estudo, têm-se abordado relevantes aspectos relacionados ao contexto da vida do vaqueiro, suas práticas e vivências dentro da totalidade relacionada à realidade sertânica de Caxias-MA.

Nesse sentido, no intuito de aprofundar ainda mais a compreensão da temática central, objeto dessa produção acadêmica, é que se defende ser necessário considerar, na análise, uma questão de suma importância, informações a respeito dos proventos adquiridos por parte dos vaqueiros, em suas atividades laborais, ou seja, de que forma eles recebiam suas devidas remunerações.

Compreender como se deu, ao longo do tempo, as relações de trabalho, tendo como foco o salário do peão (vaqueiro), no marco temporal estudado, é matéria importante para se entender as questões gerais aqui abordadas, uma vez que, os ganhos das suas atividades campeiras diárias, podem ajudar a explicar, em grande medida, as condições materiais nas quais esses trabalhadores vivam e também as perspectivas de melhora na qualidade de vida que eles desejavam, pois, os recursos adquiridos, com suas labutas, são o capital formal de seu trabalho cotidiano.

Para tanto, cabe destacar levantamentos feitos em campo junto a vaqueiros que campearam nos espaços sertânicos de Caxias-MA, no período relacionado ao recorte temporal deste estudo.

Esses levantamentos de informações, que foram realizados por meio de entrevistas,

trazem relatos fundamentais, para se entender as relações entre os patrões e os vaqueiros, como se dava os pagamentos pelos serviços vaqueirais realizados e se estes ganhos eram suficientes para a manutenção digna dos trabalhadores, bem como, dos seus familiares.

O primeiro vaqueiro que se destaca nesse trabalho, para se compreender o tema relativo aos ganhos pelas atividades realizadas nas fazendas, é o senhor Francisco Dos Reis Bacelar. O referido vaqueiro a falar de um patrão seu, assim o descreveu: *“Ele era um bom patrão, me ajudava bastante. Eu era assalariado”* (Francisco dos Reis Bacelar, 2018).

Essa modalidade questionada e respondida negativamente pelo senhor Francisco Dos Reis Bacelar foi e ainda é, em alguns casos, prática comum, de se pagar o trabalho dos vaqueiros. No passado isso era mais comum ainda, mas como ficou claro, mesmo existindo tal modalidade, não era a usada para o pagamento de seu trabalho.

Ao se procurar saber um pouco mais sobre essa questão pontuada, a respeito da modalidade de pagamento, inclusive, no contexto atual de suas atividades, o senhor Francisco Dos Reis Bacelar, assim falou:

*Não, trabaio aqui com minhas irmá, aí o que dá.. é com ela aí. É o seguinte: Quando elas me ajudam muito, aí quando tem três bezerros, aí eu vou tiro um, aproveiro tiro um, aproveito tiro um. Mais mesmo de quato um, nunca trabaiei pra ninguém não. Sempre trabaiei com tio José aqio, mas era aquele negocio, eu ajudando ele e ele me ajudando. Aquela cegueira, agora lá era salário. Trabaiaava muito, eu acordava muito cedo pra botar de cumê nas cocheiras pro gado. Tinha o gado de engorda e tinha aquele gado que tava passando fome nas soltas, aí botava tudo nas cocheiras. Aquelas cocheiras de cimento, nós acordava 02:00 h da manha para quebrar cana, capim, pra jogar nas cocheiras. Sete hora já tava tudo cheio* (Francisco dos Reis Bacelar, 2018).

Nota-se, que as práticas relacionadas aos ganhos do vaqueiro, foram e ainda são, em muitos casos, marcadas pela informalidade. Isto, inclusive, pelo que se notou, a partir dos relatos e mesmo pela leitura de trabalhos, que lidam com a temática do vaqueiro, foi, muitas vezes, prejudicial aos trabalhadores, pois, a excessiva informalidade sempre abriu brechas para a exploração do trabalho dos vaqueiros (Rocha, 2010).

Nessa direção, é importante elencar também, que os ganhos dos vaqueiros além de poderem ser realizados em forma de salários, gados entre outras modalidades, ocorriam ainda por meio de práticas que geravam situações em que os vaqueiros poderiam ganhar pedaços de terra por parte do patrão, de maneira que, em suas terras, poderiam desenvolver alguma atividade sempre que possível. A este respeito é imperioso notar que o senhor Francisco Dos Reis Bacelar, destacou:

*Não, não. Nunca deu. Lá ninguém tinha não, ele num dava não, lá o obrigatorio era só trabaiaá na fazenda. A gente tinha direito no leite do gado, onde nós tirava muito leite e carne. Nós tinha muita carne, lá matava muito boi, tinha muita carne, ninguém comprava carne não. Agora, roça ele num queria que ninguém trabaiasse de roça não (Francisco dos Reis Bacelar, 2018).*

Observa-se que havia, no caso específico, uma postura por parte do patrão pela qual se exigia exclusividade. Não se permitia que os vaqueiros exercessem outras atividades com algum caráter autônomo e sim que trabalhassem na lida com o gado. Além dos ganhos formais que os vaqueiros tinham, o direito era apenas em forma de alimentos (leite e carne) que poderiam usar para o seu consumo pessoal e familiar, mas não para comercialização.

Pela fala do vaqueiro em questão, não fica claro se os ganhos recebidos, em forma de salário, acompanhavam os padrões formais do que se entende por *salário-mínimo* no país, pois, seu relato apenas destacou que o pagamento era em forma de salário. Levando-se em conta que sempre houve exploração do trabalho, considera-se, que mesmo obedecendo aos padrões de salários em termos formais, o trabalho exercido pelos vaqueiros sempre era mais penoso, em termos de cargas de atividades, do que os ganhos poderiam valer, haja vista que, a lida com o gado exige muito esforço e dedicação, e os direitos trabalhistas nem sempre foram respeitados no Brasil.

Foi levantada também questão importante que tratava de saber quem eram os grandes fazendeiros da época em que o vaqueiro campeava o campo com os rebanhos de gado e qual as características das propriedades se eram grandes ou pequenas. A respeito disso ele falou:

*Os fazendeiros era Aniceto Cruz, Zé Paiva, Chico pereira era um dos maiores fazendeiros que tinha aqui. Tinha um zôto aí. Cada um tinha um poquin, né. Tinha Eliziario Pedro, Raimundo Doca, o sinhôzim na Pindaíba. A maior parte desse tempo aí, tudo era situada no grupo João Santos. Era poucos que tinha terra nesse tempo. O João Santos tinha muita propriedade e tem ainda, por exemplo, a Pindaíba é todinha dele. Desses eucaliptos tudo é do grupo João Santos. Tem um gado que anda muito, que tá liberto pra lá ainda. Quando o Grupo das COVAP comprar ou outro grupo, vai acabar (Francisco dos Reis Bacelar, 2018).*

A respeito da descrição desse lugar, foi indagado se ainda seria fazenda, ao que o vaqueiro respondeu: *“Não, tem só o lugar, não existe mais. Os encarregados já morreram, o encarregado de lá era o sinhôzim, num fica muito distante daqui, tem uns três moradores lá. Num tem vaquero lá não. Tem um curralo porque eu e outros vaqueiros fizemo” (Francisco dos Reis Bacelar, 2018).*

Os espaços se modificam, recebem novos significados e novas funções, porém, as memórias conseguem reconstituir, com riquezas de detalhes, as paisagens existentes em tempos mais distantes. A respeito do curral citado em seu relato desejou-se saber de quando era a sua construção ao que ele falou:

*Ele já vem de muitos anos, agente nunca deixou ele se acabar. Teve um tempo que ele tava se acabando e nós fumo ajeitar lá. Eu e outros vaquero daqui. O tio José fez uma reunião aqui, aí nós fumo retornemo a reformar o curralo de novo. Na hora que falta uma peça de madeira, botamos pra pudê segurar os bicho. De vez em quando nós vamo lá e prende o gado lá. Num tem é vaquero lá, mas o curralo ainda existe. Nunca deixamo acabar não (Francisco dos Reis Bacelar, 2018).*

Este é um relato interessante na medida em que se enxerga no *curral* um elemento simbólico da cultura vaqueiral relevante a tal ponto de não se permitir que ele se acabe. O vaqueiro aponta que mesmo não existindo de fato uma atividade campeira em torno do curral, eles fazem questão de mantê-lo. É preciso destacar que os currais além de sua utilidade prática, configuram-se como meios que caracterizam a prática da pecuária de confinamento ou também sempre serviram como auxílio para a pecuária extensiva seja aquela em mais larga escala ou de caráter familiar. Eles existem desde a época colonial:

O curral é uma unidade de produção muito simples, às vezes inserido numa macro estrutura que é a fazenda. Os documentos coloniais informam que na época da colonização, os aventureiros que se encaminhavam para cá procuravam instalar o seu curral, quando conseguiam sementes de animais criadoras. O curral não se configurava instituição privada nem do povoador bandeirante, tampouco do colonizador sertanista; era uma diminuta unidade produtiva cuja estrutura capitalista colocava-o ao alcance de todos (Tapety, 2007, p.39).

Essas questões expostas demonstram como essas vivências do passado geraram sentimentos de pertencimento a um dado espaço e que os significados são tão importantes que os vaqueiros não desejam preservar apenas em suas lembranças e memórias, mas também nas partes externas, materialmente falando. Assim, prosseguindo nessa toada, buscou-se, por meio dos relatos do senhor José Vieira dos Reis (Zé peção), vaqueiro que também campeou na região sertânica de Caxias no contexto do período aqui estudado, destacar a suas vivências no trabalho com o gado e sua relação com patrão.

Inicialmente, foi perguntado a ele se havia trabalhado para algum fazendeiro da região ao que ele respondeu: *“Rapaz! Na primêra que trabaiêi foi lá no Raimundo Lima, pra cá! E aí de lá eu vim pra Redenção, passei uns dias na Redenção e fui pra Taboca. Em 1970 eu fui pra*

*Taboca, na taboca eu trabaiêi por 8 ano, sai de lá em 78'' (José Luis Vieira dos Reis, 2018).*

Quando foi perguntado como era o comportamento do seu patrão ele foi enfático ao declarar que o patrão era uma pessoa ruim:

*Gente ruim, o Dosa. Pegava no pé da gente toda hora! Aí depois da Taboca eu vim prum nome chamado feitoria. Eu trabiêi lá durante 08 mês com um senhor de nome Jovenço. Aí fui lá em Dezembro, em Setembro vim me Embora. E aí eu vim pra Redenção! Na redenção, eu passei 06 ano, aí da Redenção, eu vim prá, em 1985 e ainda tô aqui e ainda num fui me imhora e num vou agora não [...]* (José Vieira dos Reis, 2018).

Em sua explanação ele deixa bem claro que a relação com um dos seus patrões não era boa. Afirma ainda que trabalhou em diferentes lugares da região e por conta disso, foi questionado a respeito se havia sempre trabalhado como vaqueiro nos lugares onde ele viveu, os quais ele citou anteriormente, e para esta questão ele respondeu que sempre foi trabalhando na lida com o campo e o gado e ainda enfatizando que os animais eram criados soltos:

*De todo tempo trabaiano como vaqueiro! Era tudo solto, o bode, o porco, o gado. Tudo! Tudo era solto... num tinha essa dificuldade cum água. Eu senti muita dififuldade quando eu morava na Feituria, que eu tinha de puxar água pros gado bebe, esses 08 mês que eu trabaiei lá eu morei lá só 08 mês. Foi o lugar que eu sofrer muito de água. Todo dia era água pra 50, 60 gado, todo dia puxano... quando foi no mês de Setembro vim mim bora! Vai matar o diabo [...] no dia primêro de Setembro eu vazei* (José Vieira dos Reis, 2018).

Pela narrativa do vaqueiro, aponta-se para as grandes dificuldades enfrentadas ao lidar com o gado. No caso em questão ele destaca a falta de água corrente, pois, precisava puxar água no poço para poder saciar a necessidade de água para o gado que estava sob sua responsabilidade.

O vaqueiro também relatou como era a dinâmica nas fazendas onde trabalhou. Ele destacou a respeito da existência de outros vaqueiros e afirmou que:

*Nam! De primêro era muita gente, agora não que o gado tá se acabano. De Primêro os Castelo bem aí, os Gervazio Costa, onde o Boa trabaiô, o Zé dos Mares trabaiô, o Gervaiio tinha mais de 50 Vaqueiro, era rico! Lá na Taboca o Dosa tinha bem uns 08 vaqueiro. Porque era o Né mais o Expedito lá na Lagoa do Arroz, tinha Raimundo Damazio mais dois Fii, no Peixe tinha o Assis, o Raimundo Vigilio, o Raimundo, tinha mais de 8 vaqueiro do Dosa! Tinha o Raimundo Vieira aqui, tinha o Mazim, tinha os Quirino no Piauí, o Zezim mais o Orisvaldo, cansou de ir, naquele tamanzim véi* (José Vieira dos Reis, 2018).



O relato assinala a ideia de que no passado, em função da quantidade de gado ser maior na região, havia mais vaqueiros para cuidar dos rebanhos. As recordações do entrevistado destacam uma série de proprietários de terras que tinham animais nas localidades que compõem o espaço sertânico estudado, como também o nome dos vaqueiros que atuavam na época.

É perceptível que as suas lembranças ainda são bem presentes, pois, consegue detalhar o nome das pessoas que viveram nessa época a campear o gado. Sobre o trabalho nas fazendas, ele também falou a respeito de como os vaqueiros estavam vestidos se encouraçados ou não, e enfatizou que nem todos os fazendeiros davam aos vaqueiros as vestimentas: *“Sim. Os patrões tinha obrigação de dar, mas o Dosa não dava, a gente comprava. Num dava não! Agora li o Maciel dava pros Vaquêro dele, que era o Pedo Medera mais o Fii, o Zé Alves, ali na Tiririca tinha xxx”* (José Vieira dos Reis, 2018).

Esses pontos destacados demonstram que o vaqueiro enxergava de maneira muito clara os patrões que davam o mínimo aos seus trabalhadores daqueles que não forneciam os meios adequados para se protegerem no cotidiano de trabalho.

Com relação à dinâmica de pagamento apontou a questão dos ganhos pautados no recebimento de crias respondendo que: *“Era de 4 eu tinha uma. Nunca trabaiêi empregado pra ganhar Salaro”*. *“Ele me dava um pedacinho de roça, uma, duas, três linhas”* (José Vieira dos Reis, 2018).

Pelo que se nota, através do relato de seu José Vieira dos Reis (Zé peção), nas regiões sertânicas de Caxias, existiam vaqueiros que recebiam salários, ao passo que existiam outros que recebiam pagamentos de maneiras diferentes. No caso em questão, o vaqueiro ganhava tanto em forma de gado, como também poderia exercer sua atividade de agricultor a partir do pedaço de terra que recebia para tal fim. Assim o vaqueiro conseguia complementar os recursos de que precisava para sobrevivência dele e de sua família.

Essa questão da “doação” da terra por parte do patrão, em grande medida, fez perpetuar, entre muitos vaqueiros, uma ideia equivocada, de que havia certa benevolência, por parte dos patrões. Como se sabe, as relações de exploração do trabalho não se dão no vácuo, elas ocorrem a partir de contextos históricos e culturais e alicerçam-se em discursos ideológicos que são, ao seu tempo útil, mas podem mudar para continuarem a produzir realidades iguais, ou seja, o capitalismo ou outras formas de sistemas que tenham como fundamento a exploração do trabalhador, sempre farão uso da ideologia e alienação para que se perpetue o status quo (Rocha, 2015).

Foi questionado ainda ao senhor José Vieira dos Reis (Zé peção) a respeito de sua visão pessoal no tocante ao seu patrão ao que ele respondeu:

*Gente ruim, o Dosa. Pegava no pé da gente toda hora! Aí depois da Taboca eu vim prum nome chamado feitoria. Eu trabiêi lá durante 08 mês com um senhor de nome Jovenço. Aí fui lá lá em Dezembro em Setembro vim me Embora. E aí eu vim pra Redenção! Na redenção, eu passei 06 ano, aí da Redenção, eu vim prá, em 1985 e ainda tô aqui e ainda num fui me embora e num vou agora não [...] (José Vieira dos Reis, 2018).*

Alguns vaqueiros tinham uma percepção clara dos abusos e exploração por parte do patrão, isto quando as relações de trabalho se davam a partir de abusos muito evidentes, sem serem camuflados de falsa benevolência, como é o caso deste relato anterior. Em outros casos, mesmo havendo exploração do trabalho, nem sempre se notava e por isso, muitos vaqueiros tiveram suas forças de trabalho utilizadas de uma maneira, que nem sempre eram recompensadas da forma adequada. Outro aspecto que pode ser considerado é que o trabalho do vaqueiro, por ser um trabalho de caráter manual, foi e ainda é visto como inferior aos demais onde o aspecto intelectual se sobressai:

Nas sociedades industriais, sobretudo nas capitalistas, o trabalho manual e o trabalho intelectual são pensados e vivenciados como realidades profundamente distintas e distantes uma da outra. Reflita mos um minuto, por exemplo, sobre as diferenças sociais que há entre um engenheiro e um eletricitista, ou entre um arquiteto e um mestre-de-obras. Além da discrepância entre salários e ao lado das formações profissionais diversas, há um enorme desnível de prestígio e de poder entre essas profissões, decorrente da concepção generalizada em nossa sociedade de que o trabalho intelectual é superior ao manual (Arantes, 1998, p.13-14).

De fato, era comum contemplar as situações de penúria nas quais viviam os vaqueiros, com dificuldades até mesmo de obterem alimentos para o dia a dia de trabalho. Em lidas diárias em que, por vezes, ficava o dia inteiro nas matas, na busca dos rebanhos de gado, às vezes, os vaqueiros comiam apenas frutos encontrados nas matas, posto que, não existia, de maneira geral, comida garantida pelos patrões para os quais trabalhavam. Essas condições de trabalho eram muito corriqueiras, repetindo-se na narrativa de vários vaqueiros.

Nesta toada, vale considerar a opinião do senhor Antônio José Ozório, do Povoado Barro Vermelho, que também campeou nas regiões sertânicas de Caxias. A ele foi questionado se achava que o vaqueiro na região em estudo era pouco valorizado. A este questionamento respondeu: “Rapaz! O vaquêro nunca foi valorizado, naquele tempo era 4 bezerro por 1” (Antônio José Ozorio, 2018).

É notório, em sua fala, que o senhor Antônio José Ozório, não se encontrava satisfeito com os ganhos da sua profissão, porém, como eram comuns naqueles idos, as opções de trabalho não eram tantas, sobretudo, nos meios rurais, e considerando também, que o nível de

escolaridade de parte significativa dos vaqueiros, não lhes permitia sonhos maiores, acabavam aceitando a realidade imposta, mesmo que não de forma tão satisfeita.

Perguntou-se a ele também o que ele fazia para tentar manter vivo a sua cultura de vaqueiro. A este questionamento ele respondeu: *“Tá bem aí ó, a perneira o Gibão, a sela, chapéu, rédea, mocó... tá tudo aqui, eu me lembro do meu pai. Meu pai analfabeto”* (Antônio José Ozório, 2018).

Prosseguindo nos relatos do senhor Antônio José Ozório foi levantada a seguinte questão: se os vaqueiros da região ainda dão continuidade a profissão vaqueiral. A este tema ele assim se referiu:

*Aqui não tem mais e nem vai ter porque a COMVAP tá ali do lado e os gaúcho tão aqui em cima, num tem mais espaço pra criar gado, nós tamo aqui no fundo da bacia, o resto da bacia tá todo ocupado. Não tem mais espaço, pra todo lado fechô e num dá, nos tamo num beco sem saída e com que te joga pelo labirinto nos tamo sem saída, preso. É poucos... De vez em quando ainda dou uma carreira, mas ser vaquero num é mais pra mim, porque tem que ter ligeireza no corpo, visão, cê tem que ter cauco, cê tem que conhecer o seu cavalo* (Antônio José Ozório, 2018).

Uma coisa que fica evidente, nesse relato, é a desesperança por parte do senhor Antônio José Ozório em observar que tanto o espaço no qual sempre campeou mudou, devido à presença de migrantes sulistas e empresas ligadas ao agro, que se instalaram na região, como também em observar que o seu próprio corpo não dispõe de tanta força e vigor como dantes, quando exercia de forma livre sua atividade de campear.

Essa questão posta por ele é algo que é comum aos vaqueiros, como também a outros grupos que constroem suas vidas em espaços nos quais se ligam de uma maneira sentimental, gerando uma identidade com o lugar e ao vê-lo mudar, numa direção que não gostariam, sentem-se desesperançados e com certa nostalgia de tempos nos quais os lugares eram à imagem e semelhança dos seus desejos. O lugar não é apenas uma categoria física ele é também uma expressão simbólica do real:

As relações que as sociedades humanas estabelecem com o ambiente são expressas através da atribuição de valores e de significados a certos elementos que estão presentes neste ambiente, e pelo uso de categorias culturais para classificar estes elementos. Categorias sociais como as de lugar e de espaço, por exemplo, embora sejam categorias universais do pensamento humano têm conteúdos e significados contextuais, pois resultam dos diferentes tipos de experiências que cada sociedade em particular mantém com o ambiente (Alencar, 2007, p.3).

Algo que se pode abstrair de tal visão teórica é que os lugares por onde campearam os vaqueiros, sempre trazem lembranças, sejam das dificuldades superadas, como também dos momentos bons vivenciados, pois, a vida do vaqueiro é marcada por diferentes momentos, não se resume apenas a lida difícil com o gado, existem também os momentos de confraternização com os demais colegas de trabalho. As cantigas, as histórias e tudo isso ocorre em um espaço vivido por eles que ao mudar, seja em termos físicos ou da dinâmica social, muitas vezes, essas mudanças não são bem aceitas.

As mudanças que ocorreram e que ainda estão em curso nos espaços sertânicos de Caxias, na maioria das vezes, como já mencionado, se deram para manter as condições de exploração inalteradas, ou seja, mudaram-se relações com a terra – passando de propriedades mais tradicionais para às mais modernas – sem, no entanto, se alterarem as condições de trabalho as quais, muitas vezes, tornaram-se até piores.

Essas questões estão diretamente ligadas às dinâmicas do capitalismo que exerce em diferentes realidades e variados períodos históricos, formas de opressão contra o trabalhador, principalmente, os do seio rural que costumam ter uma organização sindical ou associativa em geral bem mais precária e onde as forças de violência existentes costumam intimidar mais a luta (Rocha, 2015).

A respeito dos ganhos foi também perguntado para o senhor José Marques Lobo (Piloca), vaqueiro do Povoado Ininga, se ele havia trabalhado em fazenda como vaqueiro e isto em razão de que nem todos os vaqueiros de fato trabalhavam para fazendeiros, existem muitos que trabalhavam para si mesmo, com pequenas quantidades de gado. Para esta questão assim ele se expressou:

*Trabaiei. Na época que eu trabaiei, foi assim: um vaquêro no Piauí por nome zé teresa comprou um gado na mão de um tii meu, tii Hélio com base de uns 40 gado, aí ele trouxe uns 80 do Piauí botou no cercado ali, aí eu fiquei cuidando desse gado. Eu digo pro minino tudim aí, as pessoas que num tem noção só trabaia perdido, só quer saber que tá dento da profissão pra dizer que é vaquêro, mas num tem noção do quê que ele vai ganhar (José Marques Lobo, 2018).*

Esse tipo de criação em que o trabalho em família ocorria era muito comum, pois, muitas vezes, os vaqueiros trabalhavam também para parentes. Na mesma direção foi questionado ao senhor José Marques Lobo (Piloca) a respeito dos ganhos de sua atividade vaqueiral, ele respondeu o seguinte:

*Nós ia trabaia por cria, esses 80 gado, ele voltou de volta o gado, porque o gado tava morreno de fome aqui, num tinha lugar pra botar aqui, e eu não tinha nada com o patrão, meu negócio era com o Dival. Aí ele num tinha o que me pagar e me deu um relógio daqueles que tinha antigamente, oriente e uma cangaia de pagamento [...] (José Marques Lobo, 2018).*

Nesse relato verifica-se novamente a informalidade nas formas de pagamento que não obedeciam a uma legislação trabalhista com direitos fixados a partir de salários e ganhos objetivos. Isso se dava em razão do momento histórico, mas também, por conta das formas de trabalhos, as relações por assim dizer, se amoldam as realidades culturais e objetivas nas quais se inserem, ou seja, são situações aceitas e impostas pela própria dinâmica dos lugares e que quando tenta há a tentativa de mudança costuma ser difícil a obtenção de sucesso em tais situações.

Pelo que foi possível notar, a partir dos relatos dos vaqueiros, as formas de pagamento utilizadas pelos patrões variavam, mas, em geral, verifica-se, a predominância da informalidade nos ganhos dos vaqueiros das regiões sertânicas de Caxias. É preciso destacar também que nem todos os vaqueiros entrevistados trabalharam ao longo de suas vidas para fazendeiros, alguns tinham suas próprias criações, mesmo que em número bem menor do que a dos grandes fazendeiros da região. A respeito das condições cotidianas de trabalho assim ele se expressou:

*Óia! A profissão do vaquêro é o seguinte: ali num tem hora pra ele levantar, é 03:00h da manhã, 02:00h se ele vão prum campo longe, ele levanta é 01:00h, 02:00h, pra amanhecer o dia lá no lugar. E se for num lugar perto mermo, e é cedo! Manhecer o dia no pasto do gado. Pois é. Do Curral, cê sabe como é, tem que levantar cedo pra ir cuidar, tirar leite pra quando dá na hora do ôto serviço já tá desocupado, é desse jeito. A luta é meio cansativo. O caba do pé lijero é um caba que num dorme muito não, porque se não, num dá conta não (José Marques Lobo, 2018).*

Fica muito claro que a luta diária dos vaqueiros era muito difícil, mas ainda assim, os ganhos reais eram poucos, visto que, não davam para manter uma qualidade de vida mínima, sendo preciso que os vaqueiros complementassem suas rendas com a prática da agricultura. Nessa dinâmica de trabalho, o vaqueiro também relatou a sua opinião a respeito se achava melhor atuar sozinho ou na companhia de outros companheiros de trabalho: “Não, sempre o vaquêro sozin é muito nervoso... é bom ir com uma companhia pra se sentir mais seguro, porque quando um erra o ôto recebe, pois é! a gente sozin também... faz” (José Marques Lobo, 2018).

Diante do conhecimento das condições de trabalho vivenciadas no campo e procurando

aprofundar ainda mais a questão, foi perguntado se o referido vaqueiro se sentia feliz com a profissão que havia escolhido. Para tal questionamento ele destacou que:

*Eu, até o presente momento num me arrependi não e sempre eu digo prur minino, eu perdi muito tempo assim por causa das coisa ajudando os ôto, agora... agente ajuda aquelas pessoas que num... Tem dado aquela grande ajuda que hoje num... me recordo daquilo poruqe é um serviço perdido. Porque faz agente passar uns dia, dois, três largar o serviço pra ajudar uma pessoa e... Eu quando operei, morreu oito gado meu a mingua, e o que eu ajudava de todo tempo vendo acontecer isso todo tempo, nunca tomara providença. Ai a gente se desgosta, hoje eu conto pros minino, rapaz, agente ajuda quem merece. Se agente tá largando o nosso pra cuidar dos ôto... deixa pra lá, agente ajuda quem merece. Se agente precisa da ajuda dele e ele tá aqui te ajudando ai sim você não pode faltar (José Marques Lobo, 2018).*

Ele aponta não ter se arrependido de ter escolhido a profissão, porém, pondera a respeito de ter, muitas vezes, ter prestado serviço de maneira gratuita para pessoas que não lhe retribuíram quando ele precisou. Essa é uma questão interessante a se observar, pois, durante muito tempo, os trabalhadores do campo trabalharam a partir de uma cultura de cooperação, ou seja, ajudando uns aos outros, porém, no contexto dessa visão de cooperação, nem todos os vaqueiros correspondiam aos acordos, de modo que, ele aconselha aos mais novos ajudarem apenas aqueles que merecem, ou seja, aqueles que são recíprocos.

Nessa linha de raciocínio, buscando compreender ainda mais as questões postas, foi perguntado a respeito de como eram as condições reais do seu trabalho, se levava comida para a lida no campo ou não. Para tal questão levantada assim ele respondeu:

*Eu nunca botei fé em vaquêro que levava fruta em garupa de sela. Nunca botei fé. Água de primêro tinha muita, agente se acampava aonde tinha água, agente chupava aqui com as mãos onde tinha, às vezes era com a foia. hoje tá tudo seco. Eu ficava no mato ali na sombra, aí quando eu escutava o chucai da rês batendo... eu pegava. Era agente que tava caçando até achar... Eu não fazia conta de cumer, só como quando chega em casa, passo o dia todim sem comer... Andando direto (José Marques Lobo, 2018).*

Percebe-se que sua resposta demonstra como o entrevistado encara as condições adversas com certa postura de valentia, ou seja, o fato de trabalhar sobre condições precárias não o constrange de forma tão forte a ponto de enxergar a exploração desmedida das condições de trabalho. Isto existe em função de que essa construção, feita pela História Tradicional e dentro da cultura popular vaqueiral, de que o vaqueiro bom é aquele que suporta as piores condições, ainda está tão presente na concepção coletiva, que exalta a valentia, a força e a

coragem como grandes virtudes.

O vaqueiro José Pereira Filho quando foi perguntado a respeito da relação de trabalho enquanto vaqueiro, ou seja, como eram as formas de pagamento e a sua relação com o patrão, assim se expressou: *“De 4/1 e 3/1. Eu não ganhava salario. Era tranquilo, nunca tive desavença, pra mim o Maciel foi o melhor patrão. O Maciel tinha uma propriedade grande, tinha mais de 200 cabeças de gado. Ele dava roça pra gente prantar, no tamanho que a gente quisesse. Fazia minha roça e cuidava do gado dele”* (José Pereira Filho, 2014).

Veja que as condições de trabalho, embora não fosse das melhores, pois, além de lidar com o gado diariamente somava-se a pratica da agricultura, pois, só assim conseguiriam manter a sobrevivência com os recursos mínimos e necessários.

É importante reforçar que nem sempre os vaqueiros cuidavam de propriedade de terceiros, é o caso, por exemplo, do vaqueiro Antônio Macedo Pereira, que ao ser perguntado a este respeito assim expressou-se:

*Não, nunca cuidei não. Nasci e me cuidei aqui, nunca cuidei. Só tinha o gadim véi foi o tempo que as coisa foi encurtando aí eu deixei de lado, acabou logo com tudo. Óia cê tem duz ou dez vaca, entra na vaca de fulano aí cê tem que pagar aquilo ali. Ai cê acabano logo, acaba logo com a confusão* (Antonio Macedo Pereira, 2018).

Algo notório é que muitos desses vaqueiros trabalharam para fazendeiros da região e após o processo de declínio do gado em função das mudanças verificadas no campo, muitos deles, passaram a lidar com uma quantidade de gado menor sendo esse gado pertencente a estes vaqueiros.

Alguns, inclusive, nunca cuidaram de gado dos outros, apenas dos seus, é o caso do vaqueiro que declarou acima sua prática laboral. Outra questão também que não deve ser esquecida é que a despeito de algumas posturas de alienação em relação aos seus direitos e às condições de exclusão social a qual os vaqueiros em regra estavam submetidos, isso não impedia que observassem certas situações degradantes de trabalho, daí que muitos deles, em suas falas, denunciavam às situações impróprias de trabalho que vivenciaram.

Nesse sentido é possível considerar que uma reclamação é que o trabalho de vaqueiro na atualidade, quando comparado com o passado, aumentou, pois, tornou-se mais cansativo do que antes. Isso é de fato algo notório não apenas entre os vaqueiros entrevistados, mas na visão de muitos trabalhadores de forma geral, ou seja, a sensação de que se trabalha mais e não se tem melhor qualidade de vida.

Tal perspectiva deriva de uma visão mercadológica excludente que enxerga na classe trabalhadora, seja rural ou urbana, indivíduos subalternos, sem valorização, de maneira que, a lógica neoliberal – em face das suas muitas contradições – sempre torna às condições de trabalho muito precárias. No caso dos vaqueiros é bastante evidente tal realidade, visto que, por suas próprias características, a profissão do vaqueiro tem suas dificuldades (Rocha, 2010).

*Quando eu passei bem dizer de maió, eu fui cuidando de uma vaca de um e de ôto. Eu trabaiaava cinco ano pra puder receber uma cria de uma pessoa ou mais, eu tinha aquela paciência, até tirar uma cria, daí pra cá. Vêi vindo, aí foi que eu me casei, quando eu tirava uma bizerrinha ia conservando e quando eu me casei já tinha meus farelin, aí eu fui pro Buenos Aires ser vaquêro (Benedito Alves da Silva, 2018).*

Uma das coisas que se nota no testemunho do entrevistado é que, assim como relato dos outros vaqueiros ele também teve no seio familiar o seu iniciador na vida vaqueiral. Também fica evidente quão penosa era a vida do vaqueiro, pois, para conseguir uma única cria como recompensa do trabalho, precisava prestar longo tempo de serviço.

Outra questão importante é a persistência do vaqueiro, pois, mesmo sendo um serviço com dificuldades, o entrevistado demonstra que mantinha a perseverança, isto se deve a características pessoais, mas também a própria realidade social que impunha a necessidade de que, mesmo em condições extremas de exploração e pobreza, não se afastasse do ofício a que se propôs, visto que, possivelmente, ao abandonar poderia entrar em situação pior, tendo em vista que, não existiam muitas opções à época em que campeava o gado na comunidade na qual vivia.

Ademais, além das condições socioeconômicas, é preciso destacar as dificuldades que ele possuía em relação à ida ao campo: *“Vê-se, pois, que a profissão de vaqueiro era bastante difícil e espinhosa, exigindo não só adaptação ao meio, mas também muita aprendizagem e habilidade para o ofício. Sobre a necessidade desses requisitos temos a informação” (Rocha, 2010, p.50).*

Dando continuidade às análises a respeito das relações dos vaqueiros com os seus padrões no que tange às atividades laborais, foi perguntado ao vaqueiro Antônio Edilson Lima dos Reis, nascido em 1971, no Povoado Taboca, mas que reside no Barro Vermelho onde pratica suas atividades agrícolas e campeiras e como ele aprendeu o ofício, respondeu assim:

*Rapaz! Quando a gente nasce já ver o pai da gente, aí a gente vai crescendo, quando eu nasci os dentes já via o papai nesse merma profissão. Quando eu*



*tinha uma faixa de 06 ano, já comecei a ver uns vaquêro indo pro mato, eu bom de estudar, mas eu dava de doente, doendo a cabeça pra não ir pra escola, aí eu fui crescendo, num queria estudar, pelejei! Pelejei, mas aquilo ali num entrava na minha cabeça; o meu juízo era andar pelo mato. Eu menino vêi, às vezes ia na garupa do cavalo dos vaquêro pra ver a carrera dos bichos e aquilo dali foi a continuação. Fiquei de maior com 20 ano, né? Aí surgiu ali a Redenção, porque antigamente o povo andava procurando os fii dos vaqueiros mais vêi que sabe a profissão, o pessoal da Redenção me viram e disseram que eu era um menino bom, experiente, aí cum 20 ano eu fui lá sozin, comecei fazeno as coisas, aprendendo e fiquei lá, aprendendo o manejo, num é todo mundo que sabe (Antônio Edilson Lima dos Reis, 2024).*

A análise do relato torna evidente que a atividade de vaqueiro, como já salientado, é uma prática muito comum de ser passada de pai para filho. É uma tradição. O entrevistado admite ainda que os estudos formais não lhe despertavam o interesse como a vida campeira, daí sua opção por se tornar vaqueiro ao invés de seguir nos estudos escolares. A cultura vaqueiral familiar, portanto, falou mais alto em sua vida: *“A cultura do vaqueiro foi forjada pela herança familiar no cotidiano desses sujeitos e na sua tradição”* (Ferreira; Lima, 2023, p.8).

Seu interesse, pelo que deixa transparecer, por meio de sua fala, está intimamente ligado ao desejo de se assemelhar aos mais velhos, pois, ao destacar que desde criança gostava de andar pelos matos com o pai e na garupa dos vaqueiros, ele aponta algo muito comum no mundo vaqueiral, a saber, a inspiração que os vaqueiros, sobretudo, aqueles considerados afamados, costuma despertar naqueles mais novos, fazendo com que estes queiram seguir seus passos.

Seguindo o rastro campeiro dos vaqueiros das regiões sertânicas de Caxias-MA, buscou-se, por intermédio da fala de seu Antônio Edilson Lima dos Reis compreender quando ele havia sido contratado para ser o vaqueiro de fazendeiro, a relação entre ele e o patrão e questões relativas aos ganhos e rotinas diárias de trabalho. A estas questões ele assim resumiu:

*Quando ele me chamou pra fazer o novo acordo, era 4/1, quando nascesse 04 bezerro eu tinha 01. Ele ficava com 03 eu eu cum 01. Não todo dia, porque tinha dia que a gente acordava 05h, 06h, mas eu cansei de acordar 01 hora da madrugada, mas cê pegava o cavalo celava e ganhava o mundo atrás de gado e era pegando mermo, num era só rodando pegando gado não, cê acredita? Eu trabaiei lâ esse tempo todin, mas foi sofrendo, cê sabe que que a vida do campo num é fácil. Tinha dia que eu chegava 09h, 10h da noite, se eu achasse um fii de Deus que me desse uma comidinha pra gente, um lanche, tinha dia que só bebia água dos garapés na chapada. Meu amigo, tinha dia que 06 hora da tarde eu tava distante de casa 03 léguas, que dá 18 quilometro. Ficava o dia todin sem cumer, ia comer quando chegava em casa (Antônio Edilson Lima dos Reis, 2024).*

Sua fala não destoa da dos demais no que tange às condições materiais e de trabalho

serem precárias, pois, assim como os outros entrevistados, ele demonstra que os ganhos não eram muito significativos quando comparado ao trabalho duro, bem como, deixa claro que a alimentação era um dos grandes problemas enfrentados por ele nessa rotina. Essa atividade do vaqueiro tomava muito tempo do seu dia e isto revela como a vida do vaqueiro é cheia de práticas em que o esforço físico é exigido. É um trabalho que desde muito tempo se manteve com essas características:

Na fazenda, o gado sempre ficava aos cuidados do vaqueiro, desde o amanhecer ao anoitecer do dia. Livres, ao campearem, esses vaqueiros faziam a sua alegria e o prolongamento de suas aventuras. Ninguém os acordava para pegar no trabalho. Cuidavam das reses desde a prenhez das vacas até o momento em que o fazendeiro se desfazia do animal (Rocha, 2010, p. 97).

Algo que se deve pontuar é que, mesmo o trabalho do vaqueiro sendo muito duro e cheio de riscos, os patrões não pagavam nada a mais do que aquilo que já estava combinado entre eles: *“Não! Era só 4/1 mermo, só que eu fazia minha roça, eu plantava minha cana no brejo, ia tocando pra frente”* (Antônio Edilson Lima dos Reis, 2024).

Quando questionado a respeito da indumentária utilizada por ele, se era fornecida pelo patrão ou se ele mesmo a comprava, assim o vaqueiro se expressou:

*Ele que dava a sela, o cavalo. Tudo era por conta do patrão, meu era o serviço. A despesa era dele. Nós combinamo de 4/ 1 aí ele me dava um ano, pro bezerro ficar ali junto com o dele, aí cum ano eu tinha que tirar, ou eu vendia pra ele ou tinha que tirar de lá, muitas vezes eu vendia pra ele mermo, porque eu não tinha onde botar. Eu sei que gente pobi tem precisão, porque nós tem, mas vendia sem precisão porque não tinha onde botar, e aí tinha que vender pra ele mermo, num tinha terra* (Antônio Edilson Lima dos Reis, 2024).

Sua fala revela um dos grandes dramas enfrentados pelos vaqueiros, a falta de terra para poder colocar as cabeças de gado que ganhavam fruto do seu trabalho. Essa concentração fundiária existente no Brasil como um todo e em particular nas regiões sertânicas de Caxias – MA, explica em grande medida o processo histórico de marginalização social e econômica dos vaqueiros dentre outros trabalhadores rurais. Por falta de terra não conseguiam expandir e aumentar o seu gado, como também, não praticavam a agricultura em maior intensidade.

Aprofundando o entendimento a respeito da questão exposta, procurou-se entender se em virtude de tal situação dantes referida, se ele achava que teria perdido um grande rebanho. Sua fala é bem direta e destaca que:

*Perdí! Eu perdia muito, uma oportunidade dessa aí, porque você sabe que a renda de um bezerro é pouco, e eu num tinha como deixar ele formar. Perdí meu tempo, eu ganhei num vou mentir, mas eu num tinha como conservar, num tive (Antônio Edilson Lima dos Reis, 2024).*

Pelo que o vaqueiro deixa claro no decorrer da entrevista, a relação com o patrão, em termos de diálogo e cotidiano de trabalho não eram ruins, porém, em termos de ganhos, quem mais se beneficiava era o patrão. O vaqueiro, sobre esse aspecto, era explorado e isto se devia às próprias estruturas de trabalho estabelecidas, pois, as condições históricas e materiais faziam com que certas práticas e dinâmicas existentes no meio rural se perpetuassem. Tentativas de mudanças eram vistas como algo ruim e repelidas pelos fazendeiros ou políticos que os representasse.

Ainda na mesma linha, ao responder quem mais ganhava nessa relação de trabalho, corrobora o que fora dito no parágrafo anterior, pois, ele afirma que o patrão era quem de fato se beneficiava do modelo de trabalho existente:

*Era só quem ganhava era ele, porque ele comprava no preço dele, eu não tinha dinheiro, e eu tinha que vender, num tinha terra pra botar. e eu num vendia pra outro, e como eu tava lá trabalhando pra ele, eu tinha que vender pra ele, o caba tem que ser claro, eu trabaiei muito, mas ganhei uma coisinha, pouco, mas ganhei, num vou mentir (Antônio Edilson Lima dos Reis, 2024).*

Todos esses pontos são fundamentais para se entender a dinâmica envolvendo as relações cotidianas de trabalho entre o vaqueiro e seus patrões. Para se compreender de maneira mais profunda essa dinâmica, no próximo tópico, serão abordados aspectos relevantes no tocante, a forma que eram criados os gados na região sertânica de Caxias-MA, levando em conta desde as épocas em que os rebanhos viviam soltos, até os momentos que estabeleceram ordens para que eles passassem a ser confinados, ou seja, dentro das propriedades cercadas.

Nesse tópico serão destacados ainda de que forma o modo de criação dos rebanhos contribuíram para a produção do espaço rural caxiense, pois, foca-se nos caminhos do gado, ou seja, por onde os vaqueiros percorriam na sua lida diária entre outros pontos que são reveladores e que ajudam a entender toda a realidade referente à temática aqui abordada.

### **2.3 O tilintar das esporas e som das máquinas agrícolas: vaqueiro, gado e o sertão no processo modernizante no campo**

O processo ou modelo de criação do gado é um dos aspectos fundamentais para se

entender de que forma se desenvolveram as atividades pecuárias no país e, por conseguinte, como os vaqueiros estabeleciam, diariamente, suas práticas laborais que além de fundamentais para a economia do país, foram também grandes indutoras do crescimento populacional e consolidação territorial do Brasil (Andrade, 1979).

Quando se busca compreender, especificamente, como se deu o desenvolvimento das atividades ligadas à criação de gado, dentro do contexto sertânico caxiense, é preciso levar em conta também, que mesmo o foco do trabalho trazendo essa especificidade espacial, isto não significa que ela esteja circunscrita, em termos de universo explicativo, apenas a este ambiente local, pois, os lugares mesmo distantes, em razão de suas ligações históricas, culturais, econômicas e sociais, se conectam, de modo que, compreender as especificidades do ambiente sertânico caxiense (Rocha, 2010).

Nesse sentido, é muito mais do que pensar apenas aspectos escalares em dimensões locais, pois, a dimensão da abordagem, vai bem além da percepção geográfica existente, de maneira que, entende ser necessário realizar uma abordagem sólida pela qual se coloque o contexto geral e regional do país, para que a partir disto, se entenda melhor as práticas sociais vivenciadas no contexto das regiões sertânicas de Caxias-MA as quais demonstram as peculiaridades que estão no bojo das vivências dos vaqueiros que durante muitos anos campearam o gado.

Quando se olha para o modo de como se deu a introdução do gado no país e de como ele foi ao longo do tempo se multiplicando ao ponto de se tornar de suma importância para a balança comercial do país, nota-se, que essa atividade, desde os seus primórdios, foi guiada por uma visão expansionista, ou seja, buscando expandir em termos quantitativos (aumentar o rebanho e os ganhos financeiros da comercialização dos mesmos) como extensivos (o gado como instrumento de colonização do interior do país, aumentando as terras no contexto de uma territorialização):

Quando o sertão ainda era mata virgem viu chegar a suas terras muito gado e poucos homens. Os animais levados e vigiados pelos homens buscavam maiores espaços para reprodução. Os homens seguiam atrás, tomando posse de vastos territórios. Dos latifúndios extraíam riquezas e poder, instalaram fazendas, povoaram as novas e fixaram costumes (Rocha, 2010, p.15).

O gado foi introduzido no país por conta de necessidades que iam desde a necessidade de se produzir carnes e, além disso, ser útil enquanto força motriz para os engenhos que produziram o açúcar que era exportado para fora do país. Os rebanhos, no entanto, começaram a crescer de tal maneira e devido à compactação dos solos próximos as regiões de engenho, eles

foram sendo deslocados para regiões mais distantes, contribuindo, desta maneira, com o processo de ocupação territorial do interior do Brasil, notadamente, na região que hoje se conhece como Nordeste (Andrade, 1979).

É preciso, antes de qualquer coisa, apontar que o gado era criado de forma extensiva, sem, contudo deixar de existir os currais, pois, se nos dias atuais existe uma diferença muito clara entre aquilo que se conhece como criação extensiva – o gado ocupando maiores extensões e sem aplicação de tecnologias modernas em sua criação – e a criação intensiva – o gado sendo criado utilizando áreas bem menores, com práticas de confinamento e utilização de recursos modernos para os cuidados com a criação – no passado não era assim.

Então, sempre que se utilizar aqui o termo criação extensiva, como também, fazer uso da terminologia *currais* estará a se referir às práticas que tem igual categorização, ou seja, uma criação tradicional de gado, diferente da atual onde existem práticas com foco no mercado internacional que obrigam a criação bem mais alicerçada em objetivos mercantis e, portanto, com todo um arcabouço ligado a modos de criação que se manifesta uma obediência às exigências do mercado. Evidentemente que isso é mais notável nas grandes propriedades, nas pequenas, os modos tradicionais ainda são verificados, muito embora, mesmo nelas, existem mudanças também.

Seguindo nessa direção, torna-se muito importante apontar que os caminhos percorridos pelo gado, dentro da realidade sertânica caxiense, sempre obedeceram tanto aos ditames econômicos como também aos ligados à prática laboral orientada por uma cultura local que foi se formando e se firmando como uma identidade dos vaqueiros da região. Nesse sentido, cabe considerar os relatos dos vaqueiros, pois, a partir de suas falas e embasados na produção acadêmica pretérita, é possível entender a realidade existente no tocante aos vaqueiros e os seus campear no período estudado.

O primeiro vaqueiro que expõe o seu relato neste trabalho a respeito de como era criado o gado nas regiões sertânicas de Caxias no período investigado é o senhor Benedito Alves da Silva (Véi Dito). Suas lembranças transcritas para o papel dão uma visão de como ocorriam as práticas de criação naqueles tempos, bem como, as mudanças que passaram a ocorrer. Assim indagou-se ao referido vaqueiro se no passado era possível criar o gado solto. O vaqueiro entrevistado assim respondeu:

*Dava, aqui todo, muitos dos que já morreram e algum que tá vivo sabe contar também, porque naqueles tempo quas todo mundo tinha uma rês, óia do Barro Vermelho pra cá, pra essa região aqui, quase todo mundo tinha uma vaquinha, duas, dez, quem tinha mais condição tinha mais, né?! Mas também*

*era solto. Do Barro vermelho tinha gente que tinha boi, do Bacabal, pessoal das unha de gato, unha Branca, caçara, tudo tinha gado pra cá, porque num tinha essa izigença que tem hoje. Você criava suas rês aqui. ela pipocava aqui, ia pra onde tivesse espaço mió, ela ficava. Num tinha essa de tal de parte... (Benedito Alves da Silva, 2018).*

No referido relato do senhor Benedito Alves da Silva (Véi Dito) fica evidente que havia um grupo significativo de pequenos criadores de gados na região sertânica caxiense, ou seja, a criação do gado não se resumia apenas aos fazendeiros e grandes proprietários. Devido não precisar criar o gado preso, nesses idos, os pequenos rebanhos poderiam se alimentar das pastagens que existiam até mesmo nos campos abertos ou arredor de estrada, o que facilitava, já que nem todos poderiam criar grandes pastagens.

É relevante considerar que esse tipo de criação era muito comum no início da introdução do gado no Brasil, o que demonstra que a realidade, mesmo passado séculos, permaneceu pouco alterada até meados do século XX:

O gado era criado solto, pastando em comum com o de outras fazendas. Os animais eram identificados através do ferro do proprietário e do ferro da ribeira em que se situava a fazenda, sendo, uma vez por ano, recolhidos, mediante a vaquejada, quando se apartavam os animais que deveriam ser vendidos e se ferravam os animais novos (Andrade, 1979, p.43).

Esse modelo de criação, sem a menor sombra de dúvidas, contribuiu, e de maneira significativa, para o aumento dos rebanhos tanto devido ao fato de que facilitava a alimentação do gado, como também ajudava na dinâmica dos cuidados, pois, ao ser criado solto facilitava a expansão rumo ao interior, conseguindo lugares novos com pastagens mais abundantes e fontes de água para matar a sede dos rebanhos:

No processo de povoamento do interior do Brasil, marcado pelo Ciclo dos Currais, o gado era criado solto, visto que ainda não se havia a necessidade de cercas que delimitassem as propriedades rurais. Sendo assim, a boiada se dispersava pelas serras e caatingas em busca de alimento. Para realizar as atividades relativas ao cuidado dos animais como contagem do número de reses, marcação, castração, tratamento das feridas etc., numerosos vaqueiros reuniam-se e entravam na mata, constituída de macambiras, xiquexiques, juremas, amorosas e mofumbos, peculiares da região, para juntar a “gadaria” (Calvanti, 2018, p.2).

Essa criação de gado solto foi fundamental até mesmo para a expansão dos povoados e no caso das regiões sertânicas de Caxias-MA, assim como em outras partes do Nordeste, ajudou a abrir novos caminhos e criar moradias.

Outro vaqueiro que trouxe importantes relatos a respeito de como era criado o gado nas regiões sertânicas de Caxias, foi o senhor Antônio Macedo Pereira (Fiscal), morador do Povoado Redenção. A ele foi questionado quando que parte dos vaqueiros se viram impedidos de criar o gado solto na região em que o presente estudo se debruça. O vaqueiro entrevistado respondeu que:

*Isso faz muitos anos, foi com as reforma. Isso tem uns 30 ano pra frente. Quando eu era minino aqui, Bilaque era o dono daqui, aí quando falaro em reforma agrária, ele pensou que era tomaras terras da pessoa, na hora que falava em reforma agrária, ele ficava doidin de raiva porque ele entendeu que a reforma agrária ia tomar sua terra e num ia dar nada. Assentamento num toma nada de ninguém, a questão é pá dividir os impostos, disconsta aquilo que cê tá devendo e o resto cê devolve pra ocê (Antonio Macedo Pereira, 2018).*

É perceptível no relato uma concordância com a forma de agir do governo no tocante à política fiscal e agrária adotadas. O senhor Antônio Macedo Pereira (Fiscal), prossegue em seu relato e debruça-se sobre suas memórias ao ponto de resgatar mais pormenores a respeito dessas mudanças como foco nessas políticas de reforma agrária. Eis o que afirma:

*O governo num toma terra de ninguém. Aí o povo intindia que ia tomar com preto. Não, porque todo dono de terra tem os imposto num tem? Aí vai deixano acumular, acumular. Até que o governo diz: rapaz, vamo lá! E pra ele poder responder ele toma a terra, soma o qué que dá e se tiver troco, ele devolve pra ocê num diz assim: nam, minha terra tá toda x e o governo tomou! Nam, num existe isso não. Eles num toma a terra, eles desconsta, se ocê não puder pagar, ele compra a terra. Como essa do Gervasio costa aí ó! Ele comprou essa terra dos assentamentos aí do Gervasio Costa. Da boca da mata pra frente, começava ali do tii Pedro pra frente. Boca da Mata, Alecrim, Santo Antonio, Mocambo, Rodagem, Brejinho, tudo era do Gervasio Costa. Depois disso foi que o governo comprô e ninguém criô mais, só preso mermo (Antonio Macedo Pereira, 2018).*

O senhor Antônio Macedo Pereira (Fiscal), traz relato de extrema relevância, pois, na sua fala, ele não apenas destaca a questão relacionada ao modo de criar o gado, de como ocorreram às mudanças relacionadas com a criação do gado, antes criado solto e, posteriormente, criado preso, em cercanias; explicou também como se inseriram, na região, as políticas ligadas à reforma agrária e como os discursos alarmistas, que visavam manter inalterado o *status quo*, se impunham por parte das classes dominantes.

Esse alarmismo verificado se impôs de maneira a tentar inviabilizar tais políticas agrárias, pois, os donos de terra se viam ameaçados em seu poderio econômico, político e social

que foi construído com base em todo um processo histórico que impões extrema desigualdade social, fazendo do Brasil, desde períodos coloniais aos tempos mais recentes, um país de alta concentração fundiária (Moreno; Pimentel, 2012).

A luta pela terra no Brasil sempre foi marcada por grandes contradições, violência e desigualdades. Lutar por um pedaço de terra no país levou a muito sofrimento, pois, o Estado brasileiro, em geral, sempre esteve a beneficiar as camadas mais privilegiadas da sociedade. Os vaqueiros, assim como outros trabalhadores rurais, foram excluídos de uma partilha justa da terra, o que gerou no país uma alta concentração fundiária, que fez crescer as desigualdades existentes no solo pátrio. Apesar disso, fez surgir também, movimentos sociais que, através da união dos trabalhadores, passaram a reivindicar direitos à terra, utilizando até mesmo em seus discursos fundamentos de caráter religioso:

A concepção de que a terra é uma dádiva de Deus e, portanto, um bem comum é parte de um discurso circulante entre as populações de posseiros do país. Em pesquisa nos relatórios de conflitos no campo de 1988 (CPT), deparamo-nos com a reprodução de um fragmento de fala de Ana, Cabeceira da Mata, Almas – TO, que disse: “É Deus quem deu a vida pra nós. Deixar tomar nossa terra é deixar tomar nossa vida e isso seria trair Deus” [...] O argumento religioso é também expressão da participação da Igreja na luta pela terra (Rocha, 2015, p.28-29).

Esse tipo de sentimento religioso é muito comum em classes menos abastadas, posto que, a fé se torna um meio pelo qual buscam enfrentar seus inúmeros dilemas, não apenas em termos existenciais e espiritualistas, mas da vida social e econômica prática. O apego à fé também se deve ao fato de que alguns setores mais progressistas da Igreja Católica se juntaram às classes populares, no sentido de defender a luta pela terra.

Essa luta pela terra passou a ser muito mais que uma luta com fins materialistas, e sim uma expressão de solidariedade cristã, tendo em vista que, as visões da Igreja e dos vaqueiros ou outros trabalhadores rurais que lutam pelo acesso à terra passaram a entrar em concordância, estabelecendo um discurso uníssono no sentido de unificar lideranças e desenvolver mecanismos de alcançar seus objetivos (Rocha, 2015).

Ao ser abordado a respeito das mudanças ocorridas, o senhor Antônio José Ozório, vaqueiro residente no Povoado Barro vermelho, trouxe importantes contribuições ao presente estudo. Ao vaqueiro foi indagado como era o povoado antes das mudanças provocadas pela proibição de criar o gado solto. O senhor Antônio José Ozório afirmou que:

*Vixii Maria, aqui tinha muito animal solto, num tinha só 10 mil boi não. No inverno, descendo a chapada aqui era lotado de gado... tú contava tanto*



*animal aqui nesse pátio que vinha da vertente, do marajá, vinha da baxada. Siô, nesse mato aí saía gado de todo feiti correno, via no camin, do cento correno.... acabou, num tem mais gado na vertente, Boca da mata, Rodagem, engenho d` Água , aqui do ôto lado do Riachão, Nazaré, Mucambo, Santo Amaro, Brajinho, Chapada do Mundé, Inhuma, Porto do São Miguel, Santana, Olho D` água. Acabou tudo num tem mais nada... sobe aqui pra cima, num tem mais nada. A chapada que você contava mais de dez mil boi, hoje num conta dez, acabou (Antônio José Ozorio, 2018).*

A sua memória parece bastante íntegra, em termos de ilustrar com palavras como eram as paisagens lotadas de gado, em tempos em que o gado era criado solto e onde as principais atividades não estavam ligadas a agricultura comercial (agronegócio) e sim à pecuária extensiva. Ele prossegue o relato e afirma também:

*Isso é porque onde vão a civilização vai a destruição, né! O homi vê pra destruir. Ficou difícil criar o gado solto, num tem água, num tem pasto, aqui é seco, só no inverno. Água era puxado no poço. O gado ficava aqui todin na porta, o pai puxava a porteira do gado pra num entrar, ficava esperando três beber pra depois botar os ôto pra beber. [...] O gado aqui tudo tinha apelido, tinha Boa, Maringa, Ponta Baixa, Celada, mancinha, palmera, cada uma botava apelido... bebia tudin aqui na porta de casa, bebia do poço aqui, ele nunca secou desde 1950, tá aí ele... E o gado aqui tudin em redor (Antônio José Ozorio, 2018).*

Este relato, pelo que se verificou, é relacionado aos anos oitenta. E vale frisar também, que pela forma que o vaqueiro detalha memórias bem distantes, fica bem evidente, o sentimento por aquele período vivido na lida com o gado. Ele fala com certa nostalgia, algo comum nos vaqueiros que relataram suas vivências as quais serviram de base para a construção deste trabalho acadêmico:

Lidar com memória é mexer com gente, com interpretações presentificadas e, por que não dizer, intencionalizadas; com representações sociais e fatos históricos naturalizados e/ ou pouco explicados em termos de origem, objetivo, intencionalidades, manifestas em condições de existência do passado, na atualidade e com intenções projetivas. Não obstante as suas questões de ordem metodológica e de processos técnicos de investigação, poderíamos avançar mais e indicar inúmeras outras dimensões que o campo da memória revela, fundamentalmente, na esfera dos atores sociais e políticos, fatos históricos, identitários, de imaginários sociais cristalizados ou em processo (Tedesco, 2014, p.34).

As mudanças inseridas na região sertânica de Caxias-MA, ocorreram dentro de um contexto que não trouxe mudanças apenas em termos de gado ser criado solto ou preso, elas se deram também no âmbito de conflitos agrários que passaram a existir no campo, conflitos que



Maranhão como uma atividade que influenciou na economia e na vida social. Foi fundamental também para a penetração do território dos chamados “sertões maranhenses” espaço no qual Caxias está inserido.

Antes, porém, de prosseguir na análise que aqui se realiza a qual tem como o foco o personagem vaqueiro dentro da realidade sertânica de Caxias-MA, é preciso pontuar que as fontes históricas aqui utilizadas: imagens, mapas antigos, relatos orais entre outras úteis na construção dessa produção acadêmica, embasam-se, em dados focados na metodologia do campo da historiografia, ou seja, embora o trabalho tenha um caráter interdisciplinar, ele não deixa de ter seu embasamento focado no campo da História e por isso mesmo, os pressupostos teóricos dessa ciência são levados em consideração em toda narrativa e análise que aqui se fazem (Portelli, 2016).

Assim não há de se pensar em uma narrativa solta e sim, muito bem alicerçada em um embasamento conceitual, teórico e metódico pelo qual as explicações da realidade estudada, em verdade, são apenas o resultado formal daquilo que os fatos estudados propiciaram, pois, tem procurado, diligentemente, seguir todos os pressupostos da metodologia científica no que se refere ao ofício do historiador:

O “Documento” ou a “Fonte Histórica”, como se diz hoje mais habitualmente, continua certamente na base do método historiográfico. Sem fontes históricas não há caminho possível para que um historiador atinja uma determinada realidade ou processo histórico que pretenda examinar, ou tampouco, não surge a possibilidade de reformular uma certa visão do passado em função de questões levantadas no presente (Barros, 2017, p.80).

Deixando clara a relevância destes documentos históricos utilizados, e o comprometimento deste estudo com uma obediência estrita ao método historiográfico, é possível avançar ainda mais nas questões aqui levantadas, para que com isto, tornar-se possível traduzir em discurso historiográfico coeso, a realidade vivenciada pelos vaqueiros da região sertânica de Caxias, tendo como principal material reconstituído, os seus relatos, os quais derivam de suas memórias individuais, mas também coletivas que se construíram no seio social no qual estiveram e ainda estão inseridos (Halbwachs, 2004).

Na direção de se conhecer ainda mais como eram as realidades dos caminhos percorridos pelos vaqueiros, nas suas labutas diárias com o gado, foi questionado ao senhor José Vieira dos Reis (Zé Pezão) como eram as características relativas aos espaços campeiros ao que ele falou:

*Tinha muita água! Num tinha desmatamento, era tudo.. tudo muita água... os brejo num secava, tinha muita cacimba. Óia, mia fia! di primêro a gente panhava água aqui nos brejo, era metendo as mão aqui com xxx um balde ou uma bacia, uma cuitê ou qualquer uma coisa... aí ficou tudo diferente. Tudo diferente, de quando eu fui piqueno. Cum isso o gado sofre, quem é vaquêro sofre. Dia come, dia num come, só se levar de casa, que vezes anda pelo mato e num acha quem dê nada pra ninguém, né! (José Luis Vieira dos Reis, 2018).*

Reforçando a questão relacionada a compreender como eram as paisagens da região – antes do desmatamento ocasionado pelos grandes projetos de agronegócio – aprofundou-se mais nessa questão da desflorestação sobre a qual o vaqueiro relatou a diferença de outrora no tocante a preservação das matas, pois, em função de tal preservação, havia no seu interior frutos nativos com os quais poderia se alimentar durante as idas ao campo no campear o gado.

Em tal relato é possível observar duas coisas importantes, primeiro o fato de que existiam meios de sobreviver nas matas e que as condições sociais e econômicas eram de tamanhas desigualdades que a alimentação, reforçada com esses frutos nativos, não era exatamente uma opção, mas de fato e de verdade uma necessidade reinante entre os vaqueiros, daí que conhecer aqueles frutos que poderiam ser consumidos sem risco à saúde, faz parte também da sabedoria do bom vaqueiro:

*Eu cumia na chapada! O bacuri, o piqui, o (oi de boi) fruto redondo que dá na chapada, o araçaté, manga quando em novembro, outubro, cumia caretia também araçá, pulça! Tú cunhece o pulça? Ele é um preto, mia fia. tudo isso quando acha na chapada a gente come. Andando na chapada nós bibia água véa quente di um lito, lá dum palo doido (Paulo doido) que tinha lá! Ele é assim ruim da bola... aí nós amarramo a vaca... eu e ôto minino lá aí tinha dois litro, aí rapaz, [...] Cumpade! É água, cumpade! Pode bebê. Água quente, mia fia. bibimo, o sol quente. Quente! Quente! Bibimo tava Cu'ma sede medonha. Aí quando chegemo nas casa num achemo ninguém em casa, só a água do açude... aí quando ceguemo no tigue (Tigre) bibimo dois litro d' água na casa do Peba, num sei se tú sabe quem é o Peba! (José Luis Vieira dos Reis, 2018).*

O mais curioso desse relato é que além das lembranças de como eram as paisagens, bem como, a descrição da oferta de frutos presentes no espaço campeiro por onde os vaqueiros cuidavam do gado, é possível também observar como as memórias dos vaqueiros conseguem descrever os espaços e as situações vividas no passado de uma maneira rica em detalhes.

Isso se deve ao fato de que essas experiências foram deveras marcantes para eles, que fica difícil esquecê-las, haja vista que, elas possuem sentidos significativos para eles: “A experiência do tempo é a que dá o caráter temporal aos eventos e aos fatos; daí a importância do uso oral das fontes no sentido de buscar decifrar a experiência do tempo vivido em relação

ao objeto descrito pelo sujeito narrante” (Tedesco, 2014, p.103).

É interessante notar ainda que as condições financeiras dos vaqueiros eram tão precárias que ele deixa claro que nem sempre era possível levar algum tipo de alimento para o campeão com o gado, daí o uso dos frutos nativos como fonte alimentar, pois, ele afirma que: “*Às vezes a gente levava, mas num era toda vez, num é toda vez que tem prá levar... mas quando vô de prano passar o dia, aí eu levava os litro, uma coisa [...]*” (José Luis Vieira dos Reis, 2018).

Ainda a respeito das mudanças ocorridas na região, as quais comprometeram diretamente à criação de gado solto na região, o vaqueiro assim as descreveu:

*[...] O eucalipo tá cum mais de 30 ano aí, quando nós chegemo aqui já tinha... foi em 1985 que começaro a prantar esses Eucalipto aí. Começaro o desmatamento. Eu lembro que os carro passava aqui na porta pegano os Eucalipo... tá cum 32 ano , que começou esse destamento aí, mia fia. aí dificultou tudo. O gado era tudo solto por conta do tempo... você trazia uma nuvia, nascia ali no mato, você trazia já tava parida! Era! Antes desses desmatamento aí, do eucalipto, de soja. Antes era muito bom de se criar, se criava por conta do tempo, quando se achava já tava grande a bezerra , às vezes nem se achava no curralo... ai depois ficô todo mundo em cima, tudo é preso e é prendeno, é morrêno de fome, o gado se acabo... (José Luis Vieira dos Reis, 2018).*

A produção do eucalipto, voltada para o mercado de papel e celulose e recebe grande valorização econômica é apontada como uma das razões iniciais para o processo de intenso desmatamento na região. Esse desmatamento, pelo que se verificou, através dos relatos dos vaqueiros e das observações em campo, tem trazido ao longo das últimas décadas grandes problemas para as comunidades tradicionais da região sertânica de Caxias-MA.

De acordo com o que foi verificado por meio dos relatos e de incursões em campo, além das agressões à fauna e flora, o eucalipto têm causado também problemas ao solo, gerando erosão e dificuldades de natureza hídrica, haja vista que, muitos riachos, como já elencado neste estudo, foram grandemente afetados em função das práticas predatórias motivadas pelo avanço do neoliberalismo na região, que pautado na lógica do capital internacional não se guia a partir de uma visão econômica assentada na sustentabilidade e sim, focado apenas no lucro sem levar em conta à qualidade ambiental da região:

O Estado maranhense adota, de modo geral, políticas neoliberais para fomentar o desenvolvimento no meio rural, porém favorecendo o agronegócio e comprometendo a sobrevivência da agricultura familiar. Isto se destaca com a expansão de monocultivos desde a soja no sul do estado, seguindo para o centro e leste maranhense [...] O eucalipto compõe a silvicultura no estado, assumindo destaque nesta produção, especialmente para atender à demanda de carvão vegetal para a siderurgia e a madeira

para celulose. Sua produção se configura por práticas que afetam diretamente o meio ambiente, considerando aí as condições e vida das populações camponesas (Azar; Santos, 2020, p.5-6).

Essas políticas de estado em favor do grande capital têm afetado os pequenos produtores que não dispõem dos recursos e nem de terras suficientes para manter sua produção seja na área da agricultura familiar ou da pecuária familiar. Partindo dessa questão e nessa mesma linha de pensamento foi perguntado ao senhor José Marques Lobo (Piloca), vaqueiro que campeou a região, como era a área antes do aumento exacerbado do desmatamento ao que ele respondeu:

*Antigamente tudo era mais à vontade porque até a gente mesmo vivia de cabeça mais fria, porque num tem mais a perseguição de hoje. Hoje, o que mais maltrata a gente é a perseguição, quando a gente ia pro pasto de uma rês para ela pastar, aquilo num tinha aquela coisa que tem hoje. Todo dia tem que tá no pé do gado, o gado tá pra aculá, tá no cercado de fulano e antigamente não. O gado ficava à vontade no pátio, você num se preocupava, no dia que desse certo pra você encontrar (José Marques lobo, 2018).*

A queixa de que não se pode mais criar o gado solto, em função de existir propriedades particulares, nas quais os donos, em geral grandes fazendeiros do agronegócio, não permitem que os bois e vacas adentrem, fez com que as dificuldades para a criação do rebanho aumentassem na região, causa de enorme frustração para os vaqueiros que começam a ver pontos negativos para execução da profissão vaqueiral na atualidade. Ademais, interessou-se em saber também, quando de fato essas mudanças começaram a ocorrer na região ao que o vaqueiro disse:

*É esses campos, o primeiro foi esse campo aqui, já começou a prejudicar, nós ficamos logo subsultado, aí o gado começou a entrar lá, nos só vivia por lá. Aí começaram a matar logo pensando que era de um dono, na hora era de óto. Aí por aí eles foram e cercaram os campo. Aí ficou mió pra nós, a cabeça mais fria. Entrou esses zoto aí, aí fechou o circo. Acabou! Acabou! (José Marques lobo, 2018).*

O vaqueiro demonstra desesperança com a realidade de não poder mais criar o gado solto, pois, as dificuldades para ele, na qualidade de pequeno criador, são muito maiores, visto que, não dispõem dos meios econômicos ou mesmo de influência política junto às autoridades para frear abusos cometidos por fazendeiros que chegaram à região e se apossaram de grandes extensões de terras, obrigando a população viverem, não de acordo com os modos de existência até então praticados, mas de acordo com a lógica espacial imposta a partir da inserção desta

agricultura comercial.

Com o avanço dessa agricultura voltada para o mercado internacional, os lugares e paisagens, que antes eram campeadas pelos vaqueiros, começaram a deixar de existir e os significados que elas possuem para eles, estão em suas lembranças, pois, cada vez mais, estão sendo modificadas pelo avanço da modernidade que para eles, pelo menos do modo que está ocorrendo, não era desejada e isto em virtude das múltiplas relações que eles estabeleceram com o lugar onde campearam gado durante parte significativa de suas vidas:

As relações que as sociedades humanas estabelecem com o ambiente são expressas através da atribuição de valores e de significados a certos elementos que estão presentes neste ambiente, e pelo uso de categorias culturais para classificar estes elementos. Categorias sociais como as de lugar e de espaço, por exemplo, embora sejam categorias universais do pensamento humano têm conteúdos e significados contextuais, pois resultam dos diferentes tipos de experiências que cada sociedade em particular mantém com o ambiente (Alencar, 2007, p.3).

Os lugares e paisagens que são vivenciadas diariamente possuem muita importância para as pessoas. Certamente o grau de impacto varia de indivíduo para indivíduo, porém, o local onde se vive, especialmente, quando essas vivências são marcantes, trazem significados e sentimentos que não podem ser ignorados e é isto que se enxerga na fala de muitos vaqueiros, quando estes lamentam as muitas mudanças ocorridas nos lugares por onde passaram.

A respeito do forte desmatamento na região, que foi praticado com a intencionalidade de ampliar os campos agrícolas (Plantação de soja), o vaqueiro observou como a concentração de poder e renda está mais intenso na região:

*Óia tá tudo difícil, porque só os grandes que têm, nós num tem força de nada. Se um gado desse entrar nas prantação deles, é confusão. Óto dia uns gado entraram na prantação deles e quando eu me espantei que não, lá se vem aquela bixona, o dono mermo parou o carro e quase impurra eu, eu tava até no meu cavalo grande, ele falou e eu também num disse nada. Minina, tu acredita que ele botou o carro foi quase em cima de mim? Tava muntado na esteira que caiu e eu pulei no chão. Ele disse que num quer bicho nenhum nas coisa. Eles tiram as predas do campo e joga tudo aqui dentro, tem lugar que tá aqueles montão de preda que eles jogam nas caçambas. O gado sofre demais, o bicho preso sem comer direito. Antigamente tinha muita criação (José Pereira Filho, 2024).*

Pelo relato do vaqueiro, nota-se, como os grandes proprietários, por meio de práticas pautadas em uma lógica perversa do lucro pelo lucro, impõem o seu poder econômico, político e fazem uso de violência sobre as populações mais carentes. A gravidade da violência sofrida

pelo vaqueiro é tamanha que aponta para a realidade na qual estão inseridas as pessoas destas comunidades rurais. A respeito destas muitas mudanças provocadas pelo avanço das grandes propriedades e o consequente desmatamento na região o senhor Antônio José Ozório assim destacou:

*A partir da chegada dos Eucalipto e quando chegou a associação aqui. quando o governo liberou, o INCA liberou negócio de terra... teve uma reunião no sindicato dos secretaro, que eu era contra, né, fazer roça no aberto porque, os trabaiador fazer roça no aberto, o mais difícil era fazer a cerca e eu provei pra eles na prática, porque antes tudo era cercado e todo mundo fazia roça, tinha o boi, o jumento, tudo solto, né. Hoje você cercar o boi, o bode... É difícil. Num é impussive, mas é difícil. Hoje ninguém cria nada, vai alí no Santo Antonio pra tu vê, alí era a coisa mais rica do mundo de gado... cê foi daqui pra lá, ocê viu quantos gado? Nenhum, né. De Caxias até aqui cê viu quantos gado? Ninguém vê, a beira do ri Parnaíba extremano com União no Piauí ocê num vê... foi quando entrou o INCA que fez isso. Mas só que o INCA deu o arame pra cercar e eles num cercaro os campo, vendero o arame e a roça ficou no aberto e ninguém querem fazer mais cerca, aí ficou difícil pro vaquêro, pro criador, pro patrão, o que tem que fazer é preso. Os campo tão tudo bem aqui. por que as água secaram tudo, por causa do eucalipto (Antônio José Ozorio, 2018).*

Mais uma vez, atribui-se a plantação de Eucalipto parte da degradação dos recursos hídricos existentes na região. É claro que a literatura afirma os riscos nocivos deste tipo de plantação para os recursos hídricos, porém, o avanço do desmatamento em detrimento da produção de grãos, especialmente, a soja também tem contribuído de maneira significativa para que os riachos da região sejam afetados.

A respeito de quando essa plantação de eucalipto teria se iniciado na região ele afirmou que teria começado na década de setenta: “Foi na era de 78 ou 79. Tudo veio com o Eucalipto, oitenta quilometro de distância o Eucalipto puxa água, é único... ele puxa água, dificulta a criação do gado e a profissão do gado. Tá acabano tudo. Acabano não, pode dizer que acabô tá zerado” (Antônio José Ozorio, 2018).

Para o vaqueiro o modo de criar gado solto na região como era no passado, dada às mudanças impostas na área, não volta mais e por isso mesmo alega ter desistido de criar o gado, pois, ele destaca que: “Esse ano acaba, num dá mais pra criar gado solto” (Antônio José Ozorio, 2018).

Estes relatos dos vaqueiros das regiões sertânicas de Caxias-MA, espaço onde o estudo se desenrolou, demonstram como as mudanças impostas na região, em função do avanço do agronegócio, onde grandes proprietários de terras concentram poder econômico e político, se apossando dos territórios rurais como nunca visto antes, são de tal sorte grandes a ponto de



imporem sobre os moradores suas práticas de opressão e violência.

Em função disto, muitos vaqueiros se veem sem esperança e na eminência de abandonarem de vez suas práticas com o gado, pois muitos deles acreditam que não compensa lutar já que não possuem forças para enfrentar os abusos destes fazendeiros.

## **2.4 Práticas de sociabilidades: A pega de boi no mato e a “pinga nossa de todo dia”**

A vida em comunidade é sempre marcada por relações sociais nas quais os diferentes atores se envolvem em uma verdadeira teia de relações interpessoais. Compreender essas relações é parte importante para que se entenda, por exemplo, como os vaqueiros se integravam à esta vida comunitária junto com outros atores sociais pertencentes aos povoados estudados. Isto é importante em virtude de que para além das práticas vaqueiras de campear, os vaqueiros também possuem também uma vida familiar, participam de festas, horas de lazer e igualmente se inserem em um contexto social mais amplo além daquele relacionado às suas atividades laborais.

Para compreender tal realidade, foi inicialmente perguntado ao vaqueiro José Pereira Filho como eram os momentos de lazer quando ele ainda era vaqueiro ativo no labor e do que ele mais sentia saudades dessa época. Para tal tema ele declarou que:

*Rapaz! Minha alegria era campear com os outros vaquêros, eu achava bom demais, uma brincadêra pra pegar um bicho brabo. Um corria trás do bicho e quando um não pegava o outro ia lá e pegava, aí ficava de baixo de umas moitas bebendo pinga, era só alegria, num tinha confusão, pra ir lubrificadin rrsrs. Sinto saudade das brincadeiras que acabou. Num tem mais com quem a gente correr atrás de gado (José Pereira Filho, 2024).*

Observa-se que a bebida e as brincadeiras faziam parte das suas vivências, mas nota-se também, que estas brincadeiras estavam associadas às práticas vaqueiras, ou seja, não fugiam muito do tipo de coisas que eles faziam, pois, até quando iam divertir-se, o gado se fazia presente. Ressalte-se que essas práticas fizeram surgir às “famosas pegas de boi no mato”, que é um tipo de brincadeira e esporte praticado por vaqueiros, mas que também tem exercido atração em pessoas que vivem nas áreas urbanas e que vão às áreas rurais apenas participar desses eventos. A respeito das pegas de boi no mato o vaqueiro assim destacou:

*Eu não gosto muito. Gostava mermo era quando a gente ia pro campo pegar boi, quando era solto no cocal, no mato, no tucum, na moita, dia aqui minha*

*cara, tudo é cicatriz, as rama de pau que pegava. Aí sim era bom. Ave maria! Tenho paixão e sinto saudade demais. Eu já brinquei duas vezes nessas pegas de boi, uma que o Milton organizou e outra que o chico Bacelar organizou. Lá no Bacelar tinha uma vaca de nome Rabita, bichona grande. O pessoal dizia que se eu fosse pegar ela, num era pra tomar cachaça não, mas eu tomei. Quando chegou lá, num botaram ela pra correr logo, botaram ôta, e eu peguei, lá eu me rolei com terra, mas peguei e depois botaram a rabichola, menina lá eu peguei essa rabichola no pé da palmeira e fiz foi dizer assim: Eu num disse pra vocês botar a rabichola pra perder o costume que eu pegava ela. Peguei as duas, ganhei os prêmios das duas (José Pereira Filho, 2024).*

Na visão do vaqueiro essas práticas atuais, de pega de boi no mato, não são tão atrativas para ele, visto que, gostava mais daquelas antigas. Isso se deve, em parte, pelo que se observou, por meio das entrevistas e das idas a campo, ao fato de que os vaqueiros mais tradicionais têm uma resistência ao que eles encaram na atualidade como vaqueiros de festas, o que na opinião deles, não seriam de fato vaqueiros no sentido estrito do termo:

No limite, para se tornar inteligível, a categoria ser vaqueiro teve que ser analisada, nesta etnografia, por meio do modo como ela era replicada e avaliada pelas pessoas mais velhas (amigos ou parentes de vaqueiros de verdade), ao mesmo tempo em que era desviada e atualizada por outras (vaqueiros de vaquejada, vaqueiros mais novos, organizadores de pegas de boi) em direção a certas práticas cujas existências, segundo os interlocutores (as), justificam-se em grande medida pela tradição. Logo, ser vaqueiro era objeto de contradições, avaliações, julgamentos, ressignificações e atualizações. Além disso, estava claro, poucos dias depois de minha estadia em Floresta, que ser ou não vaqueiro era uma posição inventiva, processual, criativa e localmente disputada (Pereira, 2017, p.18).

Os vaqueiros mais antigos defendem a ideia de que boa parte das pessoas que se denominam vaqueiros na atualidade gosta mais da estética do ser vaqueiro, do que de fato atuar na lida no campo de fato e isto faz com eles sejam críticos dessas pegas de boi, visto que, elas refletem mais uma festa calcada em diversão pura e simples, sem levar em conta o simbolismo da vida vaqueiral efetiva.

Nesta toada, procurou-se saber a respeito do que o vaqueiro mais sentia saudade da época em que campeava o gado nas regiões sertânicas caxienses e para tanto a pergunta foi dirigida ao vaqueiro Francisco Dos Reis Bacelar ao que ele respondeu:

*No tempo que o cumpade Francisquin, o Zé Alves, o Zezin do Liziaro ali. Ah! nesse tempo era bom e era.. tinha aquela folia de todo dia... e todo dia tinha boi pra pegar. Porque tinha muito gado pra pegar, se juntava uma fazenda com ôta, um vaquêro com ôto e cada um tinha uma ou duas rés pra pegar. E hoje a gente tem aquela vontade mas, num volta mais não (Francisco Bacelar, 2018).*

Reforçando essa questão ele destacou fatos que se passaram em sua vida durante o período em que campeou o gado e relatou sobre a pega do boi, mas nos moldes antigos:

*Eu me lembro bem de pega de boi, tio José. A gente ia prum campo. Aquela conquista de pegar. Oiá o boi! Oiá a rés ali! Os fraco não acompanhava não, o tio José pegava boi, quando eles chegava que perguntava cadê o boi? O véi já tinha pegado, tinha disposição, tinha cavalo bom, experiência no serviço, aí quem num tem experiência, a rés corre prum lado e ele corre pra outro. E ele como em toda vida teve experiência, era do melhor dos véi daqui do tempo. Os outros foi embora e toda vida ele ficou por aqui, nunca saiu. Teve uns que abandonou o serviço, os patrão acabou com a fazenda e ele continuou. Gosta dos esporte. Na hora que fala em gado é com ele mesmo (Francisco Bacelar, 2018).*

Essa questão da pega do boi sempre foi muito presente na vida deles, pois, passou de uma atividade meramente laboral do vaqueiro, para ser também uma espécie de esporte que para alguns vaqueiros mais tradicionais, acabou por se desvirtuar. Isso é patente nos discursos emitidos por meio das entrevistas dos vaqueiros.

Ademais, a forma saudosista com que o vaqueiro fala do seu tio, de como andavam juntos a campear o gado e nas pegas do boi, demonstra que as horas de lida no campo e aquelas voltadas mais ao lazer, demonstravam como a sociabilidade entre os vaqueiros era parte importante de suas vidas a tal ponto de causarem lembranças em suas vidas.

Continuando nessa direção, pediu-se, para que ele explicasse mais a respeito da pega do boi no mato ao que falou:

*O primeiro que organizou por aqui fui eu. Eu pensei: rapaz, eu acho bonito quando ele sai do limpo pra entrar no fechado, pra ver a atividade dele e do cavalo. Porque o caba tira da porteira do curral, se o cavalo ser bom e o vaquêro, ele entrar na paia do côco sem mancar carrera. Agora, quando o caba é fraco e o cavalo é ruim. Antes de chegar no mato ele risca o cavalo. Se o cavalo ser bom, leva ele à força. Eu acho bonito, a primeira vez que eu fiz, só veio um, o nem Mora (vaquero) aí na segunda foi aumentando e hoje a tradição tá tão grande que essa região vem todinha, vem gente do Piauí. Prende o boi, ajunta a boiada aí bota tudim no curral. Ai a vaqueirama começa a chedar di manha e aí quando o pessoal se reúne tudin. A vaqueirama começa a se reunir e fazendo a inscrição. Um boi pra dois vale 100 reais, aí o vaquêro que pega em menos tempo vai pra premiação. agente bota pra cinco ganhador, do primeiro ao quinto. Aí bota o boi no jiqui pra sair na porteira do curral, aí o vaquêro bota e você fica marcando o segundo. Não pode chegar depois de 5 minuto, vale de 5 minuto a baixo. Aí com isso os vaquêro vão ficando espero pela carrera do que correu antes dele, porque quem faz em menos tempo, aquele que ainda falta correr quer fazer em menos tempo que ele. Aí de vez em quando quem fica radiando o jogo fica falando: fulano de tal da fazenda cicrano tá em primeiro colado aí na hora que um tá bem próximo a ele. Ele diz: tem premero e segundo lugar aí quando um*

*diminui ele diz: ihh, fulano de tal ficou pra trás. Aquela coisa, aí quem tem mais dinheiro, ele paga outra inscrição para voltar para correr de novo (Francisco Bacelar, 2018).*

O vaqueiro em questão é um dos organizadores dessas pegas de boi na região e por conta disso, foi perguntado a ele, se se sentia realizado em função de ser um dos promotores desse tipo de evento que trazia diversão aos vaqueiros e se no segundo distrito teria havido alguma pega de boi antes da organizada por ele ao que respondeu:

*Ave maria! É uma das tradição que enquanto eu ser vivo nessa região minha aqui, todos anos em outubro, eu faço. Com fé em Deus nossa senhora, eu vou continuar fazendo. Que a vaqueirama quando passa um, já fica procurano quem é o próximo. Não, o primeiro foi eu. Tive a ideia de começar com os meninos daqui, fui treinando tirar o boi do curral pra correr. Agora já vem gente do município de Timom, vem gente de União - Piauí. Coelho Neto, de Aldeias Altas (Francisco Bacelar, 2018).*

Em seguida questionou se havia algum apoio por parte da secretaria de cultura de Caxias: no sentido de contribuir para a manutenção dessas práticas na região e como ele via tal prática ao que o vaqueiro afirmou:

*Não, sempre quem me ajuda aqui é compadre Francisquim, o comercial Lião que é do professor Reginaldo e o Zé Mundico. Logo uma que eu não peço, não vou pedir. Se alguém me enxergar, procurar o que eu preciso tudo bem. Mas pra mim sair pedindo, atrás de político... E nesses comércio grande vou não. A primeira coisa que dizem é: depois vem aqui, aí é difícil. Sempre eu faço mesmo com minha coragem. Deus me ajuda, patrocínio mesmo, eu num tem (Francisco Bacelar, 2018).*

Ele deixou bem claro que a única ajuda que tem é de pessoas que o apoiam, mas não do Poder Público Municipal por intermédio de sua Secretaria de Cultura. Essa é uma questão comum, pois, boa parte dos municípios do país não valorizam a importância de se manter vivas certas tradições e isto, obviamente, afeta a manutenção de certas práticas que são muito relevantes para a identidade de um povo.

Buscando aprofundar ainda mais a questão, o vaqueiro destacou aspectos relevantes a respeito da temática, pois afirmou que:

*É um divertimento, unir toda a classe, até pra vim pra brincadeira eles diz logo: rapaz, nós tem que ir cedo que é pra descansar os animal, lavar os animal, tomar um banho. De primêro essa corrida de morão, pista só era pro rico. Agora tem essa pega de boi no mato aí, as vaquerama do mato, que é a*

*nossa merma aqui hoje tá comum. Começa pelo mirim. Menino de 12 ano já anda muntado num cavalin querendo participar da brincadeira (Francisco Bacelar, 2018).*

Em sua fala o vaqueiro revela uma questão muito importante de ser observada, que é a divisão de classes entre pessoas mais abastadas economicamente e aquelas que não dispõem dos recursos financeiros de maneira abundante. Isso demonstra que no mundo rural, essas divisões além de existirem, também são bem visíveis, pois, o vaqueiro em questão alude ao fato de que no passado, algumas práticas de lazer eram reservadas apenas às pessoas consideradas ricas, existindo assim certo elitismo, ao passo que na atualidade, o lazer do tipo citado por ele ficou mais democratizado.

Todos os seres humanos precisam de momentos de lazer e descanso para que possam ser mais produtivos no trabalho, mas também, em virtude de que o sentido da vida não pode ser, de modo algum, voltado apenas ao trabalho. Os vaqueiros, em razão de suas lidas puxadas, nem sempre tinham esses momentos de lazer na proporção que deveriam ou mesmo que desejavam, porém, quando os tinham, eram realizados junto aos pares como a figura 4 abaixo demonstra:

**Figura 4 - Vaqueiros em momentos de sociabilidade**



Fonte: Arquivo pessoal particular de Antônio José Ozório.

Na imagem é possível observar os vaqueiros despojados, ao lado seus cavalos. Esse eram, segundo os relatos dos vaqueiros, momentos de confraternização e de alegria, pois, os vaqueiros, muitas vezes, sentados embaixo de árvores, conversavam, bebiam, contavam causos, jogavam baralho ou dominó, enfim, divertiam-se. Esses são momentos que guardam em suas memórias, pois, é comum que alguns vaqueiros que participaram dessas ocasiões de

sociabilidade, já não estejam mais vivos e a lembranças desses vaqueiros, acabam por trazer recordações aos vaqueiros mais novos que conviveram com aqueles mais velhos.

É válido considerar que alguns estudiosos admoestam para a relevância de se combater posturas preconceituosas e estereotipadas a respeito da vida dos vaqueiros, especialmente, quando se trata dos momentos de diversões, pois, existem posturas teóricas que querem colocar vaqueiros como trabalhadores que não eram afeitos ao trabalho duro, algo bem distante da realidade:

Em razão da vida que levavam no seu dia-a-dia, há quem defenda a tese de que nasceu no pastoreio o vadio, sob argumento de que a fazenda de criar não exigia muita labuta e, por isso, no seu meio a vadiagem encontrou campo propício. Discordo afirmando que nada mais irreal, pois se fossem tais defensores à caatinga, se entonassem nos couros, pegassem o cavalo-de-campo ou se metessem noutros afazeres que a fazenda comporta e exige, seria outra conclusão (Rocha, 2010, p.56).

As questões postas acima são fundamentais para se combater discursos equivocados e enviesados a respeito da conduta cotidiana dos vaqueiros. Vale destacar também, que pelo que se abstrai da literatura e das falas dos vaqueiros, apesar de todas as suas dificuldades diárias com a lida junto ao campear o gado, eles achavam tempo para essas diversões, esses tempos junto aos colegas de lida eram fundamentais para as suas vidas e daí que eles guardam com grande saudades essas memórias que estão bem presentes:

É de se observar que embora simples e modestos, os vaqueiros possuíam outro comportamento. Diferentemente dos agregados, eram sempre mais alegres, viviam sorrindo, gostavam de festas, de contar lorotas e, pelos caminhos gostavam de aboiar, mesmo sem a condução do rebanho (Rocha, 2010, p.42).

Essas questões relacionadas à divertimento dos vaqueiros, faz parte de uma instância fundamental de suas vidas, pois nesses momentos a própria cultura vaqueiral toma mais força, pois, os causos, as cantigas, as lendas relacionadas com esse universo existencial ganha mais substancialidade. É na relação diária do campear o gado, onde os vaqueiros se encontram em suas semelhanças e diferenças, onde podem unir forças, estabelecer amizades e companheirismo que são pontos importantes em suas vidas campeiras, pois, é sabido que: “As referências à afetividade e a fraternidade agem como elementos de demarcação das fronteiras do grupo” (Reis, 2012, 134).

Na narrativa dos vaqueiros, existem vários momentos que eles acharam mais marcantes no que tange às diversões, festas, encontros com os companheiros de trabalho, porém, nem

todos esses foram registrados em imagens, mas os que foram, servem de documento de um tempo que mesmo distante, em suas memórias e relatos, fazem-se presentes a partir da reconstituição dos mesmos por meio dos pressupostos da História Oral a qual se ancora não apenas nos relatos, mas também no uso da fotografia que ajuda corroborar os relatos e fatos que podem ser interpretados, dando assim, uma dinamicidade ao processo historiográfico, rompendo desta maneira, com o silenciamento desse personagem tão relevante para o desbravamento e ocupação territorial das regiões sertânicas de Caxias-MA:

A expressão “História oral” é uma abreviação comum para aquilo que descreveríamos, de maneira mais articulada, como uso de fontes orais na História ou nas Ciências Sociais [...]. Em sua forma mais elementar, as narrativas orais e os testemunhos que constituem a história oral não são mais do que uma ferramenta adicional na panóplia de fontes do historiador – e, assim, estão sujeitas ao mesmo escrutínio crítico que todas as outras fontes, a fim de averiguar sua confiabilidade e usabilidade. Desse ponto de vista, nós fazemos uma distinção entre fonte oral e a tradição oral: esta última é composta por construtos verbais que são formalizados, transmitidos, compartilhados, ao passo em que as fontes orais do historiador são narrativas individuais, informais, dialógicas, criadas no encontro do historiador com o narrador. Naturalmente, essas narrativas podem incorporar materiais tradicionais, e os historiadores orais também pode recorrer às tradições orais. No entanto, é bom manter os dois conceitos distintos: nem tudo que é oral é tradicional (Portelli, 2016, p.9).

Nesse diapasão é possível considerar que na figura 5 abaixo, verifica-se que os vaqueiros costumavam se reunir em espaços ao ar livre, muitas vezes, essas reuniões de diversão poderiam ser aos fins de semana, ou mesmo ao fim de cada lida. O que se sabe pelos relatos é que eram momentos agradáveis em que poderiam confraternizar uns com os outros.

**Figura 5** - Vaqueiros e amigos roceiros em momentos de sociabilidade



Fonte: Arquivo pessoal particular de Antônio José Ozório

O ser humano é um ser social. Ele precisa estar junto aos outros seres humanos para que consiga se reproduzir socialmente. O isolamento afeta a dialética humana, sem a qual a sociedade não avança. Diante disso, os vaqueiros, mesmo em sua simplicidade e dificuldades financeiras, achavam nesses momentos, alegrias em estarem juntos, podendo compartilhar modos de vidas, percepções da existência e com isso darem sentido a sua vida não apenas no âmbito do trabalho vaqueiral, mas também no que tange à dinâmica comunitária.

Os documentos imagéticos, como a fotografia acima, ajudam a entender melhor como eram esses momentos de sociabilidade vivenciados pelos vaqueiros, de modo que, aliados às narrativas dos vaqueiros as quais se deram por meio das entrevistas, contribuem de maneira significativa para entender a realidade estudada:

Os textos visuais, inclusive a fotografia, são resultado de um jogo de expressão e conteúdo que envolve, necessariamente, três componentes: o autor, o texto propriamente dito e um leitor. Cada um destes três elementos integra o resultado final, á medida todo o produto cultural envolve o *locus* de produção e um produtor, que manipula técnicas e detém saberes específicos á sua atividade, um leitor ou destinatário, concebido como um sujeito transindividual cujas respostas estão diretamente ligadas ás respostas estão diretamente ligadas ás programações sociais de comportamento do contexto histórico no que se insere; e, por fim, um significado aceito socialmente como válido, resultante do trabalho de investimento de sentido (Mauad, 2010, p. 275-276).

Prosseguindo no entendimento da compressão de quão importante eram e ainda são esses momentos de confraternização, nota-se que na contemporaneidade, os vaqueiros desenvolveram um tipo de esporte pautado nos pressupostos da realidade vaqueiral, que é a chamada “pega do boi no mato”. Na região de estudo, com base nos relatos dos vaqueiros e nas incursões em campo, foi possível observar como essa prática se tornou popular não apenas entre os vaqueiros, mas também, junto a pessoas que apenas gosta de assistir o evento:

A figura 6 abaixo deixa bem claro como as festas relacionadas com a Pega do Boi no Mato tem se tornado populares nas regiões sertânicas de Caxias-MA:



**Figura 6** - Pega de boi no mato organizada pelo vaqueiro Francisco Bacelar



Fonte: arquivo pessoal do vaqueiro Francisco Bacelar.

A pega do boi no mato baseia-se na ideia de que o vaqueiro que compete está, em certo sentido, simulando o que o vaqueiro enfrenta no seu cotidiano vaqueiral, daí que aqueles que demonstram mais destreza e habilidades, no que tange às práticas dos vaqueiros, em geral, acabam por se destacar mais nessas disputas. É, porém, um momento de diversão, regado a música e presença de muitas pessoas, existindo regras para a competição, daí que pode ser classificada como um tipo de esporte. Tem sido pelo que se pesquisou uma prática bem popular na região sertânica de Caxias e costuma atrair muito público.

A tradição do vaqueiro na pega de boi no mato é uma atração cultural que atrai o sertanejo e reforça a sua identidade territorial, refletindo o seu cotidiano e o seu espaço vivido, além de turistas para região. Nos lugares sertanejos onde são mantidas estas festas a identidade cultural está construída por meio de símbolos de uma memória coletiva, alicerçada por histórias de bravura, coragem e sagacidade dos vaqueiros de outrora (Benício; Calvanti, 2017, p.2).

Um dos pontos positivos da “pega do boi no mato” é que ela acaba por atrair até mesmo pessoas das áreas urbanas e com isso, a cultura vaqueiral, pode alargar-se indo ao encontro de pessoas, que não teriam contato diário com esses modos de vidas e com essa cultura típica das ruralidades. Na figura 7, logo abaixo é possível notar a quantidade de pessoas que esses eventos atraem, acaba por ser um momento, onde não apenas os vaqueiros e seus familiares, se divertem, mas diversas comunidades circunvizinhas, também se integram.

**Figura 7** - Registro de pega de boi no mato, povoado Cumbuquinha



Fonte: Acervo pessoal Auriele Reis.

Deve-se pontuar que, assim como o brincar é para as crianças uma espécie de representatividade de aspectos da vida, a pega do boi no mato, enquanto esporte, também é uma representatividade que simboliza a vida do vaqueiro, daí sua importância para a manutenção da identidade cultural do vaqueiro.

Pode se dizer que a pega do boi no mato é uma forma dos vaqueiros resistirem à pós-modernidade que pautada na globalização, tende a massificar a cultura, destruindo as identidades culturais, pois, a pega do boi no mato, trata-se de uma prática antiga, mas que como forma de resistência cultural, ganhou força nos últimos anos na região sertânica de Caxias-MA, ao mesmo tempo em que perde espaço nas áreas do semiárido nordestino, na região da Caatinga:

A pega de boi no mato é uma prática recorrente na caatinga Nordestina e se caracteriza de um modo geral, pela atuação do vaqueiro na derrubada do gado e que existem desde meados do século XIX e contemporaneamente está ameaçada de extinção na maior parte do sertão nordestino, ou desapareceram de lá, assim como sua vegetação nativa a caatinga, que também sofre o risco de desaparecer (Benício; Calvanti, 2017, p.2).

Esta resistência por parte dos vaqueiros das regiões sertânicas de Caxias-MA, em manter sua cultura, é algo sempre presente pelo que se observou nas falas e nas incursões em campo junto a eles em seus povoados, mas diante do avanço da modernidade e de todo o seu discurso ideológico pautado no consumo voraz, inclusive, da cultura de massa, isso tem sido cada vez mais difícil. Os vaqueiros, porém, mesmo ante a estas dificuldades, resistem. Na figura 8 abaixo, é possível observar dois vaqueiros com suas roupagens típicas, participando da pega do boi no mato:

**Figura 8** - Registro de pega de boi, povoado Cumbuquinha



Fonte: Acervo pessoal Auriele Reis.

A pega do boi no mato é um acontecimento que tem peso simbólico, mas também, que oferece alguns riscos, daí que os participantes costumam usar as indumentárias de couro, pois, além da carga de simbolismo que elas possuem, servem também como meios de se proteger de espinhos e outros riscos cobertos por essa proteção.

É relevante notar que a participação do público na pega do boi no mato é um dos pontos altos, pois, como em outros esportes populares, nesse também existem as torcidas, que aplaudem aqueles de quem gostam. Em geral as torcidas são formadas por familiares, amigos ou mesmo admiradores da valentia dos vaqueiros participantes.

Existem nesses eventos vaqueiros de diferentes idades, uns mais experientes, outros mais jovens. Participam do evento até mesmo pessoas que não lidam com o gado diariamente, mas que apenas aprenderam a gostar da prática enquanto esporte, se assemelhando em parte as vaquejadas, mas não sendo de fato iguais a elas:

O vaqueiro e a Pega de Boi no mato são elementos das tradições culturais do sertanejo, fazem parte do evento, que ao atrair a atenção desse povo e que vêm ainda reforçar a identidade com relação ao seu território. É necessário ressaltar que a pega de boi no mato tem características bem diferente das vaquejadas que são disputadas em uma arena, começando pelo valor da premiação, deixando até transparecer a extinção do costume da geração passada onde o vaqueiro corria dentro do mato fechado montado em seu cavalo vestindo seu gibão de couro para se proteger dos espinhos da vegetação característica do sertão que é a caatinga (Aquino, 2022, p. 6).

Enquanto parte integrante de uma cultura secular, a pega do boi no mato, ao resistir às muitas investidas da modernidade, demonstra que a cultura vaqueiral, ainda tem força no imaginário simbólico da população, pois, como já referido, atrai até mesmo pessoas dos centros



urbanos que mantêm ligação com essa cultura, seja por já terem vivido nas áreas rurais, possuírem familiares ou mesmo apenas por apreciarem tais culturas. Seja quais forem as razões, foi observado *in loco* como demonstra a figura 9 abaixo, quão popular na região sertânica esse esporte tem se tornado nos últimos anos, pois, mesmo com pouco ou nenhum incentivo por parte do Poder Público, os eventos costumam ocorrer:

**Figura 9** - Registro de pega de boi, povoado Cumbuquinha



Fonte: Acervo pessoal Auriele Reis.

Não é demais destacar que a pega do *boi no mato* não se restringe a um ou outro povoado das áreas sertânicas de Caxias-MA, onde este estudo se deu, mas que esta é uma prática e manifestação cultural do universo vaqueiral comum aos diferentes povoados, pois, verifica-se a ocorrência desses eventos ao longo do tempo em vários povoados.

O que costuma ocorrer é que as *pegas do boi no mato* são marcadas e anunciadas para os povoados vizinhos em datas diferentes para que as pessoas desses povoados possam ir prestigiar e isso faz com que a dinâmica da prática se manifeste em diferentes momentos e em variados lugares, fazendo com que a cultura campeira, seja mantida não apenas no terreno prático, mas também no campo simbólico, pois, para os vaqueiros, essas festas significam também que sua cultura esta sendo conhecida por outras pessoas que em geral não teriam costume de apreciar ou de vivenciar a vida campeira cotidianamente daí que muitos vaqueiros e familiares de vaqueiros empenham-se para que estes eventos ocorram:

**Figura 10** - Vaqueiro e público em uma pega de boi no mato



Fonte: Acervo pessoal Auriele Pereira.

Na figura 11 abaixo é possível observar uma típica pega do boi no mato sendo realizada. Essa pega do boi em questão ocorreu no Povoado Barro Vermelho na região sertânica de Caxias-MA que é um dos povoados importantes no que tange ao presente estudo:

**Figura 11** - Pega de boi, povoado Barro Vermelho



Fonte: Acervo pessoal Auriele Pereira.

Nas pegas do boi os vaqueiros se esmeram para demonstrar valentia, pois, além do desejo da competição, existem também prêmios que são dados aos mais destacados. Isso também é um dos motivos que atraí pessoas e vaqueiros que querem competir, eles ao vencerem as pegas do boi no mato, além da fama de vaqueiro destemido, poderão ser recompensados com prêmios. Com tal prática, busca-se preservar a cultura vaqueiral e ao mesmo tempo incentivar, por meio dos prêmios, que uma prática vista como esportiva, seja cada vez mais popular, entre

os vaqueiros e admiradores.

É óbvio que não é apenas essa prática que busca preservar a cultura vaqueiral, existem inúmeras outras que se estabelecem, porém, esta é sem dúvida alguma, uma prática que atrai muita gente e por isso tem sido bastante referenciada nos estudos a respeito da manutenção da identidade dos vaqueiros (Aquino, 2022).

Na figura 12 abaixo é possível verificar como a pega do boi no mato é disputada, reunindo vários vaqueiros e pessoas em uma labuta cheia de emoções e dificuldades de alcançar o objetivo almejado, podendo assim, sagrar-se como o grande vencedor da disputa:

**Figura 12** - Pega de boi, povoado Barro Vermelho



Fonte: Arquivo pessoal Auriele Pereira dos Reis.

Os produtores da pega do boi no mato, os vaqueiros que costumam organizar esses eventos, buscam manter essa cultura viva pelo prazer que possuem ao realizar esses eventos, visto que, é como se revivessem, mesmo que de maneira, parcialmente controlada, realidades vivenciadas no tempo em que campeavam o gado. São momentos como estes que além de trazer diversões pela disputa da pega do boi, faz também com que as lendas e tradições vaqueirais se tornam mais presentes, podendo ser conhecidas pelos mais jovens.

Entre essas lendas presentes no contexto cultural dos vaqueiros existem aquelas ligadas aos chamados boi encantados. Essa lenda é muito presente no imaginário folclórico dos vaqueiros, como são também presentes, muitas outras as quais se misturam com a religiosidade sincrética tão comum dentro do ambiente no qual os vaqueiros cresceram. A respeito da crença do boi encantado o vaqueiro Francisco Dos Reis Bacelar assim se expressão:

*O povo fala quando chama uma vez duas e ele não vem, diz que o boi tá encabojado. Foi fulano que ecabojo. Mas, tio José disse que num existe. Existe é cavalo e vaquêro ruim. O vaquêro sendo bom, num existe boi encantado. Só tendo muita coragem se não, não pega boi não. Empregado, você sai pro serviço e você pensa: será que eu coloquei o leite no lugar? Uma vez mandaru eu ir tomar conta de uma fazenda lá, eu era pequeno, mas tinha todo dia tirar leite de oito vaca, tirava leite das oito vaca e quando desse 4 hora da manha era pro leite tá tirado, pro leite ir pra Timon, e lá era puxado na mão, e se não desse a quantidade daquelas oito vaca tinha que saber porque que o gado num tava dando aquele leite. Se era eu que num tava tirando o leite correto ou tinha sido o de cumê que eu tinha passado o dia dando cumida pra ela. No mundo que vaquêro faz, o patrão ainda acha que ele tá fazendo ruim. E se o ganho fosse bom, ele mesmo ia oiá pra num dar pra ninguém. Toda função de casa o patrão quer fazer, mas meno tocar em gado... (Francisco Bacelar, 2018).*

Pela fala do vaqueiro, nota-se, que a crença referente aos bois encantados nunca foi compartilhada por todos, mas muitos vaqueiros acreditam nela. É perceptível em sua fala que ele também destaca que para os patrões, em regra, o que importava era que o serviço que fora designado seja cumprido, não cabendo qualquer tipo de desculpa ou mesmo produtividade baixa, mesmo que os motivos fossem perfeitamente justificáveis, a culpa pela baixa produção de leite, por exemplo, sempre recaía nas mãos e na conta do vaqueiro. Isso revela como as relações de trabalho também eram abusivas, além de causticantes (Pereira, 2021).

A respeito dessas questões que remetem aos momentos de sociabilidade dos vaqueiros, vale considerar o que o vaqueiro Benedito Alves da Silva (Véi Dito) afirmou ao ser inquirido a respeito do que sentia saudades da época em que campeava o gado ao que respondeu: “*O que eu mais sinto saudade é do campo...*” (Benedito Alves da Silva, 2018).

Quando inquirido se havia alguma história que ele tinha memória e que gostaria de contar, o vaqueiro destacou que sim e a partir daí passou a narrar o que está relatado abaixo:

*Óia! Hoje agente quando chega na idade que eu já tô, a gente tem aquela vontade de fazer mais num faz. As vezes eu vou pro campo mais os minino, eles vão muntado e eu vou de pé e aí... tem uns fobistas aí que diz eu faço! Eu faço, mas num faz só tem é foba e eu digo, rapaz! Eu nunca fui fobista. Eu pegava uma rês, cansei de pegar, eu nunca matei uma rês de faca e matei, mas porque o dono mandou. Mas, você pode precurar o Zé Luiz, duas vezes aconteceu nós andando junto, atrás duma nuvia do Valdemar no brejo seco, chegamos lá o nuví virou. Nesse tempo o Zé Luiz era vaquêro na Taboca, do Dosa aí eu disse: rapaz! Vamo pegar esse nuví as mão? Aí o Zé Luiz disse: ramo, cortemo assim, os cachorro tava latindo com ele dento de um campo aí nos entremos e levemo os animal assim perto. Quando chegemo... aí, né bixinha, nós fumo raíemos aqui, o nuví partiu pra nós, aí nós partindo pra ele aqui! E sugiguemo ele e amarremo ele, pode procurá o Zé Luiz que ele se lembra disso aí. Eu cansei de chegar assim uma rês e um garrote brigano e eu com a faca resolvia ajeitar ele e só matei uma de faca porque o dono*

*mandou. Porque nós andava pegando um garrote pra matar, foi até um nuvíi branco do finado Juvei, nos se apartemo do lugar eu fui prum lugar e os Oto foro pra Oto (Benedito Alves da Silva, 2023).*

O vaqueiro prossegue no relato, destacando, de maneira pormenorizada a história vivida por ele e por seus companheiros, em seu relato, a história aponta os personagens que fizeram parte e, nota-se a emoção com que descreve o ocorrido. Eis o que continua a afirmar:

*Correro atrás e num pegaro e na volta, quando eu já ia voltando sair numas casas, uma moça saiu numa porta e disse: moço, o que é que o sinhô anda caçano? Eu disse: é um nuvíi branco de nome sucupira, aí ela disse: já correro atrás dele aqui e ele correu pro rumo da fazendinha. Eu digo: faz hora? Ela disse: faz hora. Aí eu puxei galopando no meu cavalo quando atravesso um baxim de água tinha um bucado de vaquêro, aí eu cheguei e o dono do garrote ia saindo. Ele disse: cumpade Dito, o nuvi tá ali brigano e se você tiver corage pode matar o nuvíi, que o nuvíi é pra apurar ainda hoje. Aí eu disse: eu vou. Aí quando nós fumo, aí eu disse quem parte na frente? Ninguém quis ir. Aí eu disse: então pode me acompanhar! Quando eu cheguei mais perto puxei o carralo pra cima dele, ele baixô pra panhar o cavalo, na hora que ele baixô, eu dei umas 5 facada nele avexado. Aí ele desferrou que eu eu puxei o cavalo pra ele, pra puxar a faca na Anca, mas num deu. Apanhou caiu aí o chico bento veio aqui atrás passou em cima de mim, eu com a faca na mão, quando ele passou o nuvíi dobrou, deu uma rebanhada cortou a mão dele, foi um golpe danado. Nessa hora eu nem muntei mais no cavalo correr de pé e ele dizendo: chega seu dito, que o garrote tá empurrando o cavalo aí eu cheguei partir pro garrote e eles tiraro o coro dele. Foi o último e derradero que eu furei. Mas porque o dono mandou (Benedito Alves da Silva, 2023).*

Esse relato acima é uma das muitas histórias que faziam e ainda fazem parte dos momentos de sociabilidade entre os vaqueiros, pois, quando se reúnem, costumam falar das suas aventuras nos campos lidando com o gado. Toda essa valentia demonstrada no relato faz com que os vaqueiros fiquem afamados, aqueles que mais se destacam, costumam ser admirados e elogiados por outros como sendo um vaqueiro “afamado” na região.

As histórias que são contadas pelos vaqueiros, sejam elas reais ou parte de um folclore, são elementos importantes de sua cultura e moldam em grande medida suas identidades enquanto atores sociais importantes, pois, é com a expressividade pautada no simbólico que essa cultura dos vaqueiros se mantém ainda viva: “A identidade do vaqueiro não pode ser compreendida fora de um processo de produção simbólico, que classifica o mundo social” (Tapety, 2007, p. 47).

Antônio Macedo Pereira (Fiscal) ao ser perguntado a respeito da pega do boi no mato na época em que campeava o gado assim falou que nessa época não ocorria, mas que tal prática



deve ser encarada como um esporte: “*Não. Nesse tempo num existia não. Faz de conta que é um esporte, como se joga bola, é um divertimento, é um divertimento perigoso. É escado perder um olho...*” (Antônio Macedo Pereira, 2018).

E quando perguntado a respeito do que ele achava dessa cultura ser passada de geração pra geração ele assim destacou: “*Aí é, depende das pessoas, do que você gosta se tem cinco fii ou dez, não é todo mundo que gosta daquele serviço não*” (Antônio Macedo Pereira, 2018).

O vaqueiro foi também inquirido a respeito de como ele acredita que as pessoas viam os vaqueiros na atualidade e se gostava de beber cachaça ao campear ao que respondeu:

*Muitos é esquecido, que tem muitos que finge que é vaquêro, mas só pra beber cachaça, vaquêro de fulia, esse aí o povo num tem fé nele. Ó como o cumpade Edilson alí tem preocupação com as coisas, mas tem vaquêro que só quer saber de folia. E danado para andar bebo pelo mundo. Não, nunca bebi. Teve só uma vez que eu fui com o cumpade Edilson Buscar um, gado no Almeida aí nesse tempo o Bananera morava do outro lado, fumo pegar a jurubeba, aí na vinda eu via bebo que vinha me dano em cima do pescoço da égua, mas num caí não, mas foi a única vez que fiz isso aí* (Antônio Macedo Pereira, 2018).

Dando continuidade aos relatos relacionados aos momentos de diversão dos vaqueiros, foi perguntado ao senhor José Vieira dos Reis (Zé peção) como eram os momentos de lazer de quando ele lidava com o gado. A este respeito assim ele respondeu:

*Lá quando pegava uma rés, era uma comemoração, animação muito grande! E era um cunversero. Um cunversava, o ôto cunversava. Ah! Teu carralo num presta, o carralo entrou em lugar ruim, o boi num deu e foi embora. O movimento era desse jeito! Mais rapaz, tú viu lá o carralo? saiu derrubano o boi! O boi saiu correno no campo, tú num pegô porque é mole e aí movimento é desse jeito [...] quando tinha 10, 12 pessoa, as vezes! Tinha vez que juntava de 12 pessoa* (José Vieira dos Reis, 2018).

Como já afirmado anteriormente, os encontros de sociabilidade entre os vaqueiros, se davam tanto nas suas folgas como também logo após as lidas diárias. E giravam também em torno da própria realidade dos vaqueiros, demonstrando, como essa atividade tomava parte significativa de suas vidas. Vale ressaltar que esses momentos eram muitas vezes regrados a bebidas alcoólicas e daí que se perguntou ao vaqueiro, se ele costumava beber ao campear o gado ao que respondeu:

*Não. Nunca bebi, agora tinha quem fumava. Quem tomava era danado pra ralar a cara quando tava bebão e aí era ser xxx* (falha no áudio). *Mia fia, tú*

*acredita que eu nunca aprendi a tomar cachaça?, nam! Eu tô véi, mas nunca aprendi porquê nunca aprendi mermo. Já o papai gostava de aprender (José Vieira dos Reis, 2018).*

Embora a bebida alcoólica, especialmente, a cachaça, seja muito comum entre os vaqueiros, alguns vaqueiros alegaram não fazer uso dela em seu cotidiano. Para o grupo de vaqueiros que fizeram uso ou que ainda fazem uso da cachaça seja nos momentos de lazer ou mesmo no campear o gado, apresentam uma série de razões para tal prática que vão desde ao tomar coragem para enfrentar situações difíceis da lida com o gado até como uma espécie de anestesia para ferimentos que podem ocorrer no cotidiano campeiro.

Nesse sentido, buscou-se, por meio dos relatos do vaqueiro José Marques Lobo (Piloca), compreender qual o papel da cachaça no cotidiano campeira ao que respondeu:

*De primero o litão era no bolço do Gibão, com a cuinha daquelas de borracha do ôto lado, toda sombra que tinha na beira do riacho, nós tomava uma, enchia a cuinha e pronto. Aprendi a tomar cachaça assim. Se o boi virasse eu ia pra ele mermo, catava pelo chão, ia pisado... mas também todo lubrificadin. Os rolamento tudo na ética, tudo molin, na graça. Sem a cachaça a gente fica mêi nervoso. Outra coisa: vaquêro bom, num anda com relógio no braço não. Onde diacho que já viu vaquero andar com relógio... minha hora aqui é os passarim. O vaquêro quando ele anda procurano um bicho que tem de caçar, a hora dele é quando a noitece, termina o dia e rês num acha e cedo tem que se arrumar pra ir atrás de novo (José Marques Lobo, 2018).*

Essa questão posta por ele é típica das visões que muitos vaqueiros têm do seu trabalho e de como ele deve funcionar, bem como, o que na visão dele, seria um bom vaqueiro, pois, a percepção que se construiu historicamente, é de que o vaqueiro seria alguém livre quando comparado com os demais trabalhadores das fazendas, visto que, embora isto esteja carregado de estereótipos, para muitos vaqueiros, representaria uma grande verdade, haja vista que, a concepção de que o vaqueiro entrevistado possui de sua profissão coaduna-se com a ideia de que um vaqueiro não pode ser alguém de modos convencionais:

Ser vaqueiro não é uma categoria em si, imperativa sobre a realidade ou o resultado de uma racionalidade posterior a ela, ou então, um suporte daquela para a sua representação simbólica [...] mas um conceito permanentemente construído nas relações dos sujeitos entre si, a partir de disputadas posições que, para serem conquistadas, passam pelo crivo da articulação entre o verdadeiro e o tradicional, mas como fruto da inventividade e das criações prático reflexivas capturadas e enquadradas nesta etnografia em seus agenciamentos etnográficos mais diversos (no laboro, nas histórias de vaqueiro, nas lembranças, nas vaquejadas e nas pegas de boi) (Pereira, 2017, p.66).

Essas questões que envolvem o ser vaqueiro são muito presentes na literatura que lida com a categoria vaqueiro no âmbito das ciências sociais, como também, entre os próprios vaqueiros que postulam diferenças entre aqueles que eles consideram vaqueiros de verdade e os outros que segundo eles, não seguem de fato a vida de vaqueiro, como por exemplo, os que são vistos apenas como vaqueiros de festas.

Nessa toada, buscando entender o universo existencial dos vaqueiros, foi perguntado ao vaqueiro em questão a respeito do que mais sente saudades de quando campeava o gado nos tempos passados no espaço que compõe as regiões sertânicas de Caxias-MA e ele afirmou que:

*Eu já tô véi, mas... o que eu já vi... e pra quem tá no começo como o meu mínimo, os zoto, esse daí, mais tarde num ver o que a gente via mais. Eu quando eu era minino minha vó contava que quando chegasse no fim das era, aqueles que nascesse no fim das era, via aqueles osso, ia perguntar o que era aquilo, isso daqui é do bicho boi. Ele ia perguntar o que era boi, o que é boi, aí é que a pessoa ia perguntar o que era. E minha vó, o pai dela era romero de padre Cícero e ele tinha a proficia. Hoje não se chama mais a proficia, né?! Se chama a bíblia... tudo que vai se passar no mundo, falava na proficia. Ela contava muita história pra nós. Esses mais véi que eu, do meu tempo, num sabe contar as histórias de minha vó, eu sei contar. E tudo que ela falava eu tô vendo hoje, tudin. Que ia aparecer uns bisôro matando o povo, aí.. que bisôro será esse que vai matar o povo? Depois que começou o desastre acontecendo todo santo dia, eu fui prestar atenção que era as motos. Mata gente toda hora. Óia a pessoa que tem aquela profissão, que tem aquele gosto de trabaiá na profissão. Aí vê tudo acabando que não tem mais mêi pra seguir aquilo. Aí é uma dor muito grande pra quem quer seguir aquilo, aí é só contar a história. Acabou... (José Marques Lobo, 2018).*

Sua fala é bem emblemática, pois, ao mesmo tempo em que está alicerçada em pressupostos históricos carregados de uma religiosidade popular pela qual emite seus vaticínios apocalípticos que se baseiam nas histórias de antepassados familiares, é também uma manifestação de crítica à modernidade que trouxe uma série de problemas para a região, como por exemplo, o aumento dos acidentes provocados pelo uso de motocicletas.

Essa visão de crítica à modernidade e os processos globalizantes, embora não elaboradas metodicamente, são expressas em frases e opiniões que expressam as suas visões de mundo. Nessa direção, buscou-se saber se o vaqueiro possuía alguma história que mais lhe marcou durante o tempo que foi vaqueiro ao que o entrevistado declarou:

*Ainda ate ontem eu tava contanto por mínimo de um nuvíi que eu peguei topado... porque o vaqueiro só vai na graça... óia lubrificamento de véi é aquela que vem no litro e a do vaquêro é a mesma coisa. Vaquêro quando ele ataca o nervoso, ele toma umas duas é já que chega os nervo e aí se ele tá*

*todo duro vei, levou muita pancada ontem, toma uma duas e vai meter as graças no rolamento tudo ... amolece... Sim, voltando a história do boi, era eu e o pulça amuntado num carralo véi preto caidó e eu disse: óia o nuvíi aculá, o nuvíi é pra pegar. Aí eu tirei o carralo nele aí, prum rumo do seu Valdemar aí, que nós ia que nem uma angiota na área, quando chegou aculá nos damos um chicote nele tááá!!!. Chega estancou, eu peguei 4 nuvíim sozín, peguei! Porque o maior mei de se pegar uma nuvia é o caba sozín. Porque se for de dois, três, um pega de um lado, outro pega de outro e aí o bicho fica estribuchado e o caba sozín lá onde ele se acaba, o caba pega ele. Quando ele vai criar fôlego, já tá amarrado já. E aonde tem cachorro é mêi danado também, fica beliscando (José Marques Lobo, 2018).*

Ele descreve com precisão como domar o gado. Ao contar a história, percebe-se que o referido vaqueiro aprecia o uso da cachaça como um meio para torná-lo mais apto ao trabalho o gado. Essa é uma visão compartilhada por muitos vaqueiros, mas não por todos como já foi destacado nesse trabalho. Ressalte-se ainda que o vaqueiro discorre também de como ele imagina que as pessoas em geral enxergam o vaqueiro e se os vaqueiros na região sertânica caxiense eram valorizados. Para esses questionamentos suas palavras são as seguintes:

*Oia! De primero o vaquêro era uma coisa de valor, porque até onde existia os festejo de União, de antigamente. Como ainda existe hoje, o vaquêro podia ir só com chapéu de corô na cabeça, lá motorista, bunito, rico e motoqueiro num tinha vez não, lá só tinha vez só vaquêro. Lá pode ir o rico, de avião, mas lá num arruma muié, mas o vaquêro tano com chapéu de corô na cabeça, ele arruma, muntado o meno num jumento. Falta sim, porque, isso tá até acabano mais, porque os vaquêro tão se acabano mais, porque as coisa tão tudo se acabano e aí onde tem essas coisa fica até desorganizado porque as pessoas não tem mais aquela vontade que tinha antigamente, aquela ansiedade, daquela profissão aí fica as coisa tudo fraca (José Marques Lobo 2018).*

Por sua fala é possível notar a nostalgia de um passado que pode ser um misto de aspectos factuais, mas também, em razão das memórias constroem interpretações diversas, frutos de um tempo que se idealiza no presente. A exaltação do vaqueiro do passado em contraste com a decadência dele no presente é uma constante nos discursos dos vaqueiros entrevistados.

Essa visão do vaqueiro em conexão com um passado mais glorioso do que o presente, é fruto também de uma visão pela qual se consideram os vaqueiros do passado, dado os processos de desbravamento, homens mais valentes e capazes de enfrentar as adversidades que se colocavam no caminho, talvez por isso, ele cite o fato das mulheres se atraírem por esse tipo de homem, mesmo tendo outros a disposições nas festas como eram os festejos da cidade de União no Piauí, a qual ele fez referência em sua fala:

Em sua instância máxima de passado, os vaqueiros deixaram de ser o que eram para se tornar outra coisa, que hoje corrobora justamente na seleção de alguns poucos vaqueiros, vaqueiro mesmos. Segundo os mais velhos, os de hoje não valorizam a mesma perspectiva do passado, porque não sabem como era viver no tempo em que “o bicho era bruto e não via gente”. Assim, na concepção genealógica de que boi e vaqueiro estão engajados desde os primórdios, podese ir a favor de uma mitologia tanto do boi brabo quanto do homi bruto, de uma verdade histórica flexionada pela singularização de um encontro interespecífico (Pereira, 2017, p.104).

Os vaqueiros têm, segundo o relato do entrevistado, o hábito de ajudar. Para ele, os vaqueiros são pessoas que gostam de ajudar, pois, muitas vezes, auxiliam até mesmo em situações que não estão ganhando nada ou mesmo nas quais suas vidas estão sob-risco. Abaixo o relato é exemplificador dessa afirmativa:

*Se vai pegar um boi de quem nunca ajudou, só porque num tem vaquêro, se tem num pega nada, porque a profissão é aquela e aquilo ainda é uma vantagem quando vai faz uma carrera bonita, conta a história, mas um boi difícil corredor por 300 reias você ainda vai de graça... ariscano a vida. Dizem que a vida de vaquêro é perigosa, mas num é não, quando acontece uma coisa com vaquero, bote logo 80, vaquêro vai com toda velocidade na chapada onde tem só pau, com aquelas frasca que ele tem e o cavalo, é difícil ele pegar, pega... O perigoso é a moto, essa é perigosa, mas a profissão do vaquêro não. Eu levei três acidente em minha vida, uma vez eu fui impurrar o pau ali nas Campira pra vê se o pau arredava do alugar aí lá empreto os zói, ôta vez eu vinha correndo atrás do garrote, o garrote vinha marcado pro curral, eu divia ter folgado o cavalo dele que era pra ele ir... Eu fui foi me mostrar aí o garrote saiu da sela, e o pé bateu nos capim e deslizou, a cara foi certim na palmeira que balançou as paia e quase quebra o pescoço, ficou tudo roxo, cara inchada, quase...e com 15 dia quebrei os peito, correndo, correndo eu tinha tomado cachaça, é desse jeito. Mas, a profissão, quando tem uma pega de boi faaldo, cê num tá convidado, mas cê fica doidin pra ir e vai mermo (José Marques Lobo, 2018).*

Entre as muitas questões que se podem afirmar desse relato, duas se sobressaem, a primeira é que o vaqueiro faz um comparativo entre os riscos representados pelo uso da motocicleta e a profissão do vaqueiro e a segunda é que mesmo ele sofrendo acidentes graves em sua profissão, não enxerga ainda assim, que a sua atividade seja de risco. Tal visão se deve ao fato de que, para muitos vaqueiros (possivelmente a maioria) ser vaqueiro significa ser alguém destemido e apto a enfrentar as adversidades e não reclamar delas.

Quando se voltou para as questões envolvendo as *pegas do boi no mato*, buscou-se saber o que ele achava dessa prática, ao que falou:

*É bom, quem tem a profissão é bom, você dar uma carreira no bicho... é bom, num lugar mei ruim, é bom, tem vez que custa pegar as vezes pega ligero. Tem aqueles que gosta de fobar. Eu sei que eu tenho um aqui que gosta de fobar, eu disse pra ele aqui, rapaz, oia dar uma de foba pra essas coisas, num é bom, a gente fica calado, aí quando dá certo é que a gente diz: desses aqui, eu pegava a um real cada um quando, dá no fim do dia eu ter dinheiro (José Marques Lobo, 2018).*

Dando continuidade a questão levantada, foi perguntado o que ele achava daqueles vaqueiros que se Jactanciavam dos seus feitos dentro do contexto da vida campeira ao que respondeu:

*O vaquêro que foba demais, é só guelo, vaquêro que foba demais. Agora aqueles que fica calado, muitas vezes, por ali, aqueles que agente sabe que pega mesmo, a gente bota fé. É muito que eu vejo fobando por aí. Rum! Que anda escurrutando carralo por aí, eu já perdi a fé...Quando chega na hora do pega pra capar o carralo já tá até cansado. É como eu sempre digo pum minino, quando a rês vai correndo longe, agente vai guentando o carralo aqui direto! Guentando até acompanhar, chegar lá o curral tá com a carreira intera. Mas se você puxar o carralo todo de uma vez, ele fica com a carreira tirada já, porque ele num é carro que a gente mexe a marcha... E vai todo tempo, cavalo é fôlego (José Marques Lobo, 2018).*

Sua fala traz demonstrações relevantes no sentido daquilo que entende ser a forma correta de correr atrás do gado, pois, pelo que explica, fica evidente que os animais, os cavalos, ao ser expostos a exaustão, tendem a não desempenharem as funções desejadas, que é a doma do gado no trato campeiro, pois, eles vão ficar cansados e assim, ele acredita que os vaqueiros que muito falam, pouco fazem, já que para ser um bom vaqueiro não basta saber montar cavalo e correr em cima dele, é preciso ter a experiência e a sagacidade de agir de acordo com o que a circunstância exige.

Na busca de maior profundidade teórica do assunto que se debruça, foi perguntado ao entrevistado o que ele achava desses vaqueiros que gostam mais de festas do que de seguir aquelas tradições deixadas pelos pais e avôs. A este tópico ele assim respondeu:

*Tá raro, cê conta na palma da mão. O próprio gado que não tem mais. Óia, eu tenho três cavalo, tenho os couros, mas cadê os bois para ir pro campo campear? Num tem mais! Hoje tá diferente tem a moto, antes era de cavalo... pra ver uma vaca no campo, você saía de madrugada pra ver ela (José Marques Lobo, 2018).*

Em sua fala existe certo lamento devido às tradições dos vaqueiros estarem sendo

paulatinamente esquecidas. Faz alusão ao fato de que o gado tem diminuído e que até mesmo não se utiliza tanto os cavalos como outrora, visto que, muitos para lidar com o gado utilizam até mesmo as motos.

Outro ponto fundamental e que se perguntou a ele foi como ele acreditava que as pessoas viam os vaqueiros na atualidade. Nesse ponto ele ponderou e respondeu:

*Agonizano, sabe! Puxano os último suspiro, é como o médico diz: vai pra casa morrer em casa. Assim tá o vaquêro. Mas, pobe é bicho teimoso. Porque num tem mais animal pra campear, cê num vê um bezerro berrano no curral, cê num levanta cedo pra tirar um leite porque num tem a vaca, eu era acostumado tirar leite de 3, 5 vaca, assim pra gente, pro consumo, né! Pra dar pr'um cachorim, pr'um minino beber, pra gente beber. Se criava bezerro aqui que cum ano era 120 quilo (José Marques Lobo, 2018).*

Ele destaca que os vaqueiros já não têm mais a importância e representatividade que um dia tiveram em virtude da decadência que está sendo a realidade do campear o gado na região sertânica caxiense. Já não existe mais tanto gado como no passado e as novas gerações, pelo que se apurou em campo, estão indo em busca de outras atividades profissionais, não sendo mais apegadas ao trabalho de vaqueiro como eram seus antepassados.

Assim, ele afirmou ainda, quando instado se o vaqueiro na região era valorizado, como também o que ele fazia para manter viva a cultura do vaqueiro, ao que respondeu: *“Rapaz! O vaquêro nunca foi valorizado, naquele tempo era 4 bezerro por 1. Tá bem aí ó, a perneira o Gibão, a sela, chapéu, rédea, mocó.. tá tudo aqui, eu me lembro do meu pai. Meu pai analfabeto” (José Marques Lobo, 2018).*

Ele faz referência a indumentária do vaqueiro para afirmar que por meio da preservação dela, acredita que em certa medida preserva a cultura dos vaqueiros. Essa é uma questão importante, pois, em sua fala ele faz alusão ao seu pai e deixa transparecer, o que também figura na fala de outros vaqueiros, a importância do pai e de outros parentes que também foram vaqueiros na construção da identidade de vaqueiro dos entrevistados:

A indumentária do vaqueiro nordestino é caracterizada pela predominância do couro cru e curtido, geralmente, utilizando-se processos primitivos, o que o deixa da cor de ferrugem, flexível e macio, pois todo o pelo é retirado. Antigamente, quando ainda não existia a proibição à caça era usado o couro do veado catingueiro, mas por causa da proibição e quase extinção do animal o nosso vaqueiro passou a usar o couro do boi, do bode e do carneiro para fabricar sua roupa (Rocha, 2010, p.59).

O processo de fabricação da indumentária como se vê sofreu modificações ao longo do

tempo, pois, a matéria-prima foi sendo atualizada em função da rigidez da legislação ambiental, mas é fato que o uso do couro para criação de indumentárias para proteção dos vaqueiros é algo bastante antigo.

É preciso que se diga ainda que não é apenas antigo ou de valor protetivo, mas acabou por se tornar uma veste simbólica do ser vaqueiro. Desde que o boi passou a fazer parte da realidade brasileira que se começou a fazer uso não apenas da carne, mas da força-motriz e depois também do couro (Ramos, 2020).

Algo importante e que se deve ter em mente e que de certa maneira explica a resistência da cultura campeira ao longo do tempo, é que os vaqueiros sempre foram muito importantes para os processos de ocupação do território brasileiro como já enfatizado, mas também em virtude de que eles, nas fazendas, eram os trabalhadores de fundamental relevância para que o bom funcionamento dessas propriedades se desse: “O vaqueiro é a figura mais importante na fazenda. Ele representa o braço do trabalhador e a ocupação humana na terra, pois em verdade é o único a percorrê-la totalmente e a devassar-lhe a intimidade em todos os seus pontos cardeais” (Rocha, 2010, p.42).

Não apenas nas regiões sertânicas de Caxias, mas também no Leste Maranhense e em diversas outras partes do estado, o processo de ocupação territorial, deve a sua efetividade, às atividades campeiras dos vaqueiros, pois, sem esses desbravadores, não se teria conhecido o interior, os sertões maranhenses e o espaço geográfico que se construiu ao longo do tempo, possivelmente, seria bem diverso do que se enxerga na contemporaneidade. Nesse sentido é fato considerar que as atividades de pecuária tiveram grande importância econômica, social e de formação territorial para o estado do Maranhão como um todo:

A pecuária foi de fato importante no processo econômico e social de formação do território nacional, que aos poucos foi sendo colonizado e ocupado. No caso do Maranhão, esse segmento foi bastante intenso na porção sul. A dinamização da pecuária, a relação do sertão de Pastos Bons com outras regiões recém descobertas, como o Piauí, e a facilidade de criação dos rebanhos, que enfrentavam longos percursos<sup>34</sup>, foram fatores decisivos para a instalação de fazendeiros, vaqueiros e aventureiros nos campos verdes do alto sertão maranhense (Vieira, 2015, p.27).

Os historiadores admitem que o processo de ocupação dos sertões maranhenses foi muito importante para a dinâmica do controle territorial do estado, pois, as disparidades existentes entre as diversas regiões do estado, a partir daí, passaram a diminuir:



O processo de ocupação do sertão foi decisiva para a alarmante disparidade dessa região em relação a São Luís. As diferenças tornam-se perceptíveis pelas características sociais, culturais, históricas e geográficas diversas que marcam as duas extremidades do estado – o norte e o sul. Os povoados e vilas que deram origem às cidades do sertão, como Pastos Bons, Riachão, Carolina, Grajaú, dentre outras, foram importantes para a construção sociocultural dessa área por nós estudada. Os povoados mencionados foram os primeiros resultados da expansão da frente pastoril, que, iniciando a conquista a partir de Pastos Bons, marchou em direção a oeste, fundando novos núcleos urbanos, como Barra do Corda, Porto Franco, Imperatriz e outros (Vieira, 2015, p.30).

As correntes de ocupação, que em Caxias manifestam-se em áreas como as que são objeto deste estudo, se tornaram fecundas, pois, várias povoações surgiram e fazendas importantes destacaram-se e os vaqueiros que nessas regiões sertânicas caxienses se destacaram, foram frutos dessas ocupações pretéritas que, de acordo com os entrevistados, na atualidade figuram apenas como lembranças do passado, visto que, o processo de mudanças provocadas pelo agronegócio tem a cada dia, destruído os espaços campeiros, de maneira que, a vida do vaqueiro tem sido grandemente afetada.

Nesse tópico buscou-se compreender de que maneira se davam as relações de sociabilidade entre os vaqueiros e as comunidades as quais pertencem. Abordaram-se vários aspectos considerados importantes, para que com isto, se entenda de que maneira a vida dos vaqueiros, em termos de diversões junto aos seus pares e demais habitantes das comunidades onde residem, ocorreriam.

Os relatos e as análises efetuadas, bem como, os documentos imagéticos deram fundamentos para que se compreendesse que estes momentos eram ricos em alegrias, conversas, espaços de convivência nos quais eles poderiam contar causos, falar de lendas e manter vivas suas culturas.

Pelo exposto, verificou-se também que na atualidade eles tentam preservar as tradições por meio de práticas que carregam em si grande simbolismo como é o caso das famosas pegas de boi no mato que costumam ocorrer nos povoados estudados. Essas pegas de boi no mato reúnem não apenas os vaqueiros mais velhos, os mais experientes, mas também jovens vaqueiros e até mesmo admiradores de áreas urbanas que gostam dessas práticas.

Os vaqueiros deixam claro, em seus relatos, que a vida do vaqueiro como conheceram no passado não existe mais ou quando existe é apenas de forma fragmentada. Muito do que viveram guardam em suas lembranças. Advogam a ideia de que o avanço do agronegócio na região foi significativo para o processo de destruição da cultura vaqueiral que está em curso.

Essas visões saudosistas de um passado bem distante e que parece não mais voltar aliado ao pessimismo com a modernidade, é que deram a tônica desse tópico e ancoram-se na ideia de

que, o mundo no qual viviam, antes do avanço da agricultura comercial, era aquele no qual homens, animais e modos de vidas semelhantes andavam juntos:

A ecologia pastoril sertaneja foi capaz de conectar homens e animais com base na distribuição de grande parte do rebanho em campos indivisos. Junção entre ecologia e economia que, além de conferir certos usos e funções ao território, aos animais e aos trabalhadores, também produziu modos particulares de existência humana e não humana. Nesse sentido, o meu objetivo é defender que a verdade do vaqueiro da qual tanto falavam meus amigos sertanejos deriva, em grande medida, da relação histórica inextrincável do homem com o boi, melhor dizendo, do protagonismo dos vaqueiros e dos rebanhos na sociedade pastoril (Pereira, 2017, p.91).

Mediante tal perspectiva, considera-se ser fundamental deixar claro que as visões dos vaqueiros de forma unânime é que os tempos modernos trouxeram destruição aos seus modos de vidas nas regiões sertânicas de Caxias, mas que não foram capazes de impedi-los de tentar resistir a estas investidas das culturas de massa, que tende ao não respeitar as identidades culturais regionais.

As festas, os costumes, a religiosidade, as histórias, as *pegas de boi no mato* entre outras manifestações da cultura do vaqueiro são exemplos de busca no sentido de resistir à modernidade não por serem contra as inovações tecnológicas e certos padrões de consumo em si, mas no que tange, aos pontos negativos dela, a saber, a concentração fundiária, o capitalismo excludente e a cultura de massa que tende a querer esmagar as especificidades e singularidades regionais.

No que tange aos momentos de sociabilidade é preciso deixar claro que o senhor Antônio Edilson Lima dos Reis, vaqueiro das regiões sertânicas de Caxias – MA, também era um dos participantes desses momentos em que os vaqueiros se reuniam para conversar e se divertir em momentos de puro lazer:

*O fuá era bom demais, era uma alegria, se juntava todo mundo. A gente tem um ramo de viver, a gente se encontrava no campo, era de 10 a 15 vaqueiro, era assim, dizia assim: rapaz! Vamos ali pegar aquela rês, ia todo mundo, e nós tomando cachaça, quase todo vaqueiro toma uma, que é pra ficar esperto (rsrsrs) porque o serviço era perigoso e nós fazia cum gosto, a profissão da gente é aquela, e aí era bom demais, e a gente tem muito amigo aqui nessa região. E eu num era fraco não, eu pegava um bicho mermo, e era aquela coisa, quanto tinha um bicho reendo, rapaz chama fulano, e ele pega é duro, a agente ia e pegava (Antônio Edilson Lima dos Reis, 2024).*

A bebida alcoólica é sempre muito presente na fala dos vaqueiros. Muitos gostavam de beber nos tempos que campeavam o gado, pois, acreditavam que estando com o álcool

circulando em seu corpo, seriam mais capazes de se anestesiarem diante de alguns perigosos ou pancadas que levassem no campo.

Ele fala com certo regozijo desses momentos e aproveita para demonstrar que era alguém capaz de feitos vaqueirais diferenciados. Em verdade ao ser questionado se era um vaqueiro “afamado” na região ele não demonstra modéstia e afirma: *“Eu era! Eu pegava. Eu peguei muito boi, o papai também, aquilo ali era uma festa”* (Antônio Edilson Lima dos Reis, 2024).

No capítulo que se segue, discutem-se aspectos relevantes referentes à representatividade social e cultural do vaqueiro. Nele são abordados tópicos que tratam de questões importantes, como por exemplo, as relações sociais no trabalho: diálogos e conflitos; a convivência familiar dos vaqueiros, tendo como ponto de partida, a casa, o lar e o sustento e por fim trata-se da introdução de elementos da modernidade no campear o gado, como por exemplo, como os vaqueiros enxergam o uso das motos para lidar com o gado.

Pautado em diferentes autores e no arcabouço de levantamentos em campo, considera-se que o terceiro e último capítulo seja de fundamental relevância para se compreender aquilo que por meio da pesquisa empreendida, se considera essencial a respeito da vida e vivências dos vaqueiros que campearam o gado no período estudado.

### **CAPÍTULO 3 - A REPRESENTATIVIDADE SOCIAL E CULTURAL DO VAQUEIRO**

Através das incursões em campo, bem como, por meio das muitas leituras que foram realizadas para a construção deste estudo, foi possível verificar, entre outras coisas, aspectos relevantes no que se refere à representatividade social e cultural desta figura histórica que é o vaqueiro, objeto central deste trabalho.

Entender, porém, como esta representatividade social e cultural se manifesta no presente, é antes de tudo, compreendê-la enquanto uma construção dentro do imaginário coletivo, ou seja, buscar as bases fundamentais que sustentam essa construção as quais estão, inegavelmente, fincadas nos pressupostos da historiografia tradicional que ao lidar com o vaqueiro deu muito mais atenção à ideia de uma figura com ares quase que mitológicos, sem entrar, efetivamente, nas muitas contradições sociais e econômicas que orbitam em seu entorno afetando diretamente suas existências no contexto da sociedade em que viveram no passado e vivem no presente.

Isso tudo se deve ao fato de que, para se compreender uma realidade social, em sua inteireza, faz-se necessário, desprender-se de amarras ideológicas de caráter alienantes, pois, só assim, será possível abarcar as muitas contradições existentes. Nesse sentido, a historiografia tradicional escamoteou seja de forma intencional ou não, as contradições econômicas e sociais as quais estavam submetidos os vaqueiros e isto em virtude de que, essa forma de se pensar e produzir a historiografia realizou análises nas quais despiu o vaqueiro de seu contexto social, ou seja, não o colocou no meio da luta de classes que é inerente às relações de poder:

Se muitos tiveram a clareza de definir o que significa ser vaqueiro se baseando, por exemplo, em livros e em fundamentos teóricos sobre a cultura sertaneja, outros, no entanto (por sua vez, os vaqueiros da lida), demonstraram o que significa ser vaqueiro com base no que é hoje possível investir e reelaborar na lida da fazenda. Dessa forma, tem-se o seguinte quadro geral. Uns levaram-me à compreensão do que é o vaqueiro da perspectiva da tradição. Outros, os próprios vaqueiros, demonstraram-me o que a literatura e alguns interlocutores não foram capazes de explicar: o que significa ser vaqueiro no tempo presente, o que são e fazem contemporaneamente e, mais ainda, por que o vaqueiro não desapareceu embora já se tenha suposto o seu fim há bastante tempo (Pereira, 2017, p.112).

A visão dos vaqueiros também é influenciada por essa visão de um ser quase messiânico e isto, em muitos casos, serviu e ainda serve para alienar essas pessoas de seus direitos e torná-las exploradas por patrões, marginalizando-as econômica, social e politicamente. Nesse sentido, por meio deste presente capítulo, considera-se fundamental que compreender a representatividade social e cultural antes de tudo, é perceber como esse ator social, o vaqueiro,

foi visto ao longo do tempo por aqueles que interpretam o Brasil (historiadores, geógrafos, sociólogos, antropólogos, etc.) e como ainda é enxergado, pois, existe uma diferença entre o que se é em essência e a interpretação que se dá, a qual gera um tipo de representatividade que pode ser abrangente ou restrita:

A força da representação se dá pela sua capacidade de mobilização e de produzir reconhecimento e legitimidade social. As representações se inserem em regimes de verossimilhança e de credibilidade, e não de veracidade. Decorre daí, portanto, a assertiva de Pierre Bourdieu, ao definir o real como um campo de forças para definir o que é real (Pesavento, 2008, p.41-42).

Isto significa que nem sempre a representação realizada pela historiografia sobre determinado assunto ou figura condiz, efetivamente, com a realidade, posto que, sendo a história uma ciência humana, ela sofre influências muito mais intensas das ideologias dominantes, como também, é preciso entender que suas metodologias de investigação tendem a ser mais complexas, dado que não é como isolar, em tubos de ensaios, determinadas substâncias e dentro de um laboratório aplicar métodos específicos com os quais podem se chegar a resultados controlados.

Na história isso é mais complexo, pois, o objeto das ciências humanas, em maior ou menor grau, sempre vai ser o homem atuando em sociedade em determinado tempo e espaço e isto, obviamente, faz uma grande diferença. Tendo isto como ponto de partida, toda a construção historiográfica tende a ser mais bem alicerçada em pressupostos teórico-metodológicos sólidos.

Compreendendo essas dificuldades inerentes a este tipo de investigação científica, o historiador, munido de todo o seu arcabouço teórico-conceitual, pode atuar de maneira adequada no estudo de qualquer temática que se proponha. Aqui, sendo o vaqueiro o objeto central, busca entender como este personagem tem sido representado na historiografia pátria, mas não apenas isso, como ele mesmo se enxerga, ou seja, como a sua autorrepresentatividade é manifestada.

Basicamente nesse capítulo o que se objetiva, de uma maneira geral, é materializar através de histórias narradas pelos vaqueiros, bem como, por uma sólida bibliografia, os contratos e acertos para fixar o vaqueiro como cuidador do rebanho, identificando as discordâncias geradoras de ações e embates conflituosos. Ademais, pretende-se ainda explicitar as relações da família nuclear do vaqueiro, para além das práticas do vaquejar, de mostrar que esse vaqueiro não está sozinho, é casado, tem esposa, filho e faz parte de um círculo comunitário maior que vai além do simples labor diário. Enfatize-se ainda que o presente capítulo também

busca mostrar os vaqueiros e seus modos de resistência diante do processo de modernização e globalização em curso e que na zona rural, nas regiões sertânicas de Caxias-MA, manifesta-se, especialmente por meio do avanço do agronegócio.

Esse processo de modernização do campo é também manifestado paralelamente quando se coloca o animal de montaria e o veículo automotor de duas rodas (motocicletas) no mesmo espaço e lugar do cavalo, fomentando assim, formas novas de conduzir o gado e alterando as relações de convivência e trabalho, opondo-se o novo e o velho no campo, de modo a colocar, disputas intergeracionais entre os vaqueiros mais jovens – que aderiram ao uso das mesmas e em alguns casos ao processo de massificação cultural relacionado com o processo globalizante, por entenderem que as inovações tecnológicas não podem ser repelidas e àqueles que resistem aos novos modos de lidar com o gado e às inovações oriundas da cultura de massa, buscando preservar suas identidades culturais, resistindo por meio das suas tradições aos intentos do neoliberalismo manifesto na globalização.

### **3.1 Relações sociais no trabalho: diálogos e conflitos**

Para que se entendam as questões propostas nesse tópico e se discuta com a devida propriedade a temática, é imperioso que antes de qualquer coisa, se debruce no entendimento das percepções conceituais a respeito do que se percebe por relações de trabalho no ambiente dos vaqueiros, pois, a partir dessa perspectiva, será possível avançar na discussão aqui proposta e, por conseguinte, abstrair de tal debate teórico os saberes de que se precisa para a compreensão macro da questão em apreço.

Nesse sentido, de acordo com o que assevera Aires (2018), historicamente as relações de trabalho entre vaqueiros e patrões sempre foram marcadas por profundas desigualdades e grande exploração do trabalho. Os patrões, na visão do autor, não costumavam pagar salários fixos ou estabelecer contratos formais, e sim pagavam os trabalhadores com o próprio gado, com o cuidado de sempre preferir que eles recebessem apenas os gados machos, pois, não queriam que os vaqueiros, ao possuir vacas, comesçassem também a aumentar o rebanho e com isso se tornassem fazendeiros, pois, os patrões temiam que estes trabalhadores, ao invés de serem seus empregados, passassem a ser concorrentes na criação e comercialização de gado.

Essa questão é, inclusive, um ponto muito importante a ser observado, pois, as relações de trabalho por serem desiguais, dado que os fazendeiros possuíam mais poder econômico, político e até simbólico, aproveitam-se de tal posição para explorarem os vaqueiros e ainda assim, serem vistos por eles, em muitos casos, como “bons patrões”, tal era o estado de

alienação a que muitos vaqueiros estavam submetidos. Essa alienação contribuía fortemente para que o *status quo* se mantivesse inalterado durante décadas e décadas (Brito; Viana, 2016).

A questão do poder simbólico dos patrões e de todo o contexto vaqueiral envolto na vida dos vaqueiros é algo de grande importância a ser observado, pois, tal poder determina, em grande medida, as relações não apenas de trabalho entre patrões e vaqueiros, mas também boa parte das relações sociais gerais existentes nos contextos sociais no âmbito rural:

As representações apresentam múltiplas configurações, e pode se dizer que o mundo é construído de forma contraditória e variada, pelos diferentes grupos do social. Aquele que tem o poder simbólicos de dizer e fazer crer sobre o mundo tem o controle da vida social e expressa a supremacia conquistada em uma relação histórica de forças. Implica que esse grupo vai impor a sua maneira de dar a ver o mundo, de estabelecer classificações e divisões, de propor valores e normas, que orientam o gosto e a percepção, que definem limites e autorizam os comportamentos e os papéis sociais (Pesavento, 2008, p.41-42).

É necessário salientar, que ante ao que expressa o autor citado acima, entende-se que o poder simbólico tem um grande peso nas relações sociais no âmbito do trabalho, visto que, aqueles que detêm tal força, podem determinar, ou pelo menos influenciar grandemente, de que maneira serão as relações sociais dominantes naquele ambiente social (Tapety, 2007).

Assim, como já referido, os patrões detinham grande poder financeiro, político e simbólico quando comparado com os vaqueiros, o que não quer dizer, que os vaqueiros também não possuíssem tal poder, pois, é fato que em se tratando dessa força simbólica os vaqueiros também as possuem, só que de forma diversa dos patrões, ou seja, enquanto os patrões usavam de tal poder para manter as relações de mando e desigualdades inalteradas, alienando os vaqueiros de direitos básicos que dignificam a pessoa humana, os vaqueiros, por sua vez, fazem uso desse simbolismo para manter coesa e viva a sua cultura, visto que, para eles suas tradições culturais são muito importantes e seus traços estão dispersos por todo o ambiente e práticas cotidianas:

Em se tratando de vida social, a cultura (significação) está em toda parte. Todas as nossas ações, seja na esfera do trabalho, das relações conjugais, da produção econômica ou artística, do sexo, da religião, das formas de dominação e de solidariedade, tudo nas sociedades humanas é constituído segundo os códigos e as convenções simbólicas a que denominamos “cultura” (Arantes, 1998, p.34).

A cultura é, portanto, como fica claro pela citação, um elemento essencial dentro da existência humana e no caso do vaqueiro, dada as peculiaridades inerentes a este universo, a cultura ganha uma força muito grande na forma como age no seu cotidiano seja no âmbito de

suas atividades laborais, na relação com os patrões e demais colegas de lida, seja na sua vida pessoal e familiar. Vale considerar ainda, que no contexto das relações de trabalho pertinentes ao mundo vaqueiral, ou seja, dentro da lida diária dos vaqueiros com seus patrões, as práticas sociais sempre foram cheias de desigualdades como já referido anteriormente e isto desde as épocas coloniais (Santos, 2014).

Nessa direção não se deve esquecer que mesmo que alguns vaqueiros não fossem exatamente escravos, trabalhavam em regimes que assemelhavam à escravidão, visto que, suas liberdades formais eram afetadas pelas altas cargas de exploração na lida com o gado. Desta forma, mesmo após o fim da escravatura, relações de trabalho demoraram mudar no campo, visto que, a exploração continuou, mudando apenas suas bases econômicas, ou seja, ao invés de um sistema colonial, passou ao sistema de um capitalismo clássico e que ao longo do tempo foi se transmutando, mas sempre mantendo a essência típica desse sistema que é substanciada pela divisão de classes e as desigualdades socioeconômicas entre os trabalhadores e os detentores dos meios de produção nos quais podem ser incluídos os donos de termos, os fazendeiros.

Uma coisa que não se pode perder de vista quando se procura entender as relações sociais no trabalho, levanto em conto os diálogos e conflitos existentes é que essas relações sociais com os patrões, com os colegas de trabalho e demais personagens envolvidos possuíam, obviamente, características específicas às quais, muitas vezes, dava a sensação de que o vaqueiro era o mais livre dos trabalhadores, quando em verdade, não era exatamente assim, dado que além das muitas responsabilidades que estavam sob seus ombros, a própria luta cotidiana com o gado, com alimentação precária entre outras dificuldades, deixavam claro que a liberdade de que acreditava desfrutar era mais fruto de uma ideologização e romantização de seu trabalho do que de fato de uma liberdade plena. Essa ideia de liberdade não era compartilhada apenas pelos vaqueiros, é também descrita por estudiosos que interpretam os seus modos de vidas como sendo mais “livres”:

A liberdade da qual se orgulha o vaqueiro compõe os traços singulares de sua pessoa e parece ser, também, o resultado de um potente encontro: fazer do paraíso a fonte de sua subsistência (e de suas necessidades) e, não menos, o espaço onde percorre munido de criatividade e de paixão. Em vias de contornar a seca, deixar os frutos do prestígio aos seus descendentes e, quem sabe, investi-los na memória (Pereira, 2017, p.145).

Essa liberdade, portanto, não é, se olharmos pelo que se compreende modernamente por liberdade, plena, pois, a de se considerar que a liberdade, segundo os pressupostos da



contemporaneidade incluem, minimamente, os aspectos formais (da lei), econômico (poder de realizar coisas e de ter independência financeira), política (participação plena na vida pública) e simbólica (no sentido de fazer valer sua cultura e modos de vida). Considerando que os vaqueiros do passado e do presente possuem pouca influência política, sempre foram desrespeitados em seus direitos trabalhistas – mesmo depois que eles se tornaram cristalizados na letra da lei – e que economicamente são carentes de recursos à sua sobrevivência digna resta de maneira mais forte o seu aspecto simbólico, mas mesmo esse, precisa lutar muito para resistir ante as investidas da cultura de massa que visa realizar apagamento da cultura vaqueiral (Tapety, 2007).

Deve-se destacar ainda que, como já aventado acima, as relações sociais no trabalho não eram centradas em contratos formais, o que contribuía, inegavelmente, para o maior grau de exploração do trabalho, posto que, o patrão além de ser o detentor da fazenda, possuía meios mais amplos de impor suas vontades sobre os empregados sem que estes tivessem as condições materiais e legais de se defender:

A relação entre fazendeiro e vaqueiro e vaqueiros não era balizada via contrato formal, com registro em cartório ou em qualquer documento trabalhista. Esse contrato se fundamentava pela palavra e pelo reconhecimento do vaqueiro, de que aquela fazenda com seus pertences, não eram dele, mas do seu dono, que automaticamente devia saber sobre o resultado da criação do gado (Aires, 2018, p.46).

Essa situação, obviamente, não vigorou apenas nos tempos antigos, mesmo na atualidade, a despeito de muitas mudanças nas questões trabalhistas no Brasil, ainda persiste, em muitas realidades, a exploração do trabalhador em geral e, em particular, do vaqueiro, pois, muitos acabam por se submeter a tais situações de ausência de direitos básicos, de intensa exploração, seja devido a própria necessidade econômica ou mesmo por conta do processo de alienação ser tão abrangente, de modo que, por serem submetidos a ele ao longo do tempo, acabam por reproduzem relações sociais cotidianas no mundo do trabalho vaqueiral que parecem ser tão típicas que ao tentar mudar, os próprios vaqueiros reagem como se não fossem benéficas a eles.

Esse é um ponto, inclusive, que não se pode desconsiderar, pois, parte da ideia do vaqueiro como herói, como homem valente, vem da ideia de transformá-lo em alguém que não precisa desses de direitos, afinal de contas, seria forte suficiente para abdicá-los. Sabe-se, porém, que por traz de tal narrativa, esconde-se, a perpetuação da exploração desse trabalhador que foi e ainda é importante para o contexto nordestino, especialmente, nas áreas de sertão, onde é responsável pelo manejo cotidiano do gado.

Esse cuidado sempre exigiu dos vaqueiros grandes esforços e considerável perícia a qual não se aprendia da noite para o dia, mas sim era fruto de muita experiência adquirida na prática dentro do contexto campeiro referente à lida com o gado. É um trabalho, por assim dizer, que poucos dominavam no passado e muito menos agora, visto que, as mudanças inseridas no campo, fez com que, em grande medida, essa atividade, nos moldes que sempre existiram, tem sofrido grandes mudanças:

Diferentemente dos demais agregados da fazenda, o ofício do vaqueiro era uma arte. Gado criado solto embravecia; então o vaqueiro devia dominar um serviço que exigia anos de adestramento: laçar o gado bravo, encurralá-lo, domar os animais de sela, localizar a vaca parida, rastejar novilhas que escondera a cria, antes que o dia esquentasse e os bichos apaguem o rasto; dar campo em mangas sem fecho, colocar em boiada gado arribado que passava às vezes meses ou anos sem ver curral, ferrar bezerros, curar bicheiras, fazer apartação; tudo isto, engurupitado no lombo do cavalo fazia do seu labor um serviço artesanal especializado (Rocha, 2010, p.52).

É perceptível como as muitas funções que os vaqueiros tinham que desempenhar exigia deles muito cuidado, destreza e aptidão física. Essas qualidades todo o vaqueiro considerado afamado, precisava dominar, pois, elas eram e ainda são – na visão dos vaqueiros tradicionais – essenciais para o sucesso na profissão.

Vale pontuar que, as relações sociais que se davam no trabalho, no que se refere ao contexto campeiro, sempre foram influenciadas pelas práticas eficientes dos vaqueiros, pois, ser vaqueiro, como em qualquer outra área, exige que aqueles que querem ter mais sucesso, precisam demonstrar que são capazes de agir conforme o que a profissão defende como sendo eficiência, perícia e acima de tudo, por se tratar também de ser um ofício envolto em toda uma simbologia, demonstrar valentia e destemor, pois, os demais vaqueiros louvam aqueles vaqueiros que são considerados eficientes e valentes no desenvolver das suas atividades campeiras diárias:

A saída para o serviço no campo exigia cavalos mansos, mas corajosos e resistentes; arreios e laços fortes para o perigoso e delicado trabalho de lidar com o gado de campo. Na escolha do animal exigia uma sabedoria aplicada à idade e raça e na labuta o conhecimento do meio, clima e costumes da fazenda. Era um ofício que não prescindia do ferrão para enfrentar gado valente na chapada ou nas apartações e ao usá-lo o vaqueiro deveria possuir uma alta dosagem de adestramento e sangue frio para medir a altura do redemoinho da rês, firmando a ponta da vara sem nenhum vacilo, dar o recuo certo, no instante certo, para garantir que a topada fosse única e acertada, porque naquela disputa não existia duas chances para o vaqueiro, conforme documentos os versos do boi onde o animal é que conduz a narrativa (Rocha, 2010, p.53).

Não restam dúvidas de que a atividade campeira do vaqueiro sempre foi muito difícil e arriscada e em tal ambiente de trabalho, as relações sociais que se manifestavam, fez com que se estabelecessem ao longo do tempo, certos padrões de diálogos existentes entre os vaqueiros, como também, destes com os seus patrões, família e todo o entorno social no qual eles estavam inseridos, como ainda ocasionou conflitos. Os diálogos e os conflitos são manifestações comuns em qualquer relação humana seja entre classes sociais diferentes, ou mesmo entre indivíduos e grupos pertencentes à mesma classe social. Abarcar a extensão desses dois pontos importantes permite que se compreenda, de maneira mais vasta, a realidade do vaqueiro no que tange às suas relações interpessoais, não apenas com os seus patrões, mas igualmente com seus colegas de trabalho.

Abaixo, por meio da figura 13, é possível observar uma típica saída ao campo, onde companheiros de trabalho andam juntos. Esta é uma imagem muito comum entre os vaqueiros e demonstra como as relações sociais no trabalho também se davam e ainda se dão no nível do companheirismo:

**Figura 13** - Vaqueiros vestindo suas indumentárias campeiam o gado nos sertões caxienses



Fonte: Acervo pessoal Vaqueiro Edielson Reis.

De acordo com o que foi verificado por meio das incursões em campo, as quais permitiram, através das observações *in loco*, conhecer diferentes aspectos das relações interpessoais envolvendo os vaqueiros, bem como, em face da literatura utilizada, foi possível apreender informações relevantes sobre tal matéria que demonstram que os vaqueiros mantinham relações sociais no ambiente de trabalho que iam desde o companheirismo passando também por momentos de conflitos que se davam por motivos inerentes ao trabalho e mesmo por outras razões, que ainda que alheias ao ofício, por vezes, afetavam o cotidiano.

Pelas falas dos vaqueiros – já expostas nesse estudo - percebe-se que relações de desigualdades eram significativas entre os patrões e os trabalhadores, mas que mesmo em meio à exploração não havia luta relevante no sentido de reivindicar direitos de que necessitavam. Os vaqueiros desde muito tempo, das épocas antigas de ocupação do território brasileiro e maranhense, que eram agregados dos fazendeiros, sejam vivendo nas dependências de suas fazendas ou mesmo em casas em terras sob sua influência, de modo que, acabavam por ter relações de dependência direta do modo de vida que aprenderam a aceitar, posto que, boa parte não detinha a posse da terra:

Dentro da lógica da sociedade pecuarista e escravista, ser vaqueiro foi corriqueiramente compreendido como função de “homem livre” e com possibilidade de ascensão social. Se, por um lado, esses sujeitos logravam a terça ou quarta parte dos bezerros nascidos e firmavam uma relação de confiança com os fazendeiros; por outro, como a maioria dos vaqueiros não detinha a posse da terra e vivia na condição de agregado, mantinha-se dependente dos grandes senhores pecuaristas, colocando em discussão a condição de homem livre e independente (Ferreira; Lima, 2023, p.3).

A ausência de lutas intensas em favor de melhores condições de trabalho e de ganhos, embora não seja regra para todas as realidades vivenciadas pelos vaqueiros, pois, dada a extensão e profundidade do presente estudo, não se pode afirmar que em todos os contextos sertanejos, onde o vaqueiro se destacou, como personagem histórico, ele sempre tenha se acomodado com a realidade imposta, é uma constante dentro do contexto da região sertânica de Caxias.

Tal afirmação se deve ao fato de que foi observado, por meio do estudo, que os vaqueiros do período estudado não se uniram de maneira efusiva, no sentido de reivindicar direitos trabalhistas entre outros que dignificam a pessoa humana, junto aos seus patrões ou diante das autoridades públicas.

O que se viu de fato, tanto por meio dos relatos como também pela literatura utilizada, é que ao longo das décadas, os vaqueiros do sertão maranhense, especialmente, em se tratando da região leste do estado, onde se encontra a região sertânica de Caxias, lócus deste estudo, foi uma acomodação talvez em razão da desinformação dos trabalhadores e também em virtude de que parte desse período estudado, foi o momento histórico em que vigorou o Regime Civil-Militar, ou seja, a Ditadura Militar em que trabalhadores rurais eram sufocados e fazendeiros recebiam apoio.

Algo que não se pode perder de vista, em uma discussão que pretende abarcar as relações dentro do ambiente de trabalho, seja entre os trabalhadores e seus patrões, ou mesmo entre os

colegas de trabalho e os familiares dos vaqueiros, é que elas ocorrem em um determinado tempo histórico, ambiente cultural, mas também na esfera de um espaço físico.

Isso significa que, o espaço, ou seja, a extensão física percorrida pelo vaqueiro no seu dia a dia de luta com os rebanhos influencia grandemente o nível, o alcance e a profundidade de suas relações sociais. Assim, ao analisar o espaço físico (geográfico) sertânico de Caxias – MA, *locus* desse trabalho, percebe-se, que as comunidades em questão que compõem o recorte espacial foco deste trabalho, tem características físicas e sociais muito similares. Os grupos sociais que fazem parte desses povoados são em termos gerais muito semelhantes seja no que se refere às questões de ordem econômica, cultural ou mesmo étnica. No que tange à religiosidade também existe muita homogeneidade.

Tal característica faz com que exista uma proximidade nas relações sociais, o que não significa a ausência de conflitos, pois, mesmo em ambientes com grau elevado de homogeneização, eles existem. As categorias espaço e lugar, neste trabalho, referem-se tanto aos aspectos físicos, como também, aos seus fundamentos sociais, ou seja, os significados culturais e sentimentais atribuídos a eles, bem como, as transformações realizadas pelas comunidades humanas residentes nos mesmos.

As relações que as sociedades humanas estabelecem com o ambiente são expressas através da atribuição de valores e de significados a certos elementos que estão presentes neste ambiente, e pelo uso de categorias culturais para classificar estes elementos. Categorias sociais como as de lugar e de espaço, por exemplo, embora sejam categorias universais do pensamento humano têm conteúdos e significados contextuais, pois resultam dos diferentes tipos de experiências que cada sociedade em particular mantém com o ambiente (Alencar, 2007, p.3).

Isso significa que as relações sociais dos vaqueiros estabelecidas no trabalho cotidiano de campear o gado, eram também, intermediadas pelo ambiente no qual viviam, ou seja, no espaço físico e social, que formam a paisagem de suas vivências e os influenciavam em seus diálogos, conflitos e construção de sua identidade cultural típica.

Nesse sentido, é possível afirmar que muitos dos problemas dos vaqueiros, mesmo que em povoados diferentes, eram muito parecidos, daí que eles, ao se encontrarem nos eventos festivos (missas, terços ou festas de baile) tinham a oportunidade de se confraternizar e conversar sobre formas de resolução de problemas, como também, eram momentos de falarem de realizações. Por meio da figura 14 destacada a seguir, é possível, exibir um desses muitos eventos e festividades ligadas à vida dos vaqueiros:

**Figura 14** - Vaqueiros e populares numa pega de boi no mato.



Fonte: Acervo pessoal Auriele Pereira.

Os conflitos entre os vaqueiros, pelo que se abstrai de suas falas e também das observações *in loco* ou mesmo da literatura estudada para a construção deste trabalho, vinculam-se, em geral, se davam por razões, como por exemplo, disputas no campo para saber quem era o mais “afamado”, devido ao fato de que, em muitos casos, determinados vaqueiros tinham mais proximidade com o patrão, em razão também de certos benefícios que uns poderiam ganhar e outros não ou mesmo por conta de questões de ordem meramente pessoal.

Os vaqueiros, como se sabe, tinham muitas atribuições e quanto mais ele tinha responsabilidade, maior era a sua importância junto ao seu patrão e aos seus pares, pois, essas responsabilidades eram dadas a aqueles que os patrões acreditavam que eram capazes de cumprir. Isso em muitos casos gerou ciúmes, o que por muitas vezes, pode ter contribuído para que os outros da fazenda, que não tinham esse mesmo grau de proximidade ou de posição de mando junto ao patrão, entrassem em rota de colisão com os que estavam nas posições mais elevadas da fazenda:

No cotidiano das fazendas, que geralmente eram comandadas pelo vaqueiro, se fortalecia as relações de cumplicidade e honestidade entre o vaqueiro e o fazendeiro. O fazendeiro se ausentava da fazenda deixando a responsabilidade dos animais e dos outros serviços da propriedade para o vaqueiro (Torres, 2016, p. 59).

Essa posição ocupada por determinados vaqueiros levava a conflitos também em razão



de que muitos, ao serem investidos de mais poder na fazenda, acabavam por utilizar também para se colocar como mais importante, impondo seu poder, aos demais. Em tais situações, conflitos ocorriam o que atrapalhava tanto a rotina de trabalho, como também, a tornava mais pesada no dia a dia.

É claro, que pelo que se notou pelos relatos e observações, essas eram situação mais esporádicas, pois, o que vigorava entre eles eram o companheirismo e parceria, visto que, em razão das especificidades de suas atividades, a união entre eles era algo muito importante, significando mesmo, em dadas situações mais críticas, a distância entre a vida e a morte, pois, quando um vaqueiro, estando no campo, sofria algum acidente, eram os outros companheiros que de imediato, teriam que acudir-lo, daí que se o ambiente fosse de intenso conflito, não teria como ocorrer a ajuda mútua com a frequência que se observa nos relatos dos vaqueiros.

A figura 15 a seguir aponta uma cena bastante comum entre os vaqueiros, à labuta diária para pegar um gado no campo. Essa busca pelo gado, quando auxiliada por um companheiro que dava cobertura, se tornava mais fácil:

**Figura 15 - Vaqueiros na lida campeira cotidiana**



Fonte: Acervo particular Vaqueiro Edielson Reis.

No contexto da vida vaqueiral na região sertânica de Caxias-MA, a luta pela terra, é uma coisa muito importante e que não se pode deixar de pontuar quando se busca entender sobre as relações sociais no trabalho entre os vaqueiros, patrões e comunidade do entorno, pois, especialmente os que cuidavam do gado de sua própria criação de subsistência, como é o caso de muitos dos que prestaram seus relatos à construção desse trabalho, essa luta pela terra, ou seja, a repartição e regularização de suas pequenas propriedades era condição necessária para que houvesse um pouco mais de qualidade de vida para si e para as suas famílias. Essa luta,

obviamente, de acordo com relatos deste trabalho, teve oposição feroz de parte da elite agrária que acreditava que iriam perder todas as suas propriedades e poder político e econômico.

Os vaqueiros que precisavam de terras para a prática da agricultura e para a criação do seu gado, desenvolvendo uma pecuária de subsistência, se viram diante de uma necessidade perene de união para buscar direitos de que precisavam. Em tais momentos os ambientes de trabalho tornavam-se tanto espaços para dialogar com as estratégias, como também, espaços de conflitos com aqueles que se opunham (Santos, 2008).

É importante compreender que a resistência dos proprietários de que houvesse mudanças na estrutura fundiária da região sertânica de Caxias-MA está alicerçada no fato de que o Brasil, desde os tempos mais antigos, concentrou muita terra nas mãos de poucos, gerando uma desigualdade muito grande do ponto de vista econômico, social e do acesso a terra, fazendo com que os proprietários de grandes extensões de terras e seus descendentes, acreditassem que essas terras eram suas por direito quase que divino. Assim, as fronteiras agropecuárias que foram se estabelecendo no Brasil, sempre foram marcadas pela grande exploração do trabalho rural e, por conseguinte, do trabalhador rural, como também pela alta concentração fundiária (Cunha, 2015).

Nessa toada, deve ser elencado que ao refletir sobre o conceito de fronteira definido por Secreto (2012) aponta que para Turner, historiador norte-americano, a noção de fronteira estava intimamente ligada ao processo de expansão dos Estados Unidos rumo ao Oeste, ou seja, não se trata apenas de imaginar uma linha de fronteira e sim todo um processo de poder que se apropria da posse da terra.

Nesse sentido, o constante processo de avanço, as lutas com os diversos povos indígenas que habitavam a região Oeste americana, como também, uma organização social colonial baseada, sobretudo, na família, fez com que os Estados Unidos se constituíssem político e culturalmente, como sendo um país com uma sociedade pautada, grandemente, nos ideais vinculadas ao nacionalismo, individualismo e democracia representativa (Secreto, 2012).

O conceito de fronteira, é importante frisar, não se resume especificamente à ideia de limite geográfico, pois, envolve muitos outros aspectos que não podem ser desconsiderados quando se realiza uma análise mais sólida. Entre estes aspectos podem ser elencados: as relações de poder presentes; os processos socioeconômicos, políticos e ideológicos, como também, os diversos grupos étnicos e comunidades tradicionais envolvidos em sua construção ao longo do tempo (Rodrigues, 2015).

Podem ser citados ainda, como elementos constituintes da ideia de fronteira, os fatores culturais relacionados ao conceito, bem como ainda, as diversas formas de lutas e resistências



travadas no processo de formação, posto que, as fronteiras são construídas a partir de processos expansionistas (Secreto, 2012).

De acordo com o que destaca Rodrigues (2015, p.2) “O limite estimula a ideia sobre a distância e a separação, enquanto a fronteira movimenta a reflexão sobre o contato e a integração”. Isto significa que é possível entender a fronteira como algo que é essencialmente vivo, não sendo restrita à demarcação geográfica, pois, os modos de vida podem ser reproduzidos de formas similares, mesmo em lados opostos dos limites geográficos de determinada região, fazendo com que, essa noção de fronteira abarque muito além das divisões impostas por algum Estado-nação.

Desta forma, ao pensar o espaço sertânico de Caxias-MA, a partir de uma visão que nele se constituiu parte da fronteira agropecuária do Maranhão, deve-se entender que tais elementos citados, fazem-se presente e por conta disso, determinadas práticas sociais também similares às relatadas, são facilmente encontradas.

No caso da região sertânica de Caxias-MA, é fundamental destacar que a expansão e as ocupações das terras pelos poderosos, contribuíram para que o território influenciasse bastante a construção do latifúndio, obrigando aos posseiros, aos povos indígenas e aos quilombolas, a cada vez mais, se distanciarem de terras que até então ocupavam, reformulando as fronteiras e reproduzindo desigualdades na ocupação da terra que até os dias de hoje permanecem, mesmo que já tenha havido mudanças ao longo das décadas, especialmente, quando se analisa a situação a partir do recorte temporal aqui estabelecido como foco do estudo (Oliveira, 2020).

A fronteira agropecuarista que o Brasil possui atualmente com base na literatura, foi constituindo-se, a partir de processos expansionistas tanto no nível de limite com outros países como também as internas, ou seja, as divisões de estados, municípios e demais regiões são resultantes do processo histórico iniciado com a colonização e aprofundado com a organização de marcos jurídicos que tratam da questão da propriedade da terra, como a conhecida Lei de Terras de 1850 (Brasil, 1850).

No caso, do Maranhão, atualmente a região Leste Maranhense, tem sido mais uma vez ocupada por grandes latifúndios, dessa vez não mais para plantação de algodão ou pecuária e sim, principalmente, para o cultivo de soja e milho voltados para o mercado internacional, pois, o estado faz parte do que se conhece como a última fronteira agrícola, a MATOPIBA e por conta disso, tem sido alvo da cobiça do agronegócio (AATR, 2015).

Esse avanço fez com que ocorressem grandes e impactantes mudanças tanto nos aspectos espaciais, como também, no que se refere aos modos de vida dos habitantes em geral e dos vaqueiros em particular, alterando suas rotinas campeiras e, por conseguinte, suas relações

sociais no trabalho. Enfatize-se ainda, que os avanços expansionistas que deram feições às fronteiras e ao território nacional atual ocorreram em razão da divisão da terra iniciada desde as Capitanias Hereditárias que permitiu o avanço da pecuária e agricultura no país, mas que só foram possíveis em virtude do trabalho de figuras importantes, como por exemplo, a dos vaqueiros (Neves, 2001).

O vaqueiro sempre foi uma figura central no processo de ocupação dos sertões, pois, o seu trabalho e o simbolismo das suas labutas diárias, sempre foram fundamentais para que a constituição do território, distante do litoral, de fato se concretizasse:

O vaqueiro é, certamente, um dos grandes expoentes e responsável pela ocupação do sertão nordestino nos séculos XVII a XIX. Era o representante dos fazendeiros, e respondia pela fazenda na ausência do proprietário por todos os problemas cotidianos ligados à administração (Tapety, 2007, p.36).

O vaqueiro mesmo com sua importância para a ocupação do território, sempre foi marginalizado economicamente, socialmente e politicamente, sendo sua cultura mantida, como força da sua resistência e não de concessões das elites dominantes. Vale pontuar que o processo de expansão das elites dominantes na região sertânica de Caxias-MA, como também em outras áreas do Brasil, de acordo com a literatura, se deram por meio de práticas que envolveram a grilagem de terras, a destruição do meio ambiente através de posturas predatórias no que tange às práticas agrícolas, as quais funcionam a partir da visão expansionista com foco na economia de mercado (Oliveira, 2020).

Essa expansão também foi responsável por reproduzirem a perseguição aos posseiros, às comunidades tradicionais e, claro, aos vaqueiros que possuem suas pequenas propriedades e lidam com o gado no sistema de subsistência e devido não quererem ceder suas pequenas terras aos grandes latifundiários, muitas vezes, são perseguidos, gerando instabilidades e conflitos no campo (Neves, 2001).

É preciso entender que o avanço do agronegócio na região do Meio – Norte, especialmente no tocante às áreas da região sertânica de Caxias-MA, não foge da lógica observada em outras partes do país, ou seja, se manifesta através do uso da alta tecnologia agrícola e do processo de grilagem de terras e relações pautadas na tensão constante com os posseiros que já estavam no local e que, muitas vezes, são expulsos pelos novos “donos” da terra (Oliveira, 2020).

Os muitos conflitos existentes no meio rural se devem ao fato de que, o território é uma porção do espaço apropriada a partir das múltiplas relações de poder, no qual existem grupos

poderosos e outros menos poderosos seja econômica ou politicamente que, dados aos interesses antagônicos, costumam se enfrentar pela posse da propriedade da terra, pois, a despeito de uma série de legislações e também lutas dos movimentos sociais no que tange à busca de se trabalhar a reforma agrária, as desigualdades, concentração fundiária e opressão contra as comunidades tradicionais ainda é uma constante na vida dos grupos rurais entre os quais aquele representado pelos vaqueiros (Bruno, 1995).

Ressalte-se que as mudanças na legislação brasileira, a respeito da posse da terra, nunca de fato favoreceram, significativamente, as populações tradicionais ou os grupos marginalizados, pois, as fronteiras agrícolas sempre buscaram o interesse dos grandes proprietários em detrimento do pequeno, dos grupos tradicionais existentes em dadas porções espaciais. Ademais o avanço das fronteiras agrícolas tem sido marcado, historicamente, por relações conflituosas em que os ditos civilizados ou desenvolvidos, tendem a exercer seu poder de opressão sobre aqueles grupos menos poderosos política e economicamente e que se colocam contra os interesses predatórios dos ditos civilizados (Martins, 2009).

Em razão dessa concentração fundiária e exploração do trabalho, muitos trabalhadores se viram obrigados a mudar de suas regiões, buscando locais que lhes oferecessem melhores condições de sobrevivência, pois, os recursos de que precisava para a sua sobrevivência e de suas famílias nem sempre eram encontrados dentro da sua região de origem onde residiam (Castro, 2020).

Galdez (2015) aponta ao fato de que os conflitos se dão em razão de disputas pela posse da terra em que fazendeiros e posseiros, por exemplo, movidos por interesses antagônicos entram em choque e devido à ausência do Estado que, por meio de uma legislação clara e com foco na distribuição adequada da terra, poderia exercer seu poder de trazer a justiça social no que tange à posse da terra. Isso faz com que as próprias comunidades rurais busquem meios de resistir e isto quase sempre, descamba para a violência.

A história se repete em vários cantos do Brasil, não sendo diferente nas regiões sertânicas de Caxias-MA, pois, a região do Meio-Norte também tem sido alvo de grande pressão do latifúndio o que tem obrigado as comunidades a importantes lutas contra os grileiros que através de diversos meios tentam tomar posse da terra afetando comunidades inteiras, bem como, o meio ambiente, pois, as práticas predatórias típicas do agronegócio atingem diretamente à fauna, flora, as águas dos rios, o ar entre outras partes do complexo ambiental.

As lutas, a resistência e, conseqüentemente os conflitos, não atingem apenas a posse da terra em si, mas os modos de vida dessas pessoas, a sua cultura tradicional o seu modo de se relacionar com o meio no qual sempre viveram, mas que agora tem sido alvo da cobiça dos

colonizadores do Matopiba que buscam expandir-se na região sem levar em conta o direito à posse da terra de comunidades tradicionais residentes, o que leva os vaqueiros a resistir como podem a investida do grande capital (AATR, 2015).

Os conflitos se dão nessa nova fronteira agrícola do Matopiba, sobretudo, por conta dela ser resultante de pressão de grupos poderosos da agroindústria que através de seus representantes no Congresso Nacional, estabeleceram essa área como prioridade para o que eles chamam de *última fronteira agrícola*, visto que, trata-se de uma área gigantesca de terras que ainda não estava ocupada pela *agricultura mecanizada*, mas que tem desde décadas atrás ocupações de comunidades tradicionais, como por exemplo, aquelas representadas pelos quilombolas que em todas as partes do país sofrem discriminação e perseguição por conta de sua cor de pele e pela cobiça em suas terras (Funes, 2015).

Nesse cenário podem ser incluídos também outros grupos tradicionais entre os quais os representados pelos vaqueiros que foram responsáveis pelo desbravamento das regiões sertânicas, mas que agora se veem ameaçados pelo avanço do Matopiba e o agronegócio marcado pela lógica predatória do capital que tende a concentrar a terra nas mãos de poucas e exercer influência, inclusive, sobre os modos de vida dessas figuras presentes neste espaço territorial:

A figura 16 que se destaca abaixo exemplifica, de maneira bem evidente, como a região tem sofrido com o avanço grandioso do agronegócio:

**Figura 16** - Máquina agrícola em um campo de monocultura na região sertânica de Caxias.



Fonte: Acervo Pessoal Auriele Pereira.

Os vaqueiros que habitam essa região sertânica de Caxias – MA, foco da pesquisa que gerou esse estudo, sofrem com o avanço do agronegócio e buscam meios de resistir ao ideário capitalista excludente que através da grilagem de terras e violência no campo, tende a exercer seu poder opressor contra tais grupos. Ademais, cabe considerar que é difícil para as comunidades tradicionais enfrentar o poderio econômico e aparato ideológico dos grandes produtores do agronegócio, mas ainda assim, existe uma disposição para lutar por aquilo que acreditam ser importantes para sua sobrevivência seja no plano material, como também de sua cultura tradicional.

Para tanto eles se juntam através da atividade de movimentos sociais e com representantes de organizações ligadas à luta pela terra, bem como, por meio da conscientização de que o *território* é poder e que exercer seu direito de permanecer onde sempre viveu, é condição essencial para a reprodução dos seus modos de vida.

Desta forma, fica bem claro, que as relações sociais no ambiente de trabalho, dentro do período histórico estudado, especialmente, dos anos 2000 em diante, quando começou ocorrer um avanço significativo do agronegócio na região, passaram a ser marcadas por forte busca por resistir ao avanço do grande capital que passou a concentrar ainda mais a terra, obrigando que a criação extensiva do gado passasse a ser gradativamente eliminada.

Os pequenos proprietários, que não dispõem de grandes pastagens foram os mais afetados. Assim, os vaqueiros que ainda resistem aos avanços dessa nova fronteira agrícola, buscam dialogar com as autoridades e comunidade em geral, no sentido de desenvolver estratégia para não deixar morrer sua cultura e não perder as poucas terras que granjearam ao longo de suas vidas, pois, se veem ameaçados pelos proprietários.

As relações sociais no ambiente do trabalho também, na contemporaneidade, esbarram nas diferenças geracionais, pois, como a realidade do meio rural passou por muitas mudanças, elas também mudaram certas perspectivas de como se enxerga a atividade vaqueiral, de modo que, o diálogo entre as velhas e novas gerações de vaqueiros são marcadas pelo forte tradicionalismo das primeiras e fortes tendências de modernização das práticas campeiras por parte das últimas gerações. Isso tem sido um dos motivos dos conflitos dentro do ambiente de trabalho, pois, os vaqueiros mais antigos, costumam apontar os “vaqueiros de verdade” como sendo aqueles que fazem uso das práticas mais tradicionais, do cavalo e não de motos.

Tendo compreendido esses aspectos importantes relacionados aos padrões e práticas de relações sociais presentes no ambiente do trabalho dos vaqueiros, seja no que tange às suas vivências e relações sociais cotidianas com seus patrões, colegas de trabalho e entorno.

No próximo tópico, busca-se, entender como se estabeleceram ao longo do tempo as relações do vaqueiro no contexto familiar, ou seja, as suas vivências com sua esposa, filhos e demais parentes, de modo que, seja possível compreender, as características gerais dessa parte importante da vida do vaqueiro, pois, nos tópicos anteriores, o foco foi mais nas práticas campeiras, nas relações de trabalho, nas questões relativas à manutenção de seus modos de vida entre outros pontos que se relacionam diretamente com o seu trabalho, de modo que, considerou importante também, neste estudo, analisar o lado da vida mais pessoal do vaqueiro.

### **3.2 A casa, o lar, o sustento e o convívio familiar: “rapadura é doce, mas não é mole”**

Um dos pontos importantes desse estudo foi também observar o vaqueiro não apenas como alguém capaz de desenvolver uma série de atividades ligadas à lida com o gado, mas igualmente compreender aspectos do seu contexto social mais amplo, de maneira que, seja possível traçar um perfil dessa figura histórica, nos aspectos laborais, nas suas relações com os patrões, na sociabilidade com os companheiros de trabalho e no que toca as suas relações familiares cotidianas.

Tendo esta visão, este presente tópico busca compreender como era a vida do vaqueiro no seu lar, levando-se em conta a suas moradias, o convívio familiar e as muitas dificuldades encontradas para sua sobrevivência e de sua família.

De acordo com o que se abstrai das entrevistas dos vaqueiros, suas vidas, no que tange aos aspectos familiares, sempre foram marcadas por relações em que a família tinha muita importância, pois, a mulher e os filhos, eram parte da razão que motiva os vaqueiros estarem no campo em busca do sustento.

Os vaqueiros se viam, portanto, como o provedor da família e era encarado pelos filhos como alguém a ser seguido, daí que muitos filhos que se tornaram vaqueiros, seguiram os passos dos pais, dando assim continuidade familiar da lida com o gado. Assim o ser vaqueiro não se resume apenas a uma profissão presente no mundo rural, tem relação também com relações afetivas familiares.

Partindo desses pressupostos, foi perguntado ao vaqueiro Benedito Alves da Silva (Véi Dito), como era sua relação com a família, ou seja, com sua esposa e com os seus filhos, buscando saber, também, quem era o responsável principal pela provisão e o sustento da família. Para tal questionamento assim ele se expressou:

*Eu tenho duas filhas e um filho, mas a convivência de casa era minha e da minha véia ali, graças a Deus, eu trabaiaava mais ela e nunca faltou o pão de cada dia, eu trabaiaava em campo, mas tinha meu serviço da roça, tinha no brejo e não empaiaava meu serviço, empaiaava quando eu tava doente, eu não ia vagabundar porque não tinha o que fazer. E essa Véia aí me ajudou muito também porque quando eu faltava ela interava, até o curralo ela ajeitava, quando eu saía que chegava fora de hora, ela ajeitava o curral, botava comida pra bezerro, até comida pra cavalo ela cansou de tirar (MOMENTO EM QUE O VAQUEIRO CHORA FALANDO DE SUA ESPOSA). Essa véia aí, cansei de fazer roça no tambor, quando não era, era nos capão ali em cima, dava 11h ela chegava lá com o dicumé, os fii ficava em casa, ela deixava o dicumé, quando chegava em casa quebrava coco e cuidava dos fii. Fazia janta, quando nós chegava de noite, tava tudo ajeitado, por isso que eu digo: ela tá desse jeito aí, mas num largo, nós pode se separar pela morte, mas dizer porque eu achei uma mulher ali mais bonita, mais nova, eu não quero, eu num vou deixar minha véinha, vou nada. Quando ela era nova, num era desse jeito. Minha véia era é dura. Os meninos estudavam no Espírito Santo, eles se preocupavam muito comigo, o nego principalmente (Benedito Alves da Silva, 2023).*

O relato do vaqueiro demonstra que a sua família, especialmente, sua esposa tinha grande importância na manutenção do sustento familiar, pois, como ele deixa claro, embora ele trabalhasse na lida com o gado, não deixava de ter suas lavouras, pois, era por meio delas que conseguiria garantir o sustento de todos com a produção dos alimentos de que precisava, tais como: arroz, milho, feijão e os legumes de sua dieta alimentar e nessas etapas, a esposa estava para ajudá-lo como ele faz questão de destacar. Em sua fala, ele faz questão de demonstrar a união e carinho que possui pela companheira de longa data e aponta ao fato de que sempre tiveram uma vida difícil, mas que também sempre estiveram juntos.

É preciso deixar claro que essa parceria entre os casais e com os filhos era algo fundamental para que o trabalho do vaqueiro tivesse melhor êxito, pois, dada as muitas dificuldades que advindas da profissão, o apoio do núcleo familiar tinha grande relevância para o cotidiano sempre marcado por grandes e intensos desafios:

Ao contrário dos demais trabalhadores de uma fazenda, o vaqueiro labutava com o indócil. Podia encontrar vaca parida dando testa para topada, garrote caído em valeta, marruás se retalhando em brigas, gado fugido de magra, bezerro novo com bicheira, tudo fazia parte de seu ofício diário (Rocha, 2010, p.55-56).

Essas dificuldades eram, portanto, significativas e, pelo que se tem observado, por meio dos muitos relatos no decorrer deste trabalho, eram uma das razões do apego religioso por parte dos vaqueiros, como também da necessidade do apoio familiar.

Os vaqueiros tinham relações familiares próximas, mas isso não significava que fossem

afeitos a demonstrações públicas de carinho com os filhos ou esposas. Suas relações pelo que se apurou, eram mais contidas e reservadas. Tal situação se deve em razão dos grupos sociais terem diferentes percepções e práticas de representações simbólicas no social o que traduz em suas práticas cotidianas nas mais diversas instâncias da vida, entre as quais, a das relações familiares diárias (Pesavento, 2008).

Tal realidade se deve ao fato de que os vaqueiros pertencem a um universo territorial e populacional onde os costumes tradicionais determinavam em grande medida as convenções sociais, de maneira que, a ideia de respeito ao patriarca da família, bem como, a firmeza com os filhos, precisava ser mantida. Isso não pode ser confundido com autoritarismo, pois, se tratava de um modo de enxergar o mundo com um prisma diferente do atual, no qual as demonstrações de carinho familiar tendem a ser extremamente exposto, especialmente, após o advento das redes sociais que trouxe uma nova lógica de comportamento social público, que como se sabe, tende a ser mais exposto.

Seguindo na direção de compreender as relações familiares dos vaqueiros, foi perguntado também, ao senhor Francisco Dos Reis Bacelar, como era a sua relação com a família ao que o vaqueiro respondeu dizendo que sua esposa o auxiliava em algumas situações e momentos do seu cotidiano relacionado à lida com o gado:

*Muitas vezes ela me ajudava no sentido de abrir o curral, quando eu vinha trazendo o gado, o colchete. Mas mesmo no manejo não, às vezes eu mesmo levantava passava meu café, fazia meu frito de ovo, tinha uma sardinha em casa, eu ajeitava. Sempre ela reclamava porque eu campeava eu tinha o negócio de uma cachaça pra beber, e quando chegava em casa ela brigava. Ela cuidava da casa, eu que mantia a casa no pesado, as vezes ela ajudava, tinha as criação de bode dela. Os meninos estudavam, nunca quiseram seguir a profissão (Francisco Bacelar, 2014).*

Sua fala é interessante em virtude de demonstrar o conflito que era entre ele e a esposa no que tange ao seu apreço pela cachaça, pois, embora ele fizesse uso da bebida alcoólica, sua esposa não gostava e isto leva a alguns embates entre o casal. Ademais, outro ponto levantado, e que deve ser aqui pontuado, é o fato de que ele faz questão de mencionar o fato de que seus filhos estudavam e que tal postura se devia a razão de que eles nunca haviam desejado a profissão do pai.

Esse posicionamento possivelmente justificava-se por conta de a profissão do vaqueiro ser muito sofrida e embora, demonstre em suas falas, amor pela lida com o gado, nem sempre as gerações mais novas enxergavam toda essa poesia na vida vaqueiral, buscando qualificações



provenientes dos estudos, para que atuassem em outras áreas nas quais pudessem adquirir maiores ganhos e terem melhor qualidade de vida. Dominar as atividades relacionadas ao trabalho do vaqueiro nunca foi tarefa fácil:

O vaqueiro devia dominar um serviço que exigia anos de adestramento: laçar o gado bravo, encurralá-lo, dominar animais de cela, localizar vaca parida, rastejar novilha que escondeu a cria, antes que o dia esquente e os bichos apaguem os rastro; dar campo em manga sem fecho, colocar em boiada gado arribado que passava as vezes meses ou anos sem ver o curral, ferrar bezerra, curar bicheira, fazer apartação; tudo isto em engurupitado no lombo do cavalo fazia do seu labor um serviço artesanal especializado (Rocha, 2010, p.5).

A vida do vaqueiro, com todas essas atividades, exigia dele uma grande capacidade de aprendizado, mas também de resistências às adversidades que se abatiam sobre ele. Encarar as longas lidas não era tão simples e por isso, muitos vaqueiros, são vistos como mais afamados, valentes do que outros, é que além de campear o gado, eles deveriam demonstrar também capacidade em fazer outros trabalhos e no caso dos vaqueiros da região sertânica de Caxias – MA, ainda necessitavam praticar agricultura de subsistência para que pudessem sobreviver de maneira minimamente digna. A figura 17 abaixo exemplifica muito bem tal realidade, pois, demonstra um vaqueiro trabalhando com a produção do arroz:

**Figura 17** - Vaqueiro Edielson Lima da região sertânica de Caxias – MA na labuta da colheita do arroz



Fonte: Acervo Pessoal Auriele Pereira

Ao vaqueiro José Vieira dos Reis (Zé Pezão) também foi inquirido a respeito de como era a sua relação com a família, bem como, se os seus filhos quiseram seguir a profissão de

vaqueiro, como ele. O vaqueiro ao expressar, primeiramente, relatou sobre a relação com sua esposa, para logo em seguida, debruçar-se sobre a questão dos filhos:

*Ela me ajudou muito, os meninos era pequeno, mas ela toda vida gostou de trabaiá e economizar as coisas, uma coisa que se sobrase ela num estragava. Ela passava café, eu tirava o leite, ela frevia, ela fazia sempre cuscuz de madrugada, fazia um frito. A Terezinha quebrava côco, cuidava de casa, dos meninos, panhava legumes (arroz, feijão) deixava comida na roça. Ela muitas vezes deixava os meninos em casa e ia panhar arroz na roça. Ela me ajudou muito na roça. Se a gente tem uma coisinha hoje foi porque construímos juntos. Dois deles, o Edilson e o Francisquin, os outros não. Começaram desde pequeno. O Edilson começou a andar no campo meninote, e o Fransquin também. Já tenho três netos vaqueiros também, foi passando de geração em geração. Não é mais que nem antigamente, porque o gado era criado solto, mas eles de vez em quando ainda luta com um gadim e entende do negócio (Jose Vieira dos Reis, 2023).*

Este relato tem pontos bem interessantes a ser explorados. Entre eles o fato de que, como nos outros relatos, a relação de companheirismo entre esposa e marido, são bem significativas e expostas nas falas. Os vaqueiros fazem questão de deixar claro o papel de auxiliadoras que as mulheres possuíam, como também, o papel de donas de casa cuidando das crianças. Esse modelo familiar pertence ao modelo mais tradicional de culturas rurais, nos quais as mulheres têm um papel maior em atividades domésticas do que as das mulheres de áreas urbanas que costumam ter mais espaço em atividades fora de casa.

Quanto aos filhos, ele deixa claro que não foram todos que resolveram seguir a profissão, mas enfatiza que alguns dos netos estão dando continuidade. Ele atribui ainda que parte dos recursos que granjearam ao longo da vida se deve, em grande medida, ao fato de que sua esposa sabia controlar os ganhos familiares e com isto, foi possível adquirir alguns recursos.

Ao fazer menção ao fato de que os netos estão dando continuidade nas atividades relacionadas com a profissão do vaqueiro, o entrevistado expressa que seu legado está permanecendo vivo. Para os netos e demais descendentes do vaqueiro, conhecer o que os antepassados fizeram no que tange às práticas campeiras, é algo fundamental, pois, é gratificante dizerem que seus antepassados haviam sido vaqueiros, isso evoca uma espécie de tradição familiar:

É claro que é importante, para a construção da identidade do indivíduo, que ele conheça sua história familiar: quem foram e o que fizeram seus antepassados? Esse conhecimento permite que se situe no mundo e na história e que forme uma espécie de capital intelectual e afetivo, que pode carregar para novas relações (Alberti, 2006, p.4).

A identidade da cultura vaqueiral é ainda forte nas regiões sertânicas de Caxias em grande medida devido ao fato que, mesmo diante dos muitos impactos da cultura de massa oriundos do atual processo provado pela globalização, que se manifesta especialmente por meio do agronegócio e tecnologias que chegaram a campo, os membros familiares buscam manter algumas práticas e tradições e isto também tem relação com questões afetivas. A afetividade pelo passado dos familiares é algo ainda forte nessas famílias, pois, compreendem que parte do que são se deve diretamente ao que os seus antepassados fizeram enquanto vaqueiros, daí que valorizar esse legado seja algo de grande relevância.

O vaqueiro José da Silva Oliveira (Zezito), em sua fala, também apontou no sentido de que ele e sua esposa viviam em um ritmo de parceria. Sua fala deixa transparecer de forma muito clara tal afirmação: *“Nós era parceiro de convivência de casa, ela foi àquela mulher zelosa em casa, de cuidar da casa dos filhos, mas ela num tinha esse foco de acordar cedo pra fazer uma merenda pra mim, eu mesmo fazia meu cuscuz, eu deixava o café feito até mesmo pra ela tomar”* (José da Silva Oliveira, 2024).

Essas posturas de parceria presentes nas falas dos vaqueiros relacionam-se também com a forma que enxergavam o mundo no qual viviam, em que a esposa, embora tivesse papel muito bem definido dentro do casamento, em virtude das condições adversas sob as quais viviam, desempenhava funções importantes no cotidiano, de maneira que, o casal carecia de manter parcerias para que a sobrevivência familiar não fosse ameaçada ante as muitas dificuldades encontradas.

Tudo isso demonstra que a representatividade que muitas vezes é feita do vaqueiro como alguém que tem domínio total de tudo, como se fosse o patriarca que não depende do auxílio da mulher, nem sempre condiz com a realidade encontrada. Isso deve ao fato de que a representatividade apresenta múltiplas configurações, não podendo ser restritas a modos teóricos fechados (Pesavento, 2008).

É preciso que se tenha em mente que essa vida cheia de dificuldade, marcava todos os vaqueiros entrevistados, ou seja, não era algo exclusivo de um ou outro vaqueiro, e sim uma constante na vida de todos. Claro que alguns podem ter tido mais dificuldades do que outros, mas regra geral, a vida do vaqueiro era sempre muito penosa no que tange aos bens materiais e a lida causticante no campo.

As dificuldades em sustentar a família e mesmo conflitos com padrões ou de natureza familiar, podem ser vistos também como situações complexas da vida que igualmente exerceram impactos sobre suas vidas e daí que foi questionado aos vaqueiros aos momentos que eles lembram como sendo difíceis.

Os impactos que acometiam na vida dos vaqueiros resvalavam em sua família, nos filhos e na esposa, pois, enquanto principal provedor, muitas das dificuldades enfrentadas, estavam ligadas aos meios necessários para manter a alimentação e recursos básicos de que seus familiares necessitavam. Dentro dessa linha foi perguntado ao vaqueiro, Benedito Alves da Silva (Véi Dito), quais foram as maiores dificuldades enfrentadas por ele quando era vaqueiro e campeava o gado nas regiões sertânicas de Caxias. Para tal questionamento o vaqueiro assim se expressou:

*Cansei de sair cedo. 4h da manhã, chegava 07 da noite, 09h da noite. Uma vez eu saí daqui pra ir prum campo ali no Tambozin e aí eu achei o gado, e gado saiu correndo berando uma cerca velha e os caba tinha tirado um arame e eu num sabia, né? e nem minha burra deu fé, e aí a burra tropeçou num arame e caiu (**momento em que o vaqueiro chora durante a entrevista**) aí eu larguei meu braço, fui barrar em Teresina dessa vez, cheguei aqui era umas 09h, aí contei pro nego, com o braço na tipóia e fomos pra Teresina, tomei um banho, na hora que joguei água na minha cabeça, minha cara inchou, chega meus zói ficou fechado e o braço ficou um buraco. Meio dia a tarde tiramo pra Teresina, mas graças a Deus quando chegou lá ligeiro os médicos colocaram no lugar. Me recuperei bem, com a burra não teve nada, faz 15 anos que isso aconteceu (Benedito Alves da Silva, 2024).*

Esse tipo de situação narrada por ele são coisas comuns na vida do vaqueiro, pois, como já relatados nesse trabalho, os acidentes de trabalho são bastante frequentes, dadas as condições às quais estão, cotidianamente, submetidos. Pelo relato, verifica-se que o vaqueiro se emociona pelo que aconteceu consigo, mas também em virtude do que ocorreram com o animal, pois, a ligação do vaqueiro com o seu animal de montaria é bastante próxima, de modo que, o animal de montaria usado para campear o gado, passa ter importância como mais um membro do seio familiar.

Já para o vaqueiro, Francisco Dos Reis Bacelar, quando perguntado quais foram as maiores dificuldades enfrentadas por ele na época em que campeava o gado ele fez uma referência bem curiosa, pois, apontou o fato de que, em virtude de o gado ser criado solto, isso trazia dificuldades no sentido de que o gado poderia ir para longas distâncias e trazer uma série de situações dispendiosas para campeá-lo:

*Era muito dependioso, no tempo que existia gado solto, a gente saia daqui, eu e o tio José pra ir pra campo, quase perto de Caxias. A gente ia campear, se chamava campo, nesse tempo era campo porque tinha vaqueiro pra ir atrás de gado no mato, aí hoje não existe vaqueiro, tem quem cuida de gado, porque quem cuida do gado é preso. Naquele tempo dava trabai de manejar gado dentro de campo, agora é dentro de solta, o manejo é mais fácil. Mas, antes*

*era difícil, pegava uma rês, botava a careta, fora de hora. Às vezes num viajava, deixava piada num rolator pra ir buscar, cuidar de cavalo quando chegava em casa. Vaca paria no mato passava 05 dias caçando, às vezes tinha bicho. Passava muita fome, sair de um dia pro outro. A gente trazia maloca de gado pro curralo (Francisco Bacelar, 2024).*

O mais interessante desse relato é que ao mesmo tempo em que os vaqueiros apontam como sendo a criação extensiva do gado uma coisa positiva, no sentido de que nessa época havia de fato uma presença forte de toda uma tradição de vaqueiros, com muito gado na região, também, por meio deste relato, observa-se, os pontos negativos desse modelo de criação, pois, fazia com que os vaqueiros tivessem que percorrer longas distâncias em busca de pastagens mais abundantes.

Na busca para entender essas relações familiares dos vaqueiros e de como eram as dificuldades enfrentadas no dia a dia, as quais impactavam não apenas o vaqueiro, mas também, sua esposa e filhos levantaram-se ao vaqueiro José Vieira dos Reis (Zé peção) alguns questionamentos importantes no que tange a ele explicar quais seriam as suas maiores dificuldades quando foi vaqueiro ativo no labor campeiro. A respeito desta questão ele expressou que: *“Saia 01h, 2h da madrugada, dependia da distância do campo. Eu tinha que criar 08 gente, naquele tempo não tinha as bondade que tem hoje pra criar filho. Eu trabaiava muito e o lucro era pouco. Trabaiava de roça e era vaqueiro”* (José dos Reis, 2023).

Já o vaqueiro, José da Silva Oliveira (Zezito), ao ser inquirido sobre quais seriam suas maiores dificuldades enfrentadas quando ia para o campo lidar com o gado, apontou que:

*Passava muita sede, fome. Nunca saí da roça, ficava naquele vai e vem, entre o campo e a roça. Levantava cedo, às vezes levava pancada, se acidentava. Eu gostava de ir pra o campo sozinho, porque o vaqueiro sozinho é muito difícil ele botar uma rês no mato, se ele botar um cavalo que é competente, ele faz o serviço sozinho e é gostoso. Quando você pega e olha prum lado e outro e só ver a rês, o cavalo e o cachorro é uma satisfação que Deus lhe deu. O perigo é acidente (José da Silva Oliveira, 2024).*

A fala do vaqueiro revela as condições de pobreza em que vivia. É relevante considerar que o relato como o dele não é algo isolado, pois, de acordo com as informações presentes nas outras entrevistas, essas “denúncias” se repetem em depoimentos anteriormente expostos nesse estudo, pois, é verificado que as condições materiais às quais ele faz referência eram bastante desafiadoras e afetam grandemente suas vidas (Amorim; Fontineles; Nascimento, 2023).

É preciso apontar que mesmo o trabalho vaqueiral sendo bastante duro, o vaqueiro não dispunha de uma alimentação de qualidade e necessária para a recomposição dos recursos

nutricionais de que necessitava para manter seu corpo plenamente saudável. Muitos desses vaqueiros, mesmo dispondo de força física, dado os esforços diários, apresentavam envelhecimento aparente mais significativo do que pessoas que lidam com outros tipos de atividades menos puxadas e em condições menos degradantes.

Esse envelhecimento precoce tem relação com o trabalho duro e a quantidade de sol que eles recebem em seus corpos diariamente, sem o uso de protetor solar. No geral, as únicas formas de proteção aos intensos raios solares típicos de regiões equatoriais como é o caso das áreas sertânicas de Caxias – MA que os vaqueiros fazem uso, são os ternos (gibão) e chapéus. Essa indumentária não era útil apenas à proteção contra os raios solares, mas principalmente, contra espinhos e outros riscos típicos da atividade vaqueiral:

Campear o gado na caatinga cheia de galhos pontudos e espinhos de jurema é tarefa árdua, roupa própria que lhe dê condições de enfrentar a mata fechada. Esta vestimenta deve lhe servir como couraça ou armadura, uma espécie de proteção individual contra os acidentes de trabalho. A indumentária do vaqueiro nordestino, é caracterizado pela predominância do couro cru e curtido, geralmente, utilizando-se processos primitivos, o que o deixa da cor da ferrugem, flexível e macio, pois todo o pelo é retirado. Antigamente, quando ainda não existia a proibição à caça era usado o couro do veado catingueiro, mas por causa da proibição e quase extinção do animal o nosso vaqueiro passou a usar o couro do boi, do bode e do carneiro para fabricar sua roupa (Rocha, 2010, p.59).

Os meios de proteção dos vaqueiros contra o sol causticante da região sertânica caxiense ou mesmo contra outros riscos do campear o gado, revelam também as condições materiais às quais estavam submetidos, pois, muitos vaqueiros possuíam condições tão vulneráveis em termos financeiros que nem mesmo possuíam recursos para comprar as indumentárias de que necessitavam para campear o gado. Em alguns casos os patrões forneciam essas indumentárias, mas em muitos outros, cabia aos próprios vaqueiros o custeio delas.

A respeito dessas condições materiais relacionadas à vida dos vaqueiros, é preciso considerar também como eram construídas as casas dessas pessoas, pois, por meio das características de suas casas, revelam-se também os recursos que dispunham para suas moradias. Nesse sentido, pelo que se observou *in loco* a maioria das casas dos vaqueiros na atualidade é coberta de telha, porém, com paredes de taipa. Poucas são construídas de alvenaria (tijolos), mas, na imagem abaixo, verifica-se uma casa de taipa e coberta de palha de coco babaçu:

**Figura 18** - Vaqueiro da região sertânica caxiense no interior de sua casa



Fonte: Acervo pessoal Auriele Pereira.

No passado as estruturas dessas casas eram ainda mais precárias, pois, praticamente todas eram cobertas de palha e com madeiras oriundas da própria região, como por exemplo, o uso de carnaúba como parte da estrutura construída. Vale pontuar ainda, que em virtude de sua condição de empregado e devido às suas condições econômicas reais, os vaqueiros possuíam casas bem mais modestas quando comparadas às dos fazendeiros seus patrões. Essa realidade é verificada ao longo da história e pouca coisa mudou no decorrer do tempo:

Diferentemente das casas de fazendas, as casas dos vaqueiros eram casas de taipas ou barreadas e raramente de adobes. A sua arquitetura era de oitão e teto de apenas duas águas. Quando coberta de palhas, (carnaúbas ou babaçu) o que era comum nas casas dos vaqueiros piauienses e demais agregados da fazenda, as duas paredes de oitão tinham a mesma altura das paredes internas, ficando a descoberto os dois vãos das extremidades, em forma de triângulo. Esses vãos eram tampados com palhas, presas por baixo do teto, vindo a se apoiar à parede. A esse fechamento dá-se o nome de pestana (Rocha, 2010, p.32).

Veja que os formatos arquitetônicos das casas revelam como a divisão de classes se manifesta até mesmo nas paisagens humanizadas, pois, existe uma clara diferença entre a casa do patrão (fazendeiro) que é o detentor das terras e do gado e as residências dos vaqueiros (trabalhadores).

É preciso elencar ainda que nem sempre as casas dos vaqueiros pertenciam a eles, pois, em muitos casos, viviam nas dependências da fazenda, moravam em casas que pertenciam aos donos da terra. Muitas casas eram feitas em terras das fazendas e nelas os vaqueiros e suas famílias residiam.



A figura 19 em destaque a seguir, mostra um dos vaqueiros entrevistados em sua residência em um dos seus momentos de descanso:

**Figura 19** - Vaqueiro idoso em sua residência em um momento de descanso.



Fonte: Acervo pessoal Auriele Pereira

Essa distinção não revela apenas posições sociais, mas também as condições materiais que, em muitos aspectos, marginalizavam esses trabalhadores, econômica, social, culturalmente e até mesmo a abstenção de uma educação formal de qualidade, uma vez que, muitos vaqueiros, bem como, seus filhos, durante muito tempo, não possuíam os meios adequados de acessarem a educação regular de que todos necessitam para o pleno desenvolvimento como determina a Constituição Federal do Brasil de 1988. Só mais recentemente os habitantes têm tido maior acesso à educação pública de melhor qualidade, mas mesmo sendo considerado um avanço, ainda está muito longe daquilo que determina a Carta Magna (Brasil, 1988).

As condições socioeconômicas dos vaqueiros das regiões sertânicas de Caxias – MA, não são diferentes da maioria dos vaqueiros existentes no Nordeste. Tal afirmativa se baseia na literatura consultada, a qual demonstra que a despeito de singularidades, a vida do vaqueiro de uma forma geral, é muito modesta, sendo a invisibilidade de suas necessidades básicas uma constante em suas vidas cotidianas. A exploração econômica, as desigualdades e marginalização social são aspectos muito presentes na vida desses trabalhadores (Brito; Viana, 2016).

No que se refere à realidade do vaqueiro das áreas sertânicas caxienses, segundo os próprios relatos dos vaqueiros, essa situação se agravou com a chegada dos novos produtores rurais do agronegócio. O grau de precariedade de suas atividades se aprofundou e a



concentração fundiária e econômica vem se ampliando, tornando a região um verdadeiro espaço de aumento das desigualdades. Nesse cenário as famílias tendem a sofrer ainda mais com a problemática econômica e social.

Esse tópico procurar demonstrar as relações interpessoais dos vaqueiros e seu seio familiar. Claro, esse é um ponto complexo de se analisar e não é o foco principal deste trabalho, porém, considerou-se importante abordá-lo. No próximo tópico, porém, buscar-se-á considerar como bases fundamentais compreender as relações entre as tradições vaqueiras e as inovações advindas com a modernidade e compreender com essas duas instâncias interagem no cotidiano da realidade sertânica de Caxias – MA.

### 3.3 A buzina e o aboio

O atual processo de globalização pelo qual passa o mundo, assentado nos princípios ideológicos do *neoliberalismo* impõe seu poderio sobre as mais diversas realidades espaciais. Nesse sentido, é necessário considerar que os pressupostos da globalização atual estão diretamente ligados ao denominado Consenso de Washington o qual tem na pregação de um suposto *livre mercado* sua base mais profunda.

É importante considerar, que quando se foca nessa visão de mundo que prima à economia como sendo um valor de grande peso no contexto social desconsiderando as outras instancias sociais, admite-se que as concepções do *Consenso de Washington* entram em choque com a realidade do *Estado de Bem-estar Social* brasileiro, desenhado pela Constituição Federal de 1988, pois, os pressupostos desse *liberalismo* mais radical, tendem a ser incompatíveis com o que apregoa a *Carta Magna* brasileira:

O Consenso de Washington resumizou em 1989 diretrizes político-econômicas que já regiam a economia global desde a década de 1970 e que persistem até hoje, em maior ou menor grau, nos países em desenvolvimento. Tais diretrizes são incompatíveis com os fundamentos, fins e objetivos do Estado Democrático de Direito e do constitucionalismo contemporâneo. O Estado, contrariando o constitucionalismo democrático, tem operado segundo uma lógica de “socialização dos riscos e privatização das recompensas”. Preconiza-se o controle jurídico da economia de modo que o Estado passe a operar segundo uma lógica de distribuição proporcional dos riscos e benefícios e de inclusão social, em substituição à busca exclusiva por crescimento econômico, de modo a se realizarem as disposições constitucionais, no caso brasileiro, bem como o direito dos povos e do cidadão ao desenvolvimento, de modo global (Vasconcelos; Lipovetsky, 2021, p.132).

Este tipo de visão econômica está alicerçado no *capitalismo financeiro e monopolista* e tende a sobrepujar não apenas as economias nacionais - que se insurge contra seus desígnios

- ou mesmo que não resistam às suas investidas, mas também atentam contra os valores presentes nas *identidades culturais*, nas memórias coletivas e nas visões de mundo individuais – individualismo não no sentido neoliberal, mas na concepção da essência do ser -, uma vez que, o princípio basilar da *globalização* é a imposição de uma *cultura geral* calcada no chamado *homem-massa* como pensava o filósofo espanhol José Ortega y Gasset, ou seja, transformando as pessoas em meras repetidoras de visões e práticas culturais importadas, descaracterizando realidades típicas de dada região indo contras singularidades culturais tão comuns na vida vaqueiral (Gasset, 2015).

Esse *homem-massa* não se refere, de modo algum, ao povo num sentido estritamente econômico, classe social ou em termos de formação intelectual, pois, Gasset identifica esse *homem-massa* em todos os estratos da sociedade, de modo que, trazendo essa categoria analítica para o contexto da globalização, é possível compreender que o processo globalizante em curso, bem como, os princípios que o regem, tende a impor – pelos mais diferentes meios – visões de mundo em que o *homem-massa* se mostre presente no empresário, no homem, na mulher, no intelectual e no homem simples, pois, o *homem-massa* seria aquele ser deslocado da prática reflexiva, ancorado numa perspectiva de mundo que se notabiliza por ser *a-histórica* que não tem na cultura e na *identidade cultural*, sua base e isto em razão de que, despidos de uma cultura sólida, os indivíduos podem ser mais facilmente dominados pelo poder do grande capital (Axt, 2020).

Partindo desses pressupostos elencados anteriormente, este tópico trata de questões importantes relacionadas à vida de uma figura secular e de grande impacto para formação territorial e de cultura regional do país e que sempre esteve presente na realidade nacional, especialmente, no contexto do sertão nordestino, que é o vaqueiro. Para tanto, levando-se em conta o contexto atual de globalização, consideram-se, as inovações tecnológicas, inseridas no campo, bem como, as formas de resistências presentes e manifestas no cotidiano vaqueiral, como focos principais dessa parte do trabalho (Rocha, 2010).

A figura do vaqueiro é aqui analisada, como já afirmado antes, com foco na área sertânica de Caxias no estado do Maranhão, a partir de uma perspectiva em que se consideram aspectos relacionados às suas vivências, memórias coletivas e de que forma tudo isto se entrelaçou, historicamente, para que se estabelecesse uma *identidade cultural* capaz de resistir até mesmo às investidas do processo globalizante contemporâneo manifestado no neoliberalismo que se assenta nas postulações oriundas do Consenso de Washington como já elencado neste estudo (Naím, 2000).

A figura 20 a seguir é um exemplo claro do processo de mecanização do campo que é fruto da lógica capitalista neoliberal:

**Figura 20** - Maquinário trabalhando nos campos de monocultura



Fonte: Acervo pessoal Auriele Pereira.

Esse processo de globalização, como já foi referido, tende a massificar a cultura e suprimir as identidades culturais, de modo que, essa resistência da cultura do vaqueiro nordestino, do seu modo de enxergar o mundo frente ao contexto globalizador homogeneizado em curso, o qual tem no atual avanço do agronegócio na região Leste Maranhense – ancorado na alta tecnologia, concentração fundiária e produção voltada para as *commodities* - sua forma mais visível, mostra a força da cultura popular, da identidade cultural dos vaqueiros (Ferreira; Lima, 2023).

O vaqueiro, a despeito de sua importância secular até mesmo para a formação territorial, cultural e religiosa do Brasil, nem sempre tem sido tratado, pela historiografia nacional de uma forma adequada do ponto de vista *epistemológico* como já afirmado neste estudo, pois, em face da literatura disponível, ainda é preciso que esta figura histórica seja analisada com a devida consideração teórica que se exige de uma análise historiográfica consistente:

A historiografia mais tradicional que estudou o Maranhão colonial esteve fortemente influenciada por um movimento intelectual denominado de Atenas Maranhense – o qual visava à integração do Estado ao cenário nacional. Essa abordagem historiográfica era caracterizada pela exaltação e o orgulho na escrita da história, a qual estava centrada nos grandes acontecimentos ocorridos no litoral da Província. Nesse contexto, alguns autores destacavam como um dos principais temas mais discutidos por essa historiografia o advento da fundação francesa de São Luís. Como contraponto à extrema valorização do eixo litorâneo, a sede política e administrativa,

o urbano, o litoral, representados pela cidade de São Luís, a historiografia sobre os “sertões” do Maranhão e do Piauí, surgindo posteriormente, procurou valorizar a importância dessa outra realidade, até então, quase ignorada e que raramente aparecia nos escritos sobre a conquista, ocupação e colonização dessa região (Roland, 2018, p.34-35).

Perceber, portanto, o vaqueiro em suas complexidades socioculturais, sobretudo, considerando o passado e o presente, a partir de uma ótica em que se coloque em destaque aspectos fincados em suas memórias coletivas e a resistência de suas identidades culturais, em um mundo globalizado, é uma das fundamentais justificativas que embasaram a produção deste trabalho.

Nesse sentido, é relevante considerar que com base na pesquisa empreendida para a construção deste estudo, verificou-se, que não existem, na realidade da historiografia praticada na região Leste Maranhense, tantos trabalhos que abordem a questão do vaqueiro, sobretudo, por esse viés em que os aspectos da resistência cultural estejam em foco. Eis, portanto, uma das razões de buscar produzir este trabalho sob a ótica da História Cultural que é dá visibilidade a esta tão relevante figura da história do Brasil (Burke, 2005).

Ante a tais questões postas, fica evidente que, o processo de modernização no campo, fez com que mudanças importantes fossem introduzidas e com isto, diferentes aspectos da cultura do vaqueiro, foram impactadas, daí que a buzina e o aboio, título desse tópico, visa traduzir com fidelidade, como os sons, presentes nas paisagens sertânicas caxienses, sofreram modificações ao longo do tempo, pois, se antes se ouviam apenas o tilintar dos chocalhos do gado pastando nos campos e também dos aboios dos vaqueiros em sua lida cotidiana, ouvem-se, igualmente agora, as buzinas das motocicletas dos vaqueiros que fazem uso desse transporte para lidar com o gado durante o campeio vaqueiral:

Com o automóvel, o vaqueiro vai campear apenas as criações, acionando outro tipo de movimento, outra relação temporal, em outra condição produtiva e com outros animais que não o gado bovino. Se comparada com a clássica atividade de campear a cavalo (atrás de um boi), campear de moto, então, dá novos tons à lida (Pereira, 2017, p.127).

Observa-se que em face da citação acima deixar claro que o uso e, conseqüentemente, o impacto de automóveis no campear o gado, é possível afirmar, que as transformações advindas com a utilização de motocicletas e outros veículos na lida com o gado tende a influenciar os modos de muitos vaqueiros enxergarem que seus modos de trabalhar com o gado vêm sofrendo inovações que geram discussões até entre os próprios vaqueiros a respeito do que compreendem de fato sobre o que é ser vaqueiro, daí que, existe uma necessidade de definir o

que é ser vaqueiro no passado e também no presente.

Entendendo a necessidade e importância de tal questão levantou-se, ao vaqueiro Antônio José Ozorio, uma questão importante, saber, o que o referido entrevistado achava dos vaqueiros que saem para pegar boi de moto. Para tal questionamento assim ele respondeu:

*Rapaz, porque com meia hora ele vai lá e volta, resolve e se fosse de carralo cê ia sair daqui umas 4h da manhã, já estorano o tempo, ou 03 hora pra chegar lá 05h, aí campeia. Achava o bicho lá, aí umas 10h que ele se desocupava lá, aí ele via pra chegar aqui 1h ou 2h da tarde e na moto ele faz 1 h, em quanto ele faz em 10 h, na moto ele faz em 1h. pego aqui a moto, amunta e vai se embora, chegou aqui deixou a moto e vai fazer outra coisa. Aí ele num vai se preocupar em tirar capim pra cavalo, tirar a sela pra pegar um sol, e na moto não, é só encostar ela e só! Primêro tû tira a sela do cavalo 1h da manha, aí cê banha pra depois ir cumê alguma coisa, que durante o dia num come não e se você cume, você não vai mais fazer aquilo e tem muitos que quando chega, dá é lapada no cavalo, espanta, num tira nem a sela, o bixim que passou 18, 20 hora com a sela nas costa, num dá um caroço de mii pra ele cumer e quando dá no ôto dia, 6h da manha pega ele de novo, pra ir correr de novo no campo. É errado, um bom vaquêro num faz isso. Hoje num tem mais vaquêro preparado pra cima de boi valente, pro boi tá bem aculá e o caba partir pra cima dele, tem que pegar.. as vezes o boi matava cavalo com o chifi tinha experiência [...] (Antônio José Ozorio, 2018).*

É perceptível notar, pela fala do vaqueiro, que ele acredita que o uso das motocicletas para lidar com o gado, constitui-se, um meio bastante eficiente no sentido de redução de tempo no campear o gado, como também, diminuição de atividades atinentes ao mundo vaqueiral, como por exemplo, alimentar os cavalos, selá-los entre outros aspectos que tomariam mais tempo, mas que com a moto, isso não é necessário. Em sua fala não existe, pelo menos não de maneira clara, uma reprovação ao uso desse tipo de meio para lidar com o gado o que existe em verdade, é uma crítica aos vaqueiros que praticam maus-tratos aos animais.

Com base na literatura consultada, observa-se, porém, que a despeito da eficiência de lidar com o gado propiciado pelo uso das motocicletas, esse automóvel também traz em si uma série de limitações, que não existem quando se usa o cavalo para campear o gado no cotidiano vaqueiral. Essas limitações demonstram que a despeito das inovações existentes no campo a partir do uso das motocicletas, elas não conseguiram ainda, substituir, de maneira total, o uso dos cavalos e dos modos de campear o gado de outrora. Elas são em verdade mais um dos recursos utilizados no trabalho com o gado:

Se com a moto é possível apenas percorrer os campos, à procura do rebanho, a favor do tempo e com maior velocidade, é porque rebanhar e tanger (após percorrido os espaços e encontrados os bichos) se fortificam de duas maneiras, a escolher: ou na

habilidade do cavalo (na posição de cavaleiro) ou no caminhar do criador (hoje, quem sabe, na posição de motoqueiro). Então, cavalo e homem são os mais capacitados para exercer domínios sobre o rebanho, enquanto o automóvel, por outro lado, apesar de otimizar o tempo, favorecer as economias e a circulação pelo espaço, limitam as relações interespecíficas e interrompem o pastoreio (Pereira, 2017, p.127-128).

Pode se afirmar que o uso de motos para campear o gado nasce também da maior oferta e popularização desse meio de transporte. Que fique claro, porém, que o uso de motos para lidar com o gado, em sua grande maioria, é feito por vaqueiros mais jovens, pois, os mais velhos resistem, visto que, consideram que o “vaqueiro de verdade”, é aquele que faz uso do cavalo e da indumentária. Essa visão demonstra que o ser vaqueiro não é uma categoria estanque, haja vista que, existem diferentes percepções do que se entende por vaqueiro o que inclui aqueles vaqueiros mais tradicionais, os quais resistem à modernidade e os outros que aderem, de maneira mais intensa, a certos aspectos das inovações contemporâneas:

Verifiquei que ser vaqueiro suscitava uma rigidez conceitual, carregada de uma retórica da tradição que se propunha, desde um dos ângulos de onde eu olhava, totalizante e generalizadora, já que alguns interlocutores(as) recrutavam uma perspectiva histórica segundo a qual o vaqueiro que eu deveria pesquisar deveria ser o original, o autêntico, o verdadeiro. Paralelamente a isso, ser vaqueiro suscitava também uma elasticidade conceitual, ao serem trazidos outros referenciais que, durante a pesquisa de campo, implodiam a categoria investigada, que até então se pretendia totalizante e generalizante, em sentidos curiosamente contrários, ou então paralelos. Enfim, sentidos que não se imaginaria um dia existir. Justamente porque ser vaqueiro, em Floresta, evocava imediatamente refutações alheias de que é possível dialogar com alguém que talvez não seja tão vaqueiro assim o quanto ele aparenta ser ou dizem que ele é (Pereira, 2017, p.19).

Essa visão de que não existe apenas um tipo de vaqueiro gera um campo de forças dentro da própria categoria dos vaqueiros, pois, os mais antigos, ao defenderem suas tradições de maneira efusiva (o aboio), muitas vezes, não aceitam as inovações vindas com a modernidade, como por exemplo, o uso das motocicletas para lidar com o gado (a buzina) e isto gera conflitos intergeracionais.

Essa é uma questão importante, posto que, as culturas e os modos de vida tendem ao longo do tempo a passar por modificações inerentes ao próprio movimento da existência humana, mas que o mesmo ser humano que anseia e luta por mudanças, também é aquele ser que almeja manter certos modos de vida e de práticas sociais, daí que conciliar essas duas instâncias da vida torna-se uma tarefa complexa e, em muitos casos, inconciliável. Essas mudanças ocorridas no campo são frutos, como já referido neste trabalho, da globalização em curso.

**Figura 21** - Vaqueiro da região sertânica caxiense após a lida com gado



Fonte: Arquivo Pessoal Auriele Pereira

De acordo com o geógrafo brasileiro, Milton Santos, é possível perceber que a Globalização é resultante de um processo histórico de internacionalização do próprio capital: “A globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista. Para entendê-la, como, de resto, a qualquer fase da história, há dois elementos fundamentais a levar em conta: o estado das técnicas e o estado da política” (Santos, 2000, p. 12).

Não é, obviamente, pretensão deste estudo e nem deste tópico em específico, analisar questões ligadas diretamente à globalização, e sim apenas situar no seio deste fenômeno atual, o tema aqui debatido, para que com isto, seja possível entender de que maneira a chamada *cultura de massa*, bem como, as memórias coletivas e as *identidades culturais* são percebidas a partir do olhar historiográfico atual, pois, de acordo com as novas demandas da historiografia, é preciso enfrentar os desafios de uma análise histórica calcada nas práticas sociais que se manifestam através de suas representações diversas que no caso específico, tem na globalização um dos grandes motores da história contemporânea (Grinberg; Mauad, 2010).

Isto significa que o viés historiográfico aqui adotado está alicerçado nos pressupostos teóricos da História Cultural, por entender que essa abordagem se coaduna com os objetivos e com a problemática exposta e aqui defendida. É preciso enfatizar que, os pressupostos da História Cultural fornecem os elementos teórico-metodológicos analíticos necessários ao entendimento das representações e tradições culturais, sobretudo, quando se busca compreender elementos da cultura popular em suas essências e em suas relações dialéticas com outros

elementos da cultura geral e de massa frutos da globalização excludente que está em curso (Burke, 2005).

Os elementos alicerçados na história cultural nos direcionam para a categoria da memória, pois se compreende que as *memórias coletivas* podem ser definidas, de acordo com o sociólogo francês Maurice Halbwachs como uma categoria da historiografia que entende serem as lembranças algo que necessita de uma “comunidade afetiva” e cuja construção efetiva só se manifesta por meio do “convívio social”.

Isto significa que o indivíduo participa de dois tipos de memória: a coletiva e a individual, mas que dada às características inerentes à vida social, as memórias permanecem coletivas, visto que, os indivíduos por estarem inseridos em uma coletividade, mesmo quando se lembrando de eventos que ocorreram especificamente com eles, ainda assim estas memórias permanecem coletivas devido ao fato de que a memória individual é um ponto de vista relacionado à memória coletiva (Halbwachs, 1990).

Essas memórias coletivas, portanto, são construídas no decorrer do tempo e na convivência grupal nos seus diferentes níveis, indo desde sociedades mais complexas, até aquelas menos organizadas, mas que ainda assim formam uma coletividade repleta de simbologias, tradições e representações culturais, como é o caso, do grupo dos vaqueiros que além de formarem um grupo específico, estão inseridos em comunidades tradicionais rurais nas quais a oralidade e as diversas formas da tradição e cultura popular se fazem presentes e tendem a resistir ao processo de massificação hegemônica proporcionada por elementos da cultura de massa que carrega consigo condicionantes que desfazem ou desmontam pilares de uma cultura local e regional (Burke, 2005).

Nessa mesma direção, torna-se necessário igualmente entender aquilo que se convencionou a denominar *cultura de massa*, pois, no âmbito da globalização, tal termo reveste-se de aspectos tanto pejorativos como também explicativos da realidade contemporânea. Desta forma, do ponto de vista estritamente conceitual, pode-se entender a *cultura de massa* como sendo algo produzido pela indústria cultural capitalista com a intencionalidade de satisfazer demandas no campo da arte (Souza, 2010).

Tal explicação conceitual, porém, precisa ser acrescida de elementos antropológicos e sociológicos, pelos quais seja possível alargar o sentido desse termo, estendendo-o para os costumes, tradições e práticas representativas, importados de realidades culturais diversas, sobretudo, de países economicamente imperialistas, para as realidades nacionais com a intencionalidade de tornar hegemônicas as práticas culturais destes países e é nesse ponto que a globalização deixa de ser apenas econômica para invadir a seara da cultura. Essa massificação



da cultura dos países centrais, como todo o seu aparato midiático e propagandístico tende a impactar as diferentes realidades culturais, suprimindo em muitos casos, culturas e tradições seculares ou milenares, acusando-as de serem ultrapassadas ou sem valor (Souza 2010).

A cultura, obviamente, é alguma coisa fluida, que muda não sendo estática, porém, as mudanças que ocorrem podem ser orgânicas ou não. Isso significa que podem ocorrer por razões internas àquela sociedade ou grupo social ou podem ser impositivas como no caso da massificação da cultura via globalização que busca a homogeneização e que, muitas vezes, são estranhas e alheias àquela realidade onde, forçosamente, se inserem.

Os costumes e tradições revelam a realidade social de dada sociedade ou grupo social, do modo que, quando são impostos por outros grupos ou mesmo por forças ideológicas estranhas àquela realidade, constituem-se como uma espécie de colonialismo, visto que esse sistema, sempre buscou não apenas a tomada do território, mas o apagamento cultural das populações residentes nesses espaços (Thompson, 1998).

A identidade cultural é então, por assim dizer, a forma como determinadas sociedades ou grupos sociais são diferenciados uns dos outros a partir de seus valores, suas crenças, tradições, formas de se organizar, seus simbolismos entre inúmeros outros aspectos importantes. Um exemplo de identidade cultural é pensar na formação histórica do Brasil e observar como o povo brasileiro, com a sua miscigenação, possui as características étnicas contemporâneas que são bem distintas, mesmo vivendo em um mesmo território (Ortiz, 1994).

Nota-se, que na atualidade as questões que se relacionam às *memórias coletivas*, *cultura de massa* e *identidades culturais*, estão sendo foco de estudos em virtude de que, como já enfatizado, o advento da globalização tem provocado também um processo de massificação cultural, trazendo à baila a reintrodução, nos mais diferentes contextos culturais, daquele *homem-massa* de José Ortega y Gasset, ou seja, aquele ser alienado de sua cultura e que, por está alienada, constitui-se como sem história no sentido orgânico do termo, daí que a resistência dos vaqueiros à cultura de massa imposta pela globalização seja no que tange aos modos de vidas importados de outras realidades, seja no que se refere à linguagem, serem os meios encontrados por eles, para não serem *homens-massa* (Gasset, 2015).

O discurso da cultura de massa típica dos países imperialistas e com viés burguês, através de todo o seu aparato midiático e de propaganda, prega uma superioridade cultural com a intenção de suprimir culturas tradicionais e dominar econômica e culturalmente sociedades vistas como inferiores, bem como, os diversos grupos integrantes dela.

O grupo formado pelos vaqueiros ainda resiste, porém, se vê atingido por essa massificação e isto em virtude de que para muitos o termo *vaqueiro* nada mais tem a ver com a

realidade de outrora, tornando-se apenas um símbolo para ser aproveitado pela indústria musical de massa. Eis aí um exemplo de uma má compreensão dos reais significados e importância cultural desse grupo social que foi importante para desbravar o território brasileiro (Carvalho; Franklin, 2007).

Essa questão relativa às mudanças impostas pelo neoliberalismo ao campo tem demonstrado como essa globalização oriunda desse sistema é excludente e predatória, pois, os modos de vida da zona rural, que já eram difíceis em razão da concentração fundiária entre outras questões similares, tornaram-se ainda mais complexos dados aos processos de precarização e exploração do trabalho rural. Os vaqueiros, entre outros trabalhadores rurais, são vítimas dessa forma moderna de exploração a qual enxerga na destruição de direitos sociais, sua forma de reprodução e expansão:

Na era global contemporânea a exploração não é somente física, mas, sobretudo, psíquica, diante as novas relações de trabalho flexibilizadas e excludentes dos direitos trabalhistas conquistados há muitos anos no Brasil. Ademais, a sociedade de consumo coloca o trabalhador como principal vítima de permanentes desejos que o faz se sujeitar a condições e relações aviltantes para não ficar desempregado, uma vez que o desemprego tem sido o grande algoz que o exclui do mundo do consumo (Santos, 2008, p.9).

Muitos vaqueiros estão tendo que se submeter, em algum grau, a esse processo exploratório em virtude de suas condições socioeconômicas. Os modos de vida e de trabalho já eram duros e muito difíceis no passado, porém, além da dureza permanecer, passou a existir outros elementos que afetam o seu cotidiano laboral e existencial grandemente.

Entre esses elementos novos podem ser incluídos: a destruição da vegetação para o plantio dos grãos, o que fez afetar a criação do gado solto e impede os trabalhadores de terem acesso a frutos nativos, que antes eram mais abundantes; a maior concentração fundiária; a poluição de cursos d'água; o envenenamento de plantações de agricultura familiar devido ao uso de agrotóxicos das fazendas do entorno e relações de poder mais excludentes.

É preciso afirmar, no entanto, que mesmo sendo todas essas coisas prejudiciais aos vaqueiros e comunidades rurais em geral, eles acabam por se submeter em algum nível a tais meios de exploração devido às crises econômicas e de representatividade política pelas quais passam:

Em nome da crise estrutural do emprego, o empregador contemporâneo cria mecanismos de exploração eficazes para manter o trabalhador obediente e susceptível a precarização. Portanto, ironia ou não, a herança da precarização do trabalho livre no

Brasil permanece e se intensifica na crise contemporânea do capitalismo, com alguma variação na forma de exploração que só favorece ao capital (Santos, 2008, p.9).

Os trabalhadores rurais, muitas vezes, acabam por se sujeitar a trabalhos em condições indignas e isto em virtude de suas necessidades serem tamanhas que os fazem aceitar essas situações degradantes. Em tal cenário, aqueles que buscam resistir, muitas das vezes, são criticados, haja vista que, para muitos, o mais fácil é tentar se integrar a nova realidade, pois, acreditam que ela é irreversível.

Nesse sentido, muitos vaqueiros, buscam ao invés de manter suas tradições e práticas como eram antes, preferem, modernizá-las e adaptá-las aos novos tempos, pois, advogam que agindo assim, será mais fácil sobreviver nesse novo mundo, sem perder por completo suas tradições culturais. Os vaqueiros mais tradicionais, por sua vez, acreditam que essas concessões já são de fato a destruição da cultura vaqueiral raiz, sendo mais coerente a resistência efetiva do que a adaptação.

Entre essas adaptações, os novos vaqueiros, fazem uso das motocicletas como já referido antes, pois, creem que, ao invés de resistirem a tais mudanças, aceitar o uso desse tipo de veículo torna o trabalho na atualidade mais eficiente e não enxergam em tal ato, um abandono do que se entende por ser vaqueiro, apenas aceitam que existem mudanças que precisam ser acompanhadas:

O vaqueiro atualmente vincula-se a elementos que o constituem como sujeito moderno, inserido em seu tempo [...]. O vaqueiro não deixou de comprar a procura de sua boiada, muito menos de usar dos seus meios de expressão comunicativa com os animais, mas insere novos códigos de comunicação, que se torna viável uma vez que ao fazer uso de material tecnológico, que o serve tanto para o trabalho como para outras atividades, a exemplo da motocicleta (Brito; Viana, p.22-13).

É muito apropriado considerar que esse conflito intergeracional entre os vaqueiros que não veem problema no uso da moto para tocar o gado e aqueles que enxergam isso como um abandono das tradições, se insere no contexto de condições materiais, educacionais e históricas bem distintas, pois, os vaqueiros, objetos deste estudo, viviam sob condições materiais em que as tecnologias mais modernas de comunicação e transportes eram praticamente ausentes em sua realidade.

Por sua vez, os vaqueiros mais jovens vivem em um tempo em que a *internet* e o acesso a transportes motorizados tornaram-se mais comuns às classes mais pobres e isto em função do interesse do *capital* em expansão, de modo que, usar motocicletas para campear o gado, para estes novos vaqueiros, não se constitui, de forma alguma, em fim das tradições e sim apenas a

marcha natural da história. Desta forma, é possível afirmar, categoricamente, que as condições materiais de uma sociedade têm grande peso nos modos de como enxerga sua profissão e estabelece suas práticas sociais e tradições. No caso específico dos vaqueiros isso não seria diferente (Arantes, 1998).

Não se pode deixar de considerar que o capitalismo ao dividir a sociedade em classes, também é responsável por subdividir essas classes em grupos menores os quais, muitas vezes, se antagonizam dentro de sua própria classe, ou seja, os grupos pertencentes à mesma classe social, no caso, a classe dos trabalhadores, podem ainda se dividir em trabalhadores urbanos, rurais e continuar a se dividir entre trabalhadores que lidam com a agricultura, extrativismo e também pecuária e dentre desse subgrupo de trabalhadores rurais os vaqueiros ainda podem se antagonizar em razão de seus interesses. Essa divisão inerente ao modo de produção capitalista faz com que, longe de criar uma diversidade benéfica, cria desigualdades atroz que muito prejudica a sociedade e tenta silenciar as culturas consideradas subalternas:

O capitalismo dividiu a sociedade em classes: operário e patrão, pobre e rico, opressor e oprimido e assim a cultura também se dividiu conceitualmente entre cultura popular e erudita. A cultura dos subalternos, geralmente, não tem destaque porque não gera lucros e passou a ser tratada como manifestação folclórica ou superstições pelo discurso dominante. Essa estratégia de dominação do outro é eficaz na medida em que promove a desvalorização das tradições de sociedades iletradas e pré-capitalistas. Assim, as classes populares vão perdendo sua identidade, ressaltando que a valorização cultural contribui para a formação do Eu e do senso de pertencimento espacial (Azevedo; Silva, 2023, p.15).

Muitos dos vaqueiros mais velhos enxergam que as *tecnologias modernas* podem ser aproveitadas, desde que não sejam utilizadas como meios que visam apagar as tradições e modos de vida já existentes. O problema é que, segundo eles, o avanço do agronegócio e dos modos de produção inerentes ao capitalismo, em sua versão neoliberal, tem destruído, gradativamente, os modos de vida das comunidades rurais das regiões sertânicas de Caxias – MA, pois, a agricultura e pecuária de base familiar têm sido afetadas pela grande lavoura de monocultura, como também, as tradições dos vaqueiros, sua linguagem, suas festas entre outras manifestações, tem sofrido com críticas de que precisa se modernizar.

Os vaqueiros mais velhos acreditam que longe de modernizar como querem muitos dos representantes mais jovens e grupos dominantes, o que se precisa é resgatar práticas que se perderam com o tempo e fortalecer as que ainda se mantêm vivas, pois, para eles a cultura do vaqueiro além de rica e relevante, é fruto de uma grandiosa tradição nordestina que precisa ser mantida, visto que, ela explica em grande medida o que é ser nordestino:

Ser vaqueiro, portanto, inclui fazer parte de uma respeitada tradição nordestina decantada em poesia, prosa e músicas. O indivíduo que se arvora dessa alcunha e não é bem-sucedido durante o rito da marcação do gado, perde o respeito perante aos demais em relação a sua masculinidade. Tal sujeito, quando consegue escapar ileso das lides com vacas, touros, bezerros e bois enfurecidos devido à dor causada pela queimadura de um ferro em brasa, demonstra que é um “cabra macho” (Azevedo; Silva, 2023, p.21).

Isso significa que uma das razões da resistência dos vaqueiros mais velhos em relação aos modos de se entender e praticar o campear o gado, utilizado motos ou mesmo fazendo uso de outros recursos que possam ajudar na lida com o gado, é o fato de que ao fazer isso, segundo eles, dilui não apenas a tradição, mas, uma virilidade tão apregoada pelos vaqueiros, ou seja, o vaqueiro valente, herói dos sertões, precisa demonstrar que sabe domar um cavalo, que é capaz de entrar na “unha de gato”, na caatinga e domar o gado e assim provar para todos que é vaqueiro afamado, pois, do contrário, mesmo que, ao utilizar as motocicletas, tenha eficiência em seu trabalho, não logrará êxito no que tange ao simbolismo inerente à sua profissão (Alves, 2019).

Outra coisa que tem se perdido com a introdução dos elementos culturais da modernidade é a valorização dos cânticos ligados ao mundo dos vaqueiros, os famosos, aboios. Se antes os aboios seriam o que dava a tônica no ambiente campeiro, na atualidade eles têm diminuído bastante, dando lugar às buzinas das motocicletas.

Os aboios são uma típica arte ligada aos vaqueiros e que trazem emoção, sentimentos, lembranças e são um material importante para a memória dos vaqueiros, pois, ao entoá-los, os vaqueiros estão a demonstrar quão ligados estão a este universo. Os aboios junto com as indumentárias, as práticas campeiras, a religiosidade e toda a linguagem e modos de enxergar o mundo, fazem do universo do vaqueiro, um mundo a parte, possuindo uma cultura bastante cristalizada:

O enredo dos aboios geralmente são histórias do cotidiano que mostram o cenário do trabalho pastoril. Cascudo explica que o sertanejo ama as histórias dos bichos, macacos, camaleões, tamanduás, raposas, preás, vinte outros, falando governando, discutindo, casando, brigando como homens [...]. Os aboios, ainda segundo o folclorista, são cantos em versos provavelmente de origem moura, berbere, da África setentrional, e que vieram para o Brasil possivelmente da Ilha da Madeira. A necessidade de criar essa forma de canto foi justamente para ajudar na condução do gado até os currais e também na interação entre os vaqueiros. O aboio é um entoar lento e de poucos fonemas que são preenchidos por pequenas expressões cantadas lentamente por uma voz encorpada e alta como: Ô boi, Ê Gado manso; Fasta pra lá boi (Torres, 2016, p. 50).

Esses aboios são típicos das tradições vaqueiras e além de expressarem todo o lado

sentimental ligado ao mundo dos vaqueiros, como também, de serem úteis no tocar o gado, realizam-se por meio da linguagem peculiar dos vaqueiros. Os termos e sonoridades emitidas são reconhecidos por aqueles que são vaqueiros ou que convivem com estes. Ademais, por meio dos aboios, os vaqueiros que os entoam, também demonstram sua religiosidade, pois, a religião também costuma ser tema dos cânticos e como se sabe, a religiosidade é uma parte muito importante na vida dos vaqueiros.

Os vaqueiros, sobretudo, os mais antigos atribuem muito dos seus feitos mais audaciosos ao grau de sua fé. São muito comuns, em diversas partes do Nordeste, as famosas missas dos vaqueiros, como também são comuns às procissões em que os vaqueiros tomam parte.

Essa religiosidade, porém, como já referido neste estudo, parte de bases bastante sincréticas, pois, mesmo existindo uma predominância do catolicismo, este não é um catolicismo imune às influências de outras tradições religiosas, como por exemplo, as de matrizes africanas. A mistura do catolicismo e outras tradições religiosas que se desenvolveram no país ao longo do tempo, especialmente, as mais ligadas ao mundo rural, também são parte importante dos temas dos aboios e da vida dos vaqueiros como um todo:

A religiosidade no meio dos vaqueiros é forte. Os ritos realizados antes de uma “pega de boi” são comuns e reúnem todos os vaqueiros presentes. As rezas do “pai nosso” e “ave maria” estão presentes no cotidiano desses sertanejos. A fé no ambiente sertanejo é frequente e latente, onde esses vaqueiros agradecem constantemente a Deus pela oportunidade de estarem campeando (Ferreira; Lima, 2023, p.14).

Uma das formas que a cultura do vaqueiro tem se mantido, mesmo que não com a pureza que desejam muitos dos vaqueiros entrevistados, é pelas práticas ligadas a pega do boi no mato e em muitas festas que tem na temática do vaqueiro sua base. Essas são manifestações que buscam manter vivas as tradições, ao mesmo tempo em que, abrem espaço para inovações típicas do mundo atual.

A musicalidade é um dos pontos altos desse novo contexto, pois, as músicas, buscam ter como temática o universo do vaqueiro, porém, com um toque voltado à ostentação dessa prática o que para muitos descrevem um universo idealizado, pois, a vida do vaqueiro é bem mais dura e cheia de dificuldades do que demonstram as músicas. Em verdade esses “vaqueiros de festas” como são pejorativamente denominados, muitas vezes, nem mesmo moram nas áreas rurais, apenas gostam do mundo vaqueiral naquilo que o encaram como esporte ou momentos de prazer, não teriam o mesmo entusiasmo para lida diária com o gado no campo:

A cultura do vaqueiro e sua identidade, diante das transformações tecnológicas e do desenvolvimento urbano, resistem, encontrando seu espaço nessa urbe em festas de vaquejadas e procissões, concentrando um público diversificado: os vaqueiros do campo, os praticantes do “esporte”, e sujeitos que se identificam e encontram nessas representações a sua tradição (Ferreira; Lima, 2023, p.8).

Independente dos motivos que levam essas pessoas a se ligarem ao universo vaqueiral, fato é que elas contribuem para que a cultura dos vaqueiros se mantenha viva, mesmo que, com certas concessões como já referido nesse estudo.

Manter as tradições dos vaqueiros e as passar para as próximas gerações é que desejam os vaqueiros entrevistados, porém, por suas falas, eles acreditam que nos próximos anos a tendência é que essas tradições e cultura desaparecerão tendo em vista que os jovens cada vez menos se interessam pelo modo de vida dos vaqueiros. Essa nova geração dá importância maior apenas para ao lado da cultura de massa a qual pega elementos do mundo vaqueiral e transforma-os em produtos que podem ser comercializados, tendo na música o grande veículo de propagação destes produtos que são esteticamente ligados ao mundo dos vaqueiros, mas que em substância, segundo os próprios vaqueiros, estão distantes desse universo.

Essa questão existe em virtude de que o entendimento do que seja memória coletiva, cultura de massa e identidade cultural, permitir que se avance na discussão com a qual possa se diferenciar aquilo que se concebe como tradições do universo vaqueiral e inovações vinculadas a este universo que surgiram a partir da influência da globalização.

Nesse diapasão é válido enfatizar que o processo de construção da *identidade cultural* não se dá no vácuo, pois, é fruto dos processos históricos, sociais, econômicos e das múltiplas relações de um povo as quais podem ser demarcadas no tempo e espaço e que tem complexidades variadas. Tais constatações se devem pela própria natureza do que se entende, antropologicamente e historicamente, por cultura (Canclini, 1999).

Pode-se afirmar, portanto, que as tradições e os costumes, vão se formando ao longo do tempo e são aceitos pela continuidade e receptividade daqueles que os praticam, pois, existem práticas sociais que não se tornam costumes por inúmeras razões, ao passo que outras se tornam e são perpetuadas ao longo do tempo, inserindo-se no seio cultural tornando-se, inclusive, um traço da identidade cultural de dada sociedade ou grupo social (Thompson, 1998).

Os vaqueiros da área sertânica de Caxias-MA, a despeito de manterem contato com os objetos da modernidade, com as novas tecnologias que adentraram os espaços rurais não apenas deste município maranhense, mas de muitos outros pelo Brasil, procuram; sobretudo, aqueles de mais idade, manter as tradições que os distinguem de outros grupos sociais presentes na região rural em que os povoados que fazem parte do recorte temporal deste estudo se encontram.

Entre as tradições podem ser referidas as que se relacionam às histórias folclóricas típicas da vida no campo no tocante à lida com o gado; as cantigas que são passadas de pai para filho; os cuidados com os animais e consigo na labuta diária; as vestimentas típicas do labor; a alimentação e os segredos da *medicina popular* para cuidar de possíveis problemas surgidos no trabalho, bem com, as crenças religiosas, rezas poderosas; os rituais de iniciação, despedida e as lendas que sempre fazem parte dos seus imaginários. Tudo isso é parte da cultura tradicional do vaqueiro e que eles procuram manter (Rocha, 2010).

As vivências em grupo fizeram com que, ao longo dos anos, das décadas e até mesmo dos séculos, os vaqueiros construíssem uma série de costumes, práticas e representações simbólicas que os distinguem, em grande medida, de outros grupos presentes na cultura popular das áreas rurais e que nos últimos anos, pensando a região sertânica de Caxias – MA, tem se vista ameaçada.

Existe toda uma construção imagética desta figura, especialmente, em se tratando da região Nordeste. Essa construção se manifesta especialmente na arte popular: na literatura de cordel, na música folclórica, nas danças e em muitas formas de cultura oral e isto por conta de os vaqueiros terem sido, entre outras coisas, desbravadores desse sertão (Carvalho, 2007).

Para abarcar esse complexo e extenso universo dos vaqueiros, utiliza-se de metodologias em que a oralidade e o uso das memórias, tornam-se fontes imprescindíveis para o entendimento dos muitos aspectos que se deseja entender. Assim, quando se trata das memórias coletivas, entende-se que elas contribuem para que os vaqueiros se percebam inseridos em algo maior, ou seja, num grupo tradicional que tem história e que, portanto, tem importância para a realidade social da qual fazem parte. Essa constatação faz com que eles compreendam a relevância do sentimento de pertencimento ao lugar onde vivem como também a necessidade da valorização do seu labor como sendo algo que vai muito além da simples manutenção da sobrevivência (Catroga, 2001).

Esse sentimento faz com que os vaqueiros enxerguem na verdade um sentido de existir, pois, essas memórias coletivas, mantém vivas as identidades culturais, posto que, os sentimentos fundamentais que consagram a razão e a importância do pertencimento são a base para se preservar uma expressão cultural, seja ela tradicional ou não e nesse sentido, a memória desempenha papel fundamental: “A memória é instância construtora e solidificadora de identidades, sua expressão coletiva também atua como instrumento e objeto de poder (res), quer mediante a seleção do que se recorda, quer do que, consciente, se silencia” (Catroga, 2001, p. 55).



Recorrendo novamente aos pressupostos teóricos de Halbwachs (1990), é possível perceber que as histórias individuais dos vaqueiros que atuam na área sertânica de Caxias-MA, as suas memórias individuais para ser mais preciso, são filtradas a partir do imaginário coletivo, ou seja, da memória coletiva, uma vez que, estas experiências têm relação com o grupo social, seja pelas práticas e representações, seja pela interpretação dada a estas práticas e memórias de seus cotidianos.

Na visão de Tapety, (2007, p. 13): “A memória se coloca como elemento constituinte do sentimento de identidade, pela sua importância no sentimento de continuidade e coerência, de uma pessoa ou de um grupo na construção de si”. Isto significa que sem a *memória* o indivíduo não seria capaz de compreender o sentimento de pertencimento e, portanto, não se construiriam as *identidades culturais* que os coloca como constituintes de uma realidade espacial, histórica e cultural, como por exemplo, a dos vaqueiros que são o foco deste estudo:

A cultura do vaqueiro foi atravessada ao longo dos séculos por transformações externas e internas. As mudanças sociais, políticas e econômicas advindas do processo acelerado da globalização e do capitalismo conduziram os sujeitos imersos nessa cultura a enveredarem por novos caminhos. Sucede-se, assim, uma pluralização das representações e identidades; por meio de tal processo globalizante, essa cultura se mantém vivaz, adaptando-se a esse tempo e às metamorfoses dos sujeitos que o experienciam (Ferreira; Lima, 2023, p.8).

Esse processo faz com que as culturas sofram metamorfoses, sem, contudo, serem extintas totalmente. Segundo o antropólogo norte-americano, Roy Wagner, experienciar o mundo é inventá-lo, o que significa basicamente que o ser humano é uma espécie de máquina de símbolos que opera através de uma dialética na qual não existe síntese. A cultura seria nessa perspectiva, modo predominante entre as populações que habitam o Ocidente e está alicerçada nas regras, nos valores, como também, nas representações artificialmente estabelecidas e, portanto, inerentes às mudanças (Wagner, 2010).

O Brasil, dada a sua colonização por um país Ocidental e por outras razões de localização geográfica, como também, por fatores de natureza histórica e cultural, enquadra-se como um país Ocidental, muito embora, não esteja no que poderia ser encarado como “país Ocidental de primeira linha”, sendo essa “categoria” composta pelos países europeus, além de Estados Unidos, Canadá, Austrália e Nova Zelândia que possuem uma cultura com maior semelhança entre si. Ainda assim, o Brasil recebe essa influência da cultura Ocidental, especialmente de matriz europeia e norte-americana, de maneira que, as noções de indivíduo,

de grupo e sociedade, como também, os laços culturais, ideias de pertencimento, de nação e vínculos linguísticos são aspectos importantes ao brasileiro (Ortiz, 1994).

Quando se traz isso para as questões que envolvem as *identidades culturais*, sobretudo no que tange à resistência da cultura tradicional dos vaqueiros frente ao processo de globalização em curso, tem-se uma ideia importante de como a cultura exerce poder sobre um povo, de modo que, de forma alguma essa instância deve ser desconsiderada em análises históricas robustas teoricamente (Williams, 2011).

Em razão do processo de globalização, o mundo tem passado por inúmeras transformações, porém, existem forças que coexistem no espaço geográfico e que são percebidas no tempo, seja a nível local, regional ou global, tais forças fazem com que mesmo sendo poderosos os mecanismos que operam a globalização, eles não são suficientes para suprimir de forma total as *identidades culturais* de um dado grupo tradicional como é o caso dos vaqueiros que atuam nas regiões sertânicas da cidade de Caxias – MA e isto se deve ao sentimento de pertencimento (Canclini, 1999).

Já foi destacado nesse estudo o papel representado pelas *memórias coletivas* e de como elas são importantes *enquanto categorias* de análises históricas, como ainda para criação/manutenção das *identidades culturais*. Ficou claro que os indivíduos percebem o mundo, tem a memória individual, mas que estas não deixam de serem igualmente memórias coletivas, visto que, os indivíduos estão/pertencem a uma coletividade social, histórica e geograficamente localizada (Elias, 1994).

Isto, de modo algum, pode ser entendido como a supressão do indivíduo pela coletividade, pois, a coletividade só existe em razão da junção dos indivíduos. O que se pontua é, tão somente, que a história de todos está em íntima relação com o meio social, ou seja, que não se podem pensar os indivíduos sem considerar as suas múltiplas e, por vezes complexas, relações coletivas e históricas com os entes do passado e do presente. E pensar a cultura em geral e, mais especificamente, o sentido de *identidade cultural*, é justamente isto, pensar os indivíduos em grupo, em coletividade ao longo do passar do tempo histórico, daí que pensar os vaqueiros e seu universo é entendê-los dentro da coletividade da qual eles pertencem (Williams, 2011).

A resistência dos vaqueiros ou de qualquer outro grupo tradicional no tocante às investidas da globalização que visa suprimir sua cultura, seus costumes, seus modos de vida, se deve ao fato de que as suas *práticas sociais* e suas *representações simbólicas* estão de tal modo arraigadas em seu imaginário e cotidiano, que abandoná-las implicaria não se reconhecerem mais enquanto indivíduos pertencentes aquele mundo, historicamente criado, daí que eles

brigam pela valorização da sua cultura e procuram repassar aos mais jovens, através da oralidade e vivências, o que entendem ser de fato vaqueiro (Rocha, 2010).

Para Milton Santos, o processo da globalização, para a maior parte da humanidade, tem direta ou indiretamente, influência no tocante aos aspectos da existência, porém, isso não significa que os indivíduos ou mesmo grupos sociais são igualmente atingidos e isto devido à diversidade de pessoas e de lugares. Assim, segundo o eminente geógrafo, a globalização atinge as pessoas e os lugares de modos diferentes, pois, nos países periféricos, ela tende a suprimir as classes mais populares e concentrar renda, daí ele falar na importância de se buscar outra globalização a qual fosse pautada no humanismo e não na lógica do lucro feroz que para ele era o grande fundamentalismo da globalização em curso (Santos, 2000).

A forma como os vaqueiros procuram resistir aos impactos da globalização na sua cultural tradicional, preservando as suas identidades culturais, não é se opondo de forma intransigente às novas tecnologias ou mesmo se fechando para novas culturas, mas sim procurando aprender com o novo, sem abandonar aquilo que os distingue dos demais grupos ou indivíduos (Silva, 2010).

Essa resistência em verdade se manifesta na busca por mostrar aos mais jovens que um povo que desconhece suas raízes históricas e que despreza sua própria cultura tende a ser dominado por aqueles que querem impor os seus próprios valores, tradições e culturas e isto pelo simples fato de que todos os povos possuem culturas e as querem manter, ou seja, quando determinado grupo deseja suprimir a cultura de outro, ele não o faz com a intencionalidade de destruir a cultura em si, mas com o desejo de impor a sua, seja de forma agressiva ou processual ao longo do tempo. Preservar então a cultura dos vaqueiros é condição de continuarem a existirem enquanto grupo social (Rocha, 2010).

Dessa forma, os vaqueiros, especialmente os mais velhos, acreditam que manter as tradições seja algo de extremo valor, pois, elas não se vinculam apenas à saudade ou ao saudosismo, mas de fato constituem-se parte do que eles e seus descendentes são enquanto atores sociais. Desta forma, vale pontuar, que os vaqueiros ao estarem investidos de suas indumentárias e forjados na lida com o gado, eles demonstram que isso para eles não é apenas um trabalho, mas também um sentido de existência, pois, essa indumentária faz com que demonstre os traços de sua cultura vaqueiral de base familiar:

Vestindo seu terno de couro, o vaqueiro traz em suas práticas alguns traços da tradição cultural e familiar, ainda que revele determinadas rupturas com a lida do gado na contemporaneidade. Desde a segunda metade do século XX, registra-se que o vaqueiro não mais necessita de estar na mata, montado a cavalo, passando vários dias

recluso à procura do gado, criado solto em grandes extensões de terra como nos séculos anteriores. As propriedades ganadeiras, já há algum tempo, funcionam com uma dinâmica diferente no Piauí (Ferreira; Lima, 2023, p.3).

A modernidade, portanto, mesmo com todas as suas investidas ainda não conseguiu destruir a cultura do vaqueiro e dada à superficialidade de elementos e práticas da cultura de massa, há uma busca constante daqueles que amam a cultura vaqueiral, de mantê-la viva, mesmo que isso signifique realizar sacrifícios, por vezes, hercúleos dado que no mundo atual as novas gerações nem sempre acreditam ser relevantes manter muitas das tradições.

Ficou evidente, por meio deste tópico que o processo de globalização tem se notabilizado como um fenômeno importante no tocante aos impactos não apenas na economia, política, comunicação, mas também no que se refere às questões de natureza cultural, pois, ela tende interferir de forma significativa também nessa seara.

Por meio de vários autores foi possível analisar questões relacionadas ao vaqueiro e suas identidades culturais a partir do entendimento dos conceitos de memórias coletivas e cultura de massa, de modo que, o tópico demonstrou como as memórias coletivas interferem nas percepções individuais e contribuem, decisivamente, para a construção dos sentimentos de pertencimento e, portanto, das identidades culturais dos vaqueiros e que isto é a razão pela qual, mesmo diante dos avanços da globalização e tudo que vem com ela, a cultura do vaqueiro consegue resistir dado que a os valores e os laços da tradição, relacionados com as práticas sociais e representações dos vaqueiros, constituem-se, como extremamente fortes (Ferreira; Lima, 2023).

Os vaqueiros são um grupo ainda marginalizado, pois, embora seja importante para a formação territorial e cultural do país nem sempre a historiografia deu a devida importância acadêmica para esta figura, de forma que, é preciso desenvolver pesquisas que sejam capazes de produzir arcabouço teórico pelo qual seja possível situá-lo historicamente e entender a extensão de sua importância e de sua cultura no imaginário nacional, daí que este trabalho com foco na realidade sertânica de Caxias – MA, se insere como relevante.

A figura 22 em destaque abaixo mostra um vaqueiro idoso na região sertânica caxiense. Tal imagem aliada aos relatos apontam quão apegados os vaqueiros mais velhos ainda são com o campo. Muitos deles não conseguem mais, dada à idade, campear o gado como antes, mas ainda assim, são apegados com os animais quando eles estão nos currais:

**Figura 22** - Vaqueiro idoso da região sertânica de Caixas-MA junto ao seu gado



Fonte: Acervo pessoal Auriele Pereira.

Embora alguns vaqueiros (os jovens vaqueiros) compreendam que a preservação dos seus valores, costumes e identidades culturais sejam importantes, acreditam que eles não podem ser vistos como meio para se fecharem ao mundo moderno e suas tecnologias e sim, ao mesmo tempo em que fazem uso dos bens da modernidade, não abandonam aquilo que os distingue enquanto indivíduos e coletividade. Outros jovens, porém, mesmo tendo vivido nesse universo buscam afastar-se deles. Já os mais velhos costumam serem os mais ortodoxos na preservação das tradições vinculadas à vida campeira.

Desta maneira, vê-se que o uso do celular e da internet, por exemplo, tem sido verificado para muitos vaqueiros deste espaço/lugar como meio de preservar as cantigas, as histórias, como também, demonstrar o cotidiano relacionado às vivências dos vaqueiros entre outras questões pertencentes ao universo vivencial desta figura histórica.

Isto é interessante ser destacado tendo em vista que, durante muito tempo, a figura do vaqueiro, quando retratada seja no cinema, livros ou em obras acadêmicas e literárias, tinha como tendência destacar apenas a percepção/olhar daquele que analisava o vaqueiro e agora, com o advento e o uso das tecnologias modernas, porém, o próprio sertanejo se coloca como construtor da sua imagem, de como ele quer ser enxergado e não mais limitado à forma de como o cinema ou outros meios de comunicação o enxergam e o representam.

Por fim, destaca-se que definir o que é o “verdadeiro vaqueiro” é tarefa árdua, pois, se considerar que para ser vaqueiro o indivíduo, necessariamente, tem que seguir à risca todas as tradições dos antigos modos campeiros, então, na atualidade, poucos se enquadrariam nesse

perfil. Por sua vez, se for levado em conta que, dada as mudanças na sociedade, com o advento da globalização, a vida no campo também mudou, o que passa a ser entendido por vaqueiro tende a se alargar, visto que, nessa categoria entraria também aqueles vaqueiros que fazem uso das motocicletas, que para os puristas, não se enquadrariam, exatamente nessa categoria de vaqueiro.

O uso das tecnologias modernas seja para cuidar do gado ou mesmo para divulgar as tradições culturais do vaqueiro é uma realidade atual e que não pode ser ignorada. A partir disso tem havido maior interesse de pessoas alheias à vida vaqueiral buscando entender o universo do vaqueiro, de modo que, a despeito das resistências e, por vezes, críticas dos mais antigos vaqueiros, fato é, que a buzina e o aboio estão cada vez mais andando juntos.

A modernidade é, portanto, uma realidade, como também o é, a resistência dos vaqueiros. Não se busca um saudosismo de um tempo que não volta mais, mas sim, aproveitar os equipamentos criados pela modernidade para facilitar a vida, ao mesmo tempo em que, se preserve a cultura naquilo que é mais relevante. Essa é uma das questões mais difíceis, porém, de acordo com o que se abstrai dos relatos dos vaqueiros não é impossível.

No último tópico deste capítulo serão abordadas as questões relacionadas com a modernidade no campo e como esse processo tem afetado a região sertânica de Caxias – MA, no que tange aos aspectos ambientais e atividades laborais dos vaqueiros e como estes trabalhadores percebem tais impactos no seu cotidiano, ou seja, quais as percepções dos mesmos a respeito dos impactos ambientais, econômicos, políticos, sociais e sobre os modos de vidas das comunidades, considerando de que modo tais intervenções motivadas pelo agronegócio tendem a afetar suas culturas tradicionais.

### **3.4 Modernização do/no campo: a percepção dos vaqueiros e os impactos socioambientais nas atividades laborais**

Quando se estuda, historicamente, o fenômeno de modernização, seja no campo ou na cidade, bem como, nas relações sociais, econômicas e políticas em geral, é muito comum, que os historiadores desenvolvam dois tipos de sentimentos que são antagônicos e mesmo radicais. O primeiro é aquele que advoga a ideia de que a modernização é extremamente benéfica, fazendo parte, portanto, da marcha natural da história e o segundo tipo de sentimento é relacionado com os que enxergam sempre esse fenômeno como algo negativo, a ponto de cultuar realidades históricas distantes como sendo uma “idade de ouro”, sendo nesta última visão, a modernidade em curso como um período de degradação.

Para não cair em tal visão maniqueísta e por isso mesmo reducionista, é que se abordará, no presente tópico, a modernidade como sendo um *fenômeno social* que ocorre a partir de uma série de condicionantes históricos, sociais, políticos, econômicos e culturais, mas que não pode ser enxergado como um fenômeno simples, linear ou mesmo a partir do estabelecimento de juízos de valor rasos, mas sim que ela deve ser observada a partir de posturas que a enxerguem com a complexidade devida.

Com tal posicionamento teórico-metodológico é que pode se avançar no entendimento de que a modernização do campo tem que ser enxergada levando em conta múltiplos fatores, mas que o historiador, enquanto observador atento e reconstituído, por assim dizer, do passado, não pode manter uma relação emocional com os  *fatos* narrados pelos entrevistados, pois, se assim o fizer, perderá a objetividade exigida em seu ofício. É preciso que ele utilize as fontes, entre elas a oral, com a criticidade necessária ao bom fazer historiográfico (BARROS, 2017).

Partindo, portanto, de tais bases, é possível afirmar que os relatos dos vaqueiros, de uma maneira geral, enxergam a modernidade, vinda com a agricultura comercial entre outros fatores causadores de mudanças no ambiente de trabalho, de uma maneira negativa, pois, os mesmos alegam mudanças consideráveis, sobretudo, no tocante à questão das paisagens bucólicas do campo, onde trabalhavam com o gado, como também agressões graves aos recursos hídricos da região e as espécies vegetais em geral, como ainda nas suas próprias atividades campeiras junto ao gado nas regiões sertânicas de Caxias-MA.

Para entender isto que se afirma, de maneira mais pormenorizada, considera-se, o relato do senhor Benedito Alves da Silva (Véi Dito), do Povoado Almeida, o qual ao se referir as condições ambientais do lugar traz uma série de ressalvas a respeito da modernização em curso na região, apontando a sua percepção sobre os impactos das transformações ocorridas nos espaços, as quais são fruto do processo globalizante em curso que fez desses espaços:

*Eu nasci e me criei aqui, tô com 73 ano e nunca tinha visto essa limpeza seca, e os criado que me criaro, eles já tao com cento e poucos anos, porque meu pai morreu com 83 ano e quando ele morreu eu nunca tinha visto ele dizer que tinha visto esse riacho aqui seco e nesse tempo, todo mundo trabaiava nessa bera de brejo, era prantano feijão, mandioca, arroz... e ainda era limpano riacho naquele lugar mais moiado era preciso fazer vala pro terreno enxugar mais, pra você plantar mais. E aí depois que plantaram aquele eucalipto aculá, eu cansei de andar do campo! Fizero aquele açude aculá do bêbedo, aquelas lagoa enchia tudo que ia até na pista. Ali perto perto do portão, ela ia até la na chapada, da baixa preta ela vinha. A água vinha até a baixa do Vicente pinto pela chapada onde chamava a baxa dos curral véi aculá e aí quando fizero aquele eucalipto ali á que foi diminuino, só não baixou de uma vez (Benedito da Silva, 2018).*

Na sua fala ele destaca as características físico-geográficas do lugar, detalhando as práticas agrícolas existentes e o grau de preservação dos mananciais antes do avanço da cultura do eucalipto, mostrando que a proibição de criar o gado solto está associada aos grandes projetos de agronegócio que se instalaram na região, os quais modificaram não apenas as dinâmicas das comunidades, mas afetaram até mesmo os recursos ambientais.

É preciso notar como o avanço da cultura do eucalipto, na área onde o vaqueiro campeava, e fazia uso para produção de suas roças, as quais contribuíam com a sua subsistência, foi atingida. Os impactos não se deram, portanto, apenas nas questões de ordem social, territorial e econômica, atingiram de forma direta também riachos que antes – segundo o entrevistado – eram repletos de água sendo utilizados por eles na lavoura.

Essa questão é um dos temas que não se pode fugir atualmente, pois, quando se estuda a vida do vaqueiro, suas práticas laborais e suas vivências; não se pode desconsiderar que ele está inserido em um ambiente de intensas transformações tanto do ponto de vista social como também ambiental.

A representatividade do vaqueiro, portanto, inclui também o espaço onde ele convive e ao ser afetado tal espaço por meio da degradação da vegetação, erosão do solo entre outros problemas ambientais, isso também afeta os seus modos de existência e, conseqüentemente, a sua cultura vaqueiral:

Os efeitos ambientais do eucalipto foram e são temas de inúmeras polêmicas e, de modo geral, os ambientalistas o consideram como altamente impactante, com efeitos danosos para o solo, recursos hídricos, na diversidade da flora (efeitos alelopáticos), e por conseqüência ao ser humano. Por outro lado, os representantes da indústria de celulose e siderurgia, especialmente o setor de ferro-gusa, geralmente não o consideram como causador de impacto ambiental negativo, ou então os minimizam (Duarte; Oliveira, 2002, p.4).

Fica evidente que, a despeito das pesquisas científicas demonstrarem os impactos ambientais significativos deste tipo de cultura, ela ainda se manifesta em grandes partes do país em virtude da sua importância econômica para o mercado nacional e internacional. Nesse sentido, querendo compreender ainda mais o cenário em questão insistiu-se na pergunta anterior, ou seja, saber de fato quando a realidade da criação dos animais soltos nos campos começou a ser afetada, bem como, os impactos reais tanto na dinâmica das comunidades e dos vaqueiros em especial, como também, nas afetações ambientais.

A figura 23 demonstra como a região está bastante desmatada, ou seja, os locais, onde antes eram repletos de vegetação, cederam lugares a campos agrícolas voltados para a



monocultura, principalmente da soja:

**Figura 23** - Campo agrícola na região sertânica de Caxias-MA



Fonte: Acervo pessoal Auriele Pereira

Neste sentido, pelo relato do vaqueiro, fica evidente que ele se queixa do fato de que a introdução do eucalipto teria contribuído de maneira decisiva para que as águas dos riachos, córregos e lagoas da região comesçassem a secar. A degradação desses cursos d'água da região, pelo que se nota do tom das suas falas, é algo prejudicial a todos, além de causar uma tristeza, pois, antes ele enxergava aquela natureza exuberante. Vale lembrar, que na mesma direção destas perguntas, foi questionado ao senhor Benedito Alves da Silva (Véi Dito), quando isto teria acontecido, ao que ele falou:

*É bixinha! Eu num tô bem certo, quando eles cumeçaro a fazer isso aí. Aí quando ele plantaro esse Eucalipto aculá, aí foi, ainda guentô uns dois ano muita água ainda, aí foi abaixano, foi abaixano até diminuir de uma vez. Óia, aqui no açude do Bebedo tinha uma lagoa do lado de dento aqui que . eu me lembro como se fosse hoje você chegava lá na beira da lagoa, você oiava assim pra dento, chega tava assim: minano de peixe, enquanto ele não pressentia a gente, você via ela, mas contudo que ela pressentia você, pronto. Era como se fosse um encantamento, parece que eles tinha onde se esconder, porque ocê não ouvia mais mexer. Aí foi indo! Foi indo, com a.. a areia foi vindo de lá pra cá até que aterrou a lagoa secou aí foi a tendência secar a água do açude . aí o açude secou. Tinha muita lagoa pra cá, que guentava água o verão todin. (Benedito da Silva, 2018).*

Pela fala do vaqueiro, observa-se, o grande impacto ambiental provocado pela cultura do eucalipto. Os impactos que afetaram os riachos da região, não diminuiram apenas os recursos

hídricos, afetaram ainda os peixes que eram também parte das suas fontes alimentares. Esses impactos, portanto, contribuíram significativamente para afetar a segurança alimentar dos vaqueiros.

Desta forma, é preciso levar em conta, que a despeito da importância econômica do eucalipto, para a balança comercial do país, não se pode deixar de considerar que certas práticas econômicas podem ter um custo alto para determinadas comunidades e para o meio ambiente.

Assim é necessário que se considere não apenas a lógica fria do mercado, mas igualmente, a questão da sustentabilidade ambiental, pois, ao não se atentar, adequadamente, aos problemas que essa cultura pode causar, como por exemplo, a degradação e erosão dos solos, muitos problemas podem surgir afetando a vida dos vaqueiros e de outros grupos sociais que residem na zona e que dependem dos recursos retirados diretamente da natureza para ajudar na sua subsistência, como também, precisam desses recursos ambientais preservados em função de que de acordo com a Constituição Federal de 1988 é direito de todos terem acesso a um meio ambiente saudável (Brasil, 1988).

Desta maneira, a importância econômica dessa cultura deve ser considerada, mas não à luz da lógica fria do mercado atual que se pauta pelas ideias do neoliberalismo, mas sim, por meio de posturas que se assentam na sustentabilidade econômica e ambiental:

*As florestas homogêneas de eucalipto, apesar de sua importância econômica, precisam ser monitoradas a fim de se controlar a perda de solos por erosão acelerada. Muitas vezes vistas como eficientes coberturas vegetais, fato derivado de sua homogeneidade e densidade de cobertura, as florestas de eucalipto nem sempre apresentam adequada proteção do solo, pois as taxas de erosão variam durante os ciclos de plantio e crescimento. A manutenção apenas da mata ciliar no período de corte da madeira mostra-se ineficiente para o controle dos processos erosivos na área investigada (Júnior; Salgado, 2006, p.10).*

Os impactos ambientais e sociais desses grandes projetos do agronegócio que chegaram à região em estudo são significativos e suas bases vem mudando a vida dos vaqueiros, de seus familiares, das comunidades em geral e das feições paisagísticas da área estudada. Pelo que se notou nas idas ao campo de estudo, bem como, por meio dos relatos, esse avanço da agricultura comercial só cresceu nos últimos anos, pois, a partir da introdução da plantação de soja, as coisas pioraram ainda mais, visto que, mais áreas foram desmatadas e com isto, os recursos hídricos e os processos erosivos foram ampliados:

Os sertões caracterizados pela alta diversidade de paisagens têm sofrido com grandes obras que são impostas as estas áreas, sem que tenhamos uma completa compreensão de seu histórico e funcionamento. Neste âmbito se insere o MATOPIBA, os Perímetros Irrigados e a Transposição do Rio São Francisco, estes últimos alavancados por um discurso de “combate à seca” que acaba por privilegiar alguns em detrimento de outros, ao invés de traçar estratégias para um convívio mais harmonioso com a seca visando uma melhor distribuição de renda e menor degradação ambiental (Alves, 2019, p.12).

Por meio do vaqueiro entrevistado buscou-se saber também se todo o vaqueiro deveria conhecer o chocalho do boi, pois, dentro do mundo vaqueiral, os vaqueiros, sobretudo, aqueles que são considerados experientes, conhecem os seus gados apenas pelo chocalho. Para tal questionamento o vaqueiro disse que: *“É. Do que ele labuta e é difícil ter um vaquêro pra num conhecer...”* (Benedito da Silva, 2018).

Os relatos são bem claros, demonstrando que a memória dos tempos passados, onde se enxergava uma natureza mais exuberante continua bem viva. Descrever com profundidade de detalhes acontecimentos de muito tempo passado demonstra quão fortes são as impressões deixadas na pessoa que vivenciou uma realidade histórica específica e contribui também para que se tenha maior segurança do que foi descrito (Menegazzo, 2011).

Continuando a falar a respeito da modernização, o senhor Antônio Macedo Pereira (Fiscal), do Povoado Redenção, respondeu ao questionamento que o inquiriu sobre quando as águas da região teriam começado a diminuir. Para tal questionamento o vaqueiro assim respondeu:

*Foi com a prantação do Eucalipto, depois daí... em 80 essas prantação. Aí o povo dizia que essa prantação ia acabar com as água! Que aí ó! Aqui nunca teve eucalipto não, mas ali no bebedô, o açude ali! A água ia perto da pista. Aí depois que começaram a trazer o eucalipto, ela foi voltano, voltano e até que o açude secou. Aí o povo se quêxa que é os eucalipto que puxa muita água. Se você cortar um pau daquele, pode suspender que tá caino água ô! Dizendo o povo que ele chupa umidade da água e vai secando* (Antonio Pereira, 2018).

O vaqueiro segue na direção semelhante ao anterior no sentido de afirmar, mas não de forma taxativa, pois evoca a opinião de outras pessoas para se basear, que seria a plantação de eucalipto a principal responsável pela degradação dos recursos hídricos.

Cabe lembrar, porém, que numa realidade de variados impactos ambientais, tais como, queimadas, processos erosivos entre muitos outros, atribuir apenas à plantação de eucalipto a destruição dos cursos d'água da região é um tremendo exagero. É preciso considerar que é um conjunto de fatores que levam, ao longo do tempo, ao aumento da degradação dos recursos

hídricos.

Outros vaqueiros da região sertânica de Caxias – MA que também campearam no período em estudo, deram também, por meio de seus relatos, explicações de como enxergaram as mudanças ocorridas na região e de que maneira essa “modernidade” que se instalou a partir de uma agricultura comercial, inicialmente, com o plantio do eucalipto e depois com outros cultivos, afetou à natureza e os modos de vidas das comunidades da região.

Os vaqueiros das regiões sertânicas de Caxias, por meio de seus relatos, apontam sempre para um passado em que as matas e os campos eram mais preservados e onde existiam mais espaços a percorrer com o gado. Ante a tal perspectiva destacada e reforçando o entendimento da questão em apreço, buscou-se, saber qual a percepção do vaqueiro entrevistado a respeito do espaço específico onde ele desenvolvia suas práticas campeiras indagando se ele havia presenciado uma chapada com muitos frutos, bem como, com muita água e riachos.

Um desses é o senhor Francisco Dos Reis Bacelar, o qual foi indagado se quando ele começou a ser vaqueiro havia presenciado uma chapada com muito fruto, com muita água nos riachos, lagoas e córregos ou se já eram assim bem degradados. Para tal questionamento levantado o referido vaqueiro assim respondeu:

*A chapada era toda enfeitada, cê chegava numa maiada de gado, debaixo dum pé de sombrão daquele de fava, cê chegava tava quaiado de gado. A fulô do pequi, a fulô do bacuri, a fulô do Pau d'arco, na fava, fava danta. Tudo isso o gado come na chapada e tinha muita madeira nativa e tudo, hoje tá tudo arruaçado. Água não existe, o inverno bom do jeito que foi, tem riachos aí que a água já tá se afastando, tem uns anos atrás aí que nem água tinha pra beber, ia beber nas casas porque num tem. Antigamente, as águas lá pra nós, na Cabeceira, na Estiva, no Ouro, na Caiçara, bacabal, no Almeida tudo isso existia água. Tá tendo hoje pq o inverno foi bom, mas no verão não tinha. Agora tem que fazer bebedor pro boi beber e você tem que ficar periciando lá, porque pode acontecer do boi descer pra se atolar e hoje o gado está diminuído por conta dos campos mostro que tão fazendo (Francisco Bacelar, 2018).*

O relato do vaqueiro que é fruto de sua memória permite reconstituir os ambientes nos quais campeavam. Sua fala traz uma riqueza de detalhes significativa. Isto se deve ao fato de que suas vivências no campo junto ao gado, bem como, ao lado dos companheiros de lida e todas as suas experiências vividas, forneceu-lhe conhecimentos que são tão marcantes que mesmo há bastante tempo, elas não se apagam, tornando-se vívidas cada vez que são buscadas no mais íntimo do vaqueiro entrevistado:

No saudosismo de cada olhar ou nas várias paisagens visitadas, estavam não só os rastros e os campos, os animais e as serras, mas também as lembranças e as histórias. O tempo de antigamente me guiava em direção às recordações, e, sabiamente, o vaqueiro véio desenhava o passado (Pereira, 2017, p.149).

Uma coisa perceptível nos relatos dos vaqueiros é que eles resistem às mudanças, não necessariamente, por meio de ações políticas, mas no que tange ao sentimento, pois, veem muitas das mudanças ocorridas como sendo nocivas ao modo de vida que sempre acostumaram viver. Embora façam uso de produtos da modernidade (eletricidade, internet etc.), fica patente que ao rememorarem os tempos de outrora, eles falam com saudades. Isto se deve em virtude de que os lugares onde viveram no passado impactaram-nos de tal forma que as marcas ficam nas suas memórias e a modernidade, com todo o seu ímpeto de mudanças tecnológicas e de discursos ideológicos de um mundo idealizado, não conseguem destruir esses laços sentimentais com os lugares:

O lugar compreende o local onde estão as casas, as roças e as capoeiras das famílias que descendem de um ancestral comum; as áreas onde são desenvolvidas atividades de pesca e de extrativismo e inclui, ainda, os locais que são significativos por servirem como âncoras da memória e da história do grupo. Os limites deste lugar nem sempre podem ser conhecidos pela experiência direta, mas através de narrativas que relatam as ações que as gerações passadas realizaram sobre o espaço, construindo um território que está sendo destruído paulatinamente (Alencar, 2007, p.5).

Considerando todas as dificuldades existentes nas suas lidas, fica difícil para alguém que não é desse meio, imaginar o motivo de sentirem tantas saudades, mas para quem compreende a importância da construção de uma *psicologia social*, torna-se compreensível porque eles, por terem sempre vivido nesse mundo vaqueiral, enxerguem mais bravura e virtude naquilo que outros enxergariam condições meramente precárias e de exploração. Isto existe em virtude de que os vínculos com os lugares e com as realidades presentes nos mesmos, marcam de maneiras diferentes as pessoas:

O vínculo com as gerações passadas e com o lugar é reforçado com as narrativas daqueles que são os guardiões da memória, que ao narrar a história do grupo dão continuidade ao lugar na memória das gerações presentes. Através da memória coletiva as pessoas podem se localizar num espaço geográfico, pois a localização do lugar de origem de um dado grupo social é um dos focos dessa memória coletiva [...]. Portanto, através das narrativas as pessoas conseguem recompor a paisagem do passado, atribuir sentidos ao lugar, reforçar a memória coletiva e dar significado à identidade do presente (Alencar, 2007, p. 6-7).

Isso significa que mesmo vendo as suas dificuldades e até reclamando em muitos casos

delas, não as veem de tal forma ruim a ponto de renegá-las totalmente, visto que, aprenderam a viver naqueles ambientes de trabalho cheio de muitos desafios e dificuldades e desenvolveram resistências significativas que os fez serem o que são e ao serem submetidos em um mundo moderno – totalmente novo –, sentem-se estranhos, posto que suas *identidades culturais* estejam muito arraigadas ao mundo que, sobre certos aspectos, permeia ainda de forma bem vívida o seu imaginário existencial a ponto de, ao serem instados a lembrar dos tempos em que campeavam o gado, o fazem com riqueza de detalhes e com ar de saudosismo como também com um quê de alegria bem presente em suas falas (Tedesco, 2014).

Por suas falas fica evidente que eles deixam transparecer uma multiplicidade de sentimentos que só mesmo por meio de uma metodologia calcada nos pressupostos teóricos da História Oral é possível abarcar. Nesse sentido, é possível destacar que o relato de seu Francisco Dos Reis Bacelar é chocante, pois descreve situações extremamente graves com relação de como era outrora os ambientes por onde se campeavam com o gado e de como se encontra na atualidade. A degradação ambiental traz problemas não apenas ao ambiente físico em si, mas também, aos seres humanos, sobretudo, aqueles, como é o caso dos vaqueiros, que mais dependem dos recursos extraídos de tais espaços.

Aprofundando as questões a respeito das mudanças ambientais e espaciais ocorridas com a modernização do campo, nas regiões sertânicas de Caxias – MA, foi perguntado ao seu Francisco Dos Reis Bacelar, ainda, se ele lembra a data exata de quando começou a instalação desses campos agrícolas que trouxeram os impactos ambientais aqui relatados por meio da fala dos vaqueiros ao que ele destacou:

*Nós tinha liberdade de criar o gado solto, agora num tem mais, porque se for pra lí é a COMVAP<sup>7</sup> pra cá é a plantação da soja, do outro lado é o bambu do Grupo João Santos. Aí o gado sai de manhã e de tarde cê tem de ir buscar. Se sair di manhã, de tarde cê tem que ir buscar. Hoje o gado não é mais liberto pra andar, antigamente cê ia prum mato desse pro gado e so trazia vaca pro curralo no dia que tava parida, e as vezes quando tava parida lá mesmo cê deixava o bezerro e hoje não .hoje o gado vive sem sossego porque não pode cumer, e cada ano que passa os campo tão é aumentando, o projeto deles é aumentar, tão comprando terra, do dia que eles compram, começa a ameaçar os criador, tira o gado que nós vamos plantar, aí nós tem que tirar. Pelejando ainda, porque a gente num quer acabar, mas que a programação deles é acabar o campo e pra gente é criar uma ou duas quem pode no cercado e quem não pode é vendendo, bota num lugar, bota no outro, pra caçar quem*

---

<sup>7</sup> Companhia Agroindustrial Vale do Parnaíba – COMVAP. É uma empresa (usina) que atua no ramo da cana-de-açúcar e pertence ao Grupo Olho D'água.

*óia o gado, mas, a continuação é que de uns 10 anos acabar (Francisco Bacelar, 2018).*

Pelo relato percebe-se certo ar de lamento pela realidade vivida pelo vaqueiro. O que se nota é que a inserção do agronegócio na região fez com que os campos, antes utilizados para criar o gado solto, numa pecuária extensiva, cada vez vem diminuindo, tendo que ceder espaços para os campos agrícolas onde se plantam soja e outros cultivos como foi destacado.

É notável que o gado, antes criado solto, numa típica pecuária extensiva, foi afetado pelos novos projetos do agronegócio que se instalaram na região. Os pequenos criadores de gado, como é o caso do vaqueiro entrevistado, viram os seus modos de vida ser grandemente impactados, pois, as áreas onde colocavam o gado para pastar; atualmente, estão repletas de campos de *soja* e de plantação de *bambus* o que inviabiliza grande parte da dinâmica da pecuária tradicional praticada por eles. Para aqueles que trabalham para novos proprietários, seja aqueles que são assalariados ou não, permanece, os regimes de exploração típicas do capitalismo: “Nas zonas rurais ou urbanas ainda permanecem as formas precarizadas de inserção no mundo do trabalho, fazendo com que o trabalhador seja assalariado ou não permaneça na condição de explorado pelo modo de produção que se encontra em crise” (Santos, 2008, p.9).

É preciso apontar que esses projetos grandiosos vinculados ao agronegócio obedecem a uma lógica diferente daquela existente até então, pois, guiam-se pelos ditames do mercado internacional, ou seja, são influenciados pela política econômica do neoliberalismo e da busca da comercialização das *commodities*, não levando em conta os modos de vida das comunidades tradicionais. Isso tudo tem relação direta com o processo de globalização atual que molda o mercado internacional a partir da lógica do *capital*. Esse impacto do grande *capital financeiro* interfere não apenas nas feições do espaço, da paisagem e das territorialidades, mas também na própria noção de identidade cultural:

A globalização, entretanto, produz diferentes resultados em termos de identidade. A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local. De forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais ou levar ao surgimento de novas posições de identidade (Hall, 2000, p. 21).

Essa questão relativa ao avanço dos grandes projetos ligados, sobretudo, à denominada *agricultura comercial* é uma parte sensível na vida das comunidades em que este trabalho se desenvolveu, pois, eles não mudaram apenas os aspectos paisagísticos das áreas, mas igualmente impactaram, de forma significativa, a vida destas pessoas a tal ponto que não se

pode mais falar de uma *identidade cultural* única, visto que, em razão das múltiplas transformações históricas, sociais e geográficas, os choques nas formas de se enxergar a realidade e as subjetividades inerentes aos indivíduos são diversos, exigindo-se, portanto, a compreensão de que existe uma diversidade de identidades mesmo em um espaço reduzido:

No mundo atual não se pode pensar em cultura como algo em que as pessoas em determinada sociedade e/ou comunidade têm ou são comuns em oposição a outros povos, outros grupos e lugares. Nos estudos antropológicos mais recentes a visão de mundo como um mosaico cultural, no qual as identidades culturais são bem definidas, se dissipou. Hoje, o que vemos é a oferta de múltiplos modelos e padrões de identidades. Há tanta diversidade dentro de cada sociedade que não podemos mais afirmar que o sujeito sobre o qual investigamos possua de fato uma identidade cultural única, fixa (Tapety, 2007, p.47).

Não se pode olvidar de que essas múltiplas identidades estejam alicerçadas nas bases históricas e econômicas de dada região, ou seja, a formação social e econômica exerce forte influência sobre o desenvolver cultural, o que significa que sendo o espaço sertânico caxiense uma área que teve no seu início de ocupação e consolidação territorial, durante o processo de colonização maranhense, trabalho escravagista, isto deixou fortes marcas na cultura (culinária, danças, crenças, modos de vida, etc.).

Estas fortes marcas, mesmo passado muito tempo, ainda se mantém em algum nível na vida dessas comunidades de uma maneira geral e em específico na vida dos vaqueiros que contribuíram para a formação do espaço maranhense: “A consolidação da economia pastoril se realizou no seio do escravismo operante na exploração e constituição do Brasil, e a pecuária foi uma tentativa de povoar o interior da América, ao passo que era expandida a ocupação da empresa colonial” (Romcy, 2019, p.3).

Tal formação explica, em grande medida, a percepção que os próprios vaqueiros possuem das suas vidas e do trabalho, pois, é patente que mesmo muitos deixando claro o grau de sofrimento e de exploração a que eram submetidos, na lida com o gado, nota-se, que eles sentem saudades das vivências campeiras e não fica claro uma oposição ou mesmo tão somente, um dimensionamento da precariedade e exclusão social a que estavam submetidos:

A organização socioespacial sertaneja, forjada sob o confronto entre indígenas e colonos pela ocupação da terra, tem uma dinâmica cultural que marca o sertão a partir da formação histórica desse espaço. Nesse sentido, sujeitos como o vaqueiro são expressão de um modo de vida e organização social mestiça onde as relações étnicas e familiares ainda permeiam o traço cultural do sertão nordestino no século XXI (Romcy, 2019, p.2).



Essa questão relativa à percepção que muitos vaqueiros possuem do tempo em que campeavam levou a questionar o vaqueiro Francisco Dos Reis Bacelar se ele achava que o vaqueiro do ano de 1975, quando ele tinha iniciado sua lida com o gado, era um vaqueiro bem mais feliz do que os vaqueiros dos dias atuais. Tal questionamento vale deixar claro, aponta para a subjetividade e sentimento do vaqueiro, tendo um cunho bastante pessoal e desta forma sua resposta demonstra, de forma inequívoca, como o vaqueiro via essa questão posta:

*Bem mais feliz, tinha mais produção pra ele e menos trabai. Hoje além do gado ser pouco, tem mais trabai de você correr a tras do gado, saber onde ele tá. Todo dia cê tem que entrar no piqui do gás pra saber pra onde vai, onde tá. Se você não ir buscar eles mata, se vai pra beira da pista o carro bate, ai naquele tempo não o gado era liberto, se ajuntava um vaquero cum outro, um dava notícia do outro. E quando chegava lá um já tanga dado notícia do outro e hoje quando sabe notícia já tá atentando dentro dos campos, notícia que os carros bateu na pista, que tá doente, tem que ir buscar (Francisco Bacelar, 2018).*

Uma das coisas que se pode perceber, pela resposta do vaqueiro, é que ele enxerga que no passado, em virtude de não existir os campos agrícolas e nem tampouco um maior fluxo de carros nas estradas, o gado poderia ficar solto sem riscos de ser atropelado ou morto por fazendeiros que não aceitam que o rebanho invada suas áreas particulares, como ocorre na contemporaneidade. Essa, inclusive, é uma das reclamações constantes, pois, muitos dos novos fazendeiros não aceitam dialogar com os moradores, quando um animal atravessa as divisas de suas propriedades. A truculência com que muitos agem é algo que vem sendo denunciado pelos moradores da região.

É importante dá destaque a essas duas questões, a primeira se refere aos aspectos de ordem subjetiva, ou seja, o lado sentimental do vaqueiro que acredita que no tempo passado era mais feliz. Isso em parte tem relação direta com a idealização do passado, algo que nem sempre corresponde a realidade concreta, mas sim como ela é interpretada pelos agentes históricos, entre os quais o vaqueiro. A respeito disto eis o que diz a literatura:

Lidar com memória é mexer com gente, com interpretações presentificadas e, por que não dizer, intencionalizadas; com representações sociais e fatos históricos naturalizados e/ ou pouco explicados em termos de origem, objetivo, intencionalidades, manifestas em condições de existência do passado, na atualidade e com intenções projetivas. Não obstante as suas questões de ordem metodológica e de processos técnicos de investigação, poderíamos avançar mais e indicar inúmeras outras dimensões que o campo da memória revela, fundamentalmente, na esfera dos atores sociais e políticos, fatos históricos, identitários, de imaginários sociais cristalizados ou em processo (Tedesco, 2014, p.34).

Essas muitas dimensões da memória faz com que nos relatos dos vaqueiros, transpareça também o passado não apenas como algo *factual* e *concreto*, mas, sobretudo, em suas dimensões subjetivas e projetivas, pois, a memória trabalha com aquilo que de fato existiu enquanto *fato*, mas também, faz com que os fatos ou interpretação deles, tenham características tão marcantes que os engrandecem ainda mais do que o são, daí a necessidade cuidadosa que se deve ter ao lidar com este tipo de metodologia: “A percepção da cultura do vaqueiro se configura em como o indivíduo interage com a realidade que vivencia, originando uma gama de representações, símbolos e identidades” (Ferreira; Lima, 2023, p.11).

A segunda questão que se pode considerar, refere-se, aos aspectos práticos da lida com o gado, ou seja, de como as mudanças espaciais condicionaram a maneira de como lidar com o gado, pois, menos espaço disponível para campear com o gado, obrigou aos vaqueiros a manejar os rebanhos diferentemente de como estavam acostumados. Isto, obviamente, trouxe fortes impactos no desenvolvimento do gado e, logicamente, nos rendimentos provenientes desta prática econômica e somam-se a isso outras questões que faz com que os vaqueiros enxerguem na contemporaneidade um mundo no qual já não se veem integrados.

Na mesma direção, foi perguntado o que o vaqueiro achava do cenário de outrora quando comparado com o atual. A esse questionamento ele respondeu como interpretava a realidade na qual está inserido e afirmou o seguinte:

*Hoje o trabai tá maior, antigamente era menor o trabai. Antigamente tinha muito gado e a produção era boa, porque tinha muito gado e você ia pro campo e passava um mês, dois só sabendo notícia que aquele gado tava lá sossegado e hoje num passa mais isso. Cê tem que ir atrás do gado porque se num ir cê fica sem ele lá, a COMVAP leva pro Piauí e lá tem que pagar caro pra tirar de lá. Leva o poldo, leva o bode, leva a vaca, eles leva, bota no carro e se você num pagar, num traz mais não. O pobe do bicho, coitado. Vive assombrado por onde anda dento dos campo (Francisco Bacelar, 2024).*

O relato de seu José Vieira dos Reis (Zé peção), vaqueiro do Povoado Barro Vermelho, segue direção semelhante àquela apontada pelos demais vaqueiros, ou seja, que a região que antes possuía abundância em recursos hídricos, de árvores e frutos nativos, em virtude dos desmatamentos e de outras agressões ambientais surgidas, no decorrer do tempo, passou a ter carência destes recursos, principalmente de água. Isso, é óbvio, gera diversos problemas para os vaqueiros que ainda lidam com o gado, como de fato, para a comunidade de uma maneira geral. Ao seu José Vieira dos Reis (Zé peção) foi perguntada, primeiramente, a respeito de como era a região no tocante à pastagem ao que ele respondeu:

*Tinha muita água! Num tinha desmatamento, era tudo.. tudo muita água... os brejo num secava, tinha muita cacimba. Óia, mia fia! di primêro a gente panhava água aqui nos brejo, era metendo as mão aqui com xxx um balde ou uma bacia, uma cuitê ou qualquer uma coisa... aí ficou tudo diferente. Tudo diferente, de quando eu fui piqueno. Cum isso o gado sofre, quem é vaquêro sofre. Dia come, dia num come, só se levar de casa, que às vezes anda pelo mato e num acha quem dê nada pra ninguém, né! (José Reis, 2018).*

O relato acima demonstra como já referido, uma clareza de detalhes e isto se deve, certamente, às vivências dos vaqueiros terem sido marcantes nos tempos que campeavam. Os personagens que ilustram, com seus relatos, esse trabalho, viveram tempos nos quais a lida com o gado se dava em paisagens pouco alteradas pelas ações predatórias de agressões ambientais. Ressalte-se ainda que, devido as suas características de vivências na região, os vaqueiros, aprenderam a apreciar as paisagens, pois ao campear o gado, podia em silêncio observar as paisagens, as muitas fisionomias espaciais, bem como, os sons e os cheiros existentes:

Era o vaqueiro o tipo de trabalhador rural, profissional por excelência, calmo e comedido, pois andando quase sempre só pela chapada, vivendo na tranquilidade, no silêncio e imensidão dos campos, adquiriu o hábito de pensar mais e falar menos, daí um dos motivos pelos quais adquiriu a confiança do fazendeiro, tornando-se confiante. Este sentimento de amor à profissão e à lida se estende não só às coisas da fazenda, mas ao próprio fazendeiro e às suas lutas, sendo o vaqueiro um seguidor da orientação políticas dada pelo patrão. Essa obediência quase cega ao fazendeiro-patrão, levava, por vezes, o vaqueiro a se transformar em soldado do seu chefe nas horas de aperto (Rocha, 2010, p.43).

É explícita, a percepção de que os vaqueiros não apenas sentem saudades das paisagens onde viveram experiências marcantes, das práticas ligadas à lida com o gado, mas sentem saudades ainda dos padrões – os que na visão deles eram vistos como bons padrões. Ademais, nas suas falas é possível entender como o processo de construção das *identidades culturais*, relativas ao lugar se tornam fortes, pois, eles (os vaqueiros) se sentem apegados aos ambientes nos quais campeavam e rememoram a um tempo que acreditam, não poderão viver mais (Hall, 2011).

Foi questionado ainda ao seu José Vieira dos Reis (Zé pezão), a respeito da fisionomia da região sertânica caxiense. A resposta à tal indagação direcionada ao vaqueiro destaca-se abaixo:

*Eu cumia na chapada! O bacuri, o piqui, o (oi de boi) fruto redondo que dá na chapada, o araçatê, manga quando em novembro, outubro, cumia caretia também araçá, pulça! Tú cunheçe o pulça? Ele é um preto, mia fia. tudo isso quando acha na chapada a gente come. Andando na chapada nós bibia água*

*vêa quente di um lito lá dum palo doido (Paulo doido) que tinha lá! Ele é assim ruim da bola... Aí nós amarramo a vaca... eu e ôto minino lá aí tinha dois litro aí rapaz, [...] Cumpade! É aguá cumpade! Pode beber. Água quente, mia fia. bibimo, o sol quente. Quente! Quente! Bibimo tava Cu'ma cedo medonha. Aí quando chegemo na casa num achemo ninguém em casa, só a agua do açude... aí quando ceguemo no tigue (Tigre) bibimo dois titro d'agua na casa do Peba, num sei se tú sabe quem é o Peba! (José Reis, 2018).*

Nesse relato acima, demonstra-se quão difícil era a vida dos vaqueiros, pois, além da lida diária com o gado ser tamanha, faltava-lhes alimentos básicos para aguentar a rotina cansativa, tendo os vaqueiros que improvisar sua alimentação com frutos nativos, que embora pudessem até ser nutritivos, não eram comidos por pura opção e sim, por necessidade de outros alimentos. Na atualidade, como eles deixam claro, até mesmo esses alimentos nativos são difíceis de serem encontrados (Romcy, 2019).

Um relato que trouxe igualmente ricas informações é o do senhor José Marques Lobo (Piloca). A este vaqueiro foi questionado como era essa região em décadas passadas. O vaqueiro responde a esta pergunta considerando as características da vida campeira e de como eles viviam enquanto vaqueiros. No relato é possível observar a queixa do vaqueiro a respeito de perseguição que sofrem por parte dos novos proprietários de terras:

*Antigamente tudo era mais à vontade porque, até a gente mesmo vivia de cabeça mais fria, porque num tem mais a perseguição de hoje. Hoje o que mais maltrata a gente é a perseguição, quando a gente ia pro pasto de uma rês para ela pastar, aquilo num tinha aquela coisa que tem hoje. Todo dia tem que tá no pé do gado, o gado tá pra culá, tá no cercado de fulano e antigamente não. O gado ficava à vontade no pátio, você num se preocupava, no dia que desse certo pra você encontrar (Jóse Marques lobo, 2018).*

Por meio deste relato fica evidente que não eram apenas as atividades estritamente de campear o gado que eram diferentes, era também a percepção que eles tinham da vida. A modernidade trouxe para os vaqueiros maiores inquietudes, seja pela “perseguição” alegada por meio do relato acima, seja por razões ligadas ao fato de que a vida moderna costuma ser mais frenético, o que certamente, mudou, significativamente, seus modos de vida antes bem mais pacatos.

É claro também que se deve pontuar que o fato de os vaqueiros terem vividos em tempos mais antigos, onde a cultura coletiva obedecia a outras lógicas, pode haver também o choque de gerações, o que causa desesperanças nos vaqueiros que já passaram de uma idade jovem para uma mais avançada. Isso tudo dentro de um contexto de mudanças sociais relativas aos próprios grupos aos quais pertencem:

As coletividades são constituídas por grupos diversos, em constante mutação, com interesses distintos e, não raro, conflitantes. Uma mesma pessoa pode pertencer a diversos grupos e, no decorrer do tempo, mudar para outros. Passamos, assim, por grupos de faixas etárias: crianças, adolescentes, adultos, idosos. Passamos ainda de estudantes a profissionais, e, em seguida, a aposentados. São, portanto, inúmeras as coletividades que convivem em constante interação e mudança (Funari; Pelegrini, 2006, p.9-10).

As constantes interações dessas coletividades, não significam, de modo algum, uma harmonia plena e sim que existe uma migração, ao longo do tempo, de indivíduos pelos grupos, pelos agrupamentos e isto sem mesmo notar que essas diversas agremiações possam deixar marcas. Claro que existem agrupamentos que serão mais fortes e profundos é daí que eles se materializam de maneira mais evidente, gerando identidades culturais fortes, que no caso dos vaqueiros, estão muito atreladas às visões de cultura popular (Burke, 1989).

Nesse entendimento, levantou-se ainda uma questão relevante ao vaqueiro, a saber, se o mesmo saberia precisar no tempo quando essas transformações relativas às mudanças no campo, no contexto das regiões sertânicas de Caxias-MA, começaram ocorrer. O vaqueiro prontamente assim respondeu:

*É esses campos, o primeiro foi esse campo aqui, já começou a prejudicar, nós ficamos logo subsultado, aí o gado começou a entrar lá, nos só vivia por lá. Aí começaram a matar logo pensando que era de um dono na hora era de óto. Aí por aí eles foram e cercaram os campo. Aí ficou mió pra nós, a cabeça mais fria. Entrou esses zôto aí, aí fechou o circo. Acabou! Acabou! (Antônio José Ozório, 2018).*

O vaqueiro é taxativo ao afirmar que, uma das marcas desses novos proprietários, é matar os animais, sem procurar meios termos, no sentido de dialogar com os pequenos proprietários que ainda não se adaptaram com o novo modo de criação. Por conta de serem proprietários que lidam com uma pecuária de subsistência e, portanto, possuindo, pequenos rebanhos, os gados que são mortos pelos fazendeiros ou a mando deles, acabam por se configurar em grandes prejuízos para estes proprietários dos povoados focos deste estudo, pois, eles tiveram muito trabalho e luta como eles mesmos afirmam, para conseguir granjear essas cabeças de gado e ao verem o fruto do seu trabalho se esvaír, demonstram profunda tristeza e revolta.

Destaca-se ainda nessa discussão, o relato do senhor José Ozório do povoado Barro Vermelho. A ele foi indagado a respeito de quando foi que os riachos começaram a secar. O vaqueiro respondeu o seguinte:

*A partir da chegada dos Eucalipto chegou e quando chegou a associação aqui. quando o governo liberou, o INCA liberou negócio de terra... teve uma reunião no sindicato dos secretaro, que eu era contra, né, fazer roça no aberto porque, os trabaiador fazer roça no aberto, o mais difícil era fazer a cerca e eu provei pra eles na prática, porque antes tudo era cercado e todo munda fazia roça, tinha o boi , o jumento, tudo solto, né?. Hoje você cercar o boi, o bode... é difícil. Num é impussive, mas é difícil. Hoje ninguém cria nada, vai alí no santo Antônio pra tu vê, alí era a coisa mais rica do mundo de gado... cê foi daqui pra lá, ocê viu quantos gado? Nenhum, né. De Caxias até aqui cê viu quantos gado? Ninguém vê, a beira do ri Parnaíba extremano com União no Piauí, ocê num vê... foi quando entrou o INCA que fez isso. Mas só que o INCA deu o arame pra cercar e eles num cercaro os campo, vendero o arame e a roça ficou no aberto e ninguém quer fazer mais cerca, aí ficou difícil pro vaquêro, pro criador, pro patrão, o que tem que fazer é preso. Os campo tão tudo bem aqui. por que que as água secaram tudo, por causa do eucalipto. (Antônio José Ozorio, 2018).*

O relato mais uma vez, semelhantemente, ao dos demais vaqueiros, coloca a culpa na produção de *eucalipto* para os males ambientais existentes na região. Também se pontua questões ligadas ao INCRA como sendo motivadoras da criação de gado preso, ressaltando, porém, que o órgão deu os meios materiais (aramé) para realizar os cercamentos e com isto, evitar criar o gado solto. Na fala do vaqueiro vê-se uma crítica ao próprio povo que ao receber os meios de cercar as terras para evitar o gado solto, preferiu não obedecer às regras e até mesmo vender o arame recebido.

No decorrer dos relatos e, principalmente, constatando *in loco* o grau de desmatamento na região, provocado pelo avanço do agronegócio, esse foi um dos tópicos mais abordados nas falas dos vaqueiros. Os trabalhadores rurais, não apenas os vaqueiros se viram bastante afetados pelo desmatamento, pois, além de contribuírem para a erosão do solo, aumento da temperatura local, diminuição de frutos nativos e animais utilizados para caça de subsistência, o desmatamento também tem causado problemas para a pequena agricultura e para a pecuária de subsistência, pois, os campos que tinham pastagens naturais, cada vez mais, estão diminuindo.

O desmatamento tem afetado todos os povoados focos deste estudo, como também, outras áreas maranhenses que têm sido alvos da cobiça dos produtores ligados ao agronegócio, que como já referido, não agem pautados na sustentabilidade e sim numa visão meramente mercadológica.

Procurando então entender, mais detalhadamente, essa questão, foi perguntado ao vaqueiro Francisco Dos Reis Bacelar o que achava desse processo de desmatamento que está acontecendo na região. Ele assim respondeu:

*Pra nós, nós se prejudicou porque os grandes tomaram de conta, uma parte de proprietário vendeu e os grandes tomaram de conta, aí veio o assentamento do INCRA. Depois as empresas tomaram de conta, cada um prum lado, soja pro outro. Nós fomos prejudicado. A desmatção tá do jeito que tá o dilúvio de água, descendo pra todo lugar, porque não tem onde água filtrar, começa a sofrer devido o veneno. Os grandes joga veneno e onde você tem um plantio que pega, mata (Francisco Bacelar, 2024).*

O relato do vaqueiro alerta para uma questão extremamente preocupante que é o uso indiscriminado de agrotóxicos que não apenas matam as pragas que afetam a monocultura seja de soja, de cana-de-açúcar, milho entre outros cultivos, mas também, a fauna, flora, solos e população da região. Sua fala também deixa clara a percepção que ele possui da ação dos grandes empresários frente aos pequenos produtores agropecuários da região, de como aqueles que ele denomina de grandes acabam por impor suas vontades.

Isso existe pelo fato de que esses grandes proprietários estão vinculados às forças políticas reacionárias que em ainda grande força de comando no cenário político nacional e por conta disso, conseguem realizar as manobras favoráveis aos seus diversos interesses econômicos seja a nível nacional, como também, regional (Alves, 2019).

O vaqueiro José Vieira dos Reis (Zé peção) também ao ser perguntado a respeito do intenso desmatamento da região destacou a sua visão a respeito da temática. Eis o que ele afirmou:

*Eu alcancei daqui até o descanso, era só chapada, e agora só campo de soja, e tudo isso atrasa um monte de coisa, não tem mais uma mata madura, não tem mais o pequi, o bacuri, não tem mais nem um pau pra seriema ficar atrepada em cima, não tem onde um viado se esconda atrás de uma moita, um peba. Os animal ganha tudo o mundo, morre. Com esse desmatamento que estão fazendo não tem onde as águas ficar empossadas, aí sai derrubando tudo, não tem mais uma grotta, eu cansei de beber água das grotas. Uma vez eu vinha da morada nova, eu e o Edilson coamo a água da grotta de lama de porco na camisa e bebemo. Eu comia frutos dessa chapada, agora ninguém acha mais nada, só os campos derrubado. E nós ainda vai ver coisa. O desmatamento tá muito grande. Araçá- Uma fruta pequena, redondinha (José Reis, 2024).*

O relato do vaqueiro é muito incisivo e detalhado. Ele por meio de suas observações, ao traçar um paralelo do que era no passado e de como está agora o espaço sertânico de Caxias – MA, após a introdução do agronegócio, demonstra como o desmatamento afetou a fauna e flora da região. Sua fala destaca os gravíssimos problemas gerados para os animais típicos da região, como também, o grau de agressão dessa lógica mercadológica que pune os animais e vegetação e exclui as comunidades tradicionais do desenvolvimento econômico, concentrando poder

econômico nas mãos de poucos.

É interessante considerar que a percepção do vaqueiro além de procurar ser objetiva, dado que relata com detalhes as características e os níveis das agressões ambientais, é de fato fruto de suas vivências e conhecimentos do espaço onde sempre campeou o gado durante muitos anos.

Esse conhecimento prático os vaqueiros valorizam muito e acreditam ser importante que se repasse aos filhos, netos e bisnetos que poderão dar continuidade aos seus legados. A manutenção da cultura dos vaqueiros, nesse sentido, depende bastante da forma como as gerações atuais e futuras irão lidar com o legado deixado pelos seus antepassados os quais campearam o gado nessa região, pois, é essa força que passa de geração a geração que tem mantido essa cultura tão rica e diversa, ainda resistindo as grandes investidas do processo de globalização em curso (Andrade *et al.*, 2020).

O vaqueiro José da Silva Oliveira (Zezito) em sua fala a respeito do desmatamento apontou que: *“A gente perdeu aquele foco, a tradição que tinha porque esse desmatamento aí invadiu as áreas que deus deixou muito bem preparado, né”* (José da Silva, 2024).

Nota-se um lamento no relato do vaqueiro enquanto ele fala a respeito do desmatamento e dos males que ele trouxe. Nesse momento da entrevista, o respectivo vaqueiro fez uma fala ritmada e declara o seguinte:

*Quando Deus andou no mundo deixou tudo preparado, capoeira pra criar nambu e sertão pra criar gado. Hoje você olha nos campo e ver tudo devastado, só ver cana e soja, onde não pode pizar, o viado, a nambu e nem o gado, o jumento não pode rinchar, escamunchar pisar dento, porque quem manda lá são esses homi e tudo que eles fazem e pra nós não servir de alimento, porque pro alimento do pobre é a criação, o legume, o alimento plantado na terra: o arroz e o feijão. Criar nossa família com a barriga cheia desse pão. Nós não temos mais aquele paraíso, porque os homens tomaram de conta. Estamos num beco sem saída. Hoje a gente se sente fragilizado* (José da Silva, 2024).

Por meio de seu relato fica evidente como a vida dos vaqueiros, antes pacata e assentada na agricultura e pecuária de subsistências, mudou após a chegada desses grandes produtores ligados ao agronegócio. O lamento em sua fala é evidente e denuncia algo que, muitas vezes, passa batido por muitos estudiosos das questões ligadas ao avanço do agronegócio no país, a saber, a destruição dos espaços agrícolas brasileiros e de pecuária familiar que tem causado problemas na segurança alimentar do povo, pois, o arroz, o feijão, a abóbora, o milho (não transgênico) e tantos outros alimentos, que fazem parte da cultura alimentar das populações



sertanejas, tem sido gradativamente substituídos por culturas agrícolas que interessam apenas aos mercados internacionais.

A soja, a despeito de ter uma infinidade de aplicações, não é um grão que faz parte da cultura alimentar cotidiana do sertanejo. O arroz e o feijão são de fatos os grãos que ele costuma consumir no seu dia a dia, bem como, as carnes oriundas dos porcos, bodes e claro, gado bovino. Desta forma, ao denunciar as condições a que estão submetidos nessa nova lógica econômica, o vaqueiro em questão aponta para um risco real de se conceber a agricultura apenas como fonte de riquezas que se concentra nas mãos de poucos proprietários, quando em verdade, deveria focar na agricultura enquanto manutenção da segurança alimentar do povo.

No mesmo relato o vaqueiro José da Silva Oliveira (Zezito) continua relatar suas visões, porém, nesse momento da entrevista, ele transforma suas palavras em um aboio:

*Vou contar um pouco da história de tudo que tá acontecendo, força de vontade de vaqueiro se perdendo, só os terreno desmatado coisa que nós tamo vendo, ali não posso sair, ali não posso pisar, meu cavaldo e meu jumento também não pode ir lá, porque tem os homi com as armas e também vai é lhe matar, pois a tristeza do vaqueiro é só olhar e chorar aêêêêê. quando o vaqueiro olha pra quele sertão assim, que não ver uma rama pro gado e não ver um pé de capim, só ver um pé de soja e boi não pode andar ali assim, porque o dono da soja vai terminar lhe dando fim, aêêêêêê. faço um pequeno verso com grande disposição, pra essa princesa linda ao meu lado que nasceu na região, é filha de um vaqueiro que gosta da criação, que pegou muito boi na mata e amarrou muito barbatão aêêêêê! É meu amigo Edilson, irmão do meu coração aêêêêê! Ôôôôôôôô! Ôi gado! Fasta pra lá boi teimoso! (José da Silva, 2024).*

Essa cultura do aboio é muito forte na vida do vaqueiro. Ela serve para cantar as alegrias, os desafios e vivências dos vaqueiros, mas também, para denunciar as condições a que muitas vezes estão submetidos. É uma verdadeira expressão artística típica do ambiente vaqueiral e que tem resistido ao tempo, mesmo com tantas dificuldades. Ao entoar o cântico (aboio) o vaqueiro se emociona e demonstra quão forte é essa cultura para ele. O vaqueiro insiste em não aceitar de forma passiva a realidade atual imposta pelo capital que tende a segregar as comunidades mais carentes em favor das elites agrárias dominantes.

Os relatos expressos pelas falas dos vaqueiros, portanto, denunciam os processos de agressões ambientais, as mudanças drásticas dos ambientes campeiros e de como a lida com o gado teve que se adaptar a nova lógica de mercado, como também, deixam clara a percepção que cada vaqueiro possui dessas mudanças impostas. É evidente na fala de todos os vaqueiros, a despeito de especificidades e particularidades de cada um, que existe um ponto dominante em suas observações, a saber, que é consenso entre eles uma visão bastante negativa em relação às

mudanças ocorridas no campo a partir da introdução da agricultura comercial na região.

Para corroborar o que foi falado pelos vaqueiros a respeito de como era a vegetação da região antes da chegada do agronegócio na região, a figura 24 em destaque a seguir, é bastante ilustrativa, pois, mostra um cerrado ainda bastante exuberante, bem diferente da atualidade.

**Figura 24** - Cerrado depois do distrito de Engenho D'Água em Caxias (MA) – 1957



Fonte: IBGE, 1957.

Essa imagem aponta que a vegetação da região, típica do Meio – Norte, ou seja, uma vegetação de transição, a qual inclui espécies da Mata dos Cocais, Cerrado e estratos (manchas) de espécies típicas da Caatinga, era nos idos de 1957 ainda bastante exuberante, porém, com o avanço da cultura do eucalipto e, sobretudo, com o agronegócio voltando principalmente para cultura da soja, isso tudo mudou.

É relevante observar como as imagens possuem uma importância no estudo da história. Elas são fontes importantes no processo de reconstituição das realidades passadas e ajudam a entender os fatos ocorridos no transcorrer do tempo. De acordo com o que aponta Berger (2010, p. 83): “Fotografias são relíquias do passado, vestígios do que aconteceu”.

Para Mauad (2014, p. 01): “As imagens são ricas e, por vezes, podem parecer comunicar mais do que se quer mostrar”. Isso significa que num estudo como este o que ora se insere como oportuno para a compreensão da vida dos vaqueiros na região sertânica de Caxias – MA, utilizar as imagens como fontes históricas em associação com as fontes orais, permite fornecer dados importantes que podem ajudar na compreensão macro das questões delineadas nos objetivos e a problemática que guiou toda a pesquisa.

A figura 25 em destaque também demonstra uma área vegetada na região sertânica de Caxias – MA. Nela é possível observar a vegetação típica de Cerrado com árvores de pequeno

e médio porte, como também, áreas de gramíneas típicas deste tipo vegetacional. Essas áreas na atualidade estão bem diferentes, pois, o processo de degradação atingiu de maneira significativa a área:

**Figura 25** - Cerrado depois do distrito de Engenho D'água em Caxias (MA)-1957



Fonte: IBGE, 1957.

Na fotografia destacada, percebe-se, que o ambiente acaba por ser propício para o deslocamento do gado, daí que essa região, durante muito tempo, desenvolveu essa cultura da pecuária extensiva, perdendo força apenas nos últimos anos em função da já aludida implantação das culturas agrícolas ligadas ao agronegócio, as quais tem impactado de forma significativa a região sertânica caxiense.

Vale considerar que, quando se toma o sertão, não apenas pelos aspectos estritos de uma sub-região classificada pelo IBGE, mas sim enquanto espaço interiorano e ao mesmo tempo simbólico e, portanto, indo além das questões puramente geográficas, é possível perceber que essas paisagens sertanejas das áreas rurais de Caxias – MA, mas do que serem apenas locais que compõem a zona rural do município, constituem locais em que os sentimentos dos vaqueiros se apegam. Para eles, as paisagens existentes contam histórias vividas por eles em momentos importantes de suas vidas:

As paisagens sertanejas representam um espaço particular, interiorano, imortalizado na obra *Os Sertões* de Euclides da Cunha, lançado em 1902. A palavra sertão pode significar o interior, uma área pouco povoada [...] Euclides apresenta o sertão como algo inicialmente ignoto, um enigma interno, marcado pela presença implacável da semiáridade (Alves, 2019, p.2).

O sertão, no entanto, é muito mais do que um local árido, pois, nele também existe

beleza cênica e vida pulsante. Os habitantes dos sertões caxienses demonstram um apego com o lugar em que nasceram e viveram os anos de sua juventude quando campear o gado era uma das suas atividades não apenas profissionais, mas também prazerosa. As histórias que eles contam através de seus depoimentos deixam bem evidente quão apegados eles são com esses locais de convivência. Isso existe, em grande medida, em razão de que os lugares, enquanto categorias geográficas exercem um poder sobre as pessoas que se sentem pertencentes a eles:

Quando olhamos para um lugar e o predicamos como “paisagem”, é porque o estamos contemplando com olhos estéticos, porque temos a disposição de dele desfrutar como mera contemplação. A paisagem se encontra, então, nos olhos de quem vê, a descrição da paisagem no romance de Nerval irá aproximar dois sistemas de representação, o linguístico e o imagético ou pictórico (Menegazzo, 2011, p.4).

As mudanças que ocorreram ao longo do tempo deixam marcas do passado no presente que são chamadas de *rugosidades* as quais se materializam no espaço em razão da ação do homem sobre as paisagens. Quando essas transformações ocorrem de forma mais intensas elas tendem a criar espaços desiguais e altera as paisagens fazendo coexistir realidades diversas e, por vezes, antagônicas, como é o caso do espaço sertânico de Caxias, onde se convive a moderna e excludente agricultura e a pequena e média propriedade voltada para a pecuária extensiva que vem perdendo espaço (Santos, 2008).

O significado de espaço que a sociedade possui é muito importante para se entender as relações que estas estabelecem com o ambiente. Pela fala dos vaqueiros, percebe-se, o apego com os lugares em que campearam o gado e que agora veem sofrerem intensas transformações, mudanças estas que tem contribuído, de maneira decisiva, para alterar seus modos de vida tradicionais:

Numa sociedade humana, a noção de espaço está associada à idéia de localização de lugares que são importantes para o grupo social, não apenas por estarem associados às atividades de reprodução social, mas por serem referências importantes para a construção da identidade cultural. O conhecimento que cada pessoa possui do espaço não se restringe ao que se torna conhecido pela experiência direta, mas abrange os espaços míticos [...] aqueles espaços que embora não sejam conhecidos, sabe-se de sua existência (Alencar, 2007, p.3).

A imagem destacada a seguir nesse tópico aponta um estrato vegetacional que mais se assemelha com a Caatinga, porém, por não está exatamente na sub-região do Sertão nordestino (sertão aqui entendido como aquele classificado pelo IBGE), essa região sertânica caxiense possui apenas “manchas” de Caatinga que são conhecidas, localmente, como vegetação de

carrasco que se caracteriza por espécies resistentes aos períodos de estiagem que acomete a região. As árvores, com seus galhos secos e ressecados, com espinhos, são um ambiente de alta complexidade para campear o gado, pois, representam perigos para os vaqueiros e para que ele atenuar os riscos, precisa fazer uso das indumentárias:

**Figura 26** - Espaço árido do ambiente campeiro caxiense



Fonte: Arquivo pessoal Auriele Pereira.

A imagem mostra uma paisagem bastante rústica na qual o gado se desloca em meios a árvores com galhos ressecados pela forte estiagem típica dessa área. Por meio desse registro é possível entender parte das dificuldades que os vaqueiros possuíam ao lidar com o gado e isto quando não existiam as queimadas e desmatamento em tão alto grau. Com as queimadas e os desmatamento, essas áreas que já possuíam uma dificuldade natural de campear o gado, passaram a ser ainda mais complexas.

Para enfrentar uma vegetação igual a estas, pelas falas dos vaqueiros, além do preparo físico, eles contavam com a sua fé religiosa, pois, a vida no campo apresentam dificuldades variadas e perigos diversos que os faz buscar na fé espiritual um fortalecimento para seguir nas lutas diárias: “Os vaqueiros e seu cortejo levam não apenas a fé em seus cavalos, mas também traços de uma cultura imaterial essencial para a construção da identidade” (Andrade *et al.*, 2020, p.5).

A fé é um dos pontos importantes que eles destacam em suas falas até mesmo para criticar as ações que agridem o meio ambiente, pois, em muito de suas falas, apelam ao fato de que a destruição dos recursos naturais, por parte dos grandes proprietários, seria uma agressão à criação de Deus. Essa fé, como já dito neste trabalho, é fruto de suas vivências em espaços

religiosos sincréticos.

Não se pode também deixar de considerar, nesta análise, os posicionamentos e percepções do vaqueiro Antônio Edilson Lima dos Reis a respeito da temática aqui abordada. O aludido vaqueiro foi questionado a respeito de se ele havia percebido alguma mudança no Segundo Distrito de Caxias – MA e se acreditava que estava mais difícil de criar gado na região. Assim ele respondeu:

*O gado solto não tinha despesa, que solto, no dia que você matava 01, 10 aquilo ali era lucro pra gente, mas hoje pra você criar preso a despesa é grande. Porque o bicho preso só come se a gente botar comida pra eles, os solto não, eles se vira come capim ali e aculá. O preso é bom que quando você quiser ver, tá ali, você não sai pra procurar, preso também a preocupação diminui, mas ele solto a gente perde essa coisa de ir pro campo, de ir atrás do gado. O tanto de gado que a gente via quando era tudo no aberto, agora a gente num ver rastro nem de um mambira, acabou tudo. Num tem uma perna de arame, você num vê uma roça, um animal, num vê nada, eu tava até conversando com os mininos, tudo se acaba, quem viu, viu, quem num viu num vê mais. Essa juventude de hoje num vê mais, pode ver preso, mas solto mesmo é difícil, a malopa de gado que gente via ovelha, bode, tudo solto, agora num se ver mais. O Pessoa reclama, mas aqui começou com esse assentamento aí na Boca da Mata, tá comm uns 25 anos, aí foi tirando bicho, aí veio essa COMVAP aí, depois os gaúchos, aí foi se acabando. Até mataram uma novilha minha, eu quis dar parte, mas deixei de mão, quem tiver seu animal que prenda (Antônio Edilson Lima dos Reis, 2024).*

A fala do vaqueiro deixa bem claro como as paisagens da região passaram por mudanças em função do avanço do agronegócio na região seja a voltada para a produção de cana-de-açúcar ou mesmo para os grãos, especialmente, a soja. Sem falar que no passado, essa região também teve um grande avanço do eucalipto. Tudo isso contribuiu para o grande desmatamento e para a diminuição gradativa da pecuária extensiva seja aquela de caráter comercial ou mesmo a familiar de subsistência.

A reclamação de que atualmente existe uma dificuldade para se criar o gado solto, tendo até mesmo sido morta uma das suas novilhas, demonstra como a violência no campo nessa região tem aumentado, pois, os fazendeiros chegados do sul do país principalmente, não respeitam os modos de vida das pessoas que já residiam na região e usam sua truculência e força econômica e até mesmo de jagunços, para impor suas vontades:

Nas fazendas de outras eras, como o gado era criado solto na chapada, às vacas davam cria naturalmente, sem interferência do vaqueiro, a não ser em determinados casos. Já parida, o vaqueiro a conduzia para o curral e dava um tratamento especial ao umbigo do bezerro, porque o consideravam o ponto mais vulnerável a doenças (Rocha, 2010, p. 98).

A criação do gado sem precisar prendê-lo durou bastante tempo nas regiões sertânicas de Caxias – MA, mas na medida em que os produtores do agronegócio foram se instalando na região, gradativamente, foi diminuindo, pois, tais fazendeiros não admitem que o gado avance um milímetro em suas propriedades, agindo, por vezes, como já referido, com truculência.

Outro vaqueiro que também destacou de que mais sentia saudades no tempo em que campeava o gado nas regiões sertânicas de Caxias – MA, foi o senhor Antônio Edilson Lima dos Reis. Ao responder ele assim informou:

*Oiã! Aquilo ali era muito bom. Vou dizer pra você: Tinha uns gado ali correndo, né? Aí nós convidava os amigos e dizia assim: Rapaz! Tal dia a gente vai pegar aqueles gado, aí tinha aqueles vaquêros, se reunia de 10, 15 vaquêro, quando a gente ia ali, quando a gente pegava era a maior alegria da gente e era bom quando a gente pegava mesmo. Fulano dizia assim: Rapaz! Fulano é bom, tem cavalo bom, tem cachorro bom, tem coragem e aquilo dali pra nós é uma alegria. A gente morre e não esquece. Hoje em dia só se a gente ir na casa deles pra conversar, hoje tem o celular, mas bom é a gente conversar ao vivo mermo. Aquilo dali era bom demais, a gente tomava uma cachacinha, o caba gritava e tudo na amizade. Tinha aqueles invocado (rsrsrs) aí você descartava um poquin, né? Mas aqueles do peito mesmo, era bom demais, aí a gente sente falta daquilo dali. Ave maria! Tenho muita saudade. Eu fico pensando às vezes, passou o tempo (Antônio Edilson Lima dos Reis, 2024).*

Esta fala transparece quão impactante é para o vaqueiro as lembranças do tempo em que campeava o gado, pois, ele lembra tanto das idas ao campo, como também, dos momentos de socialização com os companheiros de trabalho. Existe ainda um saudosismo quando ele faz a comparação das relações de amizades do passado – mediadas por conversas presenciais – as existentes na atualidade que são, em regra, mediadas pelo uso de celulares.

Essas lembranças demonstram como a representação cultural se diferencia entre os indivíduos ou grupos, pois, aquilo que pode representar um avanço desejável, para outros pode significar a destruição de um mundo no qual ele aprendera a viver e a gostar. Eis aí a diferença daqueles que são ávidos por tudo que se considera moderno, e aqueles que ainda sonham com o mundo como era no tempo em que campeavam o gado: “Cada cultura tem suas próprias e distintivas formas de classificar o mundo. È pela construção de sistemas classificatórios que a cultura nos propicia os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados” (Hall, 2000, p.41).

Essas formas diferentes de entender, classificar e se apropriar do mundo demonstra as singularidades dos grupos sociais e dos indivíduos. Os vaqueiros representam exatamente isso, ou seja, se para alguns os seus modos de vidas podem ser vistos como decadentes e apenas

instâncias de sofrimento e exclusão social, para eles representa um mundo em que eles gostavam de viver – o que não significa gostar do sofrimento inerente à profissão – e sim gostar das partes que enxergavam como positivas, pois, em suas falas eles fazem questão de apontar as dificuldades, marginalização e exploração típicas da profissão, mas sem esquecer as alegrias e o prazer que tinham de campear o gado e também de conviver com os companheiros na lida nas paisagens sertânicas de Caxias – MA.

Foi perguntado ainda ao senhor Antônio Edilson Lima dos Reis se na atualidade ele ainda era vaqueiro ao que respondeu:

*Sim! Ainda tenho as minhas, fico labutando só com as minhas, tenho essa terra agora, hoje dou satisfação a eu mermo. O Gadin é meu, eu vou lá mudo prum lugar ninguém diz nada, aí é bom, tá bom, a gente faz o que quer no da gente (Antônio Edilson Lima dos Reis, 2024).*

Sua fala revela que ele possui uma atividade de pecuária nos moldes familiar e que isso para ele trouxe vantagens, visto que, adquiriu a autonomia e liberdade que não tinha quando era funcionário de fazenda. Aponta também a existência de uma propriedade, algo que no passado não possuía e por isso não conseguia criar o gado que ganhava na relação de trabalho.

Não restam dúvidas de que o processo de modernização da região sertânica de Caxias – MA, longe de trazer o tal progresso propalado por meio dos discursos neoliberais, tem de fato afetado os modos de vida tradicionais, bem como, os recursos naturais da região, gerando processos intensos de degradação da fauna, flora, solos, recursos hídricos entre outros aspectos. Nesse tópico foi possível externar a percepção dos vaqueiros a este respeito, analisando suas falas à luz da literatura especializada, como também, por meio das observações em campo e dos recursos imagéticos.



#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar na etapa final deste texto dissertativo, fazendo uma contextualização histórica, observa-se, que o vaqueiro, desde o Brasil Colônia, assumiu um papel muito importante para a formação territorial do país, pois, foi desenvolvendo no sertão nordestino uma grande representatividade cultural e identitária, visto que, ao desbravarem essa região, ele conseguiu não apenas contribuir com o processo de povoamento e territorialização dessas áreas interioranas, mas também, emplacar suas marcas culturais sob os espaços em que habitava. Exerceu poder sobre as paisagens e delas também recebeu influência.

No caso específico do estado do Maranhão, sobretudo, com o estabelecimento de fazendas de criação de gado que ajudaram no processo de colonização do estado, os vaqueiros, atuando como responsáveis pela manutenção das mesmas, foram fundamentais para os ciclos de povoamentos e desenvolvimento maranhense. As diferentes correntes migratórias que se dirigiram para as terras maranhenses no decorrer do tempo tiveram, em grande medida, os vaqueiros como um dos grupos que se notabilizaram pela sua representatividade e protagonismo.

Neste sentido, viu-se também que o vaqueiro se faz presente na construção da História Maranhense em sentido amplo e em particular no que tange à produção do espaço caxiense. Apesar de toda essa relevância, muitas vezes, essa figura está à margem das páginas da historiografia, não que ele não seja citado, mas no que se refere a ter sempre um destaque marginal, visto que, costuma ser retratado de uma maneira um tanto alienada ou estereotipada o que contribui, inegavelmente, para o seu silenciamento enquanto ator social.

Por conta disso, ao longo do trabalho, apoiando-se em diversos autores que apontam a importância de pesquisar o espaço sertanejo, sobretudo, tendo o vaqueiro como protagonista da construção deste espaço, o trabalho trouxe uma abordagem que abarcou tanto as questões estritamente vinculadas às suas práticas laborais diárias, como também, aquelas relacionadas às suas percepções sobre as agressões ambientais, mundo do trabalho, relações familiares e ainda a manutenção das identidades culturais, frente ao intenso processo de modernização do campo imposto pelo neoliberalismo, que por meio da globalização excludente, impõe sua lógica perversa.

Verificou-se também que os vaqueiros e os demais habitantes das comunidades tradicionais em geral, que vivem nessa região sertânica, especialmente, no espaço de Caxias – MA, foco deste estudo, sofrem com o avanço do agronegócio na região, isso se deve ao fato desse espaço ser propício à agricultura, haja vista que, a região possui solo fértil e ainda possui

riquezas hídricas, dados os muitos cursos d'água superficiais presentes na região, bem como, as águas subterrâneas presentes nesse espaço o que tem atraído, desta maneira, grupos empresariais do agronegócio de diversas partes do país, especialmente, aqueles das regiões Centro-Oeste e Sul do país que trazem uma nova lógica de produção e apropriação do espaço para a região.

Pelo que foi levantado através das entrevistas junto aos vaqueiros, ficou claro que eles são sujeitos que, com a vinda do agronegócio para essa área de Caxias, sentem-se muito lesados por não poderem mais exercer as mesmas práticas campeiras de antes. Eles, por meio de suas falas, fazem uma série de denúncias referentes aos impactos ambientais por conta da plantação, inicialmente, do eucalipto e depois de empresas do ramo da cana-de-açúcar e por último dos grupos sulistas que criaram diversos campos agrícolas para a plantação de grãos de grande valor no mercado internacional, especialmente, a soja.

Suas denúncias apontam também para a grande concentração fundiária que esses projetos da agricultura comercial têm promovido na região e como esse modo de produção não interfere apenas na esfera econômica, mas também na política, social, cultural e nos modos de vidas das comunidades, pois, além do desmatamento e destruição de muitos animais que perdem o seu *habitat*, os agrotóxicos que são utilizados nas monoculturas têm afetado os solos, as águas e as pequenas lavouras dos moradores. As afetações também se dão no terreno do simbólico, pois, modos de vida e padrões culturais estranhos à região começam a serem impostos pelos novos donos da terra e isso tende a afetar a cultura do vaqueiro que já sofre com uma série de descasos.

Os vaqueiros que concederam entrevistas, porém, resistem como podem às investidas da globalização e do neoliberalismo, não por serem contra os produtos da modernidade, visto que, as tecnologias, segundo eles mesmos, são algo importante, mas resistem a estes modos de enxergar a economia em virtude de que não se veem incluídos, pelo contrário, veem-se marginalizados. Assim, por meio das suas crenças, festas, costumes, modos de vida em geral, buscam manter suas identidades frente ao avanço da cultura massificante, que tende a manter as identidades culturais específicas dos lugares.

Os vaqueiros por meio de suas falas apontaram quão difíceis eram suas vidas campeiras, cheias de desafios diárias, escassez de alimentos, rotinas longas de trabalho, mas ao mesmo tempo, destacaram aspectos positivos e como eles enxergam o mundo atual quando comparado com o que viveram no passado. A memória, a fotografia e a oralidade, enquanto recursos historiográficos foram essenciais para capturar os sentimentos expressos na realidade vaqueiral estudada, pois, os depoimentos dos vaqueiros foram muito importantes para se entender as

razões dessa cultura ainda ser tão forte na região e mesmo diante de tantas investidas, ainda permanece bastante firme, mesmo que não exatamente sempre em moldes tradicionais. Essa, aliás, é um dos pontos do trabalho, a saber, a discussão entre o que é ser vaqueiro em sentido contemporâneo e o que era no passado.

Para muitos dos entrevistados as inovações, como por exemplo, o uso de motos para campear o gado, embora possa até oferecer algumas vantagens, descaracteriza a essência do ser vaqueiro. Aludem também ao fato de que deve se diferenciar os verdadeiros vaqueiros daqueles que apenas gostam da estética do ser vaqueiro, ou seja, o que eles chamam de “vaqueiros de festas” que apenas aparecem durante as vaqueijadas, pegas de boi no mato, mas que no dia a dia exercem outras profissões bem diferentes.

Os vaqueiros ao relatar suas relações profissionais com os patrões deixam bem evidentes como elas eram desiguais, beneficiando sempre os donos de terra que além de possuir o poder político e econômico, detinham em grande medida o poder do simbólico também, o que muitas vezes, fazia com que os vaqueiros não apenas fossem explorados economicamente, mas que ainda o fossem alienados da realidade excludente na qual viviam e isto obedecia à lógica da exploração, ou seja, se o vaqueiro estava alienado nem se quer iria questionar o *status quo* e com isso, nada se alteraria.

Por abordar o vaqueiro em seu sentido social e não apenas como um ser heróico, quase que messiânico como se costuma observar em muitas abordagens historiográficas, este trabalho considera que cumpriu o que pretendeu, pois, situou o vaqueiro em seu lugar social a partir do entendimento de sua importância e dimensão histórica, como também as diversas complexidades que envolvem esse personagem. Procurou-se dar destaque aos aspectos da vida campeira, mas também para as relações de sociabilidade com os amigos, como também, a vida em família, dando espaço para entender a sua vida com os filhos, com a esposa, enfim, com o seu lar.

Outro ponto destacado foi a questão da religiosidade que está muito presente em sua vida. Os aspectos sincréticos que emanam de suas vivências e deixam claro como suas identidades culturais são formadas a partir também dessa percepção do mundo espiritual no qual submerge diariamente. A religiosidade sincrética é uma das marcas do ser vaqueiro. Suas crenças e fé configuram parte integrante do que eles são como indivíduos.

No trabalho também ficou bem claro que os avanços do agronegócio na região são de tal forma significativos que muitos vaqueiros acreditam que a tendência a médio e longo prazo é que a cultura dos vaqueiros, como eles conheceram no tempo que campeavam o gado,

desapareça por total. Eles, no entanto, lutam para que isso não ocorra, mas muitos já perderam a esperança.

Nessa toada, ao se debruçar nas memórias, vivências e experiências de tais sujeitos, através das narrativas cedidas, percebe-se que ao longo dos anos, os vaqueiros foram forjando e experimentando em suas trajetórias muitas mudanças. Nas suas vivências, ao percorrerem, diuturnamente, o sertão caxiense, principalmente nos 07 povoados pesquisados (Almeida, Barro Vermelho, Bebedouro, Cumbuquinha, Ininga, Redenção e Santo Antonio), notaram mudanças nas paisagens e no próprio modo de lidar com o rebanho, pois, se antes a criação extensiva do gado solto era totalmente permitida, nos últimos anos isso não ocorre mais.

Por meio do campear o gado eles viveram momentos que moldaram a forma como enxergam o mundo. Em suas andanças com o gado, eles não apenas exerceram uma atividade profissional, mas igualmente teceram a teia de suas existências e é por este mundo que construíram para si que lutam, pois, acreditam que a manutenção de suas identidades culturais é a manutenção de si próprios, visto que, todos os seres humanos possuem cultura e a preservação é parte da necessidade que esses grupos têm de se manterem vivos socialmente e de se reproduzirem.

Ao resistirem às imposições da cultura de massa, buscando manter certas tradições do mundo campeiro, os vaqueiros estão em verdade lutando por aquilo que são, enquanto indivíduos e coletividades rurais. Eles acreditam que a resistência ao mundo moderno não deve ser de modo algum contra as conquistas tecnológicas ou aos benefícios com elas advindas, mas sim, aos processos de exclusão social, econômica e as tentativas de imposição cultural que busca destruir as singularidades dos lugares.

O estudo então concluiu que os vaqueiros acreditam que as mudanças impostas na região, em função das dinâmicas econômicas, foram altamente nocivas tanto à natureza como também aos seus modos de vida, mas que resistir como podem a estas mudanças é um imperativo moral e prático necessário.

Por fim, destaca-se que a despeito das possíveis lacunas que o trabalho possa ter, dada a amplitude do tema e a exiguidade do tempo como fatores que permearam o desenvolvimento desta pesquisa, e mesmo sob esses desafios, compreende-se que ele atingiu os objetivos delineados, sendo um verdadeiro avanço para os estudos da vida campeira na região sertânica de Caxias – MA. Novos estudos poderão aprofundar o tema ainda mais, pois, como dito na justificativa deste estudo, existe uma verdadeira carência de estudos voltados para vida campeira na região leste maranhense, especialmente, no tocante às regiões sertânicas de Caxias – MA e por isso mesmo esse trabalho se impõe como relevante e atual ao abordar tal temática.

## REFERÊNCIAS

A'BSABER, Aziz. **Os domínios morfoclimáticos do Brasil**: potencialidades paisagísticas. Ateliê Editorial; 7ª edição 2012.

AATR. **Legalizando o ilegal**: Legislação Fundiária e Ambiental e a Expansão da Fronteira Agrícola no MATOPIBA. Projeto Editorial: Associação dos Advogados de Trabalhadores Rurais. PIAUÍ. Lei 6.709 de 28 de Setembro de 2015. Lei de Regularização Fundiária do PiauÍ. Governado Estado do PiauÍ. PIAUÍ. Lei 7.294 de 10 de Dezembro de 2019. Governo do Estado do PiauÍ. Disponível em: <https://www.aatr.org.br/post/matopiba-estudo-sobre-institucionaliza%a7%a3o-da-grilagem-%a9-lan%a7ado>. Acesso em: 23 set. 2023.

ABREU, Regina. Patrimonialização das diferenças e os novos sujeitos de direito coletivo no Brasil. **Memória e novos patrimônios**. 1. ed. Marseille: OpenEdition Press, 2015, v. 1, p. 67-93. Disponível em: <https://reginaabreu.com/site/index.php/capitulos-de-livros-1/item/114-memoria-e-patrimonio>. Acesso em: 23 set. 2023.

ACRUCHE, Hevelly Ferreira. “Por mais rigor e zelo que se pôs, e põe no contrabando, nunca pude evitar o da introdução de negros [...]”: soberania e contrabando no Rio da Prata colonial. In: FERREIRA, Márcia Milena Galdez; FERRERAS, Norberto O.; ROCHA, Cristiana Costa da (Org.). **Histórias sociais do trabalho**: uso da terra, controle e resistência. São Luís: Café & Lápis; Editora UEMA, 2015.

AIRES, Francisco Janio Filgueira. “**Sob á luz da cultura e do negócio**”: Vaqueiros e Patrões nas Vaquejadas Contemporâneas no Rio Grande do Norte-RN. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PPGCS. Natal, RN-2018. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/26396>. Acesso em: 23 set. 2023.

ALBERTI, Verena. **Biografias dos avós**: uma experiência de pesquisa no ensino médio. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. 10p. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/items/92ad3cdf-eb85-4497-bce5-c41c130333b6>. Acesso em: 20 set. 2023.

ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar**: textos em História Oral. 1. ed. Editora: FGV, 2004.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5º Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino**: a invenção do “falo”: uma história do gênero masculino (1920-1940). 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Raros e rotos, restos, rastros e rostos**: os arquivos e documentos como condição de possibilidade do discurso historiográfico. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/29126/16162>. Acesso em: 20 set. 2023.

ALENCAR, Edna F. Paisagens da memória: narrativa oral, paisagem e memória social no processo de construção da identidade. **Teoria & Pesquisa**, v. XVI, n. 2, jul/dez. 2007.

Disponível em:

<https://mamiraua.org.br/documentos/9e4109d55493e3a754265ba1d6627397.pdf>. Acesso em: 20 set. 2023.

ALVES, Grace Bungenstab. A formação das paisagens sertanejas no tempo e no espaço. 2019. In book: **Sertão, sertões: repensando contradições, reconstruindo veredas** (pp.98-113). Editora Elefante. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/334045556\\_A\\_formacao\\_das\\_paisagens\\_Sertanejas\\_no\\_tempo\\_e\\_no\\_espaco](https://www.researchgate.net/publication/334045556_A_formacao_das_paisagens_Sertanejas_no_tempo_e_no_espaco). Acesso em: 23 set. 2023.

AMORIM, Thiago de Sousa; FONTINELES, Claudia Cristina da Silva; NASCIMENTO, Josivan Antonio do. Instâncias de humilhação: silenciamento e passividade de Fabiano em *Vidas secas*, de Graciliano Ramos. **Cadernos Cajuína: revista interdisciplinar**, v. 8, n. 2, 2023. Disponível em: <https://v3.cadernoscajuina.pro.br/index.php/revista/article/view/134>. Acesso em: 23 set. 2023.

ANDRADE, Camila Maria Nobre *et al.* Vaqueiros, devoção e memória na Cavalgada dos Festejos de São Bernardo, Maranhão. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.12, n.22, Jan/Jun.2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/Memoria/article/download/17943/11054>. Acesso em: 20 set. 2023.

ANDRADE, Joel Carlos de Souza; Santos, Arthur Ebert Dantas dos. O caldeirão dos mitos: o representar sertanejo através d'ó Ciclo Folclórico do Bom Jesus Conselheiro (1950). In: FERNANDES, Paula Rejane; SANTOS, Beatriz Alves. **Sertões ontem e hoje: historiografias, culturas e representações** (Org.). Campina Grande, PB: Amplia, 2024. Disponível em: <https://ampliaeditora.com.br/books/2024/01/SertoeseOntemeHoje.pdf>. Acesso em: 20 set. 2023.

ANDRADE, Manoel Correia. **O processo de ocupação do espaço regional do Nordeste**. 2. ed. Recife, PE: SUDENE, 1979.

AQUINO, Antonio Ferreira. **Vaquejada em Alagoas: uma reflexão atual sobre a tradição da pega do boi no mato**. Delmiro Gouveia, 2022. Universidade Federal de Alagoas. Campus do Sertão. Curso de História. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/123456789/9844/1/vaquejada%20em%20alagoas%20uma%20reflex%c3%a3o%20atual%20sobre%20a%20tradi%c3%a7%c3%a3o%20da%20pega%20boi%20no%20mato.pdf>. Acesso em: 23 set. 2023.

Arantes, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. São Paulo: Editora brasiliense, 1998.

ARAÚJO, Carla De Quadros. **Guardados da memória: matas do sertão de baixo, longos serões do campo e fidalgos e vaqueiros**. Universidade Estadual de Feira de Santana. Departamento de Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural. Feira de Santana, BA, 2008. Disponível em: <http://tede2.uefs.br:8080/bitstream/tede/1306/2/guardados%20da%20mem%c3%93ria%20o%20matas%20do%20sert%c3%83o%20de%20baixo%2c%20longos%20ser%c3%95es%20do%20campo%20e%20fidalgos%20e%20vaqueiros.pdf>. Acesso em: 20 set. 2023.

AXT, Gunter. **A volta do “Homem-massa” de José Ortega y Gasset?** Disponível em:

<https://estadodaarte.estadao.com.br/a-volta-homem-massa-de-jose-ortega-y-gasset/>. Acesso em: 30 maio 2022.

AZEVEDO, Joachin de Melo; SILVA, Danilo Rodrigues Da. Cultura popular, memória e o ofício de historiador: notas sobre a construção coletiva do museu do vaqueiro de Santa Rosa de Lima/BA. *História da Historiografia: política, reflexões e memórias em pesquisa*. ISBN 978-65-5360-339-4 - Vol. 1 - Ano 2023 - Editora Científica Digital. Disponível em: <https://downloads.editoracientifica.com.br/articles/230312489.pdf>. Acesso em: 20 set. 2023.

BARBOSA, Francisco Benedito da Costa. Relações de produção na agricultura: algodão no Maranhão (1760 a 1888) e café em São Paulo (1886 a 1929). *Agric. São Paulo*, São Paulo, v. 52, n. 2, p. 17-27, jul./dez. 2005. Disponível em: <https://www.ipades.com.br/publicacoes/RelacoesProducaoAgriculturaREA.pdf>. Acesso em: 20 set. 2023.

BARBOSA, Viviane de Oliveira. Ocupação de terras maranhenses, grandes projetos e planos de governo. In: FERREIRA, Márcia M. Galdez (Org.). **Histórias sociais do trabalho**: uso da terra, controle e resistência. São Luís: Editora da UEMA, 2015.

BARROS, José D' Assunção. **Fontes históricas**: introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

BARROS, José D' Assunção. **Teoria e formação do historiador**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

BATISTA, Luana Braga. **“Quem não tem caneta vai para onde?”** 32ª RBA - Reunião Brasileira de Antropologia. Rio de Janeiro, RJ, 2020. Disponível em: <https://www.32rba.abant.org.br/arquivo/downloadpublic?q=ytoyontzojy6inbhcmftcyi7czozntoiytoxontzojewoiijrf9bulfvsvzpijtzjq6iji2mdqio30io3m6mtoiaci7czozmjoiiodcxmjg2ymulmjuzntg4nwrhmzdinzcnwme0y2vlzjqio30%3d>. Acesso em: 23 set. 2023.

BAUER, Martin W; AARTS, Bas. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: Martin W. Bauer, George Gaskell (Org). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Editora Vozes, 2015. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/242071153\\_A\\_Construcao\\_do\\_corpus\\_Um\\_principio\\_para\\_a\\_coleta\\_de\\_dados\\_qualitativos](https://www.researchgate.net/publication/242071153_A_Construcao_do_corpus_Um_principio_para_a_coleta_de_dados_qualitativos). Acesso em: 20 set. 2023.

BENÍCIO, Phablo Costa da Nóbrega; Calvanti, Maria Luíza Coelho. **Cultura nordestina**: tradição do vaqueiro e pega de boi no mato resiste no semiárido. **Anais II CONIDIS** – Congresso Internacional da Diversidade do Semiárido. Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/33344>. Acesso em: 20 set. 2023.

BERGER, John. **Para entender uma fotografia**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BRANCO, Francisco Gil Castelo. **Ataliba**: o vaqueiro. 3. ed. Teresina: Convênio Oficina da Palavra, 2005.

BRANDIM, Vivian de Aquino Silva; MARQUES, Elimária Costa. **Frentes de combate à seca**

no Piauí: esperanças, tristezas e realidades na década de 1970. In: VASCONCELOS, José Gerardo; SILVA, Samara Mendes Araújo; SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos (Org.). **Labirintos de Clio: práticas de pesquisa em história**. Fortaleza-CE: Edições UFC, 2009. Disponível em: <https://imprensa.ufc.br/pt/labirintos-de-clio-praticas-de-pesquisa-em-historia/>. Acesso em: 20 set. 2023.

BRASIL. **Decreto nº 8.447, de 6 de maio de 2015** - Dispõe sobre o Plano de Desenvolvimento Agropecuário do Matopiba e a criação de seu Comitê Gestor – Brasília, DF, 2015. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/decreto/d8447.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/decreto/d8447.htm). Acesso em: 20 set. 2023.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Ministério do Planejamento, desenvolvimento e gestão. **Regiões Geográficas Estado do Maranhão**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: [https://geoftp.ibge.gov.br/organizacao\\_do\\_territorio/divisao\\_regional/divisao\\_regional\\_do\\_brasil/divisao\\_regional\\_do\\_brasil\\_em\\_regioes\\_geograficas\\_2017/mapas/21\\_regioes\\_geograficas\\_maranhao\\_20180911.pdf](https://geoftp.ibge.gov.br/organizacao_do_territorio/divisao_regional/divisao_regional_do_brasil/divisao_regional_do_brasil_em_regioes_geograficas_2017/mapas/21_regioes_geograficas_maranhao_20180911.pdf). Acesso em: 20 jun. 2024.

BRAZIL, Maria do Carmo. Sobre os campos de Vacaria do Sul do Mato Grosso: considerações sobre terra e escravidão (1830-1889). In: MAESTRI, Mário; BRASIL, Maria do Carmo (Org.). **Peões, vaqueiros e cativos campeiros: estudos sobre a economia do Brasil**. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2009. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/15199593/sobre-os-campos-de-vacaria-do-sul-de-mato-grosso-ufgd>. Acesso em: 20 set. 2023.

BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco; VIANA, Francisco Cleisson Sousa. Heróis de gibão de couro: história e identidade dos vaqueiros campomaiorenses através da literatura. **Vozes, Pretérito & Devir**, a. IV, v. V, n. I, 2016. Artigos ISSN: 2317-1979. Disponível em: <http://revistavozes.uespi.br/index.php/revistavozes/article/view/102>. Acesso em: 20 set. 2023.

BRUNO, Regina. O Estatuto da Terra: entre a conciliação e o confronto. **Revista Sociedade e Agricultura**, v. 2, n. 2, 1995. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/80>. Acesso em: 20 set. 2023.

BURKE, Peter. **Cultura popular na idade moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CABRAL, Alysson André Oliveira. **Reforma agrária no Brasil: a reforma (im) possível**. Universidade Federal da Paraíba. Centro de Ciências Exatas e da Natureza. Departamento de Geociências. Programa de Pós-graduação em Geografia. Doutorado. João Pessoa – PB, 2021. Disponível em: [https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/24010?locale=pt\\_BR](https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/24010?locale=pt_BR). Acesso em: 10 fev. 2024.

CABRAL, Maria do Socorro Coelho. **Caminhos do gado: conquista e ocupação do Sul do Maranhão**. São Luís: SIOGE, 1992.

CAES, André Luiz. História, religião e ética: considerações sobre o papel da religião na sociedade global. In: PINHEIRO, Áurea da Paz; PELEGRINI, Sandra C. A. **Tempo, memória e patrimônio cultural**. Teresina: EDUFPI, 2010.



CALMON, Pedro. **História da casa da torre**. 3. ed. Salvador-BA: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1983.

CALVANTI, Adriana Priscilla Costa. **A vaquejada do Nordeste e a Princesa do Sertão**: a “cartografia dos desejos” desvelando recortes de uma história em particular. Encontro Estadual de História. Disponível em: [http://www.encontro2018.bahia.anpuh.org/resources/anais/8/1535135449\\_arquivo\\_avaquejad-anaprincesadosertao-adrianacavalcanti.pdf](http://www.encontro2018.bahia.anpuh.org/resources/anais/8/1535135449_arquivo_avaquejad-anaprincesadosertao-adrianacavalcanti.pdf). Acesso em: 2 dez. 2022.

CANCIAN, Elaine. Propriedades pastoris e escravidão no Pantanal de Miranda (séc.19). In: MAESTRI, Mário; BRASIL, Maria do Carmo (Org.). **Peões, vaqueiros e cativos campeiros**: estudos sobre a economia do Brasil. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2009.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos**. Conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1999.

CAPEL, Heloisa Selma Fernandes. Pré-conceito e tradição em Goya: dimensões da visão romântica. In: RAMOS, Alcides Ferreira; MATOS, Maria Izilda Santos de; PATRIOTA, Rosangela (Org.). **Olhares sobre a história**. São Paulo: Editora HUCITEC, 2010.

CARNEIRO, Deuris de Deus Moreno Dias; NASCIMENTO, Maria Nadir. **Terra das palmeiras**: geografia e história do Maranhão. São Paulo: Editora FTD, 1996.

CARNEIRO, Newton Luiz Garcia. No extremo sul, uma elite diferenciada. In: MAESTRI, Mário; BRASIL, Maria do Carmo (Org.). **Peões, vaqueiros e cativos campeiros**: estudos sobre a economia do Brasil. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2009.

CARVALHO, Fábio Pereira. Histórias de moleques crioulos: a infância e adolescência em comunidade escrava pós-tráfico (Vassouras, 1850-1888). In: FERREIRA, Márcia Milena Galdez; FERRERAS, Norberto O.; ROCHA, Cristiana Costa da (Org.). **Histórias sociais do trabalho**: uso da terra, controle e resistência. São Luís: Café & Lápis; Editora UEMA, 2015.

CARVALHO, João Renôr F. de; FRANKLIN, Adalberto. **Francisco de Paula Ribeiro desbravador dos sertões de Pastos Bons**: a base geográfica e humana do sul do Maranhão. Imperatriz, MA: Ética, 2007.

CARVALHO, Roberta Lobão. “**Sobre as ruínas, que aos Povos do Estado do Gram Pará, e Maranhão fizeram aos denominados Jesuítas**”: religião, trabalho, política e conflitos na Amazônia (Séc. XVII-XVIII). 2012.

CASTRO, Lara de. Jornadas da fome: a rotina degradante dos trabalhadores-cassacos nas obras públicas durante as secas. **Mundos do Trabalho**, Florianópolis, v. 12, p. 1-24, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho/article/view/75380#:~:text=ao%20conseguir%20ocupa%20a%20vida%20nas%20obras, trabalho%20e%20a%20morte>. Acesso em: 10 jun. 2022.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. 1. ed. Coimbra, 2001.

CAVALCANTE, Dehon da Silva. História, Passado e Memória: leituras e aproximações. **Anais do Encontro Nacional de História da UFAL**, nº 10, Set/2018- ISSN 2176-284X TOMO II. Disponível em: <https://ichca.ufal.br/pt-br/pesquisa/grupos/historia/centro-de-pesquisa-e-documentacao-historica-cpdhis/XEncontroNacionaldeHistriavol.2UFAL.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2024.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre: Editora Universidade: UFRGS, 2002.

CORREIA FILHO, Francisco Lages. **Projeto Cadastro de Fontes de Abastecimento por Água Subterrânea, estado do Maranhão**: relatório diagnóstico do município de Caxias. Teresina: CPRM - Serviço Geológico do Brasil, 2011.

COSTA, Marcos Araújo. **Imoralidades sertanejas**: as visitas pastorais e o disciplinamento dos costumes na freguesia das Aldeias Altas no século XVIII (1741-1753). Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. Centro de Estudos Superiores de Caxias - CESC. Departamento de História e Geografia - DHG. Curso de Licenciatura Plena em História. Caxias-MA, 2019.

COUTINHO, Mílson. **Caxias das Aldeias Altas**: subsídios para sua história. 2. ed. São Luís: Caxias: Prefeitura de Caxias, 2005.

DAVALLON, Jean. Memória e patrimônio: por uma abordagem dos regimes de patrimonialização. In: TARDY, Cécile (dir.); DODEBEI, Vera (dir.). **Memória e novos patrimônios**. Nouvelle édition [en ligne]. Marseille: OpenEdition Press, 2015 (généré le 12 février 2015). Disponível em: <https://books.openedition.org/oep/866>. Acesso em: 20 set. 2023.

Disponível em: <https://doceru.com/doc/n1es08sv>. Acesso em: 10 jan. 2024.

DODEBEI, Vera. Memoração e patrimonialização em três tempos: mito, razão e interação digital. In: TARDY, Cécile (dir.); DODEBEI, Vera (dir.). **Memória e novos patrimônios**. Nouvelle édition [en ligne]. Marseille: OpenEdition Press, 2015 (généré le 12 février 2015). Disponível em: <https://books.openedition.org/oep/865>. Acesso: 20 set. 2023.

DUARTE, Uriel; MENEGASSE, Leila Nunes; OLIVEIRA; Fernando Roberto de. **Impacto ambiental do eucalipto na recarga de água subterrânea em área de cerrado, no Médio Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais**. XII Congresso Brasileiro de Águas Subterrâneas. 2002. Disponível em: <<https://aguassubterraneas.abas.org/asubterraneas/article/download/22677/14879/0>> Acesso em: 20 set. 2023.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1994.

ESSELIN, Paulo M. A pecuária bovina e o processo de ocupação do Pantanal sul-mato-grossense. In: MAESTRI, Mário; BRASIL, Maria do Carmo (Org.). **Peões, vaqueiros e cativos campeiros**: estudos sobre a economia do Brasil. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2009.

FAORO, Raymundo. **Os Donos do Poder**: formação do patronato político brasileiro. 1. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2021.

FARIA, Eloísa Maria de. **Estudo da vaquejada inserida no contexto do sertanejo rural**: o vaqueiro. Universidade Federal do Rio Grande do Norte Centro de Ciências Humanas Letras e Artes Departamento de História. Natal, RN, 1993. Disponível em: <http://repositoriolabim.cchla.ufrn.br/bitstream/123456789/202/1/estudo%20da%20vaquejada%20inserida%20no%20contexto%20do%20sertanejo%20rural%20vaqueiro.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2024.

FERREIRA, Márcia Milena Galdez. Configurando o espaço social no Vale do Mearim: terra, trabalho e migração. In: FERREIRA, Márcia Milena Galdez; FERRERAS, Norberto O.; ROCHA, Cristiana Costa da (Org.). **Histórias sociais do trabalho**: uso da terra, controle e resistência. São Luís: Café & Lápis; Editora UEMA, 2015.

FERREIRA, Maria Helena Alves; LIMA, Nilsângela Cardoso. De avô para pai, de pai para filho: tradição e memórias dos vaqueiros de Elesbão Veloso, Piauí, Nordeste do Brasil. Ponta de Lança: **Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura**, São Cristóvão, v. 17, n. 33, jul./ dez. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/pontadelanca/article/view/19777>. Acesso em: 10 jan. 2024.

FIGUEIREDO, Francisco José Garcia; GORDILHO, Heron José de Santana. **A vaquejada à luz da Constituição Federal**. Revista de Biodireito e Direito dos Animais | e-ISSN: 2525-9695, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 78-96, jul/dez. 2016. Disponível em: <https://www.indexlaw.org/index.php/revistarbda/article/view/1363/pdf>. Acesso em: 23 fev. 2024.

FILHO, Ademar Pelonha de Menezes; OLIVEIRA, Antônio José de. Águas da redenção: salvacionismo e conservacionismo no debate acerca da proposta de erradicação da carnaúba no vale do Açu. In: FERNANDES, Paula Rejane; SANTOS, Beatriz Alves (Org.). **Sertões ontem e hoje: historiografias, culturas e representações**. Campina Grande, PB: Amplia, 2024. Disponível em: <https://ampliaeditora.com.br/books/2024/01/SertoesOntemeHoje.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2024.

FLON, Émilie. **As ilustrações do passado arqueológico**: entre interpretação científica, testemunho e memória social. In: TARDY, Cécile (dir.); DODEBEI, Vera (dir.). **Memória e novos patrimônios**. Nouvelle édition [en ligne]. Marseille: OpenEdition Press, 2015 (généré le 12 février 2015). Disponível em: <https://books.openedition.org/oep/873>. Acesso em: 10 dez. 2024.

FRANCO, Roberto Kennedy Gomes. Rememorando a educação dos tempos de criança (1930-1960). In: VASCONCELOS, José Gerardo; SILVA, Samara Mendes Araújo; SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos (Org.). **Labirintos de Clio**: práticas de pesquisa em história. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2006.

FUNES, Eurípedes A. Comunidade Mocambeira do Trombetas. In: GRUPIÓN, Denise Fajado; Andrade, Lúcia Mendonça Morato de. (Orgs). **Entre Águas Bravas de Mansas**.

Índiose quilombolas em Oriximiná. São Paulo: CPI - Comissão Pró-Índio de São Paulo/ IEPÉ-Instituto de Pesquisa e Formação Indígena, 2015, p.16-61. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/19861>. Acesso em: 10 jun. 2022.

GALDEZ, Márcia Milena Ferreira; FERREIRAS, Norberto Oswaldo; Rocha, Cristiana Costa da (Orgs.). **Historias Sociais do Trabalho: uso da terra, controle e resistencia**. São Luis, Editora UEMA, 2015.

GALVÃO, Demetrios Gomes. Os historiadores e a fotografia: encontros transversais. In: VASCONCELOS, José Gerardo; SILVA, Samara Mendes Araújo; SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos (Org.) **Labirintos de Clio: práticas de pesquisa em história**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

GASSET, José Ortega y. **A Rebelião das Massas**. 1. ed. Campinas, SP: Vide Editorial, 2015.

GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Angela de Castro (Org.). **Escrita de Si, escrita da História**. 1. Ed. Rio de Janeiro-RJ: Editora FGV, 2004.

GUIMARÃES, Boanerges Evangelista. **O canteiro e a semente: memórias de um caboclo**. Teresina, PI, 2013.

GUTIERREZ, Ester J. B et al. Estâncias fortificadas. In: MAESTRI Mário; BRASIL, Maria do Carmo (org.). **Peões, vaqueiros e cativos campeiros: estudos sobre a economia do Brasil**. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2011.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000.

JESUS, Alysson Luiz Freitas de. **O sertão e sua historicidade: versões e representações para o cotidiano sertanejo – séculos XVIII E XIX**. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/download/19067/10254/0>. Acesso em: 20 dez. 2023.

JOSÉ NETO, Adrião. **Homenagem aos vaqueiros e roceiros: o reconhecimento que faltava**. 1. ed. Teresina, PI: Gráfica Pinheiro, 2017.

JÚNIOR, Antônio Pereira Magalhães; SALGADO, André Augusto Rodrigues. **Impactos da silvicultura de eucalipto no aumento das taxas de turbidez das águas fluviais: o caso de mananciais de abastecimento público de Caeté/MG**. Belo Horizonte, v. 02, n. 1, p. 47-57, jan./jun. 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/geografias/article/download/13194/10428/35261>. Acesso em: 20 jan. 2024.

KARNAL, Leandro; TATSCH, Flávia Galli. A memória evanescente. In: PINSKI, Carla

Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (Org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo, SP: Editora Contexto, 2009. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5579609/mod\\_resource/content/1/O%20historiador%20e%20suas%20fontes.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5579609/mod_resource/content/1/O%20historiador%20e%20suas%20fontes.pdf). Acesso em: 20 set. 2023.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LEÃO, Gabriel Bertozzi de Oliveira e Sousa; RODRIGUES, Poliana Jardim. **Ensino de História: a imagem como fonte documental**. XXVII Simpósio Nacional de História: conhecimento histórico e diálogo social. Natal, RN, 2013. Disponível em: [https://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364760748\\_ARQUIVO\\_EnsinodeHistoriaimagemcomofontedocumental.pdf](https://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364760748_ARQUIVO_EnsinodeHistoriaimagemcomofontedocumental.pdf). Acesso em: 20 de janeiro de 2024.

LEENCHARDT, Jacques. Sensibilidades e sociabilidades. In: RAMOS, Alcides Ferreira; MATOS, Maria Izilda Santos de; PATRIOTA, Rosangela (org.). **Olhares sobre a história**. São Paulo: Editora HUCITEC, 2010.

LIMA, Marcos Melo. O trabalho como remissão: os pretos e pobres e o trabalho penal na cadeia pública de São Luís (1870-1888). In: FERREIRA, Márcia Milena Galdez; FERRERAS, Norberto O.; ROCHA, Cristiana Costa da (Org.). **Histórias sociais do trabalho: uso da terra, controle e resistência**. São Luís: Café & Lápis; Editora UEMA, 2015.

LIMA, Solimar Oliveira. Origens e espaços de produção das fazendas pastoris do Piauí. In: **Peões, vaqueiros e cativos campeiros: estudos sobre a economia do Brasil**. MAESTRI, Mário; BRASIL, Maria do Carmo (Org.). Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2009.

LINHARES, Maria Yedda Leite. **Pecuária, alimentos e sistemas agrários no Brasil (séculos XVII e XVIII)**. Lisboa, Portugal, 2001. Disponível em: [https://www.historia.uff.br/tempo/artigos\\_livres/artg2-6.pdf](https://www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg2-6.pdf). Acesso em: 20 jan. 2024.

LIPOVETSKY, Nathália; VASCONCELOS, Antônio Gomes de. **O Consenso de Washington e o estado de democrático de direito – o insuperável paradoxo entre premissas dicotômicas**. Disponível em: [https://www.cidp.pt/revistas/rjlb/2021/4/2021\\_04\\_0131\\_0153.pdf](https://www.cidp.pt/revistas/rjlb/2021/4/2021_04_0131_0153.pdf). Acesso em: 20 jan. 2024.

MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de; MACÊDO, Mara Gabrielly Batista de. Pardos e pardas no sertão do Seridó: o caso da família Gomes de oliveira (séculos XVIII-XIX). In: FERNANDES, Paula Rejane; SANTOS, Beatriz Alves (Org.). **Sertões ontem e hoje: historiografias, culturas e representações**. Campina Grande, PB: Amplia, 2024. Disponível em: <https://ampliaeditora.com.br/books/2024/01/SertoesOntemeHoje.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2024.

MAESTRI, Mário. Estudos sobre a economia pastoril no Brasil. In: MAESTRI, Mário; BRASIL, Maria do Carmo (org.). **Peões, vaqueiros e cativos campeiros: estudos sobre a economia do Brasil**. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2009.

MAESTRI, Mário. **Práticas corambresas na Argentina, Uruguai e Rio Grande do Sul**. In: MAESTRI, Mário; BRASIL, Maria do Carmo (org.). **Peões, vaqueiros e cativos campeiros:**

estudos sobre a economia do Brasil. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2009.

MARINHO, Joseanne Zingleara Soares. Entre letras e bordados: a formação das normalistas em Teresina nas décadas de 1930 e 1940. In: VASCONCELOS, José Gerardo; Samara Mendes Araújo Silva; SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos (Org.) **Labirintos de Clio: práticas de pesquisa em história**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. 3. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

MATOS, Maria Izilda S. De. No fio do bigode: corpos, sensibilidades e subjetividades. In: RAMOS, Alcides Ferreira; MATOS, Maria Izilda Santos de; PATRIOTA, Rosangela (Org.). **Olhares sobre a história**. São Paulo: Editora HUCITEC, 2010.

MATOS, Maria Izilda Santos De; PATRIOTA, Rosangela; Ramos, Alcides Freire. História – sensibilidades – sociabilidades. In: RAMOS, Alcides Ferreira; MATOS, Maria Izilda Santos de; PATRIOTA, Rosangela (Org.). **Olhares sobre a história**. São Paulo: Editora HUCITEC, 2010.

MAUAD, Ana Maria. Teoria da História. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2010.

Mauad, Ana Maria. Usos do passado e fragmentação da memória: história em imagens digitais. In: PINHEIRO, Áurea da Paz; SANDRA, C. A **Tempo, memória e patrimônio cultural**. Pelegrini – Teresina: EDUFPI, 2010.

Mauad, Ana Maria; LOPES, Marcos Felipe de Brum. Imagem, História e Ciência. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 9, n. 2, p. 283-286, maio-ago. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-81222014000200002>. Acesso em: 23 fev. 2024.

MEIRELES, Marinelma Costa. Braços para o trabalho! A Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão, os escravos africanos e a inserção do Maranhão na rota das trocas internacionais na segunda metade do século XVIII. In: FERREIRA, Márcia Milena Galdez; FERRERAS, Norberto O.; ROCHA, Cristiana Costa da (Org.). São **Histórias sociais do trabalho: uso da terra, controle e resistência**. Luís: Café & Lápis; Editora UEMA, 2015.

MELLO, Heloisa da Silva. **Memórias do povoado Campinhos: narrativas sobre a história da comunidade entre 1948-2018**. Universidade Federal de Alagoas. Campus do Sertão. Curso de História. Delmiro Gouveia, 2020. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/handle/123456789/8455>. Acesso em: 10 jan. 2024.

MELLO, Ricardo Marques. O que é teoria da história? Três significados possíveis. **História e Perspectivas**, Uberlândia, v. 46, p. 365-400, jan./jul. 2012.

MENEGAZZO, Maria Adélia. **Imagem, Memória e representação na paisagem de Sylvie, de nerval**. 2011. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/lettres/article/view/5309/4291>. Acesso em: 23 set. 2023.

MENESES, Djacir. **O outro Nordeste: ensaio sobre a evolução social e política do Nordeste**

da “civilização do couro” e suas implicações históricas nos problemas gerais. 3. ed. Fortaleza, CE: UFC, Casa de José de Alencar/Programa editorial, 1995.

MONTENEGRO, Antonio Torres. Arquiteto da memória: nas trilhas dos sertões de Crateús. In: GOMES, Angela de Castro (Org.). **Escrita de Si, escrita da História**. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV, 2004.

MORENO, Silvana de Oliveira; PIMENTEL, Renata da Silva. Uma análise da formação econômica do território maranhense através da pecuária: um olhar acerca da origem e desenvolvimento da pecuária no estado. In: Encontro Nacional de Geografia Agrária, 21, 2012, Uberlândia. **Anais “Territórios em Disputa: o desafio da Geografia Agrária nas contradições do desenvolvimento brasileiro”**. Minas Gerais: Universidade Federal de Uberlândia, 2012. Disponível em: [https://www.gov.br/incra/pt-br/centrais-de-conteudos/publicacoes/Herbert\\_Costa\\_Levy.pdf](https://www.gov.br/incra/pt-br/centrais-de-conteudos/publicacoes/Herbert_Costa_Levy.pdf). Acesso em: 23 fev. 2024.

MOTA, Francisco Lima; Rocha, Rosimary Gomes. **A inserção da economia maranhense no cenário nacional - o des (re) ordenamento territorial no Sul do Maranhão**. XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária Uberlândia, MG: 2012.

NAIM, Moises. O Consenso de Washington ou a Confusão de Washington? **Revista Brasileira de Comercio Exterior**. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <https://www.funcex.org.br/publicacoes/rbce/material/rbce/64Consenso%20de%20Wash-MN.PDF>. Acesso em: 20 de janeiro de 2024.

NEGREIROS, Fauston. A psicologia da fome; histórias e comportamento agressivo na escola. In: VASCONCELOS, José Gerardo; SILVA, Samara Mendes Araújo; SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos (Org.) **Labirintos de Clio: práticas de pesquisa em história**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

NEVES, Frederico de C. **A Lei de Terras e a Lei da Vida: Transformações no mundo rural do Ceará no século XIX**. Estudos de História, Franca, 2001.

OLIVEIRA FILHO, Francisco Helton de Araujo. Vida familiar dos escravos na freguesia de Nossa Senhora do Carmo de Piracuruca, Piauí (1850-1888). **Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia**, v. 27, n. 2, 2023. Disponível em: <https://journals.openedition.org/etnografica/13560>. Acesso em: 10 jan. 2024.

OLIVEIRA, Antonio José de; Souza Raimunda Francinete de. O surgimento das bodegas pelos sertões brasileiros. In: FERNANDES, Paula Rejane; Santos, Beatriz Alves. **Sertões ontem e hoje: historiografias, culturas e representações**. Campina Grande, PB: Amplia, 2024. Disponível em: <https://ampllaeditora.com.br/books/2024/01/SertoosOntemeHoje.pdf>. Acesso em: 23 maio 2024.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **A grilagem de terras na formação territorial brasileira**. São Paulo: FFLCH/USP, 2020.

OLIVEIRA, Pedro Cassiano Farias de. Extensão rural, Extensionistas e Educação Rural no Brasil. In: FERREIRA, Márcia Milena Galdez; FERRERAS, Norberto O.; ROCHA, Cristiana Costa da (Org.). **Histórias sociais do trabalho: uso da terra, controle e resistência**. São Luís: Café & Lápis; Editora UEMA, 2015.

ORTIZ, Renato. **Cultura Nacional e Identidade Brasileira**. 5. ed. São Paulo, SP. Brasiliense, 1994.

PACHÊCO FILHO, Alan Kardec. A ocupação para fins de colonização do Sertão Maranhense. In: FERREIRA, Márcia Milena Galdez; FERRERAS, Norberto O.; ROCHA, Cristiana Costa da (Org.). **Histórias sociais do trabalho: uso da terra, controle e resistência**. São Luís: Café & Lápis; Editora UEMA, 2015.

PEREIRA, Renan Martins. **Cavaleiros em Tempos de Glória: uma análise etnográfica da história do vaqueiro do Nordeste**. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/download/69299/pdf>. Acesso em: 10 jan. 2024.

PEREIRA, Renan Martins. **Rastros e memórias etnografia dos vaqueiros do sertão (Floresta – PE)**. São Carlos, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/9044/DissRMP.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 jan. 2024.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2. ed. São Paulo: Autêntica, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Pensar com o sentimento, sentir com a mente – Bienal de Veneza, 2007: 52ª exposição de Arte. In: RAMOS, Alcides Ferreira; MATOS, Maria Izilda Santos de; PATRIOTA, Rosangela (Org.) **Olhares sobre a história**. São Paulo: Editora HUCITEC, 2010.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

QUIRINO, Priscilla Pinheiro. Geografia do sentimento: a construção do nordeste brasileiro, breves considerações. **Ciência Geográfica** – Bauru, v. XXVI n. 3, jan./dez. 2022. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/cienciageografica/article/view/3085>. Acesso em: 10 jan. 2024.

RAMOS, Samara de Almeida. **Pelas trilhas do sertão maranhense**. São Luís, MA: 2020. Produto educacional da dissertação História Local e ensino: o sertão do Maranhão nos anos finais do ensino fundamental. Disponível em: <https://repositorio.uema.br/bitstream/123456789/1573/2/Pelas%20trilhas%20do%20sert%C3%A3o%20maranhense%20-%20e.book%20-%20Samara%20de%20Almeida%20Ramos%20-okkk.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2024.

REIS, Alécio Gama dos. **O que farpa o boi farpa o homem: das memórias dos vaqueiros do campo sertão de Irecê (1943 – 1985)**. Feira de Santana, BA, 2012. Disponível em: <http://http://www2.uefs.br/pgh/docs/Disserta%C3%A7%C3%B5es/DissertacaoAlecioGamado sRei s.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2023.

RIBEIRO, Darci. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia da Letras, 1995.

ROCHA, Cristiana Costa. Narrativas dos sentidos, desejos e imaginação sobre o direito à posse de terras. In: FERREIRA, Márcia Milena Galdez; FERRERAS, Norberto O.; ROCHA,



Cristiana Costa da (Org.). **Histórias sociais do trabalho: uso da terra, controle e resistência.** São Luís: Café & Lápis; Editora UEMA, 2015.

ROCHA, Luiz Francisco. **Vaqueiros e currais: histórias, folclore e tradições.** Manaus: Edições Muiraquitã, 2010.

ROCHA, Olivia Candeia Lima. Cultura letrada: tensões e deslocamentos em torno dos papéis femininos nas primeiras décadas do século XIX em Teresina. In: VASCONCELOS, José Gerardo; SILVA, Samara Mendes Araújo; SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos (Org.). **Labirintos de Clio: práticas de pesquisa em história.** Fortaleza: Edições UFC, 2009.

RODRIGUES, Pedro Parga. Machado de Assis e o universo rural: a desconstrução do imaginário senhorial. In: FERREIRA, Márcia Milena Galdez; FERRERAS, Norberto O.; ROCHA, Cristiana Costa da (Org.). **Histórias sociais do trabalho: uso da terra, controle e resistência.** São Luís: Café & Lápis; Editora UEMA, 2015.

ROLAND, Samir Lola. **Sesmarias, índios e conflitos de terra na Expansão Portuguesa no Vale do Parnaíba (Maranhão e Piauí, séculos XVII E XVIII).** Universidade Federal do Pará Instituto de Filosofia e Ciências Humanas Programa de Pós-Graduação em História. Belém, PA, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/10771>. Acesso em: 10 jan. 2024.

ROMCY, Priscila de Oliveira. Uma releitura do espaço sertanejo: o legado cultural dos mestiços. **Revista GeoNordeste**, São Cristóvão, a. XXX, n. 3, p. 246-262, jul./dez. 2019. ISSN: 2318-2695. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/geonordeste/article/view/8332>. Acesso em: 20 out. 2023.

RÜSEN, Jörn. **Cultura faz sentido: orientações entre o ontem e o amanhã.** Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

SANTOS, Esther Diniz dos; AZAR, Zaira Sabry. O eucalipto e seus impactos no Maranhão: algumas reflexões. **Anais III SINESPP 2020 Simpósio Internacional estado, sociedade e políticas públicas.** Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas - PPGPP - Universidade Federal do Piauí – UFPI. Disponível em: <https://sinespp.ufpi.br/2020/upload/anais/NzM1.pdf?023333>. Acesso em: 20 mar. 2024.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura.** São Paulo: Brasiliense, 2006. Disponível em: <https://producoeseconhecimentos.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/02/o-que-c3a9-cultura-josc3a9-luiz-dos-santos-pp21-50.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2024.

SANTOS, Júlio Ricardo Quevedo. A economia agropastoril missioneira. In: Mário MAESTRI; BRASIL, Maria do Carmo (Org.). **Peões, vaqueiros e cativos campeiros: estudos sobre a economia do Brasil.** Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2009.

SANTOS, Maria Salett Tauk; SILVA, Catarina de Angola Oliveira. Representações sociais sobre mulheres rurais no boletim da Articulação Semiárido Brasileiro – ASA. In: AZEVÊDO, Sandra Raquew dos Santos (Org.). **Comunicação no Semiárido Brasileiro.** Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/22262/1/>

Comunica%C3%A7%C3%A3o%20no%20Semi%C3%A1rido%20Brasileiro..pdf Acesso em: 10 jan. 2024.

SANTOS, Mariangela Santana Guimarães. **Fragmentos da memória**: contribuições à história da cidade de Caxias do Maranhão. São Leopoldo: Unisinos, 2018. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/USIN\\_4e93807c2879680132e771e7698c8c54](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/USIN_4e93807c2879680132e771e7698c8c54). Acesso em: 10 dez. 2023.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. 30. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos; SILVA, Samara Mendes Araújo. Construindo histórias nos labirintos de Clio. In: VASCONCELOS, José Gerardo; SILVA, Samara Mendes Araújo; SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos (Org.) **Labirintos de Clio**: práticas de pesquisa em história. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

SANTOS, Raimundo Nonato Lima. As flores cajazeirenses de uma cidade verde: a representação do outro nas relações sociais entre as cidades de Timon (MA) e Teresina (PI). In: VASCONCELOS, José Gerardo; SILVA, Samara Mendes Araújo; SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos (Org.) **Labirintos de Clio**: práticas de pesquisa em história. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

SECRETO, Maria Verônica. **Fronteiras em Movimento**: história comparada - Argentina e Brasil no século XIX. Niterói: Editora UFF, 2012

SILVA, Carlos André da. **Entre o sagrado e o profano**: relações de poder e sociabilidades na missa do vaqueiro de Manari – PE. VI Congresso Sergipano de História. VI Encontro Estadual de História da ANPUH/SE. Disponível em: [https://www.encontro2018.se.anpuh.org/resources/anais/8/1540173090\\_arquivo\\_artigo-vicongressosergipanodehistoria-viencontroestadualdehistoriadaanpuh.pdf](https://www.encontro2018.se.anpuh.org/resources/anais/8/1540173090_arquivo_artigo-vicongressosergipanodehistoria-viencontroestadualdehistoriadaanpuh.pdf). Acesso em: 10 jan. 2024.

SILVA, Carlos André Da. História, memória, cultura, religiosidade e fé: a Missa do Vaqueiro de Manari – PE (1986 – 2016). **Anais do Encontro Nacional de História da UFAL**, nº 10, Set/2018- ISSN 2176-284X TOMO II. Disponível em: [https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1564623505\\_ARQUIVO\\_ARTIGO-ANPUH2019.pdf](https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1564623505_ARQUIVO_ARTIGO-ANPUH2019.pdf). Acesso em: 10 jan. 2024.

SILVA, José Luís de Oliveira E. Imagens da tragédia: abril despedaçado e as representações do sertão no cinema brasileiro. In: VASCONCELOS, José Gerardo; SILVA, Samara Mendes Araújo; SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos (Org.) **Labirintos de Clio**: práticas de pesquisa em história. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

SILVA, Samara Mendes Araújo; SILVA, Márcia Iglésias. Festa do vaqueiro: práticas culturais e religiosas sertanejas nas cidades piauienses na contemporaneidade. In: VASCONCELOS, José Gerardo; SILVA, Samara Mendes Araújo; SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos (Org.) **Labirintos de Clio**: práticas de pesquisa em história. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

SODRÉ, Ana Sandra Rodrigues. A forja do vaqueiro no sertão de Itaberaba-BA. **Revista**

**Historiador**, n.10, a. 10, mar. 2018. Disponível em:

<https://www.revistahistoriador.com.br/index.php/principal/article/view/190>. Acesso em: 25 jan. 2024.

SOUSA, Nalva Maria Rodrigues. Entre a casa e a rua: mudanças no cotidiano feminino em Teresina na década de 1970. In: VASCONCELOS, José Gerardo; SILVA, Samara Mendes Araújo; SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos (Org.) **Labirintos de Clio**: práticas de pesquisa em história. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

SOUZA, Arão de Azevêdo. **Debates sobre cultura, cultura popular, cultura erudita e cultura de massa**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Campina Grande – PB, 10 a 12 de junho 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/r23-1573-1.pdf>> Acesso em: 30 maio 2022.

SOUZA, Cesar Martins de. **Da Transamazônica a Belo Monte**: desenvolvimento e impactos socioambientais na construção de megaempreendimentos na Amazônia. Agrarismos: estudo de história e sociologia do mundo rural contemporâneo. 1. ed. Rio de Janeiro: Murad X, 2017.

TAPETY, Audrey Freitas. “**O VAQUEIRO NO PIAUÍ**”: representações e práticas socioculturais (1960 a 2000). Teresina, PI, 2007. Disponível em: <http://www.leg.ufpi.br/subsiteFiles/mesthist/arquivos/files/Dissertacoes/DISSERTACAO%20AUDREY.pdf>. Acesso em: 5 maio 2023.

TEDESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória**: temporalidades, experiência e narração. 2. ed. Passo Fundo, RS. UPF: Universidade de Passo Fundo, EDITORA UPF, 2014.

TEIXEIRA, Carlos Alexandre Pereira. **Relatos de memórias**: Vaqueiros do Alto Sertão da Bahia. UNEB - Universidade do Estado da Bahia. XIV Encontro Nacional de História Oral. Guanambi /BA. Disponível em: [https://www.encontro2018.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1524854656\\_arquivo\\_carlosalexandreper Teixeirateixeira.pdf](https://www.encontro2018.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1524854656_arquivo_carlosalexandreper Teixeirateixeira.pdf). Acesso em: 10 jan. 2024.

TORRES, Alinne Suanne Araújo da Silva. **Curaçá**: o vaqueiro, sua festa e a representação da cultura. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Milton Santos. Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade. SALVADOR, BAHIA, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/33727/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20repositorio.pdf>. Acesso em: 20 set. 2023.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: Um Estudo Da Percepção. Atitudes E Valores Do Meio Ambiente. EDUEL, 1ª edição, 2012.

VASCONCELOS, José Gerardo. A filha de mnemóise: memória e esquecimento na educação. In: VASCONCELOS, José Gerardo; SILVA, Samara Mendes Araújo; SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos (Org.) **Labirintos de Clio**: práticas de pesquisa em história. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

VIEIRA, Layla Adriana Teixeira. **“Uma comarca fora da lei”**: a Guerra do Lédia no sertão do Maranhão. Universidade Estadual do Maranhão. Centro de Educação, Ciências Exatas e Naturais. Departamento de História e Geografia. Curso de História. SÃO LUÍS 2015. Disponível em: <https://www.historia.uema.br/wp-content/uploads/2016/03/6.-layla-adriana-teixeira-vieira.pdf>. Acesso em: 20 jan.2024.

VIVEIROS, Jerônimo de. **A história do comércio do Maranhão (1612-1895)**. São Luís: Associação Comercial do Maranhão, 1992.

WAGNER, Roy. **A invenção da Cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade de Coleridge a Orwell**. Tradução de Veras Joscelyne. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 2011.

## FONTES ORAIS

BACELAR, Francisco dos Reis. [58 anos]. [Abril 2018] Entrevistador: Auriele Pereira dos Reis Silva. Povoado Cumbuquinha, Caxias-MA, 20 julho 2018.

BACELAR, Francisco dos Reis. [63 anos]. [Abril 2023] Entrevistador: Auriele Pereira dos Reis Silva. Povoado Barro vermelho, Caxias-MA, 28 abril 2023.

LOBO, José Marques. [64 anos]. [Julho 2018] Entrevistador: Auriele Pereira dos Reis Silva. Povoado Ininga, Caxias- MA, 28 de julho de 2018.

LIMA, Antonio Edilson. [51 anos]. [Julho 2023] Entrevistador: Auriele Pereira dos Reis. Povoado Barro vermelho, Caxias-MA, 16 de junho de 2023.

OLIVEIRA, José da Silva. [53 anos]. [Agosto 2018] Entrevistador: Auriele Pereira dos Reis. Povoado Santo Antonio, Caxias-MA, 05 de agosto de 2018.

OLIVEIRA, José da Silva. [58 anos]. [Abril 2024] Entrevistador: Auriele Pereira dos Reis. Povoado Santo Antonio, Caxias-MA, 05 de abril de 2024.

OZORIO, Antônio José. [63 anos]. [Agosto 2018] Entrevistador: Auriele Pereira dos Reis. Povoado Barro vermelho, Caxias-MA, 18 de agosto de 2018.

Pereira, Antônio Macêdo. [68 anos]. [Agosto 2018] Entrevistador: Auriele Pereira dos Reis. Povoado Redenção, Caxias-MA, 30 de agosto de 2018.

Reis, José Luis Vieira dos. [72 anos]. [Agosto 2018] Entrevistador: Auriele Pereira dos Reis. Povoado Barro Vermelho, Caxias-MA, 14 de agosto de 2018.

Reis, José Luis Vieira dos. [77 anos]. [Junho 2023] Entrevistador: Auriele Pereira dos Reis. Povoado Barro Vermelho, Caxias-MA, 22 de junho de 2023.

SILVA, Benedito Alves da Silva. [72 anos]. [Setembro 2018] Entrevistador: Auriele Pereira dos Reis, Povoado Almeida, Caxias-MA, 05 set. 2018.

SILVA, Benedito Alves da Silva. [77 anos]. [Abril 2023] Entrevistador: Auriele Pereira dos Reis, Povoado Almeida, Caxias-MA, 27 de abril de 2023.

LIMA, Domingos Doca [92 anos]. [Janeiro 2023] Entrevistador: Auriele Pereira dos Reis, Povoado Barro Vermelho, Caxias-MA, 06 janeiro de 2024.

FILHO, José Pereira [55 anos]. [Janeiro 2024] Entrevistador: Auriele Pereira dos Reis, Povoado Barro Bebedouro, Caxias-MA, 15 janeiro de 2024.

## GLOSSÁRIO E NOTAS EXPLICATIVAS

Entendendo a importância que é a História Oral na tessitura desse texto dissertativo, bem como, a linguagem dos sujeitos da pesquisa, que denota filamentos de uma cultura e identidade única construída e carregada de significados. As entrevistas utilizadas na pesquisa não sofreram nenhuma alteração, preservando assim, o relato oral na sua originalidade. Igualmente sendo, trazemos o *glossário* e notas explicativas que irá ajudar na compreensão de alguns termos que são regionalísticos e alheios a alguns leitores.

**Vaquêro** = Vaqueiro.

**Vaqueirama** = Um termo utilizado pelos próprios vaqueiros para classificar o grupo.

**Derradêro** (reg) = Último.

**Apreparado** (reg) = preparado.

**Campo** = Local aberto (Caatinga) onde os gados ficavam livres e podiam ser criados soltos. Não tinha ideia de propriedade privada.

**Homi** (reg) = Homem.

**Suntava** (reg) = Ouvia.

**Ixigença** (reg) = Exigência.

**Num** (reg) = Não.

**Prum** (reg) = Para.

**Labutar** (reg) = Trabalhar.

**Óia** (reg) = Olhar.

**Cumeçano** (reg) = Começando.

**Andano** (reg) = Andando.

**Ôtra** (reg) = Outra.

**Muntado** (reg) = Amontado.

**Vaquerama** = Vaqueirama – Grupo de vaqueiros.

**Todin** (reg) = Todo – Ex: Passei o dia todo acompanhando os amigos vaqueiros.

**Nem** (reg) Igual.

**Aresultava** (reg) = Resultado.

**Primêro** (reg) = Primeiro

**Trabaiano** (reg) = Trabalhando  
**Trabaia** (reg) = Trabalha  
**Maiô** (reg) = Maior  
**Miô** (reg) = melhor  
**Véi** (reg) = velhor  
**Óto** (reg) = Outro  
**Chucai** (reg) = chocalho  
**Vei** (reg) = Veio  
**Inté** (reg) = Até  
**Vaquia** (reg) = Vaquinha  
**Espatejado** (reg) = Espantado  
**Levano** (reg) = Levando  
**Cumpade** (reg) = Compadre  
**Capão** = Nome popular dado ao cerrado.  
**Madêra** (reg) = Madeira.  
**Bera** (reg) = Beira.  
**Prantano** (reg) = Plantando.  
**Fizero** (reg) = Fizeram.  
**Oiava** (reg) = Olhava.  
**Cumo bem** = Veja bem.  
**Grota** (reg) = Buraco.  
**Sussiguemo** (reg) = Sosseguamos.  
**Cortemo** (reg) = Cortamos.  
**Amarremo** (reg) = Amarramos.  
**Prum** (reg) = Para um.  
**Carralo** (reg) = Cavalo.  
**Nôte** (reg) = Noite.  
**Distança** (reg) = Distancia.  
**Baqueado** (reg) = Cansado.  
**Bucado** (reg) = Vários.  
**Maiada de gado** = Malhada de gado: Vários gados juntos.  
**Probrema** (reg) = Problema.

**Arrudea** (reg) = Dar a volta.

**Intindia** (reg) = Entendia.

**Mió** (reg) = Melhor.

**Ocê** (reg) = Você.

**Umbora** (reg) = vamos.

**Muqueirão** = Buraco.

**Sipó** = Um mato encontrado na caatinga.

**Araçaté** = Fruto vermelho típico da região.

**Pulça** = fruto de coloração escura típico da região cerrado.



**ANEXO A**

## CONHECENDO OS SUJEITOS DA PESQUISA ( Descrição de alguns vaqueiros)



**Antonio Edilson Lima dos Reis (Edilson vaqueiro)**

Antonio Edilson Lima dos Reis, residente no povoado Barro Vermelho, é lembrado por todos os outros vaqueiros, que tivemos a oportunidade de ouvir, como sendo o retrato vivo de um bom vaqueiro na região, a maneira simples, humilde e coragem fervorosa de pegar boi no mato para os vaqueiros é algo altamente admirável. Hoje, com 52 anos de idade, seu Edilson Vaqueiro conta que já trabalhou em fazendas de gado, mas que hoje, com muito trabalho, esforço e dedicação, conseguiu comprar um pedacinho de terra e manter a criação de alguns poucos gados presos e lamenta muito não poder exercer as mesmas práticas campeiras de antes, quando o gado podia ser criado solto, e não havia todo o desmatamento na região proveniente de um capitalismo exarcebado.

A história do seu Edilson Vaqueiro, coaduna-se, com as dos demais vaqueiros da região, onde desde muito cedo, observando seu avô e bisavô, a lidar com gado, ansiou viver as mesmas práticas, que vai desde ir a campo pegar boi, como já foi dito, assim como, cuidar do gado no curral para tirar o leite da vaca e até prestar assistência que o animal precisa na fazenda, além dos serviços da roça ( plantio e tudo que envolve o roçado).



**José Marques Lobo (Piloca)**

De sorriso tímido, prosa boa, José Marques Lobo (Piloca), de 64 anos, residente no Povoado Ininga, município de Caxias-MA, foi ensinado pelo avô a lidar com o gado e conta que aos 10 anos de idade, começou a sair a pé com o avô pelas “chapadas” à procura de reses, pois ainda não possuía cavalo. Ele destaca ainda que, somente aos 18 anos teve condições de comprar seu primeiro cavalo e a partir daí, começa a sua labuta diária com o gado.

Seu Piloca é sujeito católico e demonstra sua fé ao declarar que: “em todo santo eu tenho fé. Peço uma ajuda. Ó, quando a gente ia pegar uma rês a gente dizia: tomara que fulano me ajude”. Tal fala deixa claro que seu Piloca incorpora a fé como uma forte aliada nas “peganças de rês”.



**José Luís vieira dos Reis (Zé Pezão)**

Montado em seu cavalo Castanho, segundo quem o conhece, José Luís Vieira dos Reis (Zé Pezão) tem por característica, a grande bravura, bem como, pelo fato de ser destemido e reconhecido como excelente vaqueiro laçador de gado “brabo”. Zé Pezão tem 72 anos de idade e é morador do Povoado Barro Vermelho. Sua labuta no meio rural deu-se aos 13 anos de idade, na área sertânica de Caxias-MA.

Ele destaca que seu pai - que também era vaqueiro -, o senhor Pedro Luís, desde muito cedo, quando José Luís ainda tinha apenas cinco anos, costumava lhe colocar na “garupa do cavalo” e o levava para o campo, isto já no intuito de apresentá-lo ao “mundo campeiro”. Com esta vivência e convencido de que seria um vaqueiro, o mesmo inicia sua profissão em pequenas propriedades, passando por grandes fazendas, que na época, possuíam entre oito e dez vaqueiros trabalhando na lida com o gado.

Ele relata ainda que sua remuneração não coincidia com as regras trabalhistas. Quando trabalhava de vaqueiro, em propriedades menores, seu trabalho era pago em 4/1, ou seja, de 4 crias, tinha o direito a uma cria do patrão e assim Zé Pezão, como assim é chamado pelos amigos vaqueiros, roceiros e demais conhecidos. O referido vaqueiro exerceu durante décadas a prática do vaquejar o gado nas regiões sertânicas.

Atualmente com 76 anos de idade, lamenta não poder mais campear o gado, mas sabe que carrega consigo suas memórias de vivências e experiências no tocante ao ofício campeiro, servindo desta maneira, de inspiração para a maioria dos vaqueiros do espaço sertanejo que serviu como recorte espacial deste presente trabalho que ora se explana. Para muitos vaqueiros, a figura de José Luis representa, sobretudo, a continuidade de uma profissão marcada de riscos, mas também, representativa da coragem e satisfação por ser homem vaqueiro deste sertão, que teima em fazer de sua cultura algo permanente.



**Antônio José Ozório (Zizi)**

Antônio José Ozório (Zizi) de 67 anos é, sem sombra de dúvidas, um grande contador de histórias e possuidor de um belíssimo acervo, o qual retrata bem sua vida de vaqueiro, além é claro, a vida do sertanejo de forma geral. Tal representação se manifesta através de cada peça guardada no espaço de sua casa, a qual está localizada no povoado Barro Vermelho. Deve-se elencar que, Antônio José Ozório (Zizi) conta que, durante suas práticas de vaqueiro ativo, teve no início, suas habilidades testadas pelo seu pai, pois, a objeção de seu progenitor era no sentido de verificar se o filho teria êxito ou não para exercer tal ofício.

Com o aval de seu pai, seu Zizi, aprendeu desde muito cedo que ser vaqueiro exige muita coragem, determinação e, sobretudo, amor por tal função, uma vez que, ser vaqueiro é embrenhar-se no mato, sair “di madrugada” sem horário de retorno para casa. Hoje aos 63 anos, seu Zizi não campeia mais, porém, tem em sua casa simples, construída de taipa, objetos que guarda com maior zelo. Segundo ele mesmo informa tais objetos servem como forma de preservar sua cultura e também para mostrar, aos que queiram visitar sua casa, um pouco de seu passado e presente. Entre os objetos que guarda destaca-se: Perneira, Gibão, Cela dentre várias indumentárias de couro utilizadas por ele e seu pai durante muitos anos.



**Francisco dos Reis Bacelar (Chico Bacelar)**

Francisco dos Reis Bacelar, de 62 anos de idade, mais conhecido pelos seus amigos e conhecidos, como Chico Bacelar, é residente no povoado Cumbuquinha, lugar que foi de seu pai e que atualmente, com algumas reses no curral, consegue todo ano realizar “pegas de boi no mato”. Nestas pegas de boi, ele consegue reunir amigos vaqueiros do sertão de Caxias e de outros estados, como é o caso de vaqueiros oriundos da cidade de União-PI. Por possuir um grande domínio a respeito de saberes e fazeres do espaço em que reside, tanto no ambiente



campeiro quando na lida com o gado no curral, o evento organizado por ele visa, entre outras coisas, dar visibilidade a sua cultura de vaqueiro que, por muitas vezes, é discriminada devido a modernidade tecnológica em que se vive atualmente.



**Antônio Macêdo Pereira (Fiscal)**

De corpo franzino, Antônio Macêdo Pereira (Fiscal) de 71 anos de idade, residente no Povoado Redenção é conhecido no meio em que vive como “o homem que gosta de conversar” isto porque, senhor Fiscal, é um sujeito vaqueiro que por onde passa deixa registradas suas histórias de luta, “labuta”, aventuras, “perrengues” e vantagens durante o tempo em que viveu a campear o sertão de Caxias. Para, além disto, o mesmo é um grande “presenciador” das transformações físico-culturais ocorridas no lugar em que vive, fazendo com que muitos vaqueiros, inclusive, ele mesmo, se vissem impedidos de exercer sua profissão de vaqueiro como antes era vivenciada até o final da década de 80.

Seu Fiscal hoje é visto, por muitos vaqueiros e moradores da região, como um grande colecionador de lembranças de uma área rica, ainda não afetada pelo processo chamado de modernização no campo, o qual acabou de certo modo, afetando a vida campeira dos vaqueiros da região.



**José da Silva Oliveira (Zezito)**

Profissional afamado, por ser visto, segundo seus amigos, como um grande “aboiador” da região que se conhece como Segundo Distrito de Caxias-MA e excelente locutor das pegadas de boi realizadas atualmente na região já supracitada, José da Silva Oliveira (Zezito), de 57 anos de idade, residente no povoado Santo Antônio, é um destes vaqueiros que são aqui também destacados por suas vivências. Ainda no exercício de sua profissão, Zezito como é conhecido, dedicou parte de sua vida ao trabalho de vaqueiro para donos de propriedades, nas “peganças de rês” no mato para o seu patrão, no entanto, devido a diferentes fatores, atualmente lida apenas de poucas rês no quintal de sua casa, cuida de sua roça e por onde passa deixa sua marca registrada através de seus aboios e histórias.





**José Pereira Filho**

Mais conhecido como Zé Filho, reside no povoado Bebedouro, tem 55 anos de idade, vaqueiro laçador de boi bravo, gostava de campear em grupo com seus amigos vaqueiros. E é mais um dos vaqueiros que diz sofrer com todo o processo de modernização no campo. Hoje seu José Pereira filho vive do que ele chamou de viver “imprensado”, onde o que se vê do quintal de sua casa (lugar onde ainda consegue criar algumas reses presas) é um campo imenso, fruto do desmatamento, que impossibilitou tanto ele, como vários outros vaqueiros, de exercerem seus ofícios vaqueirais.

Seu José conta que lembra com maestria quando era vaqueiro ativo no labor campeiro e lamenta muito por todas as mudanças que ocorreram na região que o impediram de exercer as mesmas práticas de antes no tocante à lida com o gado.



**Benedito Alves da Silva (Véi Dito)**

Benedito Alves, 72 anos, residente no Povoado Almeida, vaqueiro e roceiro, é conhecido por muitos pela sua bravura e coragem. Iniciou a lida com gado muito cedo e conta que foi aos dez anos idade, observando o dia a dia de seu avô, cuidando do gado, que surgiu o encantamento pelo ofício vaqueiral.

Com os olhos marejados, seu Véi Dito, como é mais conhecido, rememora os dias difíceis que passou no campo, assim como os dias alegres. Sua fala é marcada por saudade: saudade do tempo que podia criar gado solto e usufruir de todas as benesses que a natureza ali ofertava, mas que devido às mudanças que foram ocorrendo na região, ficou inviável. Atualmente, assim como a maioria dos vaqueiros entrevistados, Seu Benedito Alves, ainda mantém a criação de algumas rêsas presas no curral que fica ao lado de casa, segundo o mesmo, é muito difícil criar gado preso, mas seu amor pelo ofício é o que mantém firme na criação.